

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

Proprietario Director e Editor

Antonio Rodrigues

Composto e impresso na **Casa Minerva**
Estrada da Beira — COIMBRA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Sophia, 166

Assignaturas

Continente, trimestre 300 réis
Ultramar, semestre 600 »

Numero avulso, 30 réis

Annuncios: Preços convencionaes.

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

5 DE OUTUBRO DE 1910 - 5 DE OUTUBRO DE 1911

A VOZ DO SARGENTO EM HOMENAGEM
AO

1.º Anniversario da Republica Portuguesa



DR. MANUEL D'ARRIAGA

Presidente da Republica Portuguesa

SALVÉ!

FAZ hoje um anno!

Sim, faz hoje um anno que a aurora mais limpida, a aurora mais bela raiou para nós.

Faz hoje um anno que o povo de Lisboa, confraternisando-se com o exercito de terra e mar estabeleceu o seu parlamento na *Rota* e alli — deu a palavra ás nossas espingardas.

Os discursos das *Mausers*, os apoiados dos canhões libertaram-nos do jugo que ha tanto tempo nos oprimia e fizeram com que o *embecil cagarólu* e a quadrilha que á sua sombra se acobertava fugissem cobardemente julgando que o nosso povo lhe pediria contas dos crimes por elles praticados.

Oh! escusavam de commetter mais esse crime, porque o nosso povo que sempre teve por divisa a bondade em extremo, sentiria nojo em manchar a sua honra no sangue d'esses bandidos.

Expulsal-os-ia, para onde não causassem prejuizo, e nada mais.

Mas elles, sempre criminosos, quiseram completar a sua folha de crimes e ao de despotas e ladrões juntaram mais o de cobardia.

Sim cobardes, porque fugiram.

O povo portuguez não deve deixar no olvido esta data tão memoravel, mas sim festeja-la com o maior entusiasmo possivel, porque ella representa a maior apothese da alma portugueza.

Guerra pois aos traidores da Patria!

A nossa querida Republica não recuará enquanto o bom povo portuguez não esquecer o seu dever:

Defendel-a!

Sim defendel-a, com prejuizo da propria vida, se para tanto fôr preciso.

Prestamos pois juramento de fidelidade áquella que nos libertou e que hoje festeja o seu 1.º anniversario;

Viva a Republica!

Viva o 5 de Outubro!

Abaixo os inimigos da Patria!

Antonio Rodrigues.

5 de Outubro de 1910

Dia inolvidavel que marcamos fastos da nossa historia a pagina mais refulgente, que até hoje foi dado n'ella escrever; dia que marca a primeira etape para esse outro que longe vem, mas que hade chegar, em que sejam abolidos dos nossos dicionarios as palavras — *estado, propriedade e direito* — dia que nos abre a todos, sejam quaes forem as nossas origens, nobres ou plebeas, o vasto campo da actividade, da liberdade, das ideias, do amor pelo proximo.

Até 5 d'outubro de 1910, a maioria dos portuguezes trazia afivelada sobre o rosto uma espessa e impenetravel mascara.

Aquelle que, ou mais exaltado ou mais livre de encargos de familia a deixava cair, sofria não como quem vivia em um paiz constitucional, mas como se estivesse sujeito a essas leis terriveis do paiz do gelo.

Mas não podemos de um salto transpor os imensos espaços que nos afastam do grau de civilização a que todos os bons portuguezes aspiramos. A nossa sociedade o clero e nobreza (visto que o povo nada era) estava eivada dos maiores e mais perniciosos vicios, dos mais criminosos costumes

O povo, este grande e valente povo portuguez, que tem assombrado o mundo inteiro com os seus actos de heroicidade e civismo, e do qual nós sargentos somos a flecha avançada, podia, naquella dia memoravel, alcançar de vez o seu logar e fazer justiça. Todavia, sempre generoso, tão valente como meigo, perdoou: bem haja por isso.

A nossa sociedade tem evolucionado e hade evolucionar, hade alcançar o logar a que tem juz pela sua intelligencia, actividade e qualidades de atavismo, pela evolução das ideias, obrigando a acompanha-la tambem, quer queiram ou não, aquelles que tentarem opor-lhe o seu egoismo e despotismo; porque depois de 5 d'outubro de 1910, o palacio das Necessidades ficou sem habitantes; e, a partir d'aquelle dia, só será grande o homem que o Povo portuguez souber positivamente que o é.

A partir do dia em que foi proclamada a Republica Portuguesa, podemos todos, sem receios, ir seguindo os rastros brilhantes de Proudhon, Bakonnine, Kropotkine e outros guias do Bem, para que os nossos vindouros bemdigam os heroes da Revolução e para que seja qual fôr o regimen em que vivam, digam sempre:

Viva a Republica

Elvas, 28-9-1911.

Manuel Antonio Vieira.

1.º sargento do grupo de metralhadores n.º 4

5 D'OUTUBRO

□ □ □

À "VOZ DO SARGENTO."

*Cinco d'Outubro! data refulgente,
Gravada ficard's em letras d'oiro
Na Historia, como o esplendido thesoiro
Dos feitos immortaes da lusa gente!*

*O povo que venceu o fero moiro,
Que os mares foi singrando altivamente,
E deu a Portugal renome ingente,
Que celebre este feito immorreidoiro.*

*Bandeiras, galhardetes, alegria,
Morteiros, luminarias, n'este dia,
Juntae-vos em festiva convulsão,*

*P'ra saudar, em ardente alacridade,
A Republica, a Patria, a Liberdade,
Lembrando a triumphal Revolução!*

Tavira, 1911.

Laurinda Seritram

1.º Anniversario da Republica Portuguesa

E' hoje finalmente o primeiro anniversario da nossa querida Republica.

Já todo este humilde e laborioso povo se prepara para con dignamente o festejar.

Cidades ha, villas e até aldeias que se acham revestidas de gala, indicando assim que o dia 5 d'Outubro é para elles um dia feliz.

E' que esta gloriosa data representando a nossa libertação do jugo da extincta monarchia, de nefanda memoria, não podia deixar de ser um dia de festa nacional.

Ella constitue já uma das paginas mais brilhantes da nossa historia e fará sempre vibrar de entusiasmo e regosijo o coração dos verdadeiros portuguezes.

Ainda estamos a dois passos do ultimo periodo do constitucionalismo, que tendo-nos lançado num mar de lama, era quasi com vergonha que nos diziamos portuguezes; porem hoje, libertos dos grilhões da sotaina, do despotismo da realza e seus sequazes, é com orgulho que diremos em toda a parte que possamos encontrar-nos: Sômos portuguezes. Pertencemos a um povo que a realza de braço dado com o jesuitismo quiz aniquilar, pela opressão e pela ignorancia, mas que soube reagir com altivez e libertar-se com gloria. Finalmente pertencemos a um povo, que n'outras eras, pelas suas conquistas e descobertas foi tão grande que levou a sua civilização a toda a parte do mundo, e se mais tarde, pelos erros, imoralidades e ambições dos seus dirigentes decaiu a

ponto de ser olhado com desdem e até com desprezo, na gloriosa manhã de 5 d'outubro de 1910, recuperou o logar a que tinha jus entre as nações civilizadas.

Foram grandes as conquistas e descobertas dos nossos antepassados, tão grandes que causaram o assombro do mundo, pois em todas as suas partes tremulou a bandeira das quinas e todos os seus mares foram sulcados pelas naus portuguezas. Quem ainda ha pouco pensasse n'essas grandezas, das quaes pouco mais que a gloria nos resta, com immenso pesar disia: Pobre Portugal. Tão vasto foi o teu dominio, tanto te cobriste de gloria, para tudo veres perdido. Tanto dormiste sobre essas glorias que hoje já nem credito te resta. Precisas dinheiro? Só mediante hypotheca e juro elevado. Queres defender o teu solo? Não ha exercito nem armada. Queres instrucção? Vae para um convento ou para um collegio jesuitico. Queres ser livre? Pois se n'isso pensas o juizo d'instrucção criminal te passa guia para Timor, onde o rei Celestino I te deixará respirar livremente entre as suas plantações de café. Tens finalmente algumas economias e queres que te rendam alguns cobres para proveres ás necessidades da vida? Compra accções do credito predial. Roubam-te e queixas-te? Os sabres da policia e da municipal te respondem.

Era n'este meio degradante que ainda ha dois dias viviamos.

Ora assim não se podia continuar. Não reagir contra esse estado de cousas, não era só morrer ingloriamente, era suicidarmo-nos, pois dir-se-hia que conscientemente caminhamos para o abysmo que a monarchia criminosamente nos ia cavando.

**A BANDEIRA
VERDE e VERMELHA**

Verde e vermelho, alegre duo de cor
Que em toda a parte a Natureza canta,
No sangue, seiva do homem, e na planta
Que é d'esse sangue a vida, e o seu vigor!

Como o vermelho prende o olhar, na flôr,
E como o verde fructo o labio encanta,
E que lindo é o Sol, quando se levanta
Vermelho como á hora do Sol — Pôr!

D'um vermelho que grita, é a alegria,
D'um verde que sorri, é a Esperança,
Verde que lembra o Mar em calma...

Sendo assim os da vida e da bonança,
Tuas cores, bandeiras excelsa, um dia
Serão talvez as da humana aliança!

Joaquim Gomes

A MACHADO DOS SANTOS

A espada, quando abrandem mãos d'heroes
Nas luctas da Justiça e da Verdade,
Reflecte tão divina claridade
Que até parece feita d'aureos sóes!

Joaquim Gomes

Mas felizmente tudo mudou. O povo portuguez despertou do lethargo a que os 80 annos de constitucionalismo o votaram e eis que aparece a redemptora alvorada de 5 d'outubro de 1910, a qual se não fez entre nós reviver a epocha das grandes conquistas territoriaes, hoje já impossiveis, inaugurou outras bem mais nobres e mais sublimes.

Conquistou-nos a liberdade, condição excencial para a vida dos povos; restabeleceu-nos o credito, vae doptar-nos com exercito e armada, cuida com a maior solicitude do problema da instrução, procurando libertar-nos das trevas em que a monarchia nos deixou, tem attendido nos limites do possivel todas as reivindicções sociaes; finalmente, novamente nos cobriu de gloria e novamente nos tornou grandes e respeitadas.

Viva pois a Republica Portuguesa.

Associemo-nos todos ás patrioticas festas de 5 d'outubro. Que todos os portuguezes, dignos de tal nome, saibam comprehender o grande feito historico levado a cabo na manhã de 5 d'outubro de 1910, pelo povo, pelo exercito e pela armada. Que estes tres elementos, sempre reunidos, cooperem nas festas como cooperaram na libertação e engrandecimento da patria que os viu nascer e estremece.

Chaves, 29 de setembro de 1911

Manuel João Affonso
Sargento ajudante de infantaria 9

5 - 10 - 911

Faz hoje precisamente um anno que soou a aurora redemptora da Patria Portuguesa.

Accedendo a um imerecido convite, n'esta data gloriosa, não por merecimentos pessoas que não pussuo mas apenas para dizer o que sinto e deve sentir todo o Portuguez, aqui traço estas singellas linhas, a expressão lata da minha alma, do meu pensamento, do meu ser.

O edificio podre e corrupto, desmoronou-se por si e o camartello demolidor do povo, essa força vital nunca retrograda, arrancou pedra por pedra até ao mais fundo dos alicerces.

Doze mezes são decorridos, e se os novos materiaes para a reconstrução tem sido bons, triste é dizê-lo, ainda não está lançada a viga mestra. Nesta hora em que o jubilo é immenso, em que a nossa alegria, a nossa satisfação attinge o cumulo do delirio, forçoso é que todos como bons, sinceros e convictos patriotas, n'um esforço commum nos unamos para que a Republica Portuguesa, não seja ainda

para alguns poucos, uma utopia. O nosso 93, pouco regado de sangue mas muito de lagrimas d'um povo opprimido que n'um momento de comprehensão dos seus deveres civicos, sacudiu o jugo de sete seculos, bem merece o nosso sacrificio para que no 2.º anniversario só tenhamos Alegria — Paz e Concordia.

Viva a Republica Portuguesa
Paz aos vencidos das luctas para a implantação d'Elia.

Braga, outubro 911.

C. Beja da Silva

AOS HEROES DE 5 DE OUTUBRO

D'aqui, d'este covil de beatas, cuja atmospheria impregnada de latim e agua benta eu desejava ver mudar-se no ambiente fumegante das batalhas; d'esta cidade-sertão que é a Meca dos Loyollas, onde os accordes triumphaes da Portuguesa cedem o logar aos roncões roufenhos do cantochão, em que os cortejos civicos se substituem por peregrinações ao Sameiro, em que a tribuna redemptora, que jorra caudales de luz, se vê preterida pelo pulpito que treveja zurros furibundos, contra os atrevidos que escorçaram, a golpes de Liberdade, a féra de solaina, — eu vos saúdo, quasi-lendarios heroes!

A obra gloriosa que com o vosso sangue sellastes, por entre o crepitar da metralha e o troar do canhão, é a pedra basilar da Justiça, é o primeiro degrau da escada da Verdade que ha-de conduzir a Humanidade aos páramos da Luz.

Mas para que esse sangue se converta em seiva, para que essa escada não tombe, não pareis, Oh! rudes batalhadores!

Trazei cá acima, ao Minho o fogo da vossa palavra ardente, mas não embainheis as vossas espadas, não desarmeis as vossas carabinas.

Trazei cá acima, ao Minho, os dois materiaes indispensaveis para construir o edificio da Liberdade: — Verdade e polvora.

Verdade, para esclarecer, o espirito d'este bom povo, injenuo, incapaz, de mentir e incapaz de acreditar que alguém minta.

Polvora, para expulsar energeticamente a besta da reacção sobre a qual já não teem poder os golpes do chicote.

Avançae! que nós, os vossos amigos, vos abriremos as portas; e assim de mãos dadas destruiremos o Hymalaia de batinas que abafa as nossas legitimas aspirações, com fumigações de polvora purificaremos o ar dos fedores do incenso, e com as nossas armas rasgaremos longinquos horisontes ás gerações do Futuro!

Braga, Outubro de 1911.

José da Silva e Sousa
1.º Sargento d'infanteria 29.

De 5 d'outubro de 1910
a 5 d'outubro de 1911

A' MINHA PATRIA

Bemdito sejas oh! Glorioso Dia 5 d'outubro de 1910! Que redimiste a briosa Patria portugueza do jugo tyranico — monarchico! Expulsa-te do seu solo querido os vendilhões da sua honra do seu brio e da sua dignidade! Os esbanjadores do seu ouro, do seu producto e da sua actividade! Que a libertas-te da escravidão de longos seculos em que jazia amortalhada, e inanimada, por mãos canibaeas, que do seu sangue puro e heroico faziam a agua crystallina em que lavavam o punhal assassino que lhe embebiavam no coração innocente.

Ao grande mundo civilizado e culto deste a conhecer com a tua formidavel licção quanto valia a bravura d'este Povo pequeno no corpo mas grande na alma, pobre de dinheiro mas rico de valôr, paciente na adversidade mas intrepido nos ideaes! Que com a tua alvorada de hymnos estrepitantes acordaste do lethargo as forças vivas da Nação que empunharam o pendão da gloria e cobriram a loura cabeça com o dourado capacete, de peitos nus e fronteas altivas teceram a corôa immaculada da innocencia que aureolou a tua virginal cabeça de mulher — República.

Bem hajas oh! Exercito de Terra e Mar que tão bem desempenhaste a tua missão na defeza da Patria e da Republica, porque só nella vias a tranquillidade do lar, do bem estar de todos os cidadãos que até á data d'esse dia hoje tão festejado, viviam gemendo de dôr e fôrme sob as patas dos reaes burguezes; d'uma casta previligada que apenas nos dispensava da sua refastelada meza as miserias migalhas que se escondiam á sua desmedida soberba.

Bem hajas, pois, brioso Exercito republicano, que não esqueceste as tradições do passado: dos exemplos heroicos do Mestre d'Aviz, da educação civica de D. Brites de Moura e de que hoje devias levantar de novo o esplendor da Patria moribunda.

Bem hajas oh! Nobre Povo cooperador da grande lucta Nacional, de 5 d'outubro de 1910 que, abrilhantou mais uma vez as paginas da nossa historia: d'essa immorredora escriptura que assignal-a a epopeia d'um Povo que outr'ora levou a civilização aos mais reconditos logares do Universo.

A tua bandeira foi das primeiras do mundo que adornou os mares nunca d'antes navegados. Ella tremulou nos pin-

caros das montanhas irradiando a luz civilisadora nos povos dos tempos pagãos da mithologia. Ella tem entrado nas cem mil batalhas d'onde sae triumphante com os louros da victoria escudada no patriotismo d'uma raça unica, que lhe diz: *tu és a nossa Fé.*

Bem vindo sejas, pois, oh! Dia 5 d'outubro de 1911, primeiro anniversario da Republica portugueza, radiante de gloria!

Nós, os teus filhos trasbordando d'alegria queremos saudar num grande fraternal amplexo a tua apparição e o teu Anniversario Natalicio.

Vem cicatrizar as chiagas profundas que essa avalanche desmoralisadora, de 8 seculos de existencia, cavou no peito dos que por ti sem treguas luctaram.

Vem ó Hespanha de turquemada, ó rica Inglaterra, ó altiva França, ó Allemanha socialista, ó grandes Nações do mundo civilizado! Vinde até nós para admirardes a Fraternidade-portugueza n'este dia tão solemne que commemora uma data immortal. Vinde, que levareis d'aqui para as vossas grandes Nações a convicção intima de que a República já se albergava na alma popular portugueza antes da data que hoje irmãmente se festeja no extremo occidental da Europa e de quanto são valorosas as affirmações do nosso grande cantor das Glorias Nacionaes:

*E vereis qual é mais excellentes
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.*

Viva a Republica portugueza!
Viva a Nação Valente e Immortal!
Do seu filho agradecido.
Vizeu, 5-X-911.

Carlos da Costa Figueiredo.
2.º SARGENTO D'INFANTARIA 14

Um anno depois

Nos meus apontamentos, está lançado no dia 5 de outubro de 1910, quarta feira: *diz-se que a revolução em Lisboa, ficou mal-lograda.*

Esta phrase breve, concisa, como convém a escritos da natureza em que se encontra, tem para mim, como portuguez, a significação do terrôr. O horrivel terrôr que traz consigo a chacinha pelo ideal, a morte pela aspiração, a luta brutal pelo desejo.

Eu era então soldado. E assim na eminência da luta entre a disciplina e a educação pessoal, entre a ordem superior, breve e secca e a consciencia justa da minha existencia sobre a terra, entre a severidade da represália obrigada e a do coração simplesmente humano, eu revoltava-me com horrôr do aspecto do futuro

a banquetear-se com a materia disforme da massa esmagada, a banhar-se em sangue, a salpicar de lama a minha farda, e as minhas mãos de homem modernizado.

Deitei-me já tarde; mas nem dormir podia. O pensamento photographava todas as modalidades do meu cérebro; agora via eu sobre as cabeças dos que caíam espeznhados as patas dos cavallos, quebrando, amachucando; depois a fronte baça d'um môço gottejando d'uma larga ferida que lhe arrancara o temporal. Aqui era um moribundo que ainda tentava erguer-se n'um protesto horrivel contra a morte que o invadia; mais além, n'um montão informe, hirto, rôto, crivado de buracos, um garotito, os olhos muito abertos, a fitar a escuridão da noite. E o horrôr crescia até o ponto de me vêr a mim proprio a assassinar legalmente disciplinadamente.

Se eu tentava afastar a visão, e pretendia adormecêr o somno crescia num brutal pezadêllo, a clamar nos gritos dos que matavam e no estertôr dos que morriam.

Mas tudo passou; e desta vez a Razão e o Direito, assassinaram a maldita Força. O telégrapho quebrado causara-me aquella amargurada noite. E dêsseos gritos de victória que ham-de vivêr a vida do meu cérebro, a nota mais santificada, deu-ma o Sol da manhan do dia 6. O Sol de Portugal naquêlle dia foi a primeira potência que vicioriou a gentalha da República Portuguesa.

NON NEMO.

VIVA A REPUBLICA

5-X-910

5-X-911

Foi ha um anno que neste recanto da Europa se travou a batalha decisiva que havia de libertar o povo portuguez do jugo odliento em que vivia.

Foi ha um anno que Portugal deu ao mundo inteiro o espectáculo mais assombroso que se pode imaginar — o seu povo quebrando as algemas, num arranço de valentia e heroismo, fez afundar para sempre um regimen que o escravizava e que o aviltava perante as demais nações.

A Patria contorceia-se numa agonia latente, violada e prostituida pelo proprio rei e sua mãe. O povo esperava então o momento opportuno de impedir a sua venda e reclamar mais uma vez, com as armas na mão, a sua independencia (palavra sublime!).

Assim fez, mas como? Valente mas generoso. Heroico mas moderado. Travou-se a lueta de que resultou a proclamação da Republica. A maneira como foi conduzida e effectuada a revolução assombrou o mundo. Surgiu, victoriosa, a bandeira verde e vermelha.

E' agora o primeiro anniversario da Republica Portuguesa. Portugal está em festa. Não ha coração de portuguez, amigo da sua Patria, que nesta hora consoladora de regosijo nacional, se conserve indifferente ao alvoroço alegre e patriótico que se comunica a todo o paiz e a todos os pontos do mundo onde exista um portuguez

A Voz do Sargento, orgão de uma classe que teve uma parte importante na implantação da Republica sauda o novo regimen e faz ardentes votos para que todos os portuguezes se conservem unidos no mais patriótico empenho de o defender constante e vigorosamente.

Vae neste voto todo o desejo de que os bons republicanos saibam fazer a colheita da semente que foi lançada á terra faz agora um anno.

Viva a Republica!

Viva a Patria!

S. Fernandes.

APÓS UM ANNO

SALVÉ! 5 D'OUTUBRO DE 1911!

Faz hoje um anno que submergiu no lodaçal de todas as suas baixas immoralidades, para onde a arremessou a falta de dignidade dos seus representantes e acolytos, a crapulosa dynastia brigantina!

Faz hoje um anno que finalizou o poderio revoltante d'uma creança precocemente canalha e infamemente cobarde!

Faz hoje um anno que o perfil esqueletico da monarchia constitucional abandonou o paiz, fugindo como o bobo perseguido!

Faz hoje um anno que pela primeira vez na capital e mais terras do nôsso paiz tremelou activa e risonha a bandeira Republicana!...

Desde ha muito que os destinos da nossa Patria estavam entregues a mentecaptos e ladrões, assassinos e traidores, que se succediam hereditariamente e hereditariamente se legavam os seus crimes, o seu sangue moralmente envenenado, as suas vergonhas continuas, e a tarefa hedionda de riscar do mundo o nome glorioso de Portugal.

O Povo Portuguez, genuinamente bondoso, gemia, aparentemente acabrunhado, e esperando resignadamente a libertação da Patria, a redempção de Portugal.

Era o leão que preparava o salto, com que havia de arremetter, depois de ferido, contra o seu inimigo.

Esse salto foi algumas vezes dado em vão, não ha duvida.

Sahiu de muitos peitos, em golfadas tumultuosas, o sangue vermelho e puro de muitos patriotas!

Que importa, porem, que algumas centenas de heroes vencidos morressem na lueta sacrosanta pela mais bella conquista da humanidade?!

Que importa que uma bala ou uma punhalada lhes viesse cortar nos labios o grito duma reivindicção justa e humana?!

Elles morriam pela causa que defendiam, mas morriam satisfeitos, com aquella doce serenidade dos justos, com o riso estampadas nas suas faces e com a bocca entreaberta, como que querendo, ainda depois da morte, cuspir a saliva do desprezo nas faces dos seus adversarios.

E' que elles morriam na convicção de que, mais tarde ou mais cedo, um sol mais resplandecente iria alumiar a lousa da sua sepultura; que alguns dos seus irmãos, que lhes sobrevivessem, iriam, em funebre romaria, depôr na sua campa uma saudade, e que, finalmente, a posteridade os havia de recordar eternamente e fazer-lhes a justiça que se faz a quem morreu em holocausto por um ideal de amor mutuo e de fraternidade humana!

E, com effeito, assim, foi! Chegou mais tarde a vez da realisção dos anhelos porque a Alma Nacional tanto pelejou, tanto sofreu, tanto padeceu!

A Justiça triumphha sempre! Pode-se muitas vezes atrophiar, mas nunca extinguir por completo.

Um panno que se lance por sobre uma fogueira, offusca-a momentaneamente, mas não tardará que ella o devore e o reduza a cinzas, mais facilmente de que á lenha com que se alimenta!

5 de Outubro!

Dia de jubilo, de galas e alegria para todos os amigos da Patria!

Os corações dos que pugnaram pelo nome do glorioso regimen; os corações que no ardor da batalha confundiram as suas pulsações com o troar dos canhões e das espingardas, hão-de tambem agora vibrar, não já com as sonorações colericas dos angustiosos e incertos tempos do combate, mas com a alegria immensa que succede á realisção do ideal por tanto tempo anhelado, por tanto tempo sonhado, e que em 5 de Outubro de 1910 teve a consagração a apothese a que tinha jus.

5 de Outubro!

Cantemos hymnos de Gloria, mas não esqueçamos tambem os que repousam no derradeiro somno e que, devem ter parte desta divinisação augusta!

Viva a Liberdade! Viva a Republica! Salvé! 5 de Outubro de 1911!

Curvêmo-nos reverentes ante os que morreram sedentes do ideal Republicano!

Accacio Serra.

O POVO VENCEDOR

I

O povo altivo vencedor do mar, Vivia pachorronto em mal estar obedecendo á lei. Miseravel, humilde, soffredor, Ajoelhava aos pés do seu senhor a quem chamava rei...

II

Um dia um ideal de paz e amor, Fulgurante, audaz, libertador, Entrou-lhe no seu peito. Ouvia lhe um falar desconhecido... E o pobre, o rôto, o nu, o oprimido Ficou mais satisfeito.

Não tinha no seu peito o desalento Que em triste mourejar do seu tormento Sempre o acompanhava. Elle era submisso, obediente Mas fez-se altivo, forte, impaciente Sentiu que odiava.

III

Certo dia, num gesto de loucura Revoltou-se contra a dictadura, Fez fogo. Disparou. Mas a opressão, em ordens fraticidas Atirou-lhe com armas parricidas Os filhos que roubou.

Seguiram-se as algemas, os degredos, E nas prisões, nos fortes, nos segredos O misero crescia. Amava com mais força o ideal Nutrindo com mais rancor por todo o mal Da velha monarchia.

IV

O Povo nesse tempo era creança E vinte annos d'anceio de vingança Fez d'elle um homem forte Ameaçou o throno, o revoltado E mandou um rei despota e malvado Para os humbraes da morte.

V

Ficou depois sujeito á opressão Aviltadora e triste d'um poltrão Vendido aos camarilhas. E o povo entregue a si, na desventura, Fitava o céu, cavando a terra dura No meio de quadrilhas.

VI

Alta noite, porem, num gesto altivo, Arrojou a metralha em fogo vivo A purpura real. E cingido com os louros da gloria Triumphantem nas festas da victoria Deu vida a Portugal

Aniquilou ao throno o seu dominio Desterrou a roupêta do exterminio Com mão dominadora... Lembra-te pois ó Povo consciente Que a tua força é grande, omnipotente E sempre vencedora.

Carlos Victor.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 163

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 réis
Ultramar, semestre - 600 »
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

UNIÃO

Tem-se falado com grande insistencia em união republicana, e este assumpto tem sido tratado no Parlamento por diversas formas, e tem-se alargado, em artigos de fundo, por todos os jornaes.

No entanto, é bom saber-se, que não ha razão séria que legitime tal debate, porque a união republicana nunca esteve em perigo e a sua existencia é um facto real e palpavel que não admite contestações.

E senão, qual é o republicano, que pensa n'outro regimen, que não seja o republicano?

Qual é o republicano, que não está prompto a pegar em armas, se a existencia da Republica perigasse?

Não ha nenhum. E se não ha, como se explica, que a cada passo se peça e reclame união republicana?

Ou união republicana será outra cousa, que não seja a solidariedade da maioria da nação, em volta do regimen actual?

O que ha, no meio d'isto, é uma confusão, que baralha a união republicana com uma outra união, que alguns julgam possível e proveitosa — homogeneidade d'acção.

E esta confusão que desnorteia alguns, que se dirigem ao Parlamento, pedindo e reclamando essa união absurda, que não seria outra cousa, que a simples subversão das leis mais rudimentares da psicologia.

Senão vejamos.

Na ordem material, a vida não é mais que um perpetuo movimento de assimillação, que incorpora nos seres as molleculas da materia. E d'ahi resulta, que existe sempre um movimento de acção e reacção, entre o ser e tudo o que o rodeia.

Na ordem moral succede o mesmo.

O espirito procura aggregar a si ideias e esta hectorogeniedade d'acção, que vemos no Parlamento, não é mais que um symptoma de vida fecunda.

Mas ainda mais. A ideia, como

bem o disse Jorge Étievant, não é innata no homem. Auxiliada pelos sentidos é o producto do meio em que vivemos.

D'ahi resulta, pois, que sendo desigual em cada um de nós o grau de sensibilidade e sendo tambem completamente differente o meio intimo, em que vivemos, differente é o odio que nos domina, differente o pensamento que produzimos, differente a acção, que na vida moral tem todo o nosso ser.

A chancellia do Partido Republicano elevou a deputados muitos individuos, cujas ideias eram desconhecidas dos seus eleitores; e assim, temos no Parlamento trez correntes d'opinião, que embora resumam o pensar dos eleitores, não são comtudo a expressão numerica da verdade.

Ha, por exemplo, uma forte corrente conservadora, amiga da paz e dos capitalistas e inimiga inconsciente dos que avançam na conquista de ideias com impetuosidade.

Existe outra corrente de autoritarios, que encaram a nação inteira como um batalhão unido, que deve executar sem hesitações um passo em frente ou meia volta á rectaguarda. Estes julgam-se os mais sinceros, os mais honrados, os mais sabios e os mais acertados, inquietando-se com qualquer sombra de debate á sua acção e resvalando a cada passo para a mesquinha politica de pessoas.

Existe, enfim, outra corrente, que julga encarar a sociedade algemada, no lodaçal pestilento em que vegeta e julga vêr ao longe, a brilhar n'um fulgor extranho, uma alvorada de nuvens de fogo, douradas de felicidade!

Esta quer avançar nas suas pretensões, combate a vida mesquinha do charco e quer rapidamente voar longe com a ousadia firme e altiva, que tira da sua crença.

Ora cada uma d'estas correntes d'opinião procura assimilar

a si as molleculas indefinidas, que constituem o corpo de cada grupo.

D'essa lucta, resulta a media de pretensões, ou a victoria do maior numero.

E como será possível haver união se cada grupo procura aniquillar o outro?

Pedir, pois, ao Parlamento homogeneidade de acção, é pedir o aniquillamento a subversão das correntes de opinião contrarias á nossa, ou antes, exigir a obediencia cega de todas as consciencias ao nosso modo de pensar.

E isto é simplesmente estúpido e absurdo!

União republicana, isto é, o geral acatamento do regimen republicano, consolidado na maioria da nação, existe.

União de aspirações, união de metodos na conquista de ideias, união de pensamentos, n'uma palavra — homogeneidade de acção entre republicanos, não existe porque não póde existir.

Montemór-o-Velho, 29-9-11.

CARLOS VICTOR.

A NOSSA ETAPE

Um grande impulso dado á nossa etape pelo ex.^{mo} Ministro da Guerra foi a dispensa de recolher, e não menos o foi tambem o bilhete de identidade pelo seu alcance social.

Estas duas importantissimas concessões representam para os sargentos principios d'uma elevada consideração perante a sociedade portugueza. Não trazem ellas augmento de vencimento nem dispendio para o Estado, trazem apenas o summa rio da justiça que nos assistia e de que eramos esbulhados nos tempos bacchanaes, que não vão longe.

Ou Monarchia ou Republica! Que differença!...

Ah!... O sargento tinha razão em se revoltar contra a Monarchia abraçando a Republica! Tinha, porque só na docilidade do seu affago via a esperança dourada que a Monarchia lhe assassinava a todo o momento.

Acaso mudariamos de posição geographica no planeta? Não seremos illuminados e aquecidos pelo mesmo sol que antes da Republica nos mimoseava? Teriam desaparecido, com o advento da Republica, do sólo bemdito da Patria os nos-

sos rios com seus valles, as serras com as suas bellezas?! — Não. Nada d'isto desapareceu. Succedeu apenas uma grande transformação n'este Portugal moribundo: Rejuvenesceu com a concentração das forças herculeas dos seus filhos que arremessaram d'elle a vacuidade enraizada; baniram uma familia degenerada, ociosa e anti-democratica.

Eis, pois, a grande transformação que se operou na sociedade portugueza para tornar feliz e readquirir a sua altivez e o credito derruido d'este jardim á beira mar plantado!

Effectivamente o Portugal Republicano de hoje comparado com o Portugal Monarchico de hontem, dá nos a impressão de que este boccado de terra do extremo occidental da peninsula mudou de posição geographica se não tivermos em attenção que para novamente o tornar formoso bastou apenas uma minuciosa escolha na familia portugueza.

Familia portugueza? Familia! Não é bem dito; os que cá ficaram não pertenciam a essa cáfila de ladrões, que infestava as nossas cidades. Por tanto não houve escolha, pozeram unicamente os ladrões em debandada, e para isso bastou apenas uma boa duzia de discursos e comícios, e mostrar-lhe da Rotunda as bocas negras dos canhões para elles darem logo com os calcanhares no rabo, mostrando assim a prehez da sua inigualavel cobardia!

Vae-se vencendo a nossa etape e não vem longe o dia que ella terá o seu terminus. A differença já está em pouco. Duas ou trez cousas mais temol a concluida; festejaremos então com hymnos de gloria os nossos abençoados trabalhos e boccados de tempo gastos; ensarilhemos as nossas armas rabiscadoras, para nos transportarmos á paz do espirito, porque já tarde ou nunca nos tornarão a ser precisas.

A frente do exercito encontra-se um espirito lucidissimo, uma intelligencia inigualavel; um coração generoso e sobretudo amigo do bem estar da força armada, não lhe regatiando qualquer concessão quando vê a justiça d'ella.

Uma fé ardente avassalou o coração dos sargentos quando souberam que para gerir a pasta da guerra tinha sido escolhido o seu protector.

Com effeito, deu logo conta de si. Expediu, isentas de poeira, trez ordens em favor dos seus sargentos, que elles não conquistaram em 8 seculos de monarchia e 11 mezes de Republica, guindando-os ao nivel social!

Estas inabalaveis resoluções de s. ex.^a faz nos acalentar a esperança

de que em breve nos serão satisfeitos os restantes pedidos que a comissão dos sargentos de terra e mar havia solicitado do governo provisório.

Poucas são e a título de curiosidade vamos relembrar-as:

1.^a— Conceder aos 2.^{os} sargentos o uso de armamento e equipamento igual ao dos seus camaradas 1.^{os} sargentos.

2.^a— O uso do traje civil fora dos actos de serviço.

3.^a— A supressão das inspecções para as readmissões, ou, quando assim não possa ser, pelo menos por períodos de 3 annos e não annual como está.

4.^a— Uma divisa de galão d'ouro para os 2.^{os} sargentos e duas para os 1.^{os}, pois que, desde que os cabos não fazem uso d'este padrão, não ha confusões e só temos a lucrar com esta medida economica, porque um par de divisas de galão d'ouro, em termos, para o 1.^o sargento importa aproximadamente em 2500 réis depois de pagar ao alfaiate! E' superflua esta despesa e tanto mais quanto é certo ser necessaria a sua constante substituição.

5.^a— A promoção dos 2.^{os} a 1.^{os} sargentos por escala ou diuturnidade.

São estas as concessões que nos faltam para ultimarmos a nossa étape.

As mais renitentes são as duas primeiras e por quem nos temos empenhado com rara coragem para as alcançarmos a fim de podermos enfileirar junto dos nossos camaradas 1.^{os} sargentos e de novo estreitarmos a amizade que nos ligava a todos, a qual afrouxou bastante e a ponto de até se estremarem os campos motivado pela concessão da primeira das regalias acima indicadas.

26-9-911.

C.

ACRADECIDO

O numero 35 de «A Voz do Sargento» insere uma carta aberta á minha humilde pessoa e em que Accacio Serra, de Coimbra, declara ter observado de ha muito que acompanho o seu modo de vêr, no sentido de unir todos os bons esforços para felicidade e progresso da Republica.

Como o aprendiz ignorado e occulto, que trabalha na obra onde o deixam aproveitar as suas horas de ocio, sem querer que o vejam e deseñando que não saibam da sua existencia por ser ainda um inapto, assim vinha eu escrevendo na «Voz», bem longe de suppôr que as minhas palavras, boas ou más, encontrariam echo n'outra alma que pensa como eu, que me sente acompanhar as suas ideias e que, como eu, é patriota independente e sem condições, aborrecendo e condemnando os preconceitos de uma sociedade desorganizada e impostora.

Accacio Serra que eu não tenho a honra de conhecer mas em quem adivinho um leal companheiro de ideias sãs e um bom portuguez, tem tido a condescen-

dencia de lêr o que escrevo na «Voz» por saber que nos igualamos no mesmo fervor e no mesmo empenho patriótico de combater os maus principios e condemnar os falsos republicanos.

E a mim, cumpre-me agradecer-lhe aqui, já que não posso fazel-o pessoalmente, a gentileza do seu desabafo, gesto de amigo e de patriota.

S. Fernandes.

CARTA ABERTA

Sr. director da *Voz do Sargento*.

Será favor da sua parte dar inserção, no seu jornal, ás seguintes proposições, onde eu accuso a deslealdade da defeza — *O seu a seu dono*, inserta no n.º 44 do *Sargento*.

Pela ordem que lá vem, declaro: — que o jornal *O Sargento*, n.º 12, em artigo do seu director, affirmava fazer eu parte da sua redacção; — que o n.º 21 tem dois artigos meus: *Da Rua...* e *Um combate a pedido* do director. Também a *pedido* foram os poucos artigos que alli escrevi a partir do n.º 27 exclusivamente;

— que o director do *Sargento*, a partir do n.º 8, mandou a minha casa, *sem eu pedir*, as provas do seu jornal; e depois do n.º 22, me fazia ir á sua loja, por conveniencia de serviço na impressão do jornal á Sophia, ás quintas e sextas feiras, á noite, *obrigando-me* até a rever provas já emendadas pelo sr. Octavio Cardoso;

— que no dia 21 de novembro de 1910 o director do futuro *Sargento* me propoz a fundação d'um jornal de classe, de beneficencia para a mesma, vencendo os meus escrúpulos com esta phrase: *o teu trabalho representa o teu capital de entrada*, etc.;

— que para fazer o *reclamo* dos varios livros que as livrarias offereciam á redacção, o director do *Sargento* me offertou *onze volumes*;

— que *todas* as relações entre mim e o director do *Sargento*, se quebraram no dia 13 de setembro, e apesar d'isso elle me enviou ainda o seu jornal no sabbado, 16;

— que no dia 25 de março, pretendi pagar trez mezes passados da minha assignatura, ao que o director do *Sargento* se oppoz, auctorizando-me até a lançar no livro da administração do jornal o symbolo pg., aos então collaboradores do mesmo;

— que não sendo habil em enygmas, vou ainda assim tentar a decifração d'aquelle que o director do *Sargento* me propoz: ... *todos nós assim podiamos ser*: — se é *doido*, a minha vida passada não tem um só ponto negro; se é *garoto*, os homens não se conhecem pela gordura; se é *gatuno*, palavra vulgar na bocca do director do *Sargento*, devolve-lhe *intacto* o insulto, porque eu desprezo quem *nunca* cursou a escola da boa educação.

Fica assim mantido o que declarei no n.º 35 de *A Voz do Sargento*.

Pôde o director do *Sargento* dizer o que quizer *sobre este caso do jornal*. Da minha parte lhe marco aqui um ponto final, a traduzir a repelencia que sinto em me haver mettido com a sua pessoa.

PLINIO VENTURA (*Non item*).

ÁS PAREDES D'UMA PRISÃO

Ouvi-me avesinhas que passaes
Junto d'esta prisão, radiantes de felicidade.

Avesinhas alegres que passaes
Voando satisfeitas nos silvados,
Espalhando a harmonia nos quintaes
Ou vendo o pôr do sol pelos telhados,

Ouvistes certamente os tristes ais
De quem em seus suspiros e seus brados
Vive chorando, enquanto vós voaes
E s'entrega a soluços abafados.

Levae-lhe a harmonia defenida
Ensinae-lhe uma certa afinação
Que a lyra que elle tem já 'stá partida.

Dizei ao revoltado da prisão,
Que versos faz sem peso nem medida
Que se enganou na sua vocação.

CARLOS VICTOR

LAGRIMAS EVOLADAS

III

AMOR E MELANCHOLIA

«Oh aguia que vaes tão alta!...»

Calou-se a formosa Zelia.

Aquella canção era uma supplica atirada á ave que atravessava serenamente o espaço, n'uma grande apothese á natureza.

E ella calou-se!...

Calou-se, a beber as lagrimas semelhantes a perolas que cahiam abundantes dos seus formosos olhos negros.

Além, junto á ermida, n'um pequeno carneiro que branquejava entre os altos cyprestes, repousavam no derradeiro somno o pae estremoso e a mãe carinhosa da Zelia. O ultimo d'elles, a mãe, tinha morrido havia pouco mais d'um anno; por isso a punhalada vibrada então profundamente no seu coração diamantino de boa filha ainda sangrava, e aquella canção terna e melancholica vinha avivar-lh'a ainda mais.....

Filha unica, a Zelia depois da morte de seus paes, tinha ficado só no mundo.

A' noite orava deitada pelos seus queridos mortos e assim adormecia balbuciando orações.

Mais d'uma vez os seus labios rosados de carmim, tinham ficado do abertos quando o somno lhe vinha cortar a ultima syllaba dos seus rogos á Providencia.

.....
Passado tempo, o coração da Zelia entregava-se a outro affecto: ao amor pelo Jorge, o pastorinho que lhe sorria meigamente ao saudal-a: «Bons dias, formosa Zelia!»

Comtudo, a lembrança paternal jámais se olvidou no seu coração, e, de quando em quando, os seus olhos formosos e negros erguiam-se ao firmamento, procurando penetrar ante os mortos, para divisar entre elles os seus paes queridos.

.....

O Jorge era uma alma formosa e sincera que adorava loucamente a sua Zelia, e essa paixão encontrava echo no coração da formosa orphã.

Todavia, o amor traz sempre no seu seqüito um espinho cruel: — o ciume!

Por motivo de ciumes injustos tinham-se arrufado quatro dias antes d'aquelle em que a linda orphã atirava á aguia a sua canção, a sua supplica.

E a Zelia, alli entre o seu rebanho de cordeirinhos niveos, que pastavam e de vez em quando lhe lançavam olhares de compaixão, chorava ao recordar aquella canção triste, porque comprehendia bem a impossibilidade das suas exhortações á aguia.

Estava outra vez só no mundo!... O Jorge, em que ella depositara e concentrara todo o seu amor, fugira-lhe, já não a amava!...

Por isso, dos seus formosos olhos negros cahiam as lagrimas limpidas, quaes perolas do Oriente!

De traz da montanha vinham sons cavos da enxada do trabalhador, que morriam alli muito perto da Zelia, e como n'uma ironia cruel, chegavam tambem os cantares das suas visinhas, que se recolhiam a casa, depois do seu trabalho quotidiano.

O crepusculo cahia lentamente, estendendo o manto escuro da noite por sobre aquelle sombrio logar.

E ella continuava muda, silenciosa, bebendo as lagrimas semelhantes a perolas.

E, por detraz, uma voz vibrante, a voz do Jorge:

Zelia: são horas de recolheres!
Estavam reconciliados!...

Accacio Serra.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a importancia das suas assignaturas.

A religião e os seus ministros

Uma das principais cousas que a todo o bom cidadão deve prender a sua attenção, é a forma como nos nossos dias se está ministrando a Santa Religião que mais valia chamar-se lhe Santa Inquisição.

Sim, Santa Inquisição, porque embora se não faça uso dos processos iníquos de que se serviu a igreja no seculo passado, em que para fazer prevalecer as suas prerogativas queimou e torturou milhares de creaturas, hoje os seus santos ministros, (salvo raras excepções), estão-se servindo d'outros, que pela sua natureza dão o mesmo resultado, por elle tão ambicionado.

E a prova está em muitos não quererem accetar a pensão. Porquê? Porque confiam no desgraçado povo, que pelo seu estado pleânico, está prompto a governal-os e a proporcionar-lhes uma vida cheia dos maiores gosos.

Será bom que a Republica não descure este assumpto que a meu vêr é de alta importancia.

Que se criem missões de propaganda ou encarregar os homens de diversas localidades que pela sua qualidade de seres dotados de verdadeiro amor patrio, façam vêr aos desgraçados que vivem nas trevas, o que é a verdadeira religião e o que é a Republica.

Creiam os verdadeiros republicanos que uma grande parte do nosso paiz, ainda está muito inculto, aonde só se sabe que ha um padre e uma igreja, e que é alli que está encerrado o medico, pharmacia e o ceu, para cura de todas as molestias e remissão de todos os peccados!

E senão veja-se; quando teem qualquer pessoa em perigo de vida, o que fazem? chamam o padre em vez do medico; não se importam que essa pessoa morra logo que tenha apanhado a agua benta, porque julgam com isso tel-a salvado das penas eternas do inferno.

Não quero, nem a Republica mesmo admite que se vá de encontro á crença de cada um; não, longe de mim tal pensamento.

O que eu quero é que se dê luz a esses entrevados, que não cessem os comicios, porque ainda são muito necessarios e eu provo-o, porque ainda ha dias estando na minha aldeia no goso de licença e vendo o estado de atrazo em que quasi todos se encontravam, pretendi realizar uma conferencia publica, mas em breve me dissuadi de tal proposito em virtude de pessoa amiga me informar de que se tal fizesse seria apupado e corrido á pedra meuda.

E ainda mais me foi noticiado que n'uma pequena localidade situada a dois kilometros da minha aldeia, denominada Cinco Villas, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, districto da Guarda, se deu um caso bastante interessante e ao mesmo tempo penoso:

E' um logarejo aonde nunca se ouviu senão a voz do padre; a escola é regida por uma professora que me parece nunca ter levado a exame um alumno!

Já vêem, portanto, o estado verdadeiramente selvagem em que aquella gente se encontra e por isso recentemente, uma mulher, suggestionada não sei por quem, deu publicamente morras á Republica.

Um individuo, que não era natural d'alli, mas que ha uns annos lá exerce a sua profissão e que era o verdadeiro republicano que lá existia, prendeu immediatamente a dita

mulher, rendendo-lhe este seu procedimento o ter de abandonar o logarejo occultamente, quando não, os selvagens o teriam lynchado e incendiado a sua casa, vendo-se obrigado a vender todos os bens que alli possuia e abandonal-os para sempre, para segurança da sua propria vida.

Tendo communicado o caso á auctoridade competente, esta mandou alli uns policias prender a mulher, não podendo estes effectuar a diligencia de que foram encarregados, porque o povo munido de paus e não sei que mais lhes preparava a guarda de honra!

O que se seguiu a isto não sei, mas o que posso affirmar é que a mulher lá ficou tranquilla e até hoje a auctoridade a quem competia providenciar sobre o caso, pouco se encommodou, ou mesmo nada mais sobre o assumpto.

Por tudo isto se pôde calcular o estado de atrazo em que se encontra para alli aquella gentinha. E porquê? A resposta é facil.

E' porque o padre nunca os aconselhou a que fossem ou mandassem os seus filhos para a escola, que lá é que se encontrava o pão do espirito, mas sim que fugissem para a igreja, que adorassem os santos que elles saberiam recompensal-os.

E' por isso que a Republica para marchar sem embaraços, precisa cortar os vãos ao padre, (salvo raras excepções), e não se cançar de continuar com a propaganda de que outr'ora se serviu para nos salvar do abysmo; porque muito necessaria se torna ainda hoje, para bem de todos nós.

Coimbra, 23-9-911.

A. Soares,

1.º sargento d'infanteria 23.

DO ULTRAMAR

Sr. redactor e camarada

Enviando por intermedio de meu pae a importancia d'um anno da minha assignatura do nosso querido jornal *A Voz do Sargento*, peço no mesmo a publicação do seguinte:

Agora que a Republica querida dos verdadeiros portuguezes, está disposta a levantar do ostracismo a que estava votada, a briosa classe a que nos orgulhamos pertencer, não seria justo que compassiva olhasse para os miseros 200 réis dados ás praças de pret para a alimentação e que servem em Timor?

Como é que, com esta irrisoria quantia, pode satisfazer á sua alimentação, todo aquelle que preza a sua vida e a saude?

Se é certo que em Timor a vida não é demasiado cara, é, todavia, verdade, que não são 200 réis que chegam para comprar um certo numero de coisas caras e imprescindiveis ao europeu nestas paragens, como azeite e outros generos. Já não fallo em vinho, porque é imprescindivel aqui... para as praças de pret.

Querem saber os que lerem este brado de justiça enquanto

importa um mez de alimentação em Dilly, onde não ha rancho?

Nada mais nada menos, que na quantia de 20 a 30 patacas (cada pataca, 450 réis) e isto... sem vinho!...

A não ser que, como os timorenses, nos alimentemos de milho assado, batata doce, banana ou papaya cosida, os 200 réis devem chegar, e sobrar ainda, para, no regresso á metropole, mandar cantar um cégo!...

Se na nova organização do Ultramar não for estabelecida maior verba para este fim, verba que já antevejo será a mesma, não é com ella que o Estado grangeará em Timor adeptos para o desideratum do quadro colonial.

Timor-Dilly, 2-8-911.

Um sargento do exercito da metropole

CARTA

Vendas Novas, 22.

Caro director.

Muitas vezes os sargentos não cumprem os seus deveres de cortezia para com os seus superiores por causas contrarias ao seu modo de ver irem de encontro á pratica d'esses actos de cortezia.

Em Vendas Novas assim succede no que respeita ao seu ingresso na estação do caminho de ferro, na occasião da chegada ou partida dos comboios.

Os srs. officiaes teem ingresso na gare sem que se lhe exija o respectivo bilhete, e os sargentos, que por vezes desejam ir alli para se despedirem d'algun sr. official do seu grupo ou em serviço na Escola, ou mesmo d'um camarada ou pessoa de familia, são logo mandados retirar da gare se d'ante-mão não comprarem o respectivo bilhete de gare!

Parece que não, mas é verdade. A continuar assim é muito natural que os sargentos por vezes passem por mal creados por não irem á gare despedir-se dos superiores ou pessoas que lhes sejam mais affectas; pois não é pelos 50 réis que se gastam por uma só vez, é pelos muitos 50 réis que terão de gastar num mez, que depois lhe fará falta para o custeio da vida, que tão cara aqui é.

Fóra das occasiões em que os sargentos fossem á estação para se despedirem de qualquer pessoa, poderá tomar-se como distracção a sua ida alli nas occasiões das chegadas dos comboios da tarde?

Pôde, responderá. Eu concordo; mas em Vendas Novas não ha nada, absolutamente nada, para distracção, a não ser que se vá fazer gazeta nos estabelecimentos de merceria ou em tabernas, em convívio com os soldados.

Emfim, são d'estas e outras velharias que ainda existem e que vejo poucos geitos de acabarem. E' conveniente que se saiba.

Se d'isto quizer fazer echo no nosso jornal, como defensor da classe, desde já lhe fica agradecido o que é

Seu amigo mt.º obrg.º

Manuel Coutinho Vassallo,

1.º sargento do grupo de guarnição.

Desconsideração ou esquecimento?

Realizou-se no passado dia 5 a cerimonia da entrega da bandeira e juramento do batalhão de voluntarios de Coimbra, para o que foram convidadas todas as corporações á excepção da dos sargentos, falta que não podemos deixar passar sem reparo.

Custa a crêr que fosse esquecimento, porque na recita de beneficio para o mesmo batalhão, souberam bem o nome de todos os sargentos para lhes enviarem os respectivos bilhetes; e além d'isso acresce ainda a circumstancia de haver, pelo menos, 3 sargentos que fazem parte da direcção.

Para nós é caso assente: Os sargentos só são lembrados para ministrar a instrucção e outras massadas que lhes apeteça.

PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Recebemos e muito agradecemos a importancia da assignatura por um anno, dos srs.: Augusto Fernandes Panão, 2.º sargento enfermeiro, Timor; Manuel Pereira, 2.º sargento enfermeiro, Dilly; a de tres trimestres do srs. Joaquim Maria de Souza, 1.º sargento da companhia de saude, Loanda; a de um semestre, dos srs. Antonio Coareia, 2.º sargento d'infanteria 23; Manuel Joaquim Ribeiro, Cezar Augusto Gamba, 2.º sargentos da guarda fiscal, Caes do Sodré; e a de um trimestre, do sr. Plinio Ventura, Coimbra; Manuel Martins Candido, sub chefe de musica, Antonio Gomes Santiago, 1.º sargento, Luiz Augusto dos Santos Guerra, capitão, todos d'infanteria 23; Amílcar de Souza Ferreira, 2.º sargento de D. R. 23; Eduardo d'Albuquerque, sargento ajudante de cavallaria 4; José Manuel, 2.º sargento da guarda fiscal, Paradinha do Outeiro.

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata-se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.

A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferencia celebrada na noite de 18 de Outubro de 1903 no Temp.: Grande «José Estevam» do G.: Or.: Luz.: U.: Sup.: Cons.: da M.: Portugueza.

(CONTINUAÇÃO)

Gomes Freire, como vimos, passou muitos mezes na provincia em casa de seu primo conde de Bobadella e só mais tarde veio para Lisboa, indo residir para a rua do Salitre, tendo de facto «dependurado a sua espada na parede», por não ser chamado ao serviço militar, passando a viver como particular, sendo muito limitado o numero das suas relações.

Gomes Freire d'Andrade foi eleito no anno de 1816 Grão Mestre da Maçonaria Portugueza, logar de méra consideração pelo prestigio que tinha entre os seus II., que nessa calamitosa época nem sessões regulares podiam ter pela perseguição que movia o governo da regencia e o intendente da policia a tudo o que fosse suspeito ou secreto.

Nestas circunstancias de inactividade é que um novo incidente se deu na vida de Gomes Freire, a que elle foi completamente alheio.

Lavrava nos corpos do exercito portuguez não só a desmoralisação nas casernas, mas tambem, já muito aggravado, o descontentamento de uma grande parte da officialidade que desde 1809 se achava licenciada, sem promoção, e reduzida a meio soldo pago com atraso; situação creada pelo despreso e desfavor do commandante em chefe Beresford, que havia dado os postos de commando a officiaes inglezes, bem remunerados e com accesso!

Este, como muitos outros factos de desconsideração e despreso pelos officiaes portuguezes tão oppositos ás suas affirmações exaradas na celebre ordem e proclamação de 15 de Março de 1809, como tambem a intenção sabida e reconhecida de enfraquecer o nosso exercito reforçando o commando das tropas com officiaes inglezes da sua escolha e confiança para poder dispôr livremente da força publica e conter qualquer alteração de ordem publica, davam justificado motivo ao descontentamento que se notava no exercito.

Beresford não desconhecia este mal estar; mas firme de animo por dispôr da força publica e da confiança illimitada do Principe Regente, querendo evitar ser surpreendido por algum acontecimento imprevisto, resolveu-se a espalhar por toda a parte espiões assalariados, e sem duvida os melhores seriam os officiaes do exercito portuguez que se prestassem a servir um marechal disciplinado e disciplinador como era Williar Carr Beresford! Conseguiu o seu intento e alguns officiaes portuguezes ficaram sob a sua muito poderosa protecção...

Beresford tinha, ao que se vê, feito para intendente de policia!

Entre os officiaes já com lista de bons serviços entre os infames d'esta especie, como veremos, foi escolhido o capitão de infantaria N.º 10 e rosa-cruz na Maçonaria, José de Andrade Corvo de Camões, dupla-

mente traidor aos seus camaradas d'armas e IIr.: Maç.:, infame no perseguição e intriga calumniosa contra uns e outros, sempre prompto a colher os louros dos seus valiosos serviços, indispensaveis a Beresford para sua segurança e auctoridade!

Quando Gomes Freire regressou a Portugal, Beresford sobresaltou-se com o prestigio, auctoridade e valor, geralmente conhecido, d'este general portuguez, que além de ser muito considerado no estrangeiro pelos seus feitos d'armas, lhe podia fazer sombra pelo conceito em que era tido o seu nome no exercito portuguez.

Era pois Gomes Freire um general que se quizesse, podia encommodar Beresford e pôr em perigo a situação official do Commandante em Chefe do exercito portuguez, logar que tinha adquirido pela imbecilidade de D. João VI, e que além de representar o mais elevado cargo de auctoridade e força em Portugal, onde o official inglez se achava soberano, tinha a mais a vantagem de lhe render a magra gratificação de 16:000\$000 réis annuaes!

Já se vê que vantagens d'esta ordem e importancia não se podiam perder, porque só um paiz como Portugal as podia dar ao mandarim que se chamou com bons modos para nos governar, amordaçar e garantir a nossa independencia!

E' n'esta situação duvidosa para o espirito de Beresford sobre as intenções do general Gomes Freire de regresso a Portugal, que o commandante em chefe do exercito portuguez recolhe com satisfação uma denuncia fresca que o capitão e espião José de Andrade Corvo de Camões lhe communica em sua casa na noite de 15 de abril de 1817 «de que existia uma conspiração militar contra a sua vida, contra a vida dos governadores do Reino e contra as instituições monarchicas.»

Esta pequena bagatella!...

Beresford muito grato ao seu salvador, logo pactuou com elle a forma de descobrir os criminosos, fazendo do capitão de infantaria um conspirador para melhor se pôr ao facto do que diziam os descontentes e animal-os nas suas combinações!

Corvo estava radiante e entrava em scena com o seu papel favorito, demais a mais por prestar tão relevante serviço a Beresford, o prototypo moralizador e disciplinador do exercito portuguez!

Todo o plano foi combinado entre ambos como veremos; mas o que Corvo não pôde nunca conseguir, embora auxiliado por mais tres aves — um Pinto, um Pato e um Pombo — todos officiaes portuguezes do exercito, foi encontrar vez alguma Gomes Freire como auctor, como instigador, como conselheiro ou como cumplice, accetando qualquer papel n'essa conspiração de meia duzia de insignificantes idiotas, e por uma simples razão: porque Gomes Freire não conspirava, estava innocente, e ignorava completamente o que pensavam os descontentes promotores de uma imaginaria conspiração!

Esses descontentes nem relações directas ou indirectas tinham com Gomes Freire, mas o seu nome, apenas proferido sem o seu consentimento ou accettazione, servia com tudo de estímulo para angariar adeptos!

(CONTINUA.)

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2\$500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Goncalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

AGUA DE PIZÕES—MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo. Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. SANTOS CALLEYA

Rua de Santo António, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc. Preços modicos.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 163

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

A defeza nacional é um problema de capital importancia, que a Republica tinha necessariamente de resolver, modificando as instituições militares de forma a modernisalas e a preparalas para a missão que lhe cabe na defeza da patria.

Ninguém desconhece que o combalido exercito da monarchia, que, pela sua pessima e antiquada organização, carecia de todos os recursos indispensaveis para a sua elevada missão, tinha que ser demolido, para se crear de novo uma instituição forte, util e imprescindivel, como elemento de defeza das liberdades, do territorio e da independencia nacionaes.

Tinha que ser demolido, para se organizar um exercito, que, assentando nos modernos principios de organica militar, satisfizesse plenamente á sacratissima missão para que foi creado.

Foi inspirado nestes principios que o Governo Provisorio da Republica encarou com a maior solicitude, o problema da defeza nacional, entregando o estudo da reorganisação do exercito a uma grande commissão composta pelos nossos mais competentes e distinctos officiaes.

Do estudo d'esta commissão resultou o diploma publicado na ordem do exercito de 26 de maio ultimo.

Este diploma, que faz hora á commissão que o estudou e elaborou, conseguiu transformar o nosso exercito numa instituição moderna e modular, capaz de satisfazer cabalmente á sua missão.

E, a nosso ver, um diploma muito completo e perfeito no todo, mas não isento de alguns defeitos e deficiencias que estão ainda muito a tempo de se remediar.

Foi com satisfação que vimos interessar alguns officiaes na discussão d'esse diploma por meio da imprensa, logo apoz á sua

publicação e foi com desgosto que vimos bater em retirada um official que veio na imprensa fazer a defeza d'esse diploma sobre algumas disposições muito discutiveis e que necessitam de uma revisão muito cuidada.

Acreditamos sinceramente que a commissão, no estudo que brilhantemente fez, apenas se inspirou nos superiores interesses da patria, não se deixando dominar pelos interesses individuaes ou de algumas classes do exercito, tendo sómente em attenção a maxima economia, pelo que não lhe regateamos louvores que bem mereceram.

No entanto, talvez devido á urgencia imposta pelas condições de occasião, á complexidade dos assumptos a tratar, aos apertados recursos de que o paiz actualmente podia dispôr, a organização do exercito garantiu a algumas armas e serviços talvez o superfluo, tirando a outras o indispensavel.

Notou-se por isso alguns descontentamentos, até certo ponto plenamente justificaveis, que podem muito bem desaparecer com algumas emendas que a commissão entenda dever acceitar, o que só evidenciará o seu desinteresse, a sua dedicação e amor patrio numa obra nacional de tão grande importancia.

Desejariamos ver discutido largamente este assumpto, não só na imprensa em geral, mas muito principalmente na imprensa militar, pois d'essa discussão sómente resultariam vantagens não só para o exercito mas para a nação.

Por falta de competencia apenas nos limitaremos a fazer algumas considerações á lei da reorganisação, na supposição de que alguma coisa resulte de util e aproveitavel e que mereça a discussão dos estudiosos que parece terem adormecido sobre tão momentoso assumpto.

General Pimenta de Castro

O nosso presado collega «As Novidades» transcreveu hontem parte da nossa entrevista com o ex-ministro da guerra e como amor com amor se paga, o que jornalisticamente talvez se traduzisse melhor com a maxima: «rapinanso pucha rapinanso», não nos privaremos do prazer de transcrever do collega estes dois traços, absolutamente autenticos, da biographia do illustre general:

«Um facto:

Era o Snr. Pimenta de Castro commandante da divisão com séde no Porto. N'um regimento qualquer um official andava ás turras com um sargento que por auctorisação medica não usava o sabre da ordem.

Um dia, n'um animatographo, o official encontra o sargento desarmado, increpa-o e dá parte d'elle. Descobre-se, porém, que o homem tinha licença medica para andar assim.

Em todo o caso, por proposta do commandante o sargento é punido. Este, não se conformando, appella para o commandante da divisão, que manda annullar o castigo. O coronel e o official sentidos com o caso pedem a sua demissão. Movem-se influencias junto do ministro da guerra, o qual manda transferir o sargento.

O general Pimenta de Castro recebe a comunicação do ministro e não lhe dá seguimento.

O ministro repete a ordem e o general continua a não a executar por consideral-a injusta.

Deu-se o que era de prever: o ministro demittiu o commandante da divisão recalcitrante.

Outro facto:

Em Villa Real, no tempo do ministerio franquista, ha umas manobras a que vae o ministro sr. Vasconcellos Porto.

O general Pimenta de Castro commandava a divisão com séde n'essa cidade.

Terminadas as manobras o ministro fez um discurso enaltecendo o valor do exercito portuguez, tendo-lhe os mais rasgados elogios, quasi equiparando-o ao exercito allemão.

Responde o general rebatendo os elogios do ministro, no meio do assombro geral e fazendo severas criticas ao nosso meio militar. D'ahi resultou que o ministro escandalizado, retirou ao intransigente official o commando da divisão.

O que não obsta que ao fim de um mez o não houvessem despedido... de ministro da Guerra...

E ainda ha quem julgue que a

Republica foi proclamada ha um anno, n'aquella celebre manhã de 5 d'outubro...

Pois não foste!...

(D'O Intransigente)

UNIÃO

Continuando a debater sobre este assumpto, que é, na presente conjuntura, d'um palpitante interesse, um illustre collaborador de «A Voz do Sargento», o Snr. Carlos Victor, frisa claramente que todos nós, os bons republicanos, collocamos os interesses da Republica superiormente a tudo, sem distincção de principios e ideias, havendo unicamente divergencias de opiniões, fundamentadas em leis psychologicas.

Bem sei que mal iriamos se houvesse em todos os homens que tem mão do mecanismo governamental da nossa sociedade, uma homogeneidade de ideias, coisa que de maneira nenhuma pode existir, e que, se existisse, era deveras prejudicial.

Ha, e tem de haver, uma heterogeneidade de principios e ideias, boas e más, adaptaveis e não adaptaveis aos meios a que as destinam as intellectualidades que as crearam.

Todas essas ideias e principios foram creadas e expandidas com um unico fim: — servir a Patria e a Republica.

Era subverter as mais rudimentares leis psychologicas, como muito bem diz o Snr. Victor, o querer uma homogeneidade de accção.

Era até atrophiar muitas intelligencias, aproveitar muitas inutilidades e recusar muitas coisas uteis.

Ora, n'este sentido, a homogeneidade seria um mal e a União na Republica um absurdo tremendo e injustificavel.

Mas, a União que eu desejava, não era a União homonegea de accção, mas sim uma conjugação forte de esforços, onde amigos e adversarios, conjunctamente e desprezando todas as rivalidades,

(Continua.)

approvassem o que pudesse trazer prejuizo á Republica e aos interesses collectivos do Povo.

Ora, se analysarmos detidamente a situação actual da politica portugueza e dos homens que constituem os poderes dirigentes, nós vemos, com grande magua, não uma heterogeneidade de acção, mas uma lucta accesa, onde o personalismo impera palpavelmente.

Isto é que é mau; pessimo mesmo.

Não quero homogeneidade de acção; quero uma União de boa vontade em servir o Povo, a Republica.

Homogeneidade de acção seria abusar da ordem natural das coisas.

Accacio Serra.

Ernesto Gomes Thomé

De todas as obras bem escriptas cujas paginas ardentemente tenho folheado e que vejo agora sobre a minha meza, organisadas e construidas pelo buril da litteratura moderna, empunhado por novos espiritos e por jovens poetas, distinguem-se as paginas do livro «Feixe de Sonhos» de Ernesto Gomes Thomé. Estas palavras são tardias, bem o sei, aos espiritos que me comprehendem porque a prosa fulgurante d'outros pontos mais aristocraticos já reflectiu para bem longe... em sernáculos jarros de linguagem os «Sonhos» doirados do jovem poeta figueirense.

Porém, ao lêr versos do Ernesto, o coração sente-se viver e, parece que os sentimentos que elles traduzem são aquelles de quem os contempla. O auctor do «Feixe de Sonhos», é, authenticamente, para assim dizer, um poeta da geração moderna e, a geração futura, reserve-lhe, sem duvida, um insolito logar a que tem direito pela authenticidade e eximia revelação que nos vae mostrando, e pelo seu novo talento ao desabrochar da sua adolescencia, segundo as notas d'um apreciador critico. E' que o auctor do «Feixe de Sonhos» sabe bem distinguir as coisas. Sabe empregar-lhe o seu verdadeiro quilate, o seu valor, e, n'um ritmo chrystalino elle canta no seu primeiro livro de versos, quantas corrupções se dispersam por esse mundo além!...

O bem e o mal elle distingue e observa simultaneamente com uma eximia imparcialidade de estudos de um inclito pensamento e de uma intelligencia elevadissima, brilhantes ornamentos das suas 16 primaveras.

Já elle tão novo começa a illuminar o caminho que hoje incita n'uma vereda de sonhador sublime, deixando, hoje, atraz de si, um rasto luminoso.

Quem será o Ernesto Gomes Thomé?

A posteridade o dirá...

Espalhamos a sua obra. Trabalhamos pois, todos, para esse fim, não só para nós ou para elle, mas tambem para a Patria, que se tornarão inquestionavelmente uteis todos os seus bellos trabalhos e todos os seus esforços.

Que desculpe o Ernesto Thomé estas simples linhas d'um seu humilde e despretencioso admirador.

Figueira da Foz,
V. Verde, 24-8-911.

Eduardo Freitas Tudella.

LITTERATURA

APPELLO

«A Republica viverá, porque a mulher portugueza assim o quer.»

MARIA VELEDA (Discurso em Braga).

Senhoras da minha terra cantae, deitae á brisa
Em notas argentinas um hymno á Liberdade;
Vinde saudar commigo a luz que se divisa
Rompendo a espessa treva qu'envolve a Humanidade.

O' candidas bellezas, ó palidas visões,
Franzinas criaturas tão cheias de lyrismo!
Juntae a vossa voz á voz das multidões,
Ao nosso entusiasmo o vosso patriotismo!

Senhoras da minha terra! modestas e discretas
Vós tendes no vosso lar o germen do Porvir:
As doces creancinhas! São rosas entreabertas
Que sem o vosso amor jámais poderão florir!

Por isso aqui vos trago tambem esta creança;
Vêde como é galante! vêde como é gentil!
E' rubra como a luz e verde como a Esperança,
E' limpida e serena como as manhãs d'abril!

E' loira, muito loira, como os trigaes do sul;
Dos roseirae do Minho seus labios têm a côr;
Tem a luz do seu olhar a limpidez azul
Do sol d'este paiz — o meu primeiro amor!

Republica se chama ella; é muito nova ainda;
Um anno faz apenas, mas já parece alguém!
Consagra-vos, senhoras, uma ternura infinda,
Senhoras portuguezas amae-a pois tambem!

Guardae-a, senhoras, como um penhor sagrado
Bem junta ao coração; acalentae-a ahí!
Para que ella mais tarde com gesto sublimado
Possa dizer ao povo: levanta-te e sorri!

Braga, 5 d'Outubro de 1911.

Armando da Luz Ramalho de Barros

A REVOLUÇÃO

Humilde homenagem ao 1.º anniversario do «5 d'Outubro de 1910»

Troam nos largos mares os canhões,
Ao signal da sublime revolução,
Que um povo de heroe de fortes corações
Ergue em terra em louvor de seu torrão...

Vê-se ao longe scintillar o clarão
D'uma aurora brilhante e redemptora!
Alvor'cida do seio d'um povo irmão,
Que escreve uma pagina immorredoura!

Morre sobre as putridas metralheiras,
A criminosa c'roa de Brigantina;
Emquanto, nas calçadas, as Fileiras
Vencem! á voz d'um povo que domina!

Vê-se por fim, a gran'patria liberta,
A voz da liberdade d'este povo,
E que agora lê em historia aberta,
Uma pagina nova! um hymno novo!

Figueira da Foz, V. Verde—Outubro de 1911.

Eduardo A. Freitas Tudella

Pela Patria! Pela Republica!

Todos os bons patriotas, que é como quem diz, todos os bons republicanos, teem, na presente occasião de cumprir o sacratissimo dever de mostrar a esse rebanho de troglodittas immundos, que campeiam vagabundamente pelas tabernas da fronteira, que a soberania nacional do Povo é indestructivel.

Sim! teem de fazer vêr a esses malsins que hoje cada peito de bom portuguez é uma barreira insuperavel na defeza da Republica!

A arvore redemptora da Liberdade frondesceu aos accordes melancolicos, mas bellos e energicos, da *Portugueza*.

Frondesceu, floriu e fructificou, quando a grande maioria do Povo Portuguez, n'um arranco de patriotismo elevado, atirou para o monturo da abjecção um regimen corrido de vermes nocivos, uma horda de salteadores emeritos, que se compraziam em levar este Povo, tão grande, tão cheio de honradas tradições e de bravura inegalavel, para o abysmo da desnacionalidade.

Fez um crime este Povo, quando, pegando em armas, n'uma intimativa formal e cathorica aos traidores da sua terra, á vil escoria da sociedade, apontou o caminho aberto para a proscripção que tanto mereciam?

Fez um crime este Povo em abraçar o santo ideal da Liberdade, que irradiava a sua luz, que espalhava os raios do seu sol por sobre a sua cabeça, e lhe mostrava ser o seu guia incondicional na jornada da sua Redempção?

Não. — Não fez!...

Quem ha por ahí que, tendo um servo ladrão do seu dinheiro, esbanjador da sua dignidade e promotor da sua deshonra aos olhos alheios, o consinta complacientemente ao seu serviço?

Ninguem!...

Mas elles, os cretinos proscriptos, julgavam-se o contrario, isto é, que elles eram o senhor e o Povo o servo obediente, que vergava humilde e paciente aos seus caprichos egoistas, á sua ambição desmedida, ao seu orgulho revoltante e ás suas vergonhosas infamias.

A onda popular, tão forte e tão bondosa, largo tempo se prestou a ser o juguete da canalhice d'esses *coquins* aparvalhados, que se julgavam omnipotentes, invocando a protecção d'um Deus!

Esses biltres deshonravam assim o nome do orago que lhe servia de esteio, pois lhe ferravam, descarada e cynicamente, o estygma do protector de traidores, fazendo, portanto, d'elle um traidor tambem.

Não se lembravam, os bandoleiros, que se houvesse um Deus todo bondade, como elles dizem haver, se não prestava a collaborar n'uma *escroquerie* degradante?!

Um dia, vimo-los sumir, envoltos na nevoa pardacenta da polvora, e julgavamo-los arrependidos e penitenciados dos seus crimes.

Um dia, na alma de todo o bom portuguez penetrou um raio de esperanza na regeneração da Patria, quando os vimos fugir cobardemente deante da Justiça, bondosa em demasia, d'um povo que queria ser livre.

Fomos complacentes, e haveria até—quem sabe? alguns que

tinham reservado um canto da sua alma para chorar a sorte dos que fugiam torturados eternamente pelo remorso, a que os tinha arremessado o seu instincto felino.

Muitos pensariam que o resto da existencia d'essas feras havia de ser um continuo supplicio, sem que o seu cerebro, cheio de remorso, faria reviver os que no tumulto pagaram o seu amor pela libertação dos opprimidos.

E todo o bom portuguez lhe perdoou, certo de que jámais d'esses bandidos se levantaria um braço, mesmo um cicante queixume, contra a sorte que o destino lhes marcou.

E como nos enganamos!
Ei-los, dentro em pouco, ás ordens d'um demente perigoso e malvado, a quererem satisfazer os seus preversos instinctos n'um Povo cheio de Razão e Justiça, que os baniu para sempre do solo da Patria querida!

Que cumpre fazer, n'esta situação? Ser mais uma vez benevolos? Não, bons portuguezes!

Jámais se lhes deve perdoar a affronta immerecida a um Povo digno!

O dever de todos nós, que, acima de tudo, prestamos culto ao altar bendito da Patria, é levantarmo-nos solidarios despedindo, n'um rasgo de protesto unanime, 5 milhões de balas contra os traidores que se atrevem a pôr o pé sacrilego na terra que renegaram!

Pela Patria! Pela Republica!

Accacio Serra.

CAMARADAS

Novamente me apresento declarando, sinceramente, que a *Voz do Sargento*, é um jornal que se interessa condignamente pela nossa classe e equiparados.

Os jornaes são sempre aqui lidos com avidez e, no que diz respeito a conspiradores, lavra geral indignação especialmente na classe militar em geral, e na menor parte... dos habitantes d'esta cidade!

Mas pouco importa porque temos o visinho districto da Huilla que é povoado por gente liberal e patriota á excepção de alguns negociantes, que enriqueceram em bom tempo... e esqueceram o dia em que desembarcaram com as chancas ás costas enfiadas n'um pau, com ferramentas de sapateiro, etc. Mas todos entrarão na ordem: os de cá e os de lá.

Eu considero como verdadeiros néscios a maior parte da população d'esta cidade, que são dominados por meia duzia de aristocratas... absolutos!

E porquê? porque as *mininas* estão em casa d'elles, os paes são inquilinos d'elles e os filhos e varia rapaziada são seus empregados ou protegidos.

Quando, porém, caem no desagrado lá vão as afilhadas para o andar da rua, deixando de usar botinhas, almofadas, de pulverisarem a carinha com pó d'arroz, de bailar e de pregarem com as janellas na cára a qualquer transeunte, praça de pret ou operario.

Os paes teem que procurar nova habitação e os caixeirinhos da moda, pescadores e *bataeiros*, nóvos patões!

Mas é rarissimo darem-se d'estes casos, porque o padecente está sem-

pre prompto com o seu voto!... Que remedio!? Por isso continua tudo na mesma e as *mininas* pobres continuam a aprender a doutrina das ricas... apesar das irmãzinhas da caridade já cá se não encontram.

Que grande patriotismo este!...

Com respeito ás meninas voltarem para casa de seus paes está muitissimo bem, porque é no lar paterno é que devem receber a boa educação, embora passem unicamente com pexão e carazinho (batata doce) e mostrem os lindos péssinhos.

Até dá gosto vêr por cá algumas tão gordinhas e córadinhas sustentadas com os referidos generos!

Mudando de assumpto, voltando á vacca fria, e chibatando os jesuitas:

N'este districto e no districto da Huilla, que constituem um circulo, existem dois partidos, sendo um republicano reformista e outro colonial com o nome tambem de republicano...

Adeante. O primeiro é formado por cidadãos de varias classes, dignas de sociedade, e o segundo pela alta e antiga élite... que angariava votos dos padecentes com aqui já citei.

Aconteceu, porém os reformistas ganharem as eleições (ganharem em toda a provincia d'Angola) elegendo para deputado o grande democrata dr. Malva do Valle, derrotando assim o partido colonial que, é voz geral, queriam que os indigenas continuassem escravos!

Pudera não!... Pois os negrinhos e negrinhas... rendiam para o luxo, para a compra de garbosos cavallos, para edificar soberbos predios, etc.

O ex.^{mo} governador d'este districto sr. Caetano Carvalhal Correia Henriques, o primeiro governador enviado pela Republica, é um funcionario honesto, justiceiro, dotado de um caracter nobre, emfim sympathico em toda a extensão da palavra. Pois, senhores, os taes aristocratas, que não querem adoptar a democracia, não gostam d'elle!

E porque? Porque s. ex.^a poz cõbro ao abuso escandaloso que davam com os serviçoes; porque não vae a caçadas com elles, não quer comboios de recreio não adere ás ideias franquistas e teixeiristas; em summa, não vae jogar com elles, etc.

S. ex.^a tem o povo do districto da Huilla sempre prompto para o defender e o reformista d'esta cidade a quem os grandes «columniaes» chamam ralé e carneiros!...

Que grandes democratas! Que grandes liberaes!...

Viva a democracia! Viva o sr. governador de Mossamedes! Viva a liberdade!

Causou aqui profunda e seria impressão a noticia de esse cobarde, infame e traidor Paiva Couceiro conspirar contra a sua mãe Patria Portugueza, auxiliado por essa maldita e abominavel seita negra de infames jesuitas... e outros personagens! Mas não deve haver receio pois que esses infames conspiradores receberão em breve o devido correctivo ou andarão sempre embrenhados no bosque como o lobo feroz que, quando desce ás povoações, é corrido pelo povo ou morto a tiro.

Camaradas! O povo, exercito e a armada não devem arredar dos seus postos, vigiando sempre essa cambada de gatunos da nossa querida Patria, esses traidores que preferiam ser lacaios d'um rei fanatico, que

nenhum brilho deu a Portugal, do que cidadãos livres.

Vigiae bem, bons compatriotas, que nós cá vigiamos tambem e não deixamos encristar os thalassas.

Ficamos aguardando, anciosamente, noticias que nos venham alegrar neste exilio voluntario, nestas paragens tão longinquoas d'esse lindo jardim da Europa por quem padecemos nostalgicamente recordando os entes queridos.

Camaradas! A aurora de 5 d'outubro de 1910 raiou para todos. E' necessario que os thalassas se convençam d'isso! Senão!...

Viva a Republica Portugueza!
Abaixo os reaccionarios!

Mossamedes, 23 de agosto de 1911.

João Ribeiro Guimarães.
2.º sargento.

PELO ULTRAMAR

DISTRICTO DA HUILLA

Lubango, 5 de Agosto de 1911.

Por s. ex.^a o governador do districto foi creado um gymnasio para os alumnos da escola primaria do sexo masculino, sendo director e professor o nosso amigo 2.º sargento d'infanteria, Antonio Rodrigues Paula Santos.

Por iniciativa do mesmo ex.^{mo} sr. consta que em breve será organisaada a projectada columna ao Cuanhama, rebeldes de ha muito, e que bastantes prejuizos teem causado ao districto. Oxalá tenha bom exito.

Para este projecto já se encontra organisaada uma companhia auxiliar europeia composta de condemnados e vadios do Deposito de Degredados d'Angola, sob o commando do tenente sr. Silva Nunes, coadjuvado na manutenção da disciplina pelo official disciplinador tenente sr. Joaquim Ferreira Durão.

Está tambem em projecto a organisação d'uma charanga no Lubango, composta de figuras do elemento militar.

E' deveras applaudivel o procedimento de s. ex.^a, pois numa villa de população tão numerosa, estranha-se immenso a falta d'uma di-versão para passa-tempo dos habitantes, impedindo assim que a nostalgia se apodere d'alguns.

Consta que será muito festejado o 1.º anniversario da revolução de 5 de Outubro, para o que já está organisaada uma commissão para angariar donativos.

A' noite haverá recita desempenhada por senhoras abalisadas e sonhadoras das ideias republicanas, e na qual tomam parte os mais distinctos cavalheiros, havendo em seguida baile.

Foram transferidos para a 2.ª companhia mixta e 1.º esquadrão de dragões, respectivamente, o 2.º sargento d'infanteria Domingos Maria das Dores e 1.º sargento de cavallaria Manuel Pires Rosendo.

Do corpo de policia de S. Thomé foi transferido a seu pedido e encontra-se entre nós, o 2.º sargento d'infanteria Antonio Paula Santos.

Deve em breve realisar o seu consorcio matrimonial com a meni-

na Angelina Perestrello, o 1.º sargento de cavallaria Manuel Pires Rosendo.

De passagem e com destino a Loanda esteve entre nós o 2.º sargento d'infanteria Francisco Olaivo Conde.

Manuel Pires Rozende.

1.º sargento.

CARTA

A' ex.^{ma} direcção da *Voz do Sargento*

Camaradas:

Havendo muitas vagas de subalternos no ultramar, especialmente em Angola, onde ha unidades commandadas por sargentos, ao passo que na metropole muitos alferes, que serviram no ultramar nos termos do Decreto de 14 de novembro de 1901, aguardam anciosamente que suas ex.^{tas} os Ministros da Marinha e da Guerra os promovam a tenentes, nos termos do mesmo decreto, tirando os da triste situação de servirem sete, oito e mais annos como alferes, e como tal situação se está reflectindo tambem em muitos sargentos ajudantes, que aguardam a sua promoção a alferes, pedimos para ponderardes este facto superiormente, por intermedio do vosso digno jornal.

Fareis bem ainda se por seu intermedio, publicardes o procedimento menos rasoavel de estarem sendo enviados para o ultramar muitos officiaes convictos de que vão alli servir em commissão extraordinaria e chegados alli soffrem o maior desapontamento, por serem collocados apenas em serviçoes de commissão ordinaria.

Como sabeis, a não ser o grande estimulo de garantia do posto immediato, os vencimentos não compensam o serviço das commissões ordinarias.

Sem mais, sou com muita estima e consideração

Um assignante.

PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar». pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a impotancia das suas assignaturas.

A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferencia celebrada na noite de 18 de Outubro de 1933 no Temp. Grande «José Estevam» do G. Or. Luz. U. Sup. Cons. da M. Portuguesa.

(CONTINUAÇÃO)

Essas quatro aves arregimentadas a Beresford serviram-se d'este estratégia, que dava vulto e importancia ao serviço de que estavam incumbidos, para animar outras victimas a cahirem no laço do cigoz — ao todo uma duzia de imbecis que foram victimas da sua propria credulidade e que levaram a sua audacia a ponto de procurarem Gomes Freire para lhe dar conhecimento da grande conspiração e convidalo a aceitar a direcção d'esse movimento!

Gomes Freire, sem querer saber dos elementos com que contavam os taes conspiradores nem da qualidade das pessoas que entravam na conspiração, repelliu esse convite por uma simples razão, firme determinação do seu espirito e vontade: — porque regressára a Portugal «resolvido a não jogar as cristas com generaes tartaros» e viera no proposito de «deixar enferrujar a sua espada dependurada na parede!

Como Gomes Freire era homem que se não movia senão por vontade propria e por dever, e além de não conspirar procurava viver recolhido e afastado d'essa gangrena social de que enfermava o paiz e a que não podia dar remedio, a sua attitudo não agradou aos protagonistas d'esta primeira scena do tragico drama, ciosos de dar vulto e importancia aos serviços de que os encarregára Beresford.

Promptificaram-se pois as quatro aves conspiradoras, para servirem seu amo, a dar o seu testemunho de que Gomes Freire figurava de chefe da conspiração!

Mas note-se que ainda assim tomaram esse compromisso — criminoso, — sem que os seus nomes figurassem com a responsabilidade d'esse testemunho!!!...

Não cabe no espaço de uma conferencia dar todos os pormenores hediondos que completam este 1.º acto, que terminou pela prisão de Gomes Freire em sua casa, ao cimo da rua do Salitre, na madrugada de 26 de maio de 1817, sendo logo conduzido para o castello da Torre de S. Julião da Barra, acompanhado por uma escolta de cavallaria, tendo-se previamente occupado Lisboa militarmente para maior imponencia d'este acto heroico de salvação das instituições ameaçadas, e bem merecer a gratidão de D. João VI!

Minhas senhoras e meus RR. e PP. II. Para poderdes aquilatar as baixas qualidades d'esse ignobil agente escolhido por Beresford, lêde a apreciação publicada em 1814 nos annaes da Mac. a fl. 41, sobre José d'Andrade Corvo de Camões, que, um anno antes de Gomes Freire regressar a Portugal, já este Mac. e official do exercito portuguez, era espião ao serviço de Beresford!

O 2.º acto d'este drama é mais movimentado e nelle entram outros personagens de não menor degra-

ção moral, portuguezes do acaso, degenerados pela influencia do meio unico e usando dos mesmos maliciosos processos.

Abre este acto com uma carta de Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz datada de 2 de junho de 1817:

Copia — «Tenho a honra de enviar a V. Ex.ª o depoimento de Antonio Cabral Calheiros Furtado de Lemos, como elle o fez hontem a noite, e não posso deixar de dizer que visivelmente elle não tinha a sinceridade que havia prometido mas exactamente o contrario.

«Nem mesmo mencionou as pessoas principaes que, antes de ser detido, dissera estarem envolvidas n'este negocio; e eu não quiz que o interrogassem n'este ponto, pois que a sua vinda aqui fora por desejo seu e para confessar livremente tudo o que sabia; além de que os magistrados farão o que lhes parecer necessario.

«Envio ao mesmo tempo os papeis que eu tinha já dado a V. Ex.ª e que me reenviou, e outros do mesmo Cabral que me foram enviados de Santarem pela escolta que o conduziu.

«Enviei-o para o Limoeiro para lá ficar a disposição do Intendente geral da Policia.

«Tenho a honra de ser de V. Ex.ª muito humilde servo. — Pateo do Saldanha, 2 de junho de 1817.

(a) Marquez de Campo Maior.

E' extranhavel, porém tem todo o valor para esta narração, ter o Comandante em Chefe do exercito portuguez tanto a peito desempenhar de motu proprio o papel de instructor de um processo de investigação contra um official do mesmo exercito, de patente tão elevada como a de Gomes Freire; mas quem ponderar no seu interesse particular em poupar trabalhos d'esta ordem ao intendente geral de policia, verá também que Beresford, desde 15 de abril, data da denuncia da conspiração, até 10 de junho, ainda não estava certo de que os depoimentos contra Gomes Freire viessem a fazer-se, o que elle com grande empenho tratava de conseguir!... como se prova da seguinte carta:

Carta de Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz de 16 de junho de 1817.

«Ill.º Ex.º Sr. — Confidencial. — Fallei aos que devem depôr perante o Intendente geral da Policia e elles preferem fazer o seu depoimento em segredo onde o seu nome não appareça com as suas declarações, porque dizem, que os seus depoimentos forem submettidos a uma devassa em que os seus nomes appareçam, o publico verá immediatamente todo o ne ocio no que lhes dissér respeito.

«Propõem portanto serem chamados, como qualquer outro, para a devassa geral, pelo Intendente geral da policia; e que os não comprometta e que aproveitarão a occasião de depôr tudo separadamente e em segredo ao Intendente geral da policia o que me parece melhor para todos os fins que temos em vista, porque entrando na devassa geral aonde não dirão grande cousa, affastar-se-ha d'elles toda a ideia de suspeita e poderão ainda servir nos, e ao mesmo tempo haverá a vantagem do seu pleno testemunho em todas as suas partes.

«Envio-vos algumas perguntas que me parece util fazerem-se ás testemunhas da devassa e particularmente a alguns d'elles, e V. Ex.ª

verá que são apenas perguntas preliminares e que conforme as suas respostas muitas outras podem seguir-se a cada uma d'estas.

«Naturalmente estas perguntas serão intercalladas entre o grande numero que o Intendente geral da Policia tenciona fazer, porque de outra forma, sendo feitas separadamente, poder-se-hia saber d'onde proveem e o seu fim.

«Tenho a honra de ser de V. Ex.ª muito humilde, obediente servidor.

«Pateo do Saldanha, 10 de junho de 1817.

(b) Marquez de Campo Maior.

(CONTINUAÇÃO)

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS GALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfaudega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de brocheta, tintas, oleo de linhaca, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes a pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edicoes melhoradas. Cada lingua, 23500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 400 réis: O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pai), rua de S. Paulo, 12, 4.º e Ferregial do Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificacoes.

IMPRESA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

minuição de horas de trabalho vacilhe correspondendo o encerramento ou paralisação temporária de algumas empresas.

Afinal: o capitalista quer assegurar os seus haveres; o operariado quer viver com dignidade e sem que a fome lhe penetre em casa, para não ver a mulher e os filhos (os entes mais queridos n'um lar), atacados d'essas doenças malditas, taes como: a tuberculose, etc., etc., por isso as luctas constantes que se dão por esse mundo fóra, nada mais representam que a egualdade desejada pela classe dos proletarios a contrabalançar-se com a força dos senhores do capital, que por sua vez, ainda se julgam senhores como nos antigos tempos da escravatura!

Hoje, felizmente, a epocha é outra.

Os povos devem ir reconhecendo os direitos á liberdade, á medida que a instrução (ponto capital) se desenvolver.

Nos antigos tempos era o clero que dava leis ao mundo, e, como na escuridão é que elle vegetava, era o clero quem aconselhava os governos a não abrirem escolas, para a instrução se não desenvolver!

Hoje tal se não dá e muito principalmente, nas nações onde a forma do governo é — Republica.

Ser livre — é por tanto o mais legitimo e o mais humano.

Coimbra, 18 — 10 — 911.

M. G.

CONSPIRADORES

Qualquer incauto, que desconhecendo da nossa vida íntima ou da má fé e perfidia que domina nos arraiaes de Couceiro, lê as noticias que a imprensa estrangeira da reacção propaga profusamente, fica julgando que o actual regimen republicano se implantou pelo successo feliz d'uma aventura audaz, e que se conserva por um bamburrio na sorte das armas.

E comtudo nada mais falso!

A Republica — é bom que isto se diga alto a todo o mundo — não foi unicamente implantada pela força das armas.

Quem assim julgasse ignoraria que os principios não se matam aos tiros.

Morrem lentamente no exilio das consciencias.

A Republica estava já ha muito implantada na aspiração silenciosa do povo portuguez.

Não se julgue que a maioria da nação portugueza se curvou humilhante a um regimen de que unicamente ouviu fallar quando sahio triunphante das barricadas. Não.

O Povo era ha trinta annos indifferente a tudo.

Assistia impassivel á lucta mesquinha do rotativismo e sorria com o ar bonacheirão do incredulo ás promessas maravilhosas dos governos, sahidos da opposição.

Mas depois do ultimatum o Povo encarou a serio o governo de sua casa; indignou-se e manifestou-o em 31 de Janeiro de 1891.

Foi vencido, mas ficou divorciado do regimen que o tyrannisava.

A Monarchia era a mulher corrupta e adultera e o Povo sentido, arranjou uma amante — a Republica.

A adultera tinha um hymno e uma bandeira.

O Povo consagrou á amante um hymno guerreiro e sentimental e deu-lhe um symbolo de lucta e de esperança.

Que faltaria mais para a implantação da Republica?

A morte ou o exilio da Monarchia.

Foi isso o que succedeu em 5 de Outubro de 1910.

O Povo levantou-se, fallou e collocou a Republica com a bandeira verde e encarnada desfraldada ao som da Portugueza entre os canhões da Rotunda.

Não foi preciso mais nada.

A Monarchia fugiu, cobarde e infamemente, e afundou-se ainda mais no lodaçal profundo em que jazia.

Se os representantes ou sustentáculos d'esse regimen fallido tivessem o bom senso que deve acompanhar homens feitos, envergonharam-se-hiam de apparecer como servidores da Monarchia e esconder-se-hiam de quem lhes pôde chamar ladrões e delapidadores da fazenda publica.

Mas succede o contrario.

Esses homens apparecem capitaneando bandos, subornando ignorantes, mentindo ás povoações incultas e tentam restaurar o regimen para sempre anniquillado na deshonra e eternamente expulso da opinião publica.

Está pois patente a intenção dos conspiradores. Não luctam por principios nem por ideias que muitas vezes movimentam a humanidade.

Pretendem alcançar a lauta meza que lhes fugiu quando o Povo se levantou; e n'essas condições, não são inimigos altivos que mereçam um feito d'armas no campo do combate.

São ladrões! São assassinos que pretendem tirar ao Povo o fructo do seu amor.

O sr. João Chagas affirmou ao estrangeiro que a politica do governo não continuará mais com paciencia e com brandura.

E realmente é tempo. Sim, é tempo de s. ex.^a apontar aos traidores os porões dos navios e os fortes de guerra e dizer-lhes:

«Aqui estive eu, quando o Povo jazia na prisão por reclamar os seus direitos.

«Cabe pois a entrada aos que pretendem assenhorear-se do fructo do trabalho alheio!»

E creia s. ex.^a que o Povo portuguez, isto é, o Povo honrado, o Povo trabalhador, appoiará unanimemente a attitudo energica que s. ex.^a seguir.

Montemor o-Velho, 12-10-911.

Carlos Victor.

Impressões do Ultramar

Encimamos a nossa noticia com o titulo de impressões por que ainda se não dissipou da nossa memoria o nojo que nos causou o procedimento d'alguns mariões inimigos do novo regimen.

Passamos pois a narrar o que se passou para os leitores apreciarem de que força são capazes alguns aventureiros d'esta região á beira mar plantada:

Ha pouco tempo, teve logar uma recita em honra de s. ex.^a o sr. Governador do districto, capitão Cactano Carvalho Correia Henriques, que esteve concorridissima.

Mas sabem o que aconteceu?

Alguns, ou muitos *coloniaes* prepararam no proprio dia uma lauta merenda nos arredores, em casa d'um thalassa, com o fim de affastarem do theatro senhoras, creanças e cavalheiros!...

Mas não satisfeitos com isto, procuraram por varias formas, sendo uma por meio de dinheiro... (o que não conseguiram) persuadir alguns rapazes para desistirem de desempenhar no palco os seus papeis!...

Enganaram-se os villões porque tudo compareceu.

Foi uma festa sympathica e todos os logares estavam tomados.

Faltou um *lord* repimpado na sua friza (que não estava vaga) com as suas *pupillas* e outras damas com carinhas apropriadas para rotulos e reclames de vinhos, doces, etc., mas nenhuma falta fizeram porque simplesmente se tratou, e trata sempre, o referido sr. Governador com alegria, veneração e maximo respeito, prova esta de sincera homenagem.

Muitas *mademoiselles* o que queriam cá era um governador com *saléro* que tivesse um ajudantesinho solteiro e lourinho, que assestasse o *monoculo* correspondendo ellas com o *lórinhon*, etc., e d'esta forma os maridos, papás e namorados estavam sempre de grande.

Pois é verdade! Estudaram todos os meios, que não alcançaram, para affastarem de tão brilhante e merecida festa os amigos do digno e illustre representante da Republica Portugueza no districto de Mossamedes.

A minha opinião é para que se torne sempre evidente o nojo e repulsão por todas as manifestações de desagrado com o fim de alvejar o ex.^{mo} sr. Governador a quem defenderei sempre.

Torna se necessario, quanto possível, que os sinceros republicanos batalhem sempre contra tão ignobil *seita* castigando o seu repugnante procedimento.

Todos entrarão na ordem metendo o rabinho entre as pernas e abateendo as orelhas.

Ha muitos n'este sertão que não gostam de ouvir vivas á Republica e abaixo aos thalassas!... ficando mesmo de beica cahida com os seus eguaes e subordinados!

Elles entrarão nos eixos, porque bradaremos sempre:

Viva a Nação Portugueza!

Viva a Republica!

Abaixo os thalassas!

Mossamedes, 9 de setembro de 1911.

João Ribeiro Guimarães,

2.º sargento.

Em cumprimento do nosso programma

Sr. director de A Voz do Sargento.

A abaixo assignada, viuva de Carlos Augusto Malaguerra, sargento-ajudante d'infanteria 23, vem por este meio patentear a sua profunda gratidão pelo donativo de 50000 réis, destinados á matricula no 2.º anno dos lyceus, de seu filho Julio Augusto da Silva Malaguerra, assim como agradecer intimamente toda a protecção que v... e todos os mui dignos sargentos d'infanteria 23 e todo o exercito em geral se têm dignado dispensar a si e a seus filhos.

Coimbra, 19-10-911.

Maria do Rosario Malaguerra

LITTERATURA

A ALGUEM...

São seus olhos as estrellas,
Os labios côr de romã,
O seu rosto tem scentelhas
Como uma linda manhã.

E quando a vejo á janella
Olhando encantos na rua,
Toda de branco vestida
Tem a poesia da lua.

Parece—qual Deusa Diana,
Com seu lindo d'ufana,
No seu coche cristallino;

E ás vezes fico a scismar,
Sob seu leito côr do mar...
Se eu adoro algum anjinho!...

Figueira da Foz
Villa Verde, 25-4-910

Eduardo Tudella

CARTA

Ao Ex.^{mo} Ministro das Colonias pedimos a sua attenção para a seguinte carta:

Sr. director de A Voz do Sargento

Na Huilla acaba de fallecer o alferes Abreu e quem o foi substituir, muito doente, fallecerá tambem, por não haver quem o substitua.

Por toda a parte faltam officiaes, especialmente subalternos, para substituir os doentes, preencher as vagas e tomar as responsabilidades dos sobrecarregados sargentos que commandam unidades.

Em nome da humanidade e da regularidade dos serviços militares, appellamos para o seu considerado jornal, afim de levar ao conhecimento de S. Ex.^{ta} os Ministros das Colonias e da Guerra, o mau systema em vigor, de se estar um anno á espera, que se junte um maior numero de vagas para então se enviarem para Angola, hoje quatro subalternos, d'aqui a seis mezes outros quatro, e assim successivamente, não satisfazendo de prompto e pontualmente as requisições, parecendo haver dó de fazer seguir para o Ultramar officiaes que para esse fim estão offercidos.

Porque não manda S. Ex.^a o Ministro da Marinha um telegramma perguntando ao governo d'Angola as vagas que ha? Veria a sensivel falta de graduados ali urgentemente necessarios.

Agradecendo antecipadamente, a publicação d'esta carta, subscrevome

De v. etc.

Um camarada

NÃO CONCORDAMOS

Com a maneira hostil como o glorioso povo da cidade de Lisboa se houve ha dias para com esse grande democrata seu companheiro inseparavel nas luctas anteriores ao 5 d'outubro, a quem a Republica tanto deve, pois por ella trabalhou incansavelmente, não se poupando, antes sempre na brecha, na primeira fila, dos seus indomaveis combatentes, correndo aqui e alli, lu-

quando encarnadamente contra esse crapuloso regimen fallido, ora escrevendo, ora fallando em comicios publicos, onde a sua palavra arrebatadora e suggestiva era ouvida com manifesta sympathia e agrado, consumindo pela causa democratica a saude, o producto do seu trabalho honesto, arriscando sempre que foi preciso a sua vida e a sua liberdade, por esse bello ideal...

A sua politica depois d'essa brilhante data de 5 d'outubro, tem sido branda, condescendente e tolerante em extremo.

Com ella muita e muita vez não concordamos, o seu modo politico de pensar não se identifica com o nosso, a maioria dos homens que o rodeia não nos são sympathicos, vimol-os ficar na hora do perigo ou juntos da familia, ou longe da Patria, a titulo de cuidarem da sua educação... emfim não o acompanhámos na sua facção politica, mas por isso não deixamos de o apreciar, de ter por elle toda a consideração pelo seu bello caracter, porque o sabemos um verdadeiro homem de bem, e isto são motivos de sobra para que embora lastimando sinceramente o caminho errado que tem seguido, não possamos concordar com a maneira hostil como o povo de Lisboa se houve com esse grande democrata que se chama Antonio José d'Almeida.

A HESPAÑHA

A conducta que a nossa visinha tem seguido a nosso respeito, levamos a perguntar o que será feito d'esse tão fallado cavalheirismo do povo hespanhol.

E' evidente que o proceder da Hespanha para com esses traidores que sob a eua protecção se têm organizado militarmente, armado e exercitado no seu territorio, ultrapassou, de ha muito, tudo quanto ao amor pela humanidade se pode attribuir. Não a Hespanha tem seguido um caminho mais do que criminoso, porque é vil, porque nos tenta ferir de embuscada, acalentando á sombra da sua bandeira essa horda de scelerados, cujo chefe é esse novo rei da Serra Morena, que ella perfilhou.

E, assim, a Hespanha tem quebrado todos os laços de amizade que a prendiam ao Povo Portuguez, tem ultrapassado todas as regras que á neutralidade lhe impunha, tem rasgado todos os pergaminhos honrados que possuia; e hoje, nós Portuguezes, não sabemos que mais admirar, se o seu acto de desfaçatez reconhecendo a nossa Republica, se o canto que dá aquelles que tentam feri-la.

Olhando para a historia, nós vemos, desde que começou a esboçar-se a nossa nacionalidade, a Hespanha como nossa inimiga, porque os nossos antepassados quizeram e soberam fazer uma nação só para elles e para nós; mas vemo-la sempre terçando armas lealmente com Portugal, no campo da batalha, no campo da honra.

Desde Guimarães e por essas jornadas gloriosas de Atoleiros, Aljubarrota, Valverde, Linhas d'Elvas e Montes Claros, em que o hespanhol ficou sabendo quão rija é a tempera das nossas armas e quanto amor não sentimos por este rincão entalado entre ella e o Oceano, que nos temos encontrado quasi sempre em numero bem desigual, mas sempre honradamente, altivamente, de parte a parte.

Hoje já assim não succede e nós temos de supôr que esse cavalheirismo todo começou a agonisar em Cuba e Filipinas e hoje deu o seu ultimo suspiro em Marrocos; e que assim foi transformado nesse bando de carteiristas que para Portugal exporta e nesses alcaides que, a troco de umas centenas de pesetas, desrespeitam as ordens de Canalejas, se este lhes tem dado, como tem declarado.

Nós não desejamos que a Hespanha prenda o bando de Paiva Couceiro; nós só pretendemos que lhes não dê essa hospitalidade criminosa, deixando os deslizar ao longo da nossa fronteira como bandidos; nós só queremos que elles não tenham esse territorio como refugio e que nós deixe liquidar essa *marcha triumphal* que através do nosso paiz tentam ou tentavam executar.

Só isto queremos, Hespanha, e só isto é que nós esperavamos d'esse vosso lendario cavalheirismo.

Mas, Hespanha de Maura e de La Cierva, Portugal ha de sair da situação melindrosa em que se encontra, porque assim o quer o povo portuguez, e vós bem sabeis que quando este povo quer, consegue; que só devido a traições é que aqui reinastes; que nós ainda hoje possuímos as colonias que os nossos antepassados nos legaram e que as vossas vos abandonaram, nessas hecatombes de Cuba e Filipinas.

Hespanha monarchica e fradesca, não olheis só para o mappa da peninsula Iberica, porque nelle tendes visto e haveis de continuar vendo esta nesga de terra que nunca foi maior. Lêde a vossa historia, lêde a nossa, lêde a do universo e n'ella, então, vereis feitos, que não vos deslumbrarão, porque muitos d'elles convosco foram passados, d'outros sae testemunha e d'aquelles que até os povos menos civilizados conhecem, não podeis alegar ignorancia. Mas lêde sempre, para avivar esses escandecidos cerebros, que os marroquinos desorientam e que em muitos dos vossos filhos tão parcos são.

Meditae, tambem, sobre a historia contemporanea e n'ella vereis que o Povo Portuguez, por mais reis que queiram dar-lhe, elle tudo repudia, porque só quer a sua liberdade e que por Ella, repare bem Hespanha, que já hoje não sabeis governar em todas as nossas provincias, o Povo Portuguez derramará a ultima gota do seu sangue.

Elvas, 18 d'outubro de 1911.

Manuel Antonio Vieira

1.º sargento do grupo de metralhadoras 4

Presado director de *A Voz do Sargento*

Um dos meus ultimos artigos publicados na *Voz*, aquelle que tem por titulo *União*, traz um lamentavel engano typographico, o qual me apressa a rectificar, recommendando ao meu amigo e á imprensa onde imprime o nosso intemerato jornal, um bocadinho mais de vigilancia sobre o trabalho de composição.

Assim o mencionado artigo, num dos seus periodos, diz querer eu que se approvasse tudo o que pudesse trazer prejuizo á Republica e aos interesses collectivos do Povo, quando eu queria dizer que se regeitasse tudo o que pudesse trazer prejuizo á Republica e aos interesses collectivos do Povo e se approvasse o que de bom se fizesse.

E' claro que isto traduzia uma coisa muito contraria a interpretação que lhe dei, e se tornava um dispa-

rate terrivel, que os leitores da *Voz* já deviam, como devem, ter feito a justiça de o julgar um engano.

Ainda no fim do referido artigo, onde se lê: homogeneidade de acção seria abusar da ordem natural das coisas, deve ler-se: seria aberrar da ordem natural das coisas.

Agradecendo a publicação d'esta, confesso-me muito grato e humilde servidor.

Accacio Serra

PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'*A Voz do Sargento*, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a impotancia das suas assignaturas.

Recebemos e muito agradecemos a importancia da assignatura de um semestre, dos srs.: Roberto de Figueiredo, 1.º sargento, José Antonio Vieira d'Azevedo e José Antonio Candido d'Oliveira, 2.º sargentos, todos do D. R. n.º 8, Braga; José Rodrigues Gaspar, alferes d'infantaria 14; Joaquim Paes de Souza, chefe da estação de caminho de ferro da Cerdeira, Beira Alta; José Maria Varella, 1.º sargento d'infantaria 33, Lagos; João Ribeiro Guimarães, 2.º sargento d'infantaria e Francisco Gonçalves, 2.º sargento d'artilleria, ambos de Mosmedes; Francisco Duarte Rio Correia, 2.º sargento d'infantaria 33, Lagos; e de um trimestre do sr. José Soares Cardoso, correeiro d'infantaria 23.

O naufragio do "S. Rafael,"

Desde hontem á tarde nos achavamos possuidos da maior anciedade, em virtude da laconica noticia, que nos havia sido dada que o *S. Gabriel* estava enalhado no norte, irremediavelmente perdido e, a sua tripulação sendo salva com muita difficuldades, receando-se muito pela vida d'esse punhado de portuguezes no cumprimento do dever ali se encontrava.

Hóras horriveis passámos até que recebemos os jornaes de hoje e se temos a lamentar a perda não do *S. Gabriel* mas sim do *S. Rafael*, d'esse bello navio, com honrosas e gloriosas tradições, tivemos ao menos a consoladora noticia de vermos que felizmente as perdas pessoas são pequenas, de vermos que a valentia e a serenidade nas horas de perigo, são ainda qualidades nunca desmentidas do marinheiro portuguez, não podendo deixar de saudar

esse grupo de valentes, especializando o primeiro cabo artilheiro Gilberto da Silva, esse heroe que nos acaba de dar tão grande exemplo d'amor patrio e provar a todo o mundo quanto a Republica Portuguesa é querida pelos seus soldados.

Batalhão Nacional Republicano de Coimbra

A commissão administrativa d'este batalhão, em sua sessão de 17 do corrente, á qual compareceram todos os seus instructores, resolveu:

— Eliminar, por excesso de faltas, os alistados:

Da 1.ª companhia, n.ºs 1, 3, 5, 13, 15, 20, 24, 30, 33, 36, 37, 38, 42, 45, 52, 53, 58, 63, 69, 73, 79, 85, 91, 97, 101, 114, 115, 117, 123, 126, 127, 130, 132, 133, 137, 139 e 140.

Da 2.ª companhia, n.ºs 5, 8, 16, 19, 20, 21, 25, 33, 54, 64, 65, 76, 85, 86, 90, 129, 132, 133, 136 e os alistados sem numero, Almicar de Brito e Luiz da Matta Dias;

e por motivo disciplinar os n.ºs 99 da 2.ª companhia e 19 da 3.ª

Os alistados poderão reclamar no prazo de 15 dias, a contar da data da sessão, devendo dirigir-se para esse fim, e por escripto, ao commandante do batalhão.

— Elaborar as segntines disposições, que entrarão desde já em vigor:

1.ª — Em todos os exercicios que se realizarem, não será permitido a qualquer alistado ausentar-se do perimetro onde o mesmo exercicio se effectue a não ser por motivo devidamente comprovado.

2.ª — O alistado que faltar a qualquer exercicio e que não justifique a falta, será reprehendido na presença da companhia a que o delinquente pertença.

3.ª — Duas faltas não justificadas importam a eliminação.

4.ª — Só serão attendidas as faltas devidamente justificadas.

5.ª — As justificações devem ser entregues ao secretario da commissão no prazo de tres dias a contar da data em que teve lugar o exercicio.

Esteve em Sevilha uma commissão de officiaes do nosso exercito que adquiriu 500 cavallos para a nossa cavallaria, encarregando, antes de retirar, os correctores de comprarem todos os cavallos com as mesmas condições d'aquelles.



PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata-se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. — Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.



A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferencia celebrada na noite de 18 de Outubro de 1903 no Temp. Grande «José Estevam» do G. M. Luz. U. Sup. Cons. da M. Portuguesa.

(CONTINUAÇÃO)

Interrogatorio que acompanha a carta n.º 4, acima.

1.ª Se na companhia de Gomes Freire vós tendes ouvido falar do estado actual de Portugal?

2.ª Se elle vos tem feito observações sobre a maneira porque foi recebido ou visto pelo povo?

3.ª Se por acaso teres tido occasião, em publico, de ter visto ou observado alguma coisa a este respeito?

4.ª Se vós o teres ouvido falar ou dar a sua opinião sobre os negócios publicos, do governo ou dos governadores?

5.ª Se vós o teres ouvido durante este ultimo anno até ao presente, falar da possibilidade de uma insurreição ou levantamento do povo, ou geralmente, ou notavelmente algum dia em particular?

6.ª Se elle vos terá directa ou indirectamente convidado ou proposto de entrar, ou se vos tem pedido vossa opinião ou qualquer parte vós tomarieis na certeza de haver um tal levantamento?

7.ª Se vós lhe teres alguma vez ouvido falar d'estes papeis periodicos dominados «Correio Braziliense», «Portuguez» ou outros, publicados fóra d'estes reinos, e como elle se explicava em particular de cada um d'estes?

8.ª Que pessoas tendes vós visto mais na sua intimidade e companhia, particularmente os que frequentam a sua casa?

9.ª Se sabeis d'elle ou por outro qualquer canal, que Gomes Freire, recebia cartas de Hespanha, ou por via de Hespanha de algum outro paiz?

10.ª Se vós teres sido informado que elle tenha recebido cartas ou tenha communicações com Inglaterra, e se vós sabeis o canal por onde tem vindo estas cartas, e quem tem sido o partador ou portadores, ou de que maneira lhe chegaram á mão?

11.ª Se lhe tendes ouvido fallar ou dar opinião, e desenvolver seus sentimentos, sobre o governo monarchico, republicano, ou fazer comparação entre elles?

Como vêdes toda a preocupação de Beresford estava unicamente concentrada na pessoa de Gomes Freire contra quem queria subtilmente arranjar provas que o incriminassem?

Vêde, porém a sua audacia nesta outra carta dirigida a D. Miguel Pereira Forjaz em 22 de junho de 1817:

Ill.º Ex.º Sr. Acabo de receber a nota de v. ex.ª e em resposta devo informá-lo de que Pedro Pinto tem já todos os papeis para apresentar amanhã á hora indicada ao intendente geral de policia, tendo-o chamado hontem para este effeito e tendo-o prevenido para se conformar em tudo ou módo ou fórma de dar o seu testemunho, no que o intendente geral de policia indicar como melhor sabedor das fórmas do que nós.

V. ex.ª pôde assim communicar a s. ex.ª o intendente geral.

Tenho a honra de ser de v. ex.ª muito humilde servo.

(a) Marquez de Campo Maior.

É necessario coragem meus RR. e PP.: II. para recordar estes factos; e se vos sobresalto o espirito com acontecimentos da nossa historia Patria, é porque commemorando o passamento tragico do nosso idolo, martyr da Patria, cumpro um dever indeclinavel offerecendo vos uma pagina negra e amarga amostra do ultimo periodo do regimen absoluto em Portugal, e para que considereis a historia a melhor lição para as sociedades e nações pequenas como a nossa!

Para julgardes tambem de outro personagem governador da regencia do reino, que foi ajudante de campo do general João Forbes, inimigo de Gomes Freire, basta lêr-vos esta carta escripta na tarde do dia em que ainda fumegavam as cizas de Gomes Freire d'Andrade!...

Carta de D. Miguel Pereira Forjaz de 18 de Outubro de 1817, ás 3 horas da tarde, dirigida ao intendente geral de policia:

Ill.º sr. Restituo o papel que intenta publicar na «Gazeta de 2.ª feira», e que pareceu muito bem, tendo-se-lhe porém cortado o que vae apontado no principio e emendado um erro que se observa na pena imposta ao que vae expulso, que creio é o Barão d'Ebem; — ainda agora é que consta que foi o primeiro caderno da sentença para a imprensa mas assim mesmo é natural que amanhã esteja impressa — é verdade que a execução se prolongará pela noite, mas felizmente ha luar e parece-me tudo tão sosegado que espero não cause prejuizo algum. — Será bom que v. ex.ª me communique o que se passar!

Sou de v. s.ª muito attento e fiel captivo.

(a) D. Miguel Pereira Forjaz, Palacio do governo, 18 de Outubro de 1817, ás 3 horas da tarde.

Num corpo de fórmas humanas não é possivel reunir mais cynismo e ferocidade!

Calo-me quanto ao quadro de torturas soffridas por Gomes Freire durante a sua prisão!

Já conheceis a sentença de morte; agora muito P.: I.: Ven.: Mest.: é chegada a occasião de mandardes pôr á Ord.: os nossos I. R.: para ouvirem lêr a ultima vontade do Sap.: G.: da Mac.: Gomes Freire d'Andrade:

Ultima carta

de Gomes Freire dirigida a seu primo Antonio de Souza Falcão, de 16 de Outubro de 1817:

No caso que se não attenda aos embargos, então peço-te que o letrado faça um requerimento em meu nome, para que em vez de me enforcarem, me fuzilem. Quero a morte de soldado. Peço-te que ponhas nisto toda a officia possivel, que é a ultima vontade que te pedo um amigo verdadeiro com o ultimo adeus.

(a) Gomes Freire.

Gomes Freire foi enforcado na parada da Fortaleza de S. Julião da Barra...

Em 1847 morreu um frade Jeronymo, — Frei Diogo de Mello e Menezes, veneravel ancião que foi chamado a confessar Gomes Freire na vespera da execução. Este evitava sempre com o maior cuidado que se fallasse no penitente de 1817; mas quando era obrigado pela conversa, erguendo os olhos e as mãos ao ceu, exclamava entre lagrimas:

Se ha santos, Gomes Freire é um d'elles...

(Continua.)

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

DROGARIA VILLAÇA
COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Férregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

Queijo fino da serra na
Mercearia Lusitana

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O melhor enchido de Portalegre
Na casa Gaitto & Cannas

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

PREÇOS MODICOS

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 réis
Ultramár, semestre - 600 réis
Numero avulso, 30 réis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Quanto maior fôr o progresso da civilisação, das sciencias, das artes, da riqueza publica de um povo tem mais que perder na eventualidade de uma guerra, mais tem que pensar na sua preparação para a lucta.

Em geral, uma civilisação floresente anda associada a um alto valor militar.

E' pois natural que as nações civilisadas aperfeioem cada vez mais a sua organisação militar, de forma a pôr em jogo quando precisem, da totalidade das suas forças.

Todos os projectos de desarmamento tem por origem o desconhecimento da lei que preside ao agrupamento ethnologico dos povos e que rege por consequencia a sua vida politica.

Em virtude da comunidade de interesses que une hoje todos os povos, estão elles sujeitos a conflictos, independentemente da sua propria vontade e das suas disposições pacificas.

Somente as nações devidamente preparadas para defender a sua integridade pelas armas, gosam d'uma verdadeira segurança.

O problema a resolver consiste portanto, em unir intimamente a vida militar com a vida nacional, tornando o serviço nas fileiras, pessoal e obrigatorio.

Na organisação do exercito accitou a commissão o principio da *nação armada*.

E' evidentemente a formula que mais convém aos paizes pequenos e de fracos recursos, a que melhor satisfaz e adapta ás nossas necessidades, a que mais se coaduna com os principios democraticos.

Um exercito moderno deve ser constituído por todas as forças vivas da nação, perfeitamente instruidas na sciencia da guerra, e de tal forma organisadas, que em poucos dias possam passar dos reduzidos effectivos de paz aos collossaes effectivos de guerra.

A constituição militar dos povos, não depende somente do seu estado social.

As condições geographicas como na Inglaterra, ou politicas como nos Estados Unidos e ainda a organisação militar das potencias visinhas, influem consideravelmente na organisação militar d'uma nação.

Já vimos que não podemos moldar a nossa organisação militar nos principios de organisação militar suissa, sem que primeiramente se transforme e adapte ao nosso meio.

A nossa organisação tem que se basear nos principios geraes defendidos na these relatada pela *Revista Militar* no Congresso Nacional de 1910, da qual transcrevemos os seguintes periodos:

«Não será tambem a adopção do puro systema miliciano, aliás de beneficos resultados já exuberantemente comprovados na Suissa e Noruega que, praticamente e no estado actual de educação civica do nosso meio social, nos garantirá attingir o objectivo a que visamos. E' sem duvida num processo intermedio que teremos de procurar a solução rapida do problema.»

Um exercito, cuja organisação assente no basililar principio da nação armada, exige necessariamente um enquadramento forte para a enorme massa geral do exercito, de forma a tornal-o tão forte quanto lhe permita a sua população e riqueza nacionaes.

Ninguem poderá discordar d'este principio que é essencial para se reconhecer algum valor num exercito miliciano.

Parece-nos que a commissão não attendeu muito a este principio, e por isso resultaram tão fracos alguns quadros permanentes, que nunca poderão garantir o enquadramento da grande massa de tropas milicianas, carecendo portanto da indispensavel cohesão, para ser considerado um exercito forte e á altura da sua elevada missão.

A fraqueza de alguns quadros permanentes parece-nos um erro grave e o principal de toda a organisação, pois que se confiou demasiado nos quadros milicianos, que nunca poderão satisfazer ás multiplas necessidades do exercito, como esperava a commissão.

(Continua.)

Directorio do Partido Republicano

A existencia do Directorio do Partido Republicano justificava-se antes da alvorada redemptora de 5 d'outubro de 1910, porque sendo esse partido não do governo da Nação, mas um partido de combate, de verdadeira lucta, de lucta sem treguas, contra um regimen carcomido, repleto de parasitas, necessario era recrutar patriotas para esmagar essa bicharia, para orientar a lucta, para fazer e guiar a maneira como devia ser feita a verdadeira propaganda dos ideaes democraticos, para resolver alvitres e questões apresentadas para tratar de angariar elementos indispensaveis para o golpe decisivo, para guiar esse movimento, assumindo a sua direcção.

Depois d'esse memoravel dia 5 d'outubro, não se justifica, não se comprehende no nosso modo de ver, a existencia de tal directorio!

Depois d'essa immorredoura data, o Partido Republicano, não é um partido de combate, é o partido militante, é o Governo da Nação, e ao lado d'elle estarão todos os bons patriotas, todos os bons portuguezes, enquanto esse partido fôr um partido d'ordem, trabalho e honestidade, enquanto os interesses do paiz estiverem acima dos interesses politicos, dos interesses do compadrio, enquanto for um regimen de correcta e incontestavel moralidade.

A existencia d'esse Directorio, é a nosso ver, uma violencia, é por assim dizer um estado dentro do proprio estado, é usurpar attribuições que estão confiadas ao chefe do Paiz, ao governo da Nação, ao parlamento, porque repetimos é assim que vemos, embora possamos ver mal, mas a estas e só a estas identidades, cumpre orientar, regular a marcha e conducta do Partido Republicano, que é o partido governamental, que é o partido do Paiz.

E se nós pensamos mal, que nos indiquem os serviços prestados por esse directorio á causa democratica, após 5 d'outubro?

Nós não encontramos um unico serviço util; pelo menos não os conhecemos! O que vemos é o Directorio que até ali fazia propaganda

dos seus ideaes, que até ali respeitava a vontade dos verdadeiros Republicanos, por os de parte, não pensando mais em propagandas, procurando impôr se não pelo direito, mas sim pela força e pela violencia, impondo aos diferentes circulos, deputados que não representavam a vontade do Povo, que não eram da escolha d'este, com manifesto desprezo por velhos e sinceros republicanos, porque a outrance era necessario proteger A em beneficio de B, não vacillando nos meios para conseguir os fins, não se importando (e quem sabe se aconselhando) a comprovada galopinagem que se fez nas ultimas eleições, a favor dos deputados impostos pelo Directorio, esquecendo assim a imparcialidade que lhe cumpria e devia pelo menos observar por moralidade, porque ao Povo e só ao Povo cumpre escolher os seus representantes, e estes na tribuna popular apresentarão ás suas ideias, e só por este meio e não galopinando infamemente, garantirão da sua candidatura.

Foi isto que não se fez, e não se fez porque o Directorio, se não approvou pelo menos, não evitou que se fizesse e é desde então que o partido republicano está dividido com manifesto prejuizo do bom nome do partido, com manifesto prejuizo da Nação e dos interesses geraes.

Coimbra, 25 - 10 - 1911.

Breves considerações

Em boa analyse, eu não sei bem como classificar e a que attribuir a critica mordaz que se desencadeou da parte d'alguns individuos a respeito da reforma orthographica.

Pois se eu vejo, como deve ver toda a gente de raciocinio, que essa reforma se dispôs a acabar com o verdadeiro labyrintho que complicava extraordinariamente a linguagem escrita e dificultava sobremaneira a sua aprendizagem; se vejo que nenhuma razão tinham de existir superfluidades que nada significavam a mais do que o respeito pela tradição, mas por uma tradição de significado nullo; se vejo a necessidade de modificar os costumes sociaes, tornando a vida cada vez mais pratica e racional em todos os seus aspectos, encarar com caturrices que estão numa opposição manifesta, é para se ficar perplexo, sem saber o que ajuizar. Afigura-se-me por vezes que esses polemicos são miguelistas. Só vivem bem dentro do que fôr absurdo e perfumados de essencia, fradesca.

Não contesto que a reforma esteja incompleta nem que esteja longe de ser perfeita; mas atendo ás cir

cunstanças que defendem estes dois laconismos. Fazê-la completa, seria exigir muito d'uma só vez e isso acarretaria por certo grandes embaraços para toda a gente; fazê-la perfeita, seria caminhar cem leguas á hora, velocidade que ainda não foi attingida n'esse espaço de tempo. E' que a perfeição ainda paira pelas regiões etereas e muito tarde poderá descer até este globo terraqueo que habitamos.

Contentêmo-nos pois com o pouco de util que essa reforma nos trouxe, e o melhor será em resposta a essa critica impertinente que a vem guerreando, cuspir-lhe o nosso desprezo enojado, enquanto pelo menos se lhe não descobrir uma causa legitima.

Visto que somos portuguezes, justo é que tenhamos um idioma nosso; e que os vocabulos embora derivados d'outras linguas, se escrevam e pronunciem portuguezmente. Fóra com os preconceitos que só servem para nos tolher os movimentos de avanço no caminho do Progresso!

J. A. Gomes.

FACCIOSISMO

A orientação seguida pelos membros do bloco causa em todos os bons republicanos uma profunda magua que baldadamente se pretende encobrir.

Era logica e natural a divisão do antigo partido republicano em correntes diversas de opinião. Mas o que não é logico, o que não é natural é que grupos unidos por inveja tentem amesquinhar, combater á outrance um homem eminente a quem o talento e a força de vontade denominaram primeiro estadista portuguez.

Não é logico nem natural que antigos arrebatadores do povo pela linguagem fluente, e matisada de ideias anarchistas, estejam hoje, renegando o seu passado e as crenças que diziam amar, no conservantismo mais declarado só por inveja da preeminencia d'alguem.

N'um comicio realizado em 1905, dizia um dos actuaes membros do bloco, de quem se esperava um apoio aos socialistas, que queria uma republica não estreita e mesquinha para um partido, mas ampla, nacional e humana onde coubessem todas as aspirações socialistas e onde possa até reflectir-se o estranho fulgor da esperanza anarchista.

E o povo corria n'esse tempo atraz d'esse orador, sedento d'essa voz que o prendia consagrando-lhe a maior das sympathias que pôde consagrar-se a um idolo.

Ah! que se o povo soubesse que esse apostolo socialista viria a ser o chefe d'um grupo conservador, tornando-se apostata das doutrinas que apregoava, ter-lhe-hia feito sentir a paga que o povo sabe dar áquelles que o enganam.

Como é triste vêr-se afundar lentamente no abysmo da exauctoração publica aquelle que um dia foi considerado como o primeiro apostolo da Liberdade.

E' bom frizar que nem todos os grupos do parlamento seguem ideias ou principios.

O bloco é a reunião de autoritarios a quem a sombra de Affonso Costa faz mal.

E' a reunião de mediocres unidos pela inveja que lhes causa o vulto correcto e austero do ex ministro da Justiça.

Ao vêr-se vencer o bloco poderá dizer-se que as ideias radicaes não têm apoio na maioria do Povo? Não.

O povo portuguez é amigo do progresso e da luz, aspira pela conquista das ideias modernas e na nossa terra nunca abundaram as sympathias pelos conservadores ou reaccionarios.

Mas infelizmente não foi o povo que escolheu os seus representantes.

Foi o directorio que sancionou como de verdadeiros republicanos as candidaturas de quem quiz, e o povo sincero e bom não pensando mesmo em conhecer os representantes que lhe deram, acreditou piamente nas boas intenções dos sancionadores e votou n'elles.

O resultado d'essa chapelada ignobil que enodou indelevelmente o directorio do famoso partido historico foi a força ficticia que actualmente o bloco possui nas côrtes, mas que desabarará indubitavelmente nas proximas eleições.

No entanto, embora esse mal não dure sempre, causa porém grandes transtornos na marcha da Republica e sobretudo na situação grave que atravessamos.

Os traidores da Patria voejam como milhafres ao redor da fronteira portugueza. A Nação dispende o seu sangue empobrecido para defender-se e o bloco... combate Affonso Costa!

Era necessario rigor para os traidores, era justo que elles indemnisassem a Nação das perdas que lhe causam, era urgente oppôr um dique a toda a propaganda monarchica e o bloco... combate Affonso Costa!

A opinião publica começa a exauctoral-os, aponta-lhe as futuras eleições como a sua morte inevitavel, e o bloco... combate Affonso Costa!

O povo já chama traidores aos blocards, unem-se pelas provincias grupos de patriotas que dão incondicionalmente o seu apoio ao grupo democratico protestando contra a orientação contraria e o bloco cegamente, estupidamente, combate Affonso Costa!

E' necessario estarem possuidos de monomania perseguidora para serem tão cegos que não vejam o seu caminhar vertiginosamente para a morte politica n'um ignobil lodçal de vergonha.

Este facto que actualmente se está passando no parlamento deve interessar a todos os portuguezes. E nós, sargentos, como filhos do povo, devemos precaver-nos para que nas futuras eleições demos o nosso apoio e o nosso voto unicamente ao candidato que de ante-mão seja conhecido pela sua orientação e ideias a fim de que a opinião de todos seja com verdade numericamente representada.

Na minha opinião individual o actual parlamento não é a exacta expressão numerica das differentes opiniões do paiz.

Montemór-o Velho, 22-10-911.

Carlos Victor.

A S. Ex.^a Ministro da Guerra pedimos para que mande elaborar os estatutos do Monte-pio para sargentos e equiparados, visto não haver

justificação para uma demora tamanha em pôr em execução a lei.

E' em nome dos predestinados a serem bafejados pela benefica acção do mesmo Monte-pio, e da justiça que assiste sempre a quem pede a execução d'uma lei, que formulamos o pedido supra.

ACTUALIDADES

A China, essa grande nação asiatica, governada até hoje pelo despotismo mais accentuado, pelo sistema autocratico, resolveu-se agora a saltar uma barreira gigantesca: do absolutismo á Liberdade ampla, da monarchia absoluta e despotica á Republica liberal e humana.

Se nos admiramos com este facto, com este passo que se propõe a dar o povo chinês, onde elle presentemente menos se esperava, dadas as suas condições pouco civilizadas e até a sua natural indolencia — se nos admiramos com este facto, elle não nos causa estupefacção, porque na analyse serena dos acontecimentos contemporaneos, nós vemos os povos despertarem ao som dos hymnos bellicos da revolta, contra a escravidão da humanidade.

Este esbracejar ruidoso das multidões contra as cadeias que as acorrentam esta convulsão latente do fraticidio entre irmãos de historia, uns compenetrados do seu Dever na terra, outros seguindo inconscientemente os preconceitos absurdos da ignorancia, representam o quê?

D'um lado, a deshumanidade brutal, a ambição, o desejo da grandeza, a iniquidade maldosa e a ignorancia dos que seguem fanatisados o bolôr da antiguidade.

E do outro? A ferocidade? a barbarie ancestral? a ignorancia? a phantasia? Não!

São symbolicas da Justiça, do Amor, da Fraternidade, dignificação e emancipação dos Povos.

Reside em seu seio a Liberdade — o coveiro do preconceito, o demolidor do poderio absurdo e injustificavel.

São rasoaveis, são justas! São suffocadas muitas vezes, sem duvida; mas que importa?!

Os que morrem na lucta pela Razão são, por assim dizer, o estímulo dos que sobrevivem: — a sua evocação enraiza mais fortemente na alma do sobrevivente a vehemencia no ideal, augmentado então pelo anhel de justa vingança.

Por isso os proselyptos da Razão não desanimam, mas antes pelo contrario, avançam cada vez mais, olhos fitos na sublimidade da sua crença, corações dispostos ao holocausto por Ella, braço prompto a empunhar a arma, mais tarde ou mais cedo vencedora.

Vencidos, espera-os a negridão das masmorras ou as balas homicidas dos vencedores.

Vencedores, abrem as portas á mais sublime benevolencia, ao perdão mais santo, e se uma ou outra excepção surge, como a execução de Luiz XVI, em França, é o impulsão gerado pelo cheiro em briagante da polvora, cujo fumo ainda se não desfez.

Caciaco.

Regressaram de Lisboa, onde tinham ao concurso para a administração militar, os nossos amigos Joaquim José Magro e José Augusto Gomes, 1.^o sargentos d'infantaria 23.

LITTERATURA

TRISTEZA...

Ao Albano Correia Napoles

No teu olhar doce e vago
Ha lampejos d'ironia,
Como no luar turvado
Por nuvens de ventania...

Se no altar da capella
Existe Nossa Senhora,
Tambem n'esse teu olhar
Existe a luz redemptora...

Existe na minha vida
Uma invisivel prisão,
Quem me detem n'est'abrigo
São laços d'um coração.

Deus fez a noite de tranças
Com geito t'as foi ronbar
E da luz dos olhos teus
A luz branca do luar.

Villa Verde, 27 de maio de 1910.

Eduardo Tudella.

CAMARADAS

Agora que preciso se torna, que todos nós sejamos umas sentinellas bem vigilantes, contra todos os manejos reaccionarios e thalassas; agora que todos nós temos occasião de bem provar á Nação inteira, que é a Republica que nós queremos, porque é d'ella que tudo ha a esperar, não só para a classe, como tambem para o Paiz, surgem alguns degenerados, que intitulado-se sargentos, conspiram contra as instituições, de quem tanto teem recebido, as mais inequivocas provas de consideração, o que jámais obtiveram da infamante monarchia.

Para os traidores que me venho referindo, e que são todos aquelles que não prezam a farda que vestem, nem a Patria que os viu nascer, para esses, eu vos peço que voteis o maior dos desprezos, porque são indignos de pertencer a uma tão illustre classe, que tanto tem trabalhado para o renascimento d'uma patria nova.

N'estas poucas e mal alinhavadas linhas, eu deixo a expressão sincera do meu sentir, que creio, seja a de todos os sargentos patriotas, e ao mesmo tempo grito bem alto, e com todas as forças da minha alma, no que espero ser secundado por todos os collegas dignos de o ser:

Viva a Republica!

Viva a Patria Livre!

Abaixo os nojentos traidores!

Extremoz — 1911.

Leandro Augusto Pires,

2.^o sargento de cavallaria 3.

ERRATA

Por ter sahido com uma syllaba a mais, se publica novamente o seguinte verso publicado no nosso numero 36:

Seguiram-se as algemas, os degredos,
E nas priziões, nos fortes, nos segredos
O misero crescia.

Amava com mais força o ideal
Nutrindo mais rancôr por todo o mal
Da velha monarchia.

O FILHINHO MORTO

(A UMA MÃE)

Levou-te o filho, surda á tua prece
A mesma Morte que a avesinha mata,
E ás arvores as flores arrebatada,
E ao Mar as suas ondas desvanecida.

Mas vêz tu: novo ninho a ave tece,
A arvore em novas flôres se desata,
E a cada onda que morre o Mar, a oblata
Duma outra onda, logo a Deus ofrece!

E se á tão inflexível lei da Morte,
São assim resignadas, desta sorte,
A ave e o Mar, e as arvores em flôr,
Sê-o igualmente tu, piedosa Mãe,
E lembra-te que a Morte é sempre um Bem
Porque é o porto da Vida — um Mar de Dôr!

JOAQUIM GOMES

A mulher portuguesa

Quanto eu lamento a mulher portuguesa pela sua condenável propensão para o artificial, terrível epidemia de que sofre uma grande parte do elemento feminino, desde a mulher medianamente cultivada até á que vive na aristocracia!

Além d'estas, apparecem ainda aquélas que negociam com a sua probidade, e que por espirito de imitação e com mais um pouco de razão a seu lado, procuram seduzir os homens.

E' vê-las, umas e outras, enpaquetadas com todo o seu donaire, caminhando pelas ruas da cidade, ferindo-nos o ouvido com o ritmo monotónico do ruído do vestuário, evaporando essências, caracterizadas, e recheadas de postigos como qualquer manequim d'uma casa de modas.

E acha a mulher portuguesa que só assim parece bem e pode ser requestrada. Terá motivo. O homem quasi vai pela mesma desnortheação, e não ha duvida que se apaixonou mais depressa com o fulgor da mentira do que com a singelêza da verdade.

Mas a mulher tem uma condição especial a satisfazer na vida e essa condição é a de mostrar que possui honestidade. Ora a vaidade exibida de modo tão grotesco e repugnante compromette um tanto a honestidade.

A mulher precisa de facto, duma certa plasticidade que a torne agradável, sem que contudo essa plasticidade seja levada até ao exagero duma verdadeira farça.

Agradar per fas et nefas é o rotulo da droga.

A proposito:

Tive occasião de notar em alguns dias que estive em Lisboa, que a mulher inglêza, que algumas por lá existem, tem sobre este caso um outro criterio muito mais elevado do que a mulher portuguesa.

Veste com extrema simplicidade e sem enfeites.

Toda ella é naturalidade, o que lhe dá uma graça propria de tudo que é bello.

Desejava ver assim a mulher portuguesa.

Escusam de me chamar anti-feminista, que o não sou, até certo ponto. Chamem-me antes um adversario de ruins figadões, de tudo quanto está fora da demarcação razoavel das

coisas, sobretudo quando as questões a debater estejam, como esta fora de toda a moral e civismo.

J. A. Gomes

AINDA ME RECORDO

Como é poetica e bella a quadra da Infancia!

N'esta primavera da vida, como hoje que completo 29 primaveras, tudo que me cerca são flôres e perfumes e tudo o que vejo me falla e sorri.

Sim, tudo me sorri, apesar de alguns miseraveis villões de varias classes tentarem desharmonisar a minha vida e chegarem mesmo a convencerem-se que me causam tortura!

Unicamente me limito a adoptar para com elles o seguinte systema: Despreso e despreso!

Nos campos viçosos e floridos procuro o recreio que é para mim enexplicavel porque a vegetação e o gorgoio das avesinhas seduzem-me.

A tempestade que passa bramindo na voz do trovão, faz-me estremecer e recordar as caricias que me fazia a minha Santa Mãe quando, em creança, me assustava por tal motivo.

Tempos, tempos!

Não ha nada que se compare com o quadro da infancia.

Que lindos folguedos!

Ainda me recordo e nunca mais me esquecerei!...

Que profunda saudade me persegue constantemente d'esses tempos que já não voltam!

Lembra-me sempre os bellos dias que passei quando creança, estremeço e choro sósinho com sublime sentimento. Gosto de chorar e desabafar, porque quando se chora é porque o coração está vivo; é porque recordo sempre quem me deu o ser, que falleceu em setembro de 1901 — a minha sempre saudosa mãe que fez muita falta a toda familia!

Minha saudosa infancia!

Nasci na cidade de Guimarães, não digo em que rua. Foi n'um cantinho... Para que heide dizel-o? Actualmente, na casa onde nasci, moram pessoas estranhas que nunca poderão apreciar nem comprehender a educação, o encanto e a civilização que sempre houve n'essa pequena casa em que vi pela primeira vez a luz.

E quem sabe se esses habitantes escarnecerão em bôdas, jogatinas, etc., aquelles que me deram o ser, enfim os meus entes mais queridos que alli moraram?

Talvez assim não aconteça porque os cidadãos de Guimarães são prudentes e sensatos.

Por isso convençam-se todos aquelles que julgam me causam tortura com perseguições, (são elles os thalassas republicanos mascarados e camaliões, de varias classes, que não gostam que eu seja um militar liberal e republicano sincero), mas que nunca conseguirão alvejar-me, (porque do contrario, ai d'elles!...) porque para mim a vida é alegria e não espinhos, muito especialmente em todas as vezes que me recordo dos tempos que já não voltam e que espero em breve lembrar em Guimarães com a familia e companheiros de infancia.

Viva a Liberdade!

Mossamedes, 20 de setembro de 1911.

João Ribeiro Gonçalves,

2.º sargento d'infanteria.

A Cesar Augusto Bello

Foi em 11 d'outubro, pela tarde. Sem nos participar, talvez para não nos commover, lá hiam num carro do campo caminho da estação.

O sol ainda hia alto, mas enfraquecido já dava á aldeia um tom de tristeza.

A hora do comboio aproximava-se. Ao longe distinguia-se um vulto negro, pela estrada fóra, que, ao aproximar-se, reconhecemos ser da creadita da illustre familia do nosso amigo, transportando alguns artigos de viagem.

Foi então que soubemos que o nosso bom amigo e infatigavel companheiro hia partir naquella tarde d'outomno melancolica e sombria.

Chegámos por fim á estação; lá estava já espalhada, aqui uma mala, além um sacco, que os empregados pezavam e rotulavam á pressa.

Ficámos, confesso-o, bastante impressionados, um por cada canto, cabisbaixos.

Por um d'estes sentimentos que se não podem explicar, na noite da vespera parecia que um desgosto pairava sobre nós, todos estavamos tristes, era um sentimento mau.

— O sr. Bello, diziamos, não vem hoje até nós.

O que irá por lá?!

E lá estavamos no «Centro Selecto» á espera do sr. Bello para a costumada cavaqueira, e elle sem chegar.

Retirámos nos por isso um pouco mais cedo para nossas casas.

Eu, como uma creança, junto d'aquella figura singular d'homem de bem, tinha sempre no coração o sentimento pelos bons velhotes, pois que eu lhe lia no rosto de nobre personagem aristocratico, toda a sua bondade para comigo.

Dois dias e duas noites se passaram tristes, sombrios para nós, ao recordarmos-nos d'aquella vulto de gigante.

Ao olharmos para a sua alta residencia, onde o viamos todas as manhãs, de cigarro ao canto da bocca, a gosar o fresco e a contemplar o sol a levantar-se no Oriente, sentimos uma tristeza invadir-nos o coração.

E o que não ha que dizer de sua familia?

Todos tão bons, tão agradáveis; parece que ainda a vemos estender as mãos rosadas ás mãos calosas dos lavradores ao despedirem-se na estação...

Depois um silvo do comboio e eil-o numa carreira doida sobre os carris d'aço negro fugindo com os nossos amigos que nos estendiam os braços agitando lenços a despedir-se de nós.

Nem já se ouve aquelle cantico celeste acompanhado pelo piano dedilhado por uma das mais gentis deusas de belleza. Olhamos para lá, tudo fechado, tudo silencioso!

E assim, em noites luarentas, lá vamos pela estrada fóra recordando-nos com saudade d'aquelles momentos de conversa agradável e instructiva que tinhamos com o sr. Bello.

— Em breve voltarei, dissera elle, ao abalar fugitivamente no comboio...

A noite começava a perceber-se nos montes, e por sobre os telhados humidos espelhavam-se já as pallidas claridades da lua.

Partira o sr. Bello, com sua familia, legando nos para sempre uma profunda saudade que nos leva a registrar uma inolvidavel impressão da sua partida inesperada.

— Boa viagem, foi o que entre um aperto de mão podemos pronunciar a ultima vez que nos vimos.

Villa Verde, outubro de 1911.

EDUARDO F. TUDELLA.

PLACARD

Afim de podermos pôr em ordem as cintas d'A Voz do Sargento, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos indicarem as suas novas residencias.

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos com a nota «avisado e não veio pagar», pedimos a todos os nossos assignantes, a quem não foram presentes os respectivos recibos de cobrança, a fineza de nos enviarem em vale de correio ou em estampilhas a impotancia das suas assignaturas.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

ESCOLA NORMAL

Accitam-se alumnas internas em casa particular.

Bom tratamento e seriedade.

Preço modico

Para esclarecimentos: — Merceria da Estrella — Coimbra.

POSTAES ILLUSTRADOS — O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophia, Coimbra.

A conspiração de 1817 contra a vida do general Gomes Freire d'Andrade

Transcrição da conferência celebrada na noite de 18 de Outubro de 1903 no Temp. Grande «José Estevam» do G. Or. Luz. U. Sup. Cons. da M. Portuguesa.

(CONCLUSÃO)

Entremos agora no último acto d'este trágico drama.

As Côrtes extraordinárias da Nação Portuguesa, depois da revolução de 24 de agosto de 1820, concederam revista dos processos instaurados aos conspiradores de 1717.

A sentença da revista de 20 de maio de 1822 termina assim as suas conclusões:

«Reunindo a vehemencia d'estas ponderações com a demonstração positiva da nullidade manifestã e injusta notoria que viciam o julgado aqui revisto, torna-se incontroversa a revogação das sentenças ex-fol. 157, e as que a confirmaram, com a restituição dos direitos dos interessados em tudo o que pôde caber nas funções.

«Portanto, se o mais do processo, e o direito constituído na legislação Patria e especialmente estabelecido para a decisão das causas de revista, qual a de que se trata, julgam nullas e injustas as sentenças ex-fol. 157 v.º, e as que as confirmaram: e revogam as ditas sentenças em todos os seus efeitos susceptíveis de variação; declaram os reus que ainda existem, e os parentes dos que se finaram, restituídos á sua dignidade, curia, prerogativas, honras, bens e direitos; declaram que não incorreram em nota ou infamia alguma; absolvem sua memoria; mandam que os seus direitos e bens sejam restituídos, relaxando-se quaesquer sequestros ou embargos, passando-se para tudo o referido as ordens necessarias; e as custas sejam pagas pela maneira que foi provida no aviso de fl. 262. — Lisboa, 22 de maio de 1822.

«Gomes de Carvalho — Teixeira Homem — Ferrão — Pereira — Dr. Correia — Calheiros — Amaral — Felgueiras — Xavier da Silva — Cabral — Osorio.

«Macedo, como vencido quanto ao direito salvo contra os denunciantes e ajudantes da policia, pelo dolo e calumnia.

«Godinho, vencido quanto á omisão do direito salvo.

«Fui presente, Coutinho.»

Como vêdes foram quatorze os juizes que assignaram a sentença da revista e que declararam injustas e nullas as sentenças lavradas pelos assassinos de Gomes Freire de Andrade e qualificadas de dolosas e calumniosas as peças do processo fabricadas pelos denunciantes e ajudantes da policia ao serviço de Beresford e de D. Miguel Pereira Forjaz!

EPILOGO.

Representação dos Governadores da Regencia do Reino a D. João VI, em 24 de dezembro de 1817:

«Levamos á Soberana Presença de V. M. o requerimento junto, em que Joaquim Antonio Cabral, escripto do erime do Bairro do Limoeiro,

empregado da Intendencia Geral da Policia com o ordenado de 400000 réis, pede pelos seus serviços n'esta repartição e principalmente no processo da devassa contra os conspiradores de que foi escripto, que por seu fallecimento se contribua com a metade do dito ordenado a sua mulher D. Catharina Candida Cabral e filhas, D. Anna Rita Theodora de Sousa Cabral, D. Maria Balbina de Sousa Cabral com sobrevivencia de umas para as outras.

«O bom serviço, honra, zelo, desinteresse e mais qualidades d'este benemerito official, abonadas pelo Intendente Geral de Policia (1) na informação tambem junta, o fazem muito digno de toda a contemplação.»

N'esta mesma informação recommenda, o referido Intendente, novamente os dois desembargadores do Porto, seus ajudantes:

«João Gaudencio Torres e José Vicente Caldeira de Casal Ribeiro, para serem promovidos á Casa da Supplicação; juntando copia do § que lhe diz respeito na informação sobre a devassa dos conspiradores, que foi presente a Vossa Magestade com a conta n.º 490. O que pômos na Augusta Presença de Vossa Magestade para que venha com elles contemplação, que do Seu Real Agrado Houver por bem do Seu Real Serviço. Marquez de Borba — Ricardo Raymundo Nogueira — Alexandre José Ferreira Castello.»

Premios — O Escrição do Intendente Geral da Policia, Joaquim Antonio Cabral recebeu uma capella de pensão e dois accessos passando para a Casa da Supplicação de Lisboa!

O desembargador, ajudante do Intendente Geral de Policia — João Gaudencio Torres, recebeu a Comenda da Ordem de Christo.

O desembargador, ajudante do Intendente Geral da Policia, José Vicente Caldeira de Casal Ribeiro, recebeu um habito de Christo para seu filho mais velho... não tendo filhos!

O Juiz da Inconfidencia, Antonio Gomes Ribeiro, recebeu para seu filho a Comenda de Gomes Freire de Andrade!!!

O Intendente Geral de Policia, João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães recebeu a Comenda da Conceição.

O relator da sentença desembargador Antonio José Guião foi nomeado no rendoso logar de Procurador da Fazenda!

Depois dos premios concedidos, por D. João VI aos cúmplices de Beresford e de D. Miguel Pereira Forjaz, coube por direito ao grande patriota Mac. Fernandes Thomaz desaffrontar o paiz de tanto villipendio!

Fez a revolução de 1820 expulsando do Poder os Governadores da Regencia; Marquez de Borba, Ricardo Raymundo Nogueira, Principal Sousa, J. Antonio Salter de Mendonça, D. Miguel Pereira Forjaz: — e do Commando em Chefe do exercito portuguez William Carr Beresford com a nodosa indelevel de ter mandado assassinar o general Gomes Freire de Andrade, obrigando-o a sair das aguas d'esse Tejo para onde haviam sido arremessadas as cinzas de Gomes Freire!

Lembrac-vos RR. e PPod. Ir. d'esta triste lição de historia

(1) João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães.

patria; porque ainda ha quem veja na alliança da Inglaterra com Portugal a salvação da independencia de Portugal!

Sessão Magna de 18 de outubro de 1903.

BÖER, gr. . . 25.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas: Cada lingua, 25000 réis; cada fase, (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaca, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositarario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Licções nos domicilios dos interessados.

Trabalha-se em casa de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc.

PREÇOS MODICOS

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis
Ultramar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

A fraqueza dos quadros permanentes revela-se sobretudo nos quadros da arma de infantaria, que por deficiencia não satisfaz ás necessidades da arma, não tendo por isso esta arma o valor de que precisa, quando em campanha.

Um regimento de infantaria, além dos commandantes de companhia e dos ajudantes de batalhão, dispõe sómente de tres subalternos para doze companhias, isto é, para um effectivo superior a 3:000 homens!

Esta disposição é não só extraordinaria mas irrisoria!

Ha quem argumente com a facilidade da instrucção da infantaria comparada com as outras armas.

Mas não foi já attendido esse argumento, quando se determinou que a duração das escolas de recrutas da infantaria fosse sómente de quinze semanas?

Não recebe a infantaria a maior massa de recrutas?

A instrucção dos recrutas deve ser completa e intensiva, para que se possa colher os resultados que se esperavam.

Merecia a arma de infantaria maior attenção na sua organização, por constituir esta arma a maior massa de tropas em campanha e por ter a maior importancia na guerra.

Depende da sua organização, a organização das outras armas e serviços.

Dispõe a Hespanha de 58 regimentos activos de infantaria e 18 batalhões de caçadores, e Portugal sómente dispõe de 66 batalhões de infantaria no continente.

E' necessario que o nosso paiz se opponha com forças eguaes no inicio de uma campanha e com tropas de não inferior qualidade.

Os quadros das tropas activas da infantaria hespanhola são na sua generalidade constituídas por

officiaes de carreira, reservando principalmente os seus officiaes de reserva ou milicianos para as suas tropas de reserva.

Para dispormos de forças eguaes temos que recorrer ás nossas tropas de reserva, e como estas tropas tem de intervir ao lado das tropas activas, é necessario para que se não diminua o seu valor, que ellas sejam fortemente enquadras por officiaes de carreira.

A Allemanha, organisando os 4.º batalhões, indica nitidamente que não quer pôr em primeira linha senão tropas do exercito permanente reforçadas com reservistas.

Ella dá portanto a maxima potencia a essas tropas no choque inicial, dotando-as com quadros numerosos.

Esta é a logica com os principios da guerra.

O general Luzeux admite apenas para um regimento de infantaria do activo a 3 batalhões, tres subalternos milicianos no estado maior dos batalhões e um subalterno miliciano por cada companhia, ou sejam quinze subalternos milicianos por cada regimento de infantaria das tropas activas.

E' nosso desejo analysarmos todos os pontos da lei que nos parecem fracos, dando-lhe maior ou menor desenvolvimento consoante a nossa competencia.

A critica, quando cortez e sincera, não deixou ainda de ser uma fonte inexgotavel de aperfeiçoamentos.

Se convence, evita os erros; se o não consegue, radica as convicções.

(Continua.)

ACTUALIDADES

Pelas últimas photographias do ex-rei Manuel, vê-se que elle já deixou aquelle cunho feminil que nós lhe conhecemos e aquelle rosto imberbe de donzella nos

aparece agora ornado com um bigodinho regular.

Esta transformação rapida do cagarola, leva-nos a fazer estas reflexes:

Ou é farça adoptada pelos seus admiradores para lhe imprimir um certo respeito, ou a barba lhe não cresceria enquanto visse no inferno da crapula, cujo veneno lhe não deixava desenvolver o physico.

D'ahi, voto pela primeira d'estas supposições.

Mas mais: o emérito beatinho está também mais gordinho, e, por aquelle andar, caminha vertiginosamente para a obesidade do seu augusto pae, que *Deus tenha em sua santa guarda*.

Vê-se, portanto, que, se ao menino custou o ter de tirar as patinhas, sagradas pela tocha do viatico, em Cintra, do erario publico, ao mesmo tempo deve regosijar-se por ter adquirido a riqueza de carnes com que agora nos apparece em photographia.

Caciaco

O ex-directorio do Partido Republicano

Apoiemos e concordamos plenamente com a moção de protesto apresentada pelo nosso amigo Guilherme d'Albuquerque em nome das commissões republicanas de Coimbra, no Congresso ultimamente reunido em Lisboa, onde esse despotico Directorio, teve a recompensa das violencias, dos abusos d'auctoridade que commetteu, para não lhe dar outro nome, o verdadeiro, o unico que deviam ter os seus actos parciaes e de compadrio...

Mas esse incorreto modo de proceder teve o premio que devia ter no citado Congresso.

A moção de protesto das commissões de Coimbra, echoou nesse Congresso, e Ramada Curto a quem muito apreciamos, teve mais uma vez a prova de quanto a maioria de Coimbra o aprecia e quanto os velhos republicanos tem por elle admiração, que não tributam a essa cafila de insignificantes que á sombra d'esse Di-

rectorio, que abusou e não cumpriu com os seus deveres, o tentou inutilisar, com a calumnia.

Mas não foi só a candidatura de Ramada Curto por Coimbra, que não foi sancionada por esse Directorio, foi também a dos nossos amigos Belizario Pimenta, dr. Julio da Fonseca e dr. Cortezão.

Nenhuma, absolutamente nenhuma má vontade, existe em nós contra os deputados apresentados pelo Directorio, pois excluindo o dr. Angelo da Fonseca, que não conhecemos senão de nome e que nunca o soubemos na lucta antes de 5 d'outubro... temos pelos restantes, estima e consideração.

Mas o que é fact, é que elles não foram deputados, pela vontade da maioria dos velhos republicanos, foram-no, porque o Directorio para isso empregou processos imoraes, que com razão condemnou nos tempos anteriores a 5 d'outubro, e de que lançou mão para conseguir o seu desideratum.

Conseguiu o seu fim, mas desceu tanto e tanto, que tudo quanto lhe foi dito no Congresso, foi pouco, porque mereciam muito e muito mais...

Se houver duvidas de que o que dizemos é a expressão da verdade, é dizer, porque nós citaremos toda essa galopinagem infame que se fez no districto de Coimbra.

Haja em vista a accusação de mendigar votos, feita por Simões Favas, no Congresso a Malva do Valle, de que elle não teve uma palavra sequer de indignação, de protesto para desmentir tão formal accusação.

Teve razão.

De que servia negar? Ha provas e provas incontestaveis.

Repetimos. Apreciamos muito os deputados que conhecemos e que foram pelo Directorio, propostos por Coimbra, mas que serviços prestaram elles a causa democratica, comparados com os dos propostos pelas commissões republicanas? Em que é que a sua obra se pode comparar com a do grande luctador Ramada Curto?

Não somos, nem bloquistas nem affonsistas, nem seguimos qualquer outra individualidade, somos unica e exclusivamente portuguezes e republicanos e como tal estaremos sempre ao lado d'aquelles que pela Patria e pela Republica, trabalharem com amor, imparcialidade, incontestavel honestidade e sem intuito de proventos rendosos para as suas pessoas, ou seus amigos, que foi o que o demittido Directorio não fez, que abusando do papel que desempenhava, se abotoou com rendosos e proveitosos logares.

Mas as violencias e enxovalhos que soffreram os velhos republicanos de Coimbra, com a politica de compadrio do Directorio, foi extensiva a todo o Portugal, todos os sinceros republicanos maldizem a sua obra desmoralisadora e prejudicial para o bom nome do partido e para os interesses da Patria e da Republica.

BREVES CONSIDERAÇÕES

A ebulição produzida nos ultimos tempos nas diferentes camadas sociais, pela ação da politica, é bem uma prova de que nós, portuguezes, se somos dotados d'um grande sentimento patriota, tambem sofremos duma grande falta de educação civica.

Ha portanto aqui duas forças que se opõem, resultando desta contramitencia um definido mal-estar, que se traduz em manifesta perturbação e desorientação, suporando dificuldades, receios e até vergonhas.

E a Republica, que por todos os patriotas é tão querida pelo espirito, tão mal servida é assim pelo cerebro! Enparamos-lhe todo o seu brilho com uma indiferença que espanta e causa lastima, sem nos lembrarmos que os elementos retrogradados vão assistindo a este triste drama, aplaudindo-o com fervoroso entusiasmo, e que os gaudérios dos paivantes estão na ribalta fazendo d'ele reclame ao estrangeiro.

E' certo que a culpa não surgiu de dentro da Republica. Não é mais nem menos do que uma consequencia naturalissima do atrazo em que a desconceituada monarchia nos deixou.

Os governos de então, só cuidavam na ganancia, em vaidades, em esbanjamentos, em tropelias de toda a especie.

Educar civicamente, era a sua ultima preocupação. De sorte que fazer passar a sociedade portugueza por uma transformação radical num tão curto prazo de tempo, seria a maior das impossibilidades.

Mas como em todos nós, que nos presamos de ser patriotas, não ha certamente nem falta de intuição nem falta de sentimento, procurêmos como um primeiro exercicio e por todos os modos, concertar este decadente estado de coisas, empregando todos os meios para sermos, pelo menos e por agora, prudentes nos arrebatamentos, conciliadores de más vontades, comedidos no egoismo, ponderados nas resoluções.

Isto é muito, mas não é tudo.

Basta para o conseguir, soffrear o espirito, sabendo tratar as convulsões a que elle está sujeito.

Cumpram aos cidadãos que presidem aos destinos da nação, estudar por si ou por seus delegados, mas com toda a proficiencia, esse grande problema moral e social que se intitula — educação civica — e usar da solução que derivar desse estudo sem tituleações nem delongas. Só assim conseguiremos que as gerações futuras se mantenham em um equilibrio estavel e possam ser a valvula de segurança do precioso legado que lhe havemos de confiar — a Republica — e valorisaremos a nossa obra tornando-a digna de se admirar.

Compete tambem aos cidadãos mais em evidencia na politica, como melhores comprehendedores dos seus cambiantes, abandonar por completo o jogo das pugnas desenfreadas e mesquinhas em que constantemente se gladeiam e mais tudo aquilo que muito bem se compreende seja pernicioso.

Aproveitar-se ha com isso haver como que um fanal em que o povo procure nortear-se.

O exemplo quando parte de quem o deve dar, produz sempre uma certa irradiação na alma de quem precisa recebê-lo.

Venha, pois, por agora esse pouco de boa vontade e esforço, enquanto não vem o resto, para ver se Portugal avigora a sua musculatura, enfraquecida mais pelos desatinos do cerebro (originados em grande parte pela ausencia dessa grande educação civica que é mister possuir) do que por qualquer outra causa.

J. A. GOMES.

AINDA OS HA

Não vae longe o dia em que festejámos o primeiro anniversario da nossa Republica, e quem percorrer alguns pontos do nosso paiz fica convencido de que a lei da expulsão dos jesuitas não foi cumprida em absoluto.

Senão vejamos:

No Tourigo, logar pertencente á freguezia do Barreiro de Tondella, reside um *marmelo* que dá pelo nome de padre mestre, que ainda não modificou os seus costumes de jesuita ferrenho, pois que abusando da religião de Christo, comete as mais infames proezas.

Diz quanto mal pode das nossas instituições, constando-nos até que tenta, nas suas predicas, incutir no animo do povo, que as missas do vigario do Barreiro, não têm valor por este ter accete a pensão do estado, etc., etc.

Informam-nos que ha tempos foi encontrado ás 3 horas da manhã, rodeado de mulheres, de cuja fraqueza elle abusa, e que, fiadas nas suas sabugices, abandonam a vida domestica, com grande prejuizo da familia, para o acompanharem nas communhões geraes que elle dá todos os domingos na capella do Tourigo.

Vale-se da occasião da missa e do pulpito para cobardemente insultar quem lhe apetece, e nós ainda não esquecemos o seu desejo de nos querer denunciar como republicano, quando ha seis annos lhe demos umas fustigadellas no *Mundo*, jornal que elle ainda hoje insulta com todo o descaramento.

Ainda por alli ha umas certas esperanças na monarchia, e tudo de-vido, naturalmente, a doutrinas pre-

gadas por este e quejandos inimigos da Patria.

Cumpram, pois, vigiar estes passaros apardalados e aplicar-lhes o me recido correctivo, a fim de que elles encolham as garras aduncas e se convençam de que isto não é roupa de francezes.

Guerra de morte se fôr preciso, porque *Decorum est pro patria mori*.

ANTONIO RODRIGUES.

Propaganda republicana

Esta nossa vida da cidade onde cada habitante é por assim dizer, um republicano, e um bom republicano, leva-nos ao optimismo exagerado de julgarmos tão intrincado em todo o paiz o amor ás novas instituições como o que nós tão devotadamente, tão sinceramente lhe consagramos.

E' nas cidades que arde mais intensamente a crença, a fé no regimen actual, e isso não só se explica devido á civilisação actuar sobre ellas com mais pertinacia, com mais força, como tambem á propaganda activa que nellas exerceram os homens do Partido Republicano, na opposição, pela palavra e pela escripta.

E isto de se exercer uma propaganda activa, na opposição, pelas cidades e desprezar um pouco as povoações ruraes, não foi um erro, porquanto a propaganda, exercida encontrava o echo que devia nas populações ruraes.

Todos nós sabemos que uma grande parte dos habitantes cidativos não são naturaes da propria cidade, onde veem tão somente encontrar o trabalho que nas aldeias não encontrariam facilmente; portanto, essa parte encarregar-se-hia de lançar nas suas terras a semente liberal, a republicanisação.

Não foi, portanto, um erro, na opposição, escolher as cidades para os centros principaes da propaganda republicana.

Mas isto que acima fica dito, é tão só referente aos tempos da opposição, porquanto agora temos de deixar essa orientação e volver as vistas aos povos ruraes, onde o veneno da reacção escolheu os ninhos ao descanso dos seus vãos e a presa prestavel ás suas garras de abutre.

Ali, com meia duzia de banalidades e um litro de agua benta, o parochio reaccionario creou uma atmosfera hostil e desafecta á Republica, e quando o parochio não se presta a ser o executor da sagrada infamia, o povo adormece na mais pernicioso indiferença, sem o amor patrio que todos devemos ter e sem saber mesmo a significação d'essa palavra bem dita e sacrosanta que desde os bancos da Escola está retratada indelevelmente na nossa alma: — Patria.

Não nos enganemos! Não nos iludamos!

Uma grande parte do povo rural está debaixo d'uma impressão desafecta ás novas instituições, ou num indifferentismo obscurantista.

O povo rural é religioso e o clarealismo escolheu entre aquella gente, tão ignorante quanto benevola o meio propicio de embaraçar a marcha triumphante e altiva da Republica Portugueza.

Deixem-se, portanto, agora as cidades, republicanisadas hoje por si

proprio e compenetrados os seus habitantes do seu dever, e lancêmos a vista para as populações ruraes, certos de que em pouco tempo o propagandista dos ideaes nobres vale bem, e mais, o padre, e o brilho da Liberdade offuscará a hediondez negro da sotaina.

Façamos ver a essa gente ingenua e boa que o Jesus da reacção e a falsificação sophismatica e monstruosa d'aquelle outro Rabi, libertador dos escravos da Galia, do que morreu sereno e resignado, no Calvario, pelas sagradas doutrinas da Fraternidade.

Accacio Serra.

PLACARD

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Como temos recebido algumas queixas, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos participarem qualquer irregularidade na recepção d'*A Voz do Sargento* para, immediatamente, providenciarmos.

Como já terminou, com o nosso n.º 39, o terceiro trimestre, vamos enviar á cobrança os recibos de assignatura, pedindo para elles a attenção dos nossos prezados assignantes.

Terminando em 11 do corrente a nossa licença disciplinar, só no proximo numero poderemos publicar o nosso balancete, referido aos mezes de setembro e outubro.

Tendo nos sido enviadas algumas importancias, em estampilhas, de Cabo Verde e outras provincias ultramarinas, pedimos aos nossos prezados assignantes a fineza de nos enviarem essas quantias em notas do Banco Ultramarino ou em vales do correio, para nos evitarem difficuldades no serviço da administração.

Agradecimento

Os abaixo assignados, como representantes da familia do fallecido Capitão-Tenente Henrique da Costa Gomes, veem por este meio tornar publico o seu reconhecimento para com o ex.º sr. dr. José Rodrigues, que tão sollicitamente lhe prestou os seus serviços clinicos enquanto durou a sua enfermidade, para com o ex.º sr. Guilherme Rodrigues, 2.º tenente da administração naval, e bem assim para com todas as collectividades, auctoridades civis e militares, partido republicano local e todas aquellas pessoas que se associaram ás manifestações funebres em honra do seu nunca esquecido Henrique da Costa Gomes.

Mariette Hoja da Costa Gomes
Isabel Castello Branco da Costa
Gomes Vasconcellos, seu marido
e filhos (ausentes).

Coitado!

Uma noite d'estas, ahi pela 1 hora, ouviram-se na rua Direita uns vivas ao D. Manuelsinho, a Paiva Couceiro, e a mais qualquer coisa, vivas que partiam de um trem onde iam varios individuos.

Apuradas as coisas, descobriu-se que o auctor da gracinha fôra Acaçio Mendes Larangeira, estudante do 6.º anno do lyceu, que no tal carro seguia.

Pois para lhe abater os enthusiasmos, foi hontem enviado para juizo, onde, dentro em breve, lhe pedirão contas do feito.

Duas palavras sobre egualdade

O que antes de mais nada devemos exigir é que os ricos não tenham mais direitos e liberdades que os pobres: — por outra, que a lei seja igual para todos.

Infelizmente nem sempre assim tem sido nem será.

Aqui ou acolá, existem ainda os chamados nobres, creaturas que de paes a filhos, por direito de nascimento, são sempre os primeiros a ser escolhidos para occupar uma esphera superior á dos outros homens; os que governam, que não têm a maior necessidane de ser estudiosos, aptos para qualquer coisa, uma vez a injustiça dos homens os colloca n'uma situação privilegiada e não estão expostos como o resto da nação ás vicissitudes da vida.

Taes privilegios ferem profundamente os sentimentos da justiça e por isso devem desaparecer.

O que ha a exigir em nome da egualdade, é que a nação se esforce por collocar ao alcance de todos os cidadãos os meios de corrigir, quanto possivel, a desigualdade das condições sociaes.

D'estes meios o principal e o mais efficaç é a instrução.

Sendo instruido o filho do pobre deve-lhe ser garantida no futuro a sua prosperidade, tal qual como ao filho do rico, quando se encontrem em egualdade de circumstancias.

Evidentemente, absoluta egualdade de instrução não a pôde haver, visto que nem todas as creaturas receberam da natureza dons eguaes, nem podem applicar ao estudo o mesmo tempo.

Mas ha conhecimentos necessarios (que é indispensavel que todos possuam e o dever dos nossos governos é velar porque assim aconteça, por que onde não ha instrução não pôde haver progresso.

A egualdade é a palavra por excellencia, mais bella, mais altruista que falla ao coração do homem justo, do homem sensato; mas infelizmente creaturas existem que bem mal a vêem, dominados pelo cancro terrivel do egoismo.

Vêem nos pequenos uns escravos, uns seres abjectos da natureza a quem recorrem, só unica e exclusivamente nos momentos afflictivos.

Os pequenos tem segundo as leis da egualdade, o mesmo direito a ser tratados como os grandes, porque estes mandam e aquelles obedecem dispondo do esforço e do sacrificio.

Nada perde o grande quando proporciona ao pequeno um bem estar sem prejuizo do bom andamento da vida social, porque este munido de algumas regalias que constituem o abcdario das convenções sociaes, sente-se um outro, e faz por arregar em si cada vez mais a virtude do trabalho e o sentimento do Bem.

Mas ainda sobre a egualdade não temos nós exemplos frisantissimos de todos os dias em que a natureza mostra que as suas leis são egualitarias para toda a humanidade?

Porque não havemos tambem de concorrer, quanto em nossas forças caiba, para nos aproximarmos de essa egualdade em que a natureza é tão prodiga e da qual é a verdadeira mestra?

Só com Ella os homens podem ser felizes e justos.

A. Soares,

1.º sargento d'infanteria 23.

UMA VERGONHA

E' o estado em que se encontra o cemiterio da freguezia do Barreiro de Tondella.

Custa a crer que a commissão parochial ainda não reparasse no estado de abandono a que está votado!

Muros desabados, outros a desabar, podendo ser assaltado por animaes de qualquer especie, sem respeito algum para com os mortos. Urge, pois, providenciar para que se façam as devidas reparações n'este, ou se acabe aquelle que já ha mais de trez annos está começado.

E' preciso mais amor e mais humanidade pelos serviços que lhes são confiados, porque o povo assim o reclama, caso contrario... Quartel em Abrantes e fica tudo como d'antes.

Voltaremos ao assumpto, se as providencias se fizerem esperar.

Inhabilidade

E' o titulo d'um numero unico, commemorativo do 40.º anniversario da fundação da Associação de Soccorros Mutuos na Inhabilidade, que se apresenta admiravelmente collaborado por alguns dos mais ardentos apostolos do mutualismo.

Felicitamos todos os socios, na pessoa dos membros da digna direcção, pelos proficuos resultados obtidos na já longa existencia da sua associação, desejando que, para bem dos seus numerosos socios, continue prosperando, satisfazendo assim as aspirações dos que lhe sacrificam o seu trabalho e apoio.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e hygienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.

LITTERATURA

A UMA CREANÇA

«D'onde desceste tu, ó anjo pungente da Saudade, a infiltrar-me n'alma a harmonia dulcissima d'esta palavra amada? Oh! a mulher, do berço ao tumulo, é sempre uma epopeia d'amor!»

Bemdito seja o olhar que me deitaste
Minha doce creança, minha flôr;
Se soubesses que maguas consolaste
Tornavas-me a fitar c'õo mesmo ardôr!
Mas tu fugiste após qu'illuminaste
Meu coração sem luz e sem calôr,
Depois... nem talvez mais te recordaste
Do nòssõ immenso, original amôr!
Se soubesses que magoas me deixaste,
Que saudades, creança, e quanta dôr,
Não me fitavas, não, como fitaste,
Minha querida creança — meu amôr!

Braga, 28 — outubro — 1911.

RAMALHO DE BARROS.

AOS POETAS

O' Poetas, aos homens transviados
Prégae o Bem e o Amor, como Jesus,
Embora na ignominia d'uma cruz
Como Elle, sejaes crucificados!

Deixae esses espaços constellados
Onde a aza do Sonho vos conduz,
E vinde assim dos homens ser a luz,
Que só para isso, ó Poetas, sois fadados!

Porque o genio foi luz que Deus vos deu,
Não para brilho do estrellado céu,
Mas sim para fanal da humanidade;
Para que mostre a verdadeira Vida
A toda a Alma que d'ella andar perdida,
E seja o eterno facho da Verdade!

JOAQUIM GOMES.

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DE COIMBRA

R. DO PATEO DA INQUISIÇÃO
COIMBRA

Nesta typographia executam-se com perfeição e rapidez todos os trabalhos typographicos, taes como: Memoriaes, memoranduns, circulares, prospectos, programmas, recibos, facturas, bilhetes para estabelecimentos, talões, mappas, papel timbrado, enveloppes, livros de quotas, avisos, relatorios, etc.

Composição e Impressão de Jornaes.

Bilhetes de visita — Participações de casamento

PREÇOS COMMODO

GUIA MEDICO

PARA O
COLONO DE ANGOLA

CAPITULO II

Molestias do systema nervoso
e dos orgãos dos sentidos

N'este grupo de doenças apenas se podem considerar mais communs e dignas d'este guia, as seguintes:

Tetano

a) *Definição.* — É uma doença em que se dão contracturas de um grande numero de musculos do corpo ao mesmo tempo, com uma força grande e muito a meudo, ás mais pequenas excitações.

São muito dolorosas, principiam em geral pelos musculos da nuca e dorso e das maxillas, não podendo o doente abrir a bôcca (trismus.)

É muito grave, muito mortifera e bastante commum em Angola.

É devida a um microbio (bacillo de Nacolcior) que vive nas camadas superficiaes do solo, encontrando-se nas poeiras das ruas, das casas, nos escrementos dos animaes (sobretudo do gado cavallar, caprino, etc.)

b) *Symptomas.* — Além das contracturas dos musculos das maxillas (trismus), que é o inicio geralmente, e das outras contracturas já referidas na definição, nota-se que pode haver contraturas predominando os musculos d'um lado do corpo e n'este caso o corpo ficará para ali inclinado.

Assim: quando contractuados os musculos da parte posterior, haverá o episthonus, em que o corpo fica como um arco de concavidade posterior.

Quando os musculos estão interessados na sua maioria e mais ou menos por igual, pode-se levantar o doente com uma mão por baixo da nuca, que elle se levantará como um todo rijo.

A menor excitação exterior dão-se abalos ou cimbras generalizadas que são muito dolorosas.

c) *Tratamento.* — Consiste em dar o chloral em alta dose, (8 a 12 grammas por dia — Hydrato de chloral, 3 grammas — Agua commum, 100 grammas — Xarope commum, 10 grammas — Misture — Dissolva), a morphina e atropina (Lenticulas de chlorhidrato de morphina 1 centigramma.

N.º 1 a 3 — Podem dissolver-se em agua com assucar para fazer uma poção calmante. — Lenticulas de sulfato de atropina a meio milligramma — 4.)

Mais racionalmente se empregará o soro anti-tetânico do *Instituto Camará Pestana de Lisboa*, não em injeções subcutaneas ou intra-musculares ou intra-venosas, mas intracraneeas, unicas que podem dar resultado nos casos declarados para o que necessario se torna já um tecnico com instrumentação apropriadas.

d) *Prophylaxia.* — Os meios de evitar esta terrivel e bastante commum doença, são os seguintes:

1.º — Toda a ferida, sobretudo penetrante, deve ser cuidadosamente desinfectada, principalmente se se sujou com terra, excremento de cavallo, ou outros animaes, etc., pois que o bacillo do tetano podia ali alojar-se.

2.º — Haverá o maior cuidado na desinfecção dos instrumentos com que se fizerem ou tiverem de se fazer operações, por mais simples que sejam (veja-se a maneira de dar uma injeção hypodermica e precauções a tomar, na febre intermitente.)

3.º — Todo o individuo que soffreu um traumatismo accidental em que houve inquinação por meio de terra, fezes de animaes, etc., deve receber uma injeção de 10 grammas de soro anti tetânico, de 15 em 15 dias, até á cura (2 ou 3 vezes.)

Nevralgia

a) *Definição.* — É uma dôr nervosa cujos caracteres são:

1.º — Existir no trajecto d'um nervo, cujo caminho anatomico.

2.º — Ter uma intensidade muito consideravel.

3.º — Não ser continua, mas ter intermitências ou remissões manifestas, declarando-se, por vezes, sob a forma de paroxysmos, ou referencias a certas condições, ou não.

b) *Symptomas.* — Além dos caracteres indicados na definição, que são communs a todas as nevralgias, ha outros devidos a certas circunstancias e que particularisam as diversas nevralgias.

Umavez as dôres apparecem de repente, outras vezes são precedidas de picadas, entorpecimento, sensação de frio, etc.

Ha casos em que a zona enervada pelo nervo doente apresenta diversas manifestações: de sensibilidade — anesthesias ou hyperesthesias em grau maior ou menor; de motilidade — paralisias, paresias, excitabilidade anormal; do vaso motilidade — pallidez intensa, rubor accentuado, lacrimação, suores; de ordem trophica — urticaria, vesiculas de herpes (como na zona), etc.

c) *Tratamento* — Deve ser causal sempre que seja possivel saber se a causa da nevralgia. Assim:

Suspeitando-se a syphilis, dar-se-ha o iodeto de potassio ou o mercurio ou os dois ao mesmo tempo (Lenticulas de iodeto de potassio a 25 centigrammas, oito. — Lenticulas de proto-iodeto de mercurio a um centigramma, meio tubo.)

Se houver motivos para suppôr que a nevralgia seja de origem palaustra, dar-se-ha a quinina — (Lenticulas de chloreto ou de chlodrydato de quinina a 10 centigrammas, N.º 10 — ou Lenticulas de chlorhydro-sulphato de quinina a 20 centigrammas, N.º 4 — ou Lenticulas de sulfato de quinina a 10 centigrammas, meio tubo.)

Se a nevralgia fôr toxica (devida ao alcool, chumbo, etc.) afastar-se-hão estas causas.

Se fôr devida á anemia, será dado o ferro (Lenticulas de oxalato ferroso a 10 centigrammas — 5) o arsenico (Lenticulas de methylarsynato de sodico a 1 centigramma — 6 —) etc.

Sendo para suspeitar o rheumatismo, será dado o iodeto de potassio, o salicylato de sodio, etc.

Se fôr consequencia da compressão de um tumor, procurar-se-ha removelo pela cirurgia, etc.

Quando não seja possivel saber-se a causa resta o tratamento symptomatico (que se dirige ao symptoma.) N'este caso usem-se os medicamentos anti-nevralgicos: antipyrina, phenacetina, morphina, etc. (Lenticulas de antipyrina a 10 centigrammas,

1 tubo. — Lenticulas de chlorhydrato de morphina 1 centigramma, N.º 1 a 3. — Podem dissolver-se em agua com assucar para fazer uma poção calmante. — Lenticulas de phenacetina a 10 centigrammas, meio tubo.) Podem tambem usar-se os revulsivos sobre a dôr: tintura de iodo, causticos, *pontas de fogo*, etc.

d) *Prophylaxia.* — Só é possivel prevenir ou evitar as nevralgias, cuja causa seja conhecida, removendo-a.

(Continua.)

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

COIMBRA

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.



A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 166

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 réis
Ultrammar, semestre - 600 réis
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convençionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Notamos com prazer que a modificação feita na divisão do nosso territorio em oito circumscripções, é a que melhor satisfaz á nossa defeza.

As anteriores organizações que nunca ousaram passar dos acanhados limites das quatro circumscripções, não podiam satisfazer ás necessidades de uma guerra moderna.

Tendo o nosso paiz uma pequena profundidade, facilmente se faria uma marcha rapida da fronteira sobre Lisboa, sem que tivéssemos o tempo indispensavel para se fazer a mobilisação e a concentração de todas as nossas forças.

Considerando duas linhas principaes de invasão, a do valle do Mondego e a do Tejo, teriamos que dividir as nossas forças pelos dois theatros de operações provaveis.

A divisão do Alemtejo seria destinada á defeza do sul e da peninsula do Sado; a divisão do Porto difficilmente se poderia concentrar no valle do Mondego e por isso a sua acção exercia-se sobretudo no Norte.

Ficavamos portanto apenas com duas divisões, uma que occuparia o valle do Mondego, a outra o valle do Tejo.

Como se vê eram fracas as forças que poderiam oppôr no inicio da campanha nas duas linhas principaes de invasão.

Attendendo ainda a que sómente as divisões activas poderiam marchar em poucos dias para a fronteira, visto que as divisões de reserva sómente depois da mobilisação d'aquellas o poderão fazer, reconhece-se a fraqueza das nossas forças, que considerações estrategicas nos obrigam ainda a dividir.

Com a divisão do paiz em seis circumscripções tentou-se remediar um pouco a fraqueza das nossas tropas, mas não se dotou com todos os elementos indispensaveis essas divisões.

D'esta forma havia divisões

fortes e fracas (vulgarmente conhecidas por divisões femeas) que não tendo uma organização homogenea e completa não podiam satisfazer cabalmente ao fim para que foram creadas.

Entendeu a commissão e muito bem que sómente oito divisões podiam satisfazer perfeitamente ás necessidades da guerra moderna na defeza do nosso paiz.

Deixando duas divisões para a defeza norte e sul do paiz, podemos dispôr ainda de seis divisões activas para as duas linhas de invasão.

E considerando provavel a transformação das divisões activas em corpos d'exercito pela junção das divisões de reserva, poderemos dispôr de oito corpos de exercito de cerca de 30:000 homens cada corpo.

O corpo de exercito actual de 30:000 a 40:000 combatentes é considerado a maior unidade normal que entra na composição dos exercitos.

O corpo de exercito deve ter uma organização independente, isto é, dotado de todos os elementos necessarios.

Precisa, pois, de dispôr além das armas de infantaria, cavallaria e artilheria, de tropas technicas, d'equipagens de pontes, dos serviços administrativos, de ambulancias, etc.

Quasi todas as potencias militares teem o seu exercito ou exercitos divididos em corpos de exercito.

Assim a Allemanha dispõe de 23 corpos de exercito; a Austria 16; a Belgica que não dispõe senão de 19 regimentos de infantaria não póde constituir senão o seu exercito com 4 divisões de exercito e 2 divisões de cavallaria; a Hespanha prevê para o caso de mobilisação a organização de oito corpos de exercito activos; a França dispõe em tempo de paz de 20; a Italia de 12;

a Romania de 4; a Russia dispõe de 29; a Suissa de 3; a Turquia de 8 corpos d'exercito.

Entendemos, pois, que se deve prever no nosso paiz, no caso de mobilisação, á organização de oito corpos de exercito, formados ou por uma divisão activa com a divisão de reserva correspondente, ou pela reunião de duas divisões activas.

Neste ultimo caso teriamos 4 corpos d'exercito activo e 4 corpos de exercito de reserva.

Achamos preferivel a reunião das divisões activas que na organização dos corpos de exercito ou grupos de divisões, que deveriam constituir propriamente o exercito de campanha, reservando as divisões de reserva para constituirem a 2.ª linha de operações, destinada principalmente a guarnecer as posições e campos entrincheirados, a cobrir as baixas das tropas activas e a desempenhar todas as operações secundarias.

(Continua).

A LEI DE SEPARAÇÃO

E O

Vigario do Barreiro

Ha quasi trez annos que eu, depois d'algumas difficuldades e sacrificios, consegui a minha collação nesta freguezia, satisfazendo assim a um serio compromisso que tomei perante amigos sinceros e dedicados, como é, geralmente, todo o povo d'esta região.

Vencidas as difficuldades em Vizeu, fui logo prevenido de que teria de lutar aqui com outras maiores se não viesse animado a cumprir, com prudencia e firmeza, todos os meus deveres parochiaes.

Não obstante confiar na minha provada experiencia e boa vontade com que parochiei outras freguezias, a prevenção amiga serviu-me de tão grande estímulo, que, sem ella, certamente succumbiria perante a guerra traçoceira, ridicula e pertinaz que occultamente me tem sido movida desde que vim para o Barreiro.

Começou logo contra mim a intriga, a mentira, a calumnia, a provocação, a ameaça, emfim, toda a sorte de meios indignos, a ver se me tornavam um criminoso, revoltando contra mim os odios da fre-

guezia que eu, com tão boa vontade, começava de pastorear.

Vi logo que era preciso lutar com prudencia, inergia, honra e dignidade, como briosamente me prezo de ter feito até hoje, o que nenhum parochiano sincero se atreverá a negar.

Entendi ser este o unico meio de salvar a minha situação, vencendo o inimigo, para depois viver no meu socego, pastorando o docil e bondoso rebanho que me fôra confiado.

Vivi por algum tempo nesta illusão, convencido de que o inimigo, assim, desarmaria, pondo termo á guerra surda, cobarde e repugnante com que porfiavam amesquinhar-me e pôr-me em retirada.

Enganei-me, porque, não tendo eu, no uso d'um direito, recusado a pensão do Estado, por ser pobre e entender recebê-la, sem desdoiro para o meu caracter sacerdotal e para a minha dignidade de cidadão portuguez, a traição parece que redobrou de esforço, pretendendo fazer passar pelas ruas d'amargura o parochio actual d'esta freguezia.

Nunca ouvi calumnias tão revoltantes, manhosamente introduzidas por mão de mestre no espirito de bons e ingenuos parochianos, a ver se a aventura produzia o seu pretendido effeito.

Pessoas amigas e de probidade me acautelaram do perigo, fazendo-me sciente do que se tramava na sombra contra mim, dizendo-se que estava excommungado, ou fôra da graça de Deus, como ainda ha pouco me tentou enlamiar perante uns meus bons parochianos, um pedante nojento e rancoroso da Balsa de Vizeu.

E que crime cometteu o vigario do Barreiro? O de não renunciar a pensão de que carece e de não querer hostilizar a joven Republica que precisa consolidar-se e fortificar.

A parte algumas inadvertencias, de sem gravidade, que tenho tido para com os meus superiores, ousou declarar que, até hoje, nunca desatei as suas ordens, nem os deixei de tratar com respeito, obediencia, lisura e franqueza, embora não passe por ser tido como tal.

Tenho tambem sido leal e attencioso para com aquelles mesmos que, por todos os modos e feitios, me teem querido inutilisar.

Desafio os todos a provarem me o contrario. Por tudo isto, se a terrivel vingança e mesquinho interesse triumpharem agora de mim, dar-me hei por vencido, felicitando-me por não ter trahido a minha consciencia de padre e de cidadão.

Barreiro, 6-11-911.

O vigario — F. TAVARES.

VERGONHAS POLITICAS

A politica do nosso paiz, longe de fazer cerrar fileiras em volta da nova bandeira, está offerecendo um spectaculo deprimente e vergonhoso perante toda a gente de bom senso e amiga da sua Patria.

Levaram para a rua os despeitos politicos, como se alli fosse logar azado a fazer respeitar uma ideia, por mais honesta e comprehensivel que ella seja. Salpicaram de lama, conjunctamente com os bandalhos da rua, que para tudo servem, algum caminho que, porventura, se tenha andado desde 5 de outubro de 1910.

Como nos tempos da maldita monarchia, está nascendo e prosperando, abertamente, a escolha dos homens, com a differença, vergonhosa e estúpida, de que neste regimen para fazer com que todos sigam um partido, que pode ter boas ou más intenções, vem-se para a rua correr á pedra os que não querem filiar-se e desacatar e aggreir os homens que não pensam egualmente.

A villanagem, que só pensa em satisfazer as suas ambições, sem se importar com os interesses da Republica, quer, por todos os meios, arrastar ao seu pensar tudo e todos, como se a Republica fosse só para elles.

E' unica e exclusivamente para essa villanagem que a Republica não se fez. A maior parte d'esses villões não conhece o que é democracia. São elles que hoje adulam o mesmo homem, que amanhã o aggridem e que depois o tornam a adular.

O aspecto da politica portugueza é desolador. Até á natural divisão de ideias, mutuamente respeitadas, chega a comprehensão do mais rude portuguez, desde que uma ideia seja commum a todos os partidos, qual é a de não ferir a Republica nos seus interesses nem envolver a sua segurança nas disputas dos jornaes e das ruas.

A Republica precisa de todos os homens de bem para poder progredir e ser respeitada.

Não tem succedido, porém, assim. Constantemente e de todas as partes do paiz chegam noticias de desavenças entre os proprios republicanos e, em Lisboa, os mais conhecidos democratas a quem a Republica deve relevantes serviços, offerecem nas columnas dos seus jornaes um exemplo constante de discordia, que por vezes toma o aspecto das disputas de soalheiro.

Não é este o caminho por onde milhares de patriotas, republicanos d'alma e coração, desejam vêr seguir a florescente Republica Portugueza ou sejam os

homens a quem o povo confiou os seus destinos.

Prudencia, energia, trabalho e dedicacão, de tudo carece a Republica para a creacão dos seus fundamentos.

O caminho que segue é errado.

S. FERNANDES.

REPUBLICANOS!

Dois dias, por assim dizer, são passados depois que se fez, á custa de muitos sacrificios, de muito esforço, de muito sangue e de muitas lagrimas, a Republica Portugueza.

Nasceu ella com o fim elevado e nobre de pôr cobro á corrupçã e ao barathro d'uma monarchia oito vezes secular e com tantos crimes, quantos os dias que dominou sobre nós.

Todos os que amavam e amam este florido berço, alegre e risonho, onde o sol é mais bello e a brisa mais perfumada; terra de poetas e sonhadores, contrastando com almas épicas e batalhadoras; onde o oceano é mais calmo e os rios murmuram dolente e monotonamente, pelas noutes claras e luarentas, uma canção trivial, mas sempre admirada; onde as varzeas se desenrolam, na garridez berrante das verduras, e o passarinho chilreia alegremente entre os espessos e verdadeiros arvoredos; onde, nas seranias, o pinheiro secular, tronco magestoso, movendo-se indolentemente, atira ao espaço gemidos melancolicos; terra, finalmente, bella entre as mais bellas do mundo — todos os que a amavam e amam esperavam e esperam da Republica como que um patrimonio nobre; em que se esqueçam os villipendios do passado, para só contemplarmos, cheios de admiracão e altivez, no santo orgulho dos justos, a regeneracão d'uma Patria semi-decahida.

Choram as esposas saudosas, choram os filhinhos estremecidos, os maridos e paes que nas luctas pela Republica morreram, sacrificando ás viúvas e orphãos o seu braço pela Patria, na defeza d'uma causa que libertasse para sempre da tyrania e da crapula um povo de gloriosas tradições, que tinha escripta nos horisontes do futuro, nos arcanos do provir uma pagina a ouro e rubis, com o lemma triologico, esplendoroso e sublime: *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*.

No ardor da refrega, fronte gotejantes de suor e sangue, corações pulsando de anciedade e incerteza, vida arriscada, estas trez palavras, escriptas em seda ou lã vermelha e verde, eram o estimulo dos que luctavam, a mortalha dos que morriam e o lenitivo quando vencidos.

Finalmente, um dia houve em que essa bandeira pela primeira vez se desenrolou do norte a sul, oriente a ocidente do paiz, como o emblema novo d'um povo heroico, como a prova testemunhal de que ainda nas veias d'esta nova geracão portugueza corre sangue patriotico dos vencedores de Ourique até ao Bussaco.

Tomado alento para novas emprezas, em que o mobil não é já o das epochas remotas dos descobrimentos e conquistas, mas sim uma era prospera de civilisacão e desaforo, eis que o povo confia generosamente das mãos dos actuaes diri-

gentes os seus destinos, com a sinceridade e confiança que reclama o seu passado de apóstolos e defensores da causa triumphadora.

No entanto, depois de tanta alegria, do louco entusiasmo que inspira o renascimento, já temos a lamentar alguma coisa extemporanea que surge como um ponto negro na alvura immaculada do novo regimen.

Não são já o latrocínio e a tyrania, porque esses não mais voltarão a imperar neste torrão — não! que nós lamentamos, que nos opprime a alma, sedenta de paz e prosperidade — não são!

O que lamentamos é este fervilhar infrene de accusacões pessoas entre os homens que, primeiro com a sua palavra quente e arrebatadora, mais tarde, o seu braço, ao lado da plebe, e, por ultimo, com decretos e leis sabiamente organizados, altruistas e moralisadores, tiveram e teem a justa consagração do Povo portuguez.

O Povo está disposto a pôr-lhes cobro, e o Povo é omnipotente e Republicano, sem côr de partidos que extemporaneamente se projectam formar ou se formam.

Reclama se de todo o paiz uma politica que desminta o velho ditado de *tão bom é Pedro como Paulo*, e essa politica tem de fazer-se, ha de fazer-se com a União dos vultos proeminentes do novo regimen.

E nós, republicanos legitimos, gritaremos altissonantemente: *União!* Assim o reclamam os interesses collectivos do Povo e o amor que todos nós, republicanos, consagramos á Patria e á Republica.

Accacio Serra.

Breves considerações

Existe em Coimbra um estabelecimento de educacão infantil, que se deve tornar credor da simpatia de todos aqueles que na instrucção vêem um dos mais pujantes mananciaes, de que brota o benefico influxo que torna as sociedades fortes e aptas para a lucta da vida; e tambem pela sua originalidade, toda inspirada no bem da humanidade.

Esse estabelecimento chama-se: *Jardim-Escola — João de Deus*.

Só este titulo e este nome bastariam por si para encarecer o valor da obra.

Quem attentar no seu significado e quem tenha conhecido o grandioso trabalho de João de Deus, como poeta e pedagogo, encontrará a razão do meu conceito. São palavras que nos falam ao coração, como por efeito magnetico.

Mas vamos um pouco mais longe, pondo essa obra toda de amor e sentimentalismo no alto relêvo da magnificacão que merece.

As creanças são ali gratuitamente admitidas dos 4 aos 8 anos e ali aprendem por um sistema puramente pueril, os primeiros conhecimentos que é dado incutir a uma creança.

Ha para esse fim uns pequenos brinquedados, com varias significações, e quadros com pinturas de objectos, animaes, paisagens, etc., que aproveita ás creanças irem obtendo uma certa cognição, e mais tarde tirarem superior partido da aprendizagem teorica.

De forma que por um processo simultaneamente util e agradável, se vae preparando o espirito e o ce-

rebro daqueles pequeninos seres, abrindo-lhe horisontes novos, que nem os fatigam, nem lhe causam insipidez.

Além disto, a creança tem tambem ali a alimentacão de que carece durante as horas de permanencia (9 da manhã ás 4 da tarde, hora official.)

Para recreio, existe, circundando o edificio escolar, um esplendido jardim, onde durante algum tempo as creanças se divertem em pequenos exercicios fisicos, sempre regulados e assiduamente vigiados pelas respectivas professoras.

A reforçar as notas de todo este melodioso hino, ha ainda a notar o grande carinho com que as creanças são tratadas por todo o pessoal do estabelecimento.

Conseguiu pois assim o dr. João de Deus Ramos continuar duma forma maravilhosa a obra do que foi seu Paé, esse grande Apóstolo da instrucção primaria, esse grande mestre da poesia lirica, esse devotado protetor das creancinhas, essa individualidade dum destaque primoroso, que se chamou João de Deus.

Ao dr. João de Deus Ramos, envio do modesto recanto deste hebdomadário a minha sincera veneracão pela sua dedicacão á causa do ensino e de protecção ás creancinhas, fazendo votos para que essa dedicacão se conforte cada vez mais e possa servir de incentivo aos governos e á iniciativa particular, de modo que o método por s. ex.ª adoptado, que é o melhor até hoje conhecido, lance as suas raizes por todo o territorio portuguez, onde, ainda, em materia de instrucção, pouco mais vegeta do que — escalracho.

J. A. Gomes.

ACTUALIDADES

Pelas ultimas noticias, vê-se que a causa dos revolucionarios chinezes está prestes a triumphar em todo o celeste imperio e triumphante já nalguns pontos do mesmo.

Como ninguem possui o poder de videncia, não sei á hora a que escrevo de que lado será a victoria.

Devo convir, no entanto, que os revolucionarios chinezes, vencidos ou vencedores, dão um alto exemplo ao mundo onde a tyrania ainda impera e principalmente á Europa monarchica.

Porque — que diabo! a Europa é a semeadora do ideal, o falho de luz que vae illuminando a noite sem trevas em que a humanidade tem andado envolvida; leva o vento europeu a todq o mundo as folhas dispersas onde o Direito escreveu a sentença condemnadora de ignominia que tem por base o supposto direito hereditario; e, sendo assim, mister é que ella, com um exemplo geral da sua parte, dêsse á grandiosa luctação ao resto do mundo, fazendo de si o livro onde estivesse escripta a doutrina d'um novo Evangelho da emancipação humana.

No entanto será sempre motivo de regosijo o aniquilamento da Força pela Razão, e a Europa comprazer-se ha com o triumpho dos revolucionarios chinezes como um mestre se compraz de ter ensinado as nações rudimentares ao discipulo que se torna grande e immortal.

Caciaco

Estão sendo licenciadas as praças d'infanteria 23, á medida que vão entrando no 3.º anno do seu alistamento.

LITTERATURA

UM SONHO...

Eu tive um sonho!... Não sabes minh'adorada?...
 Vou contari'o, enquanto a lua triste e dormente...
 Acariciando teu rosto gentil de fada
 Recorda-me tambem, extatico e silente...;

Olha... era tão lindo! Com azas fulgurantes...
 Onde voava o perfume d'uma illusão,
 Em que pela primeira vez, os teus semblantes,
 Coragem me accendiam, á luz d'um coração!...

...Recordas-te?... Foi o que sonhei, lindamente...
 Albôr de teu formoso olhar, de côr d'um poente...
 Entre uma noite de gosos e inspirações...

E quando me lembra (de vespera...) teu abraço,
 Em que eu cahia, de manso, sobre teu regaço,
 N'um sonho nos seguia... prendendo os corações...

Villa Verde — Outubro — 911.

EDUARDO F. TUDELLA.

Uma campanuda questão de campanario

Ha dias, ao erguer-me da minha cama, aborda-me o regedor desta minha freguezia de Barcouço, com um officio do administrador da Mealhada, intimando-me a comparecer na administração.

Como o regedor parecia ignorar o motivo dessa intimação, recesso fiquei que nestes tempos de liberdade, tivessem todavia ressuscitado as alçadas dos corregedores-môres ou do Santo officio, e que eu estivesse sendo a victima dalguma grave denuncia de qualquer dos meus, felizmente tão numerosos inimigos.

Compareço na administração, e quando eu julgava ir ouvir dos graves labios do sr. administrador, uma bem fundamentada accusação contra, por exemplo, a minha cumplicidade em qualquer ridicula conspiração de paivantes, vejo d'olhos pavidos, o sr. administrador puxar dum numero do *Seculo* e mostrar-me com palavras, lavadas d'um certo travo de censura, uma local desse periodico, onde eu dizia que o já mencionado regedor, tinha querido proibir, sem porém o conseguisse, que os republicanos desta localidade repicassem os sinos depois do sol posto, no dia do anniversario da Republica.

O sr. administrador alegava que a minha estranheza era descabida, porque o regedor só tinha querido cumprir a lei. Um pouco espantado, pelo insolito do caso, respondi ao sr. administrador que um decreto-circular do governo provisório, autorisava que os sinos podessem ser tocados á noite em caso d'incendio e de regosijo nacional. E como s. ex.^a, que aliás desconhecia esse decreto, de novo alegasse que nem assim a sua previa autorisação era dispensada, eu tive de lhe dizer então que seria absurdo que a sua autoridade se podesse sobrepôr á da lei e que desde o momento em que eram, em dados casos, tolerados por lei o toque de sinos, á noite, só a Junta de Paroquia da freguezia e não a elle, administrador, competia regular o uso desses toques, e que isto era tanto mais intuitivo, quanto sendo um incendio um desses casos,

nenhuma lei poderia exigir que num incendio, á noite, em qualquer aldeia, se tivesse de correr á vila, pedir licença ao sr. administrador para se tocarem os sinos a rebate.

Julgo que compenetrado destas razões, o sr. administrador mudou d'assunto, para instar comigo desmentisse no *Seculo* o caso do espesinhamento duma bandeira republicana, aqui succedido, e que eu nessa mesma local noticiava. Isto sem primeiro indagar de mim, o que aliás só depois fez, as razões que eu teria tido para afirmar tal facto.

Recusei-me terminantemente a fazer tal desmentido, por estar convencido da veracidade do caso, em bora dele não fosse testemunha ocular. E coisa alguma deste meu proposito me demoveu, apesar mesmo do sr. administrador me lembrar que eu podia bem ser processado por tal noticia.

Depois disto, saí da administração duvidando com os meus botões se acaso podia ser genuinamente republicana uma autoridade que tanto parecia ter-se incomodado com o bimbalhante *dlim, dlom, dlom, dlim*, com que os sinos da minha freguezia tinham manifestado na noite de 5 d'outubro a sua plena e incondicional adesão á Republica. E que informado do espesinhamento duma bandeira republicana, tanto a mal parecia levar essa informação, sem ainda ter a absoluta certeza da sua falta de fundamento.

Mas a todas estas duvidas, um pouco do meu tão minguado fosforo cerebral as iluminou ao cabo dalguns momentos de ponderada reflexão. E assim iluminado o meu espirito, eu pude constatar que a causa determinante dos timpanos do sr. administrador se terem incomodado com a tão ruidosa adesão á Republica dos sinos da minha freguezia, é por ter s. ex.^a desconfiado da sinceridade dela. E esta desconfiança, força é dizê-lo, faz honra ao faro policial de s. ex.^a, pois é bom realmente estar precavido contra a adesão duns sinos que em todas estas brumosas manhãs d'outubro, têm badalado com gana a chamar as beatas para o terço e para a missa, porque quem sabe lá se uns sinos assim tão amigos de rezas e de pa-

dres, não serão uns sinos talassas e até conspiradores.

E quanto ao caso da bandeira republicana, tambem cheguei á conclusão de que as suas côres de modo algum ofendem a idiosincracia politica de s. ex.^a o sr. administrador, pelo contrario, aprecia certamente o encarnado, e tambem gosta do verde.

E aqui bato eu agora no contrito peito o meu *mea culpa*, e murmuro o meu *confiteor*, por tão mal ter julgado de s. ex.^a, e não só por duvidar do seu bom republicanismo, mas ainda por ter tambem um instante desconfiado de que s. ex.^a seria talvez o avatar de Pina Manique, cuja alma de bugio se lhe tivesse introduzido no franzino corpo, e por lá andasse aos pinchos e aos guinchos.

Agora vejo bem o quanto tinha de tola uma tal desconfiança, pois ainda que a simesca alma do Intendente tivesse essa lembrança, o sr. administrador não deixaria de se fazer logo exorcismar pelo padre cura da sua freguezia, porque teria visto, com o seu tão grande criterio, que nestes tempos de Republica, e da liberdade que deve ser o seu principio basilar, Pina Manique a administrar um concelho qualquer, seria dum ridiculo tão atroz, que não sómente faria rir as pedras, mas ainda mesmo o proprio Heráclito, filosofo de tão choramingona fama.

Barcouço, outubro de 1911.

Joaquim Gomes

BALANCETE de 4 de Setembro a 31 de Outubro

DESPEZA

Composição e impressão dos n.ºs 32 a 40.....	597700
Repartição do sello.....	970
Donativo á viuva do sargento ajudante Malaguetta que foi d'infanteria 23.....	50000
Expediente gasto com os n.ºs 32 a 40.....	240660
Um livro e uma caixa para serviço do jornal, e ainda outras despesas feitas com o n.º 36.....	40700
Papel para cintas.....	20240
Somma.....	970270
Saldo positivo.....	390975
Somma.....	1370245

RECEITA

Saldo antecedente.....	1000645
Recebido como consta do n.º 32.....	90000
Idem do n.º 33.....	40800
Idem do n.º 34.....	30300
Idem do n.º 35.....	50700
Idem do n.º 37.....	70200
Idem do n.º 39.....	50700
Somma.....	1370245

PLACARD

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a fineza de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Como temos recebido algumas queixas, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos participarem qualquer irregularidade na re-

cepção d'A Voz do Sargento para, immediatamente, providenciarmos.

Como já terminou, com o nosso n.º 39, o terceiro trimestre, vamos enviar á cobrança os recibos de assignatura, pedindo para elles a attenção dos nossos prezados assignantes.

Terminando em 11 do corrente a possa licença disciplinar, só no proximo numero poderemos publicar o nosso balancete, referido aos mezes de setembro e outubro.

Tendo nos sido enviadas algumas importancias, em estampilhas, de Cabo Verde e outras provincias ultramarinas, pedimos aos nossos prezados assignantes a fineza de nos enviarem essas quantias em notas do Banco Ultramarino ou em vales do correio, para nos evitarem difficuldades no serviço da administração.

Recebemos e muito agradecemos, a importancia correspondente á assignatura de um anno dos srs.:

Antonio Augusto Franco, alferes d'infanteria, Loanda; Arnaldo Gomes Duarte, 1.º sargento d'infanteria, Cabinda; a de um semestre dos srs. Candido Manuel Cardoso, 1.º sargento d'infanteria, S. Vicente; Rodrigo e Amadeu da Silva, 2.º sargentos de engenharia, Porto; Joaquim Antonio Pereira, alferes, Loanda; Antonio Angelo Baptista, 1.º sargento, Manuel Francisco e Francisco Lino da Silva, 2.º sargentos, Praia; Joaquim Franco e José Maria Marques, 2.º sargentos d'engenharia, Lisboa; Guilherme Francisco Gravata, 2.º sargento da guarda republicana, Mertola; Alvaro Augusto Bento, 1.º sargento do Arsenal, Lisboa; Albano José da Cruz, 2.º sargento de caçadores 3; e a de um trimestre dos srs.: José d'Albuquerque, alferes d'infanteria 23; José Ramos Barata, mestre de corneteiros d'infanteria 23.

O nosso amigo Mario Pio, director e proprietario d'O Povo de Santa Clara, foi absolvido da que-rela que lhe moveu o mordômo do Asylo de Cellas.

Um abraço pela justiça que lhe foi feita.

Encontra-se bastante enferma a esposa do nosso inolvidavel amigo, Antonio de Castro Seabra, de Luso. Um prompto restabelecimento é o que do coração desejamos á bondosa senhora.

Grassa com grande intensidade em Villa Nova de Monsarros, a epidemia da variola, tendo já alguns obitos.

Tem chovido torrencialmente, ouvindo-se tambem o ribombar do trovão.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Conjunctivite

a) *Definição.* — É a inflamação da membrana que forra o olho por dentro das palpebras sobre o globo e que se chama conjunctiva.

Ha diversas especies de conjunctivites, conforme as causas e as lesões, mas apenas se faz menção da mais commum em Angola, principalmente em Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres, onde as areias e os ventos se conjugam muito bem para esse fim, auxiliados pela reverberação solar sobre o areal.

b) *Symptomas.* — A conjunctivite manifesta-se por inflamação da conjunctiva, isto é, dór e ardor, calor, rubefacção ou vermelhidão mais ou menos intensa devida á congestão, acompanhada de difficuldades em abrir as palpebras (conjunctivite simples.)

Neste caso ha augmento concomittante da secreção das lagrimas.

Se as secreções lacrimaes comecam a ser turvas e se desenvolvem filamentos de pus, ademandando-se a conjunctiva (chemosis), então haverá a conjunctivite catarral, podendo-se neste caso haver turvação da vista por se espalharem as secreções turvas por sobre a córnea.

c) *Tratamento.* — Lavagens com agua borica ou branca quente — (Agua commum a ferver 1:000 grammas — Acido borico 40 grammas — dissolva; ou Agua commum 98 grammas — Solutio de sub-acetato de chumbo 2 grammas — Agite bem), bastante repetidas, deixando-se mesmismo parches ou compressas de algodão, cobertas de gaze, ficando esta por dentro, embebidas naquelles solutos por bastante tempo.

Fóra d'isso usar-se-hão oculos defumados.

Não se exporá os olhos ás poeiras, á luz intensa artificial ou natural, aos ventos, etc.

Nos casos mais rebeldes se usará do soluto de sulfato de zinco (Sulfato de zinco 5 centigrammas — Agua distillada 20 grammas — dissolva.) — Usar nos olhos.

Póde tambem empregar (Azotato de prata crystallizado 10 centigrammas — Agua distillada 10 grammas — Dissolva. — Guarde em contagottas amarello.)

d) *Prophylaxia.* — Todas as causas de irritação serão affastadas, Havendo luz natural ou artificial intensa usar-se-hão os oculos defumados. Havendo fortes ventos, que levantem poeiras, ainda os mesmos oculos podem exercer uma boa protecção.

Havendo lymphatismo, será este atacado pelos medicamentos e hygiene propria.

Havendo catarrho nasal ou constipação, cuidar-se-há de tratar este padecimento.

Otalgia

a) *Definição.* — É uma nevralgia do ouvido.

b) *Symptomas.* — Caracterisa-se uma dór viva subitamente declarada e tendo intermitencias.

Tem irradiações diversas.

Acompanha-se por vezes de surdez passageiras, de zunidos de ouvidos e nunca de lesões apreciaveis do ouvido.

Póde ser devida a carie de um dente molar, cuja extracção ou tratamento trará a extincção da dór.

c) *Tratamento.* — Se se encontrar a causa, tal como um dente cariado, remover se-ha essa causa e virá a cura.

Se se não souber a causa fica-se no caso das nevralgias (Vide Nevralgias em geral.) Usar se-ha então dos medicamentos para tal caso aconselhados.

Especialmente aqui usar-se-ha a cocaina em solução (cinco hereticulas de chlorhydrato de cocaina a 1 centigramma dissolvidas em 5 grammas de agua distillada), de que bolinhas de algodão serão embebidas e introduzidas no ouvido.

As lavagens quentes de agua borica tambem aproveitam.

d) *Prophylaxia.* — Só póde evitar-se esta nevralgia, como qualquer outra, quando seja sabida a causa que se removerá.

CAPITULO III

Molestias do aparelho circulatorio

Angina do peito

a) *Definição.* — É uma nevralgia cardiaca que produz uma pungente dór na região precordial, irradiando para diferentes pontos, para o peçoço, para a nuca, para o hombro esquerdo e braço correspondente, etc., acompanhando-se de uma angustia, d'um aperto ou sensação de constracção espantosa, que causa dyspnéa ou soffocação, não deixando fallar e mostrando imminente a syncope.

O doente conserva o conhecimento e vê a morte imminente, tendo a sensação da vida a extinguir-se.

b) *Symptomas.* — Além dos indicados já na definição, e que caracterizam esta doença, ha a notar que esta nevralgia apparece umas vezes de repente, outras é precedida de dór no braço esquerdo que sóbe até ao coração, como uma aura. Dura de alguns minutos a meia hora e mais ás vezes.

É muitissimo violenta ou então póde ser mais attenuada a ponto de apenas se fazer sentir por oppressão ou dyspnéa que dominam a scena.

Depois do accesso fica uma grande prostação, entorpecimento do braço esquerdo, eructações gazozas, etc.

c) *Tratamento.* — A morphina em injeccção hypodermica na dose de 0,1 a 0,2 grammas. (Empollas de chloreto de morphina a 1 centigramma. — N.º 1.)

O brometo de camphora (Lenticulas a 10 centigrammas, 10 a 20) (Lenticulas de brometo de camphora 10 centigrammas — 1 tubo.)

A trinitina, 2 a 10 lenticulas de 1 quarto m/mg. (Lenticulas de trinitina a 1 quarto de milligramma — meio tubo.)

As Lenticulas anti-pasmodicas, uma de 2 em 2 horas. (Lenticulas anti pasmodicas — meio tubo.)

Os revulsivos: vesicatorios, pontas de fogo, ventosas escarificadas, etc., na região da dór.

Tambem dá bom resultado o gelo sobre o coração.

d) *Prophylaxia.* — Se se apurar a causa da angina, será esta com-

batida com o fim de prevenir os accessos.

De um modo geral, quem fôr dado a este padecimento deverá supprimir o tabaco, o chá, o café, as refeições copiosas, os exercicios violentos, as fadigas, as emoções vivas e as vigalias prolongadas.

(Continua.)

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 - RUA DA SOPHIA - 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia, o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'A veiro

Uniformes para militares.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

COIMBRA

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFICIAL DO EXERCITO

AGUA DE PIZÕES - MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.

Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.

Para uso diario e constante. Refrigerante inegualavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos. Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL
—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultramár, semestre - 600
Número avulso, 30 réis
ANNUNCIOS — Preços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Pelo artigo 248 do decreto de 25 de maio, reconhece-se que nos planos de operações está prevista a organização de unidades estrategicas superiores ás divisões.

Pelo mesmo artigo se nota que no registo das nomeações de mobilisação, estão indicados os officiaes generaes que devem assumir o commando de grupos de divisões.

Não ha portanto divergencia de opinião sobre a necessidade de organizar unidades superiores ás divisões.

Em quasi todos os exercitos estrangeiros, um corpo de exercito compõe-se ordinariamente de duas divisões e por tropas do corpo de exercito, independentes das divisões.

E' rasoavel suppôr que em caso de mobilisação, aos grupos de divisões se adicionem tropas não endivisionadas, ficando por isso com uma constituição idêntica a um corpo de exercito.

A composição de um corpo de exercito na Allemanha é a seguinte: quartel general, 2 divisões de infantaria, um batalhão de caçadores a pé, a artilheria do corpo, uma secção de telegraphistas, columnas de munições, batalhão do trem, equipagem de pontes de corpo d'exercito, uma padaria de campanha, um deposito de remonta movel e hospitaes de campanha.

As duas divisões e a artilheria de corpo, constituem propriamente os elementos combatentes.

E' evidente que ás grandes unidades estrategicas, denominadas «Corpos de exercito ou grupos de divisões,» se tem de attribuir a artilheria de corpo que é o terceiro elemento combatente d'essas grandes unidades.

Este terceiro elemento é não só necessario, mas indispensavel.

E' a artilheria de corpo que fornece ao commando do corpo de exercito o meio por excellen-

cia, para imprimir ao combate uma direcção determinada.

Sendo ordinariamente a artilheria de corpo composta de seis baterias, uma tão grande massa de peças, faz sentir rapidamente a sua influencia no combate.

A infantaria precipita-se espontaneamente por toda a parte em que o tiro da artilheria preparou o ataque.

E' a artilheria de corpo o elemento de combate, do qual sómente pode dispôr o commandante do corpo de exercito.

E por isso mesmo a artilheria de corpo assegura a esse commando o meio de exercer a sua acção directriz no combate e garante a subordinação das duas divisões que compõem o corpo de exercito.

Sem esse meio, as divisões escapavam-se sempre que podessem, á acção do commando superior, porque os commandos das divisões imprimem ás suas tropas um certo sentimento de propriedade pessoal, esforçando-se por fazer prevalecer entre ellas a sua propria vontade.

Von Der Goltz affirma que a artilheria de corpo impõe-se como terceiro orgão do corpo de exercito.

Affirma ainda que repartindo toda a artilheria entre as divisões, privar-se-hia o commandante do corpo de exercito, do meio mais effizaz da sua acção pessoal na marcha do combate, do melhor instrumento de que dispõe para obter a superioridade no momento decisivo.

Pela nova organização não foram creados os regimentos de artilheria de corpo, mas dotou-se cinco regimentos divisionarios com tres grupos de baterias.

Concordamos plenamente com esta disposição, pois com mais economia, no acto da mobilisação, dispomos dos terceiros grupos de baterias para organizar a artilheria de corpo.

Além d'isso conta-se ainda com os dois regimentos de arti-

lheria de montanha e com os dois grupos de baterias de obuzes de campanha.

Temos portanto assegurado o terceiro elemento de combate nas grandes unidades.

Cada uma das divisões dispõe de um regimento de cavallaria a 4 esquadrões.

Se a divisão tem que operar independentemente das outras unidades, os 4 esquadrões não bastam para desempenhar todos os serviços que pertencem á cavallaria.

Se a divisão se reúne a outra para constituir uma unidade superior, são de mais os 4 esquadrões attribuidos a cada divisão.

Se o corpo de exercito marcha por uma só estrada, não ha lugar para o regimento de cavallaria da divisão da cauda.

D'ahi resulta que ou se intercalla na columna de marcha e então não serve para nada, ou se reúne ao regimento de cavallaria da divisão testa e então toda a cavallaria é empregada como cavallaria independente e deixa de desempenhar os serviços particulares de cada divisão.

Segundo a opinião de Von Der Goltz bastará um esquadrão de cavallaria para o serviço particular de cada divisão, quando se reunam para constituir um corpo de exercito.

E' portanto preferivel formar uma brigada de cavallaria com os dois regimentos divisionarios, fornecendo esta brigada os destacamentos de cavallaria precisos que devem ficar á disposição das divisões.

Pela nova organização, os regimentos de cavallaria divisionaria são constituídos por 4 esquadrões.

Seria preferivel que dispozessem de 5 esquadrões como os regimentos de cavallaria allemã, pois d'esta forma deixando um esquadrão a cada divisão, ficava a brigada de cavallaria do corpo de exercito com 8 esquadrões que é a sua composição normal.

A brigada de cavallaria creada pela nova organização dispõe de tres regimentos.

E' rasoavel suppôr que mais tarde se organizará um outro re-

gimento de cavallaria, que transformará a actual brigada numa divisão de cavallaria.

Actualmente o nosso paiz lucha com a falta de recursos no que diz respeito a gado cavallar, e por isso a commissão entendeu muito bem não augmentar desde já essas unidades.

(Continua.)

ARRUAGEIROS

Eu não aprovo as arruaças no scenario da rua nem tão pouco as aggressões pessoas que ultimamente alvejaram um ex-caudilho da Republica.

Mas ao ler as aggressões violentas repassadas da bilis de desespero que esse ex-caudilho da Republica deixa publicar todos os dias no seu jornal, fico sem saber qual é o arruaceiro—se o que agride escrevendo, se o que se defende agredindo.

Um despeja a bilis do seu odio (por não se lhe prostrarem todos os portuguezes no respeito e consideração, a que julga ter juz), (n'um jornal como o antigo pasquim do Padre Mattos.)

O outro levanta-se austero na praça publica onde colhe aplausos entusiasticos.

O primeiro deita a baba nojenta do seu resentimento sobre as pessoas que o povo estima e quer.

O segundo levanta o braço ofendido e agride em plena rua.

Um, seguindo o proceder do jesuita desqualifica os que hostilmente se lhe manifestam, aproveitando-se de todos os meios.

O outro responde-lhe rudemente, exautorando-o na praça publica.

Será mau o proceder dos radicais, que coerentes com a sua ideia são rudes na discussão, viris no proceder.

Mas é pessimo e até nojento o sistema seguido por esse ex-caudilho da Republica, publicando odios, fomentando discordias e chamando ao povo rude, humilde e radical—a arruaça, a canalha e a ralé.

Estas palavras ficariam bem na boca d'um aristocrata ou na fisionomia imberbe d'um jesuíta.

Mas n'um jornal republicano, n'um diario redigido pelo sr. Antonio José d'Almeida são pessimismos esses termos, são o cumulo revelador da mais radical apostasia.

Longe de favorecer a sua causa, essa linguagem mais o afunda na lama do desprezo.

Não se ganham amigos com insultos nem se adquirem prosélitos publicando arruaças e desqualificações.

Esse sistema de fazer politica, somente desprestigia o chefe e torna mais rancorosos os seus adversarios.

Diz um rifão antigo que quem semeia ventos colhe tempestades e vê-se quanto é verdadeiro esse ditado no que vaee succedendo ao sr. Antonio José d'Almeida.

O seu jornal ataca na vida intima todos os amigos do sr. Affonso Costa.

E' tal qual o famigerado e desqualificado Homem Christo atacando os verdadeiros republicanos, do cesto da roupa suja.

Leiam-se esses ultimos ataques contra Napoles (o intangível tenente como lhe chama), onde se ataca no filho a memoria querida d'um pae que morreu.

Leia-se o ataque pulha (permitam-me a expressão) dirigido contra o demittido governador civil do Porto que o povo apreciava tanto.

Leia-se emfim esses echos e até os artigos do fundo agredindo sem fundamento, injuriando sorrindo e mentindo. Será pois para admirar que o povo exasperado com tantas agressões, e esperando ainda a união dos republicanos, agrida e apupe o director d'um jornal tão semelhante ao *Portugal* da Monarchia?

Nem outra attitudo poderá ter o povo ordeiro apesar de ser pacato.

Eu não pertenco a grupo algum politico, nem aprovo arruaças ou agressões mas não me surpreenderei se um dia receber a noticia de que esse jornal a *Republica* teve o mesmo fim do *Portugal*, do *Illustrado* e de outros.

Porque como o disse o sr. João Chagas n'um das suas cartas politicas, (Ninguem diz impunemente á multidão — Canalha)!

E realmente povo, mesmo o mais humilde, tira vingança cedo ou tarde, de todo aquelle que imbecilmente o chama vilão e arruaçeiro.

O povo ruje. E esse odio cego que se apossou do illustre tribuno, não o deixa ver ainda que os apupos que lhe dirigem são uma

manifestação tenue quasi insignificante do odio profundo que lhe vota o povo por se julgar atraído na sua demasiada boa fé.

Creia o illustre tribuno que o povo não perdôa facilmente as suas acções conservadoras em nada atenuadas com as afirmações hypocritas do mais puro radicalismo.

E essa bilis, esse rancor, esse odio de desespero que s. ex.^a publica no seu jornal, nada mais faz que acirrar odios, conquistar malquerenças e amontoar a tempestade que não sendo desviada a seu tempo, levará no seu estalo ruidoso, aquelle que tão desastrosamente a provoca, a atrae e a injuria.

Montemor o Velho 15-11-911.

CARLOS VICTOR

MÁ POLITICA

Desgraçados d'aquelles que pela sua intransigencia, pelo seu modo de pensar, hoje infelizmente da mesma maneira que nos tempos idos, deixarem de ceder, reagirem contra a vontade dos despotas, dos politicos sem escrúpulos; porque se tal fizerem serão lançados á margem, esquecendo-se todos os serviços por elles prestados, esquecendo-se que esses intransigentes foram os mais solidos degraus, por onde esses politicos subiram, não quando essa escada se achava em riscos de se desmoronar, mas quando estava solidamente construida e segura, porque até então esses politicos da paz, tinham medo da guerra, receavam o cheiro da polvora, o derrame de sangue e estavam ou recolhidos na doce paz do lar, ou lá fóra tratando de tudo e mui principalmente de terem a vida no seguro.

São esses que nada fizeram pela Republica, a quem a causa democratica nada deve, que se acham anichados, que se acham hoje desempenhando rendosos e proventosos cargos, para onde foram nomeados sem concurso, por um Ministro que sómente teve em mira servir amigos e não premiar a virtude d'aquelles que elle muito sabe trabalharam, e pela *Republica*, seu unico ideal, se sacrificaram a ponto de perderem o seu futuro e o seu pão.

Mas que importa este facto de tão pouca monta, a esse chefe politico, que tanto radicalismo apregouo antes de 5 d'outubro de 1910, sempre que na *Tribuna popular*, usou da palavra, e que hoje procede em completa antithese, com as ideias expandidas.

E' que esse homem apparece-nos hoje um grande ambicioso, caiu-lhe a mascara e a sua ambição leva-o a cercar-se não de velhos e convictos republicanos, mas de muita gente que pela Republica nada fez, nem fará, e por esse politico e para lhe augmentar o seu partido, em troca de injectivas flagrantes e rendosos proventos, teem descido até ao papel degradante de galopins e quem sabe de que mais...

E' que esse chefe politico presta-se a servir de instrumento de vingança d'esses seus satélites, e haja em vista o procedimento sem precedentes havido para com o grande luctador democratico, nosso amigo, *Guilherme d'Albuquerque*, para esse

incançavel rapaz, que pela *Republica*, tanto trabalhou, tudo deu, a saude, o futuro e o pão... que todos nós conhecemos a sua obra, que o vimos sempre na primeira fila dos combatentes na hora de verdadeiro perigo embora muitas vezes gravemente doente, que sabemos os seus sacrificios, as perseguições de que foi victima, que pela sua intransigencia de principios não se collocou antes de 5 d'outubro, e tanta abnegação é esquecida, é calcada, deixando de o nomear para um cargo que por todos os motivos lhe pertencia, quando é facto que todos os serviços relevantes prestados á democracia por este intransigente, são de sobra conhecidos por esse chefe politico.

Mas não se admire o nosso amigo *Guilherme d'Albuquerque*:

Nós, sargentos, fomos os primeiros que apanhamos uma pernada d'esse chefe politico, que muito bem nos conhecia e dizia apreciar antes de 5 d'outubro, e que depois d'essa data, quando tinha sido guindado á culminancia do poder, o seu radicalismo e attenção pelos nossos serviços o levou a esquecer-se de nós na lei eleitoral cerceando nos o direito do voto, que só nos foi dado depois e por motivos que conhecemos, que são contos largos e que diremos noutra occasião se fôr preciso.

Mas se os velhos republicanos estão postos de parte desde 5 d'outubro, por esse politico de má politica é porque cada um acompanharia o vulto que mais sympathia lhe offerecesse e d'ahi o elle ter ou não o penacho do mando, em virtude de possuir ou não o grupo mais numeroso portanto toca por todas as formas a engrossar o seu partido, para á outrance ter o penacho, embora aniquile aquelles com que hontem trabalhou, aquelles que o guindaram a taes alturas, não vacillando elle nos meios para conseguir os fins, pretegendo e beneficiando aquelles que hontem guerreavam e affrontavam a Republica, taes como velhos galopins, o que não admira, pois estes já magnificos serviços prestaram por intermedios dos seus amigos á sua facção politica.

Breves considerações

O sistema adótado no ultimos tempos pelo jornal *O Seculo*, publicando entrevistas com individuos que pela sua posição social e competencia technica se tornam mercedores de ser ouvidos sobre questões da sua especialidade, é não só democratico, como rigorosamente pratico.

Com esse sistema se desfazem equívocos, se adquirem conhecimentos, se destroem ou atenuam exagêros, se purifica mais ou menos a deturpação aleivosa ou inconsciente de factos espalhados ao dominio publico.

O individuo que, com verdadeiro conhecimento de causa desserte sobre um dado assunto, assumindo para mais uma responsabilidade meramente pessoal perante a sociedade culta, oferece uma garantia diferente daquelle que sem esse conhecimento e sem essa responsabilidade, dispara considerações para a direita e para a esquerda. Os casos duma elevada altitude scientifica, querem-se assim: tratados por quem lhes saiba aplicar proficiencia e dar autoridade.

E' um grande mal de que sofre a sociedade portugueza, o de tudo querer discutir e de tudo preten-

der censurar, sem que para isso esteja convenientemente habilitada, dando esta circumstancia logar a um atropelo formidavel, em que a rasão e a verdade são quem mais sofrem.

O Seculo prestando a consideração que é devida aos homens de destaque, consultando-os quando para isso haja preciso ensêjo dá ao seu jornal uma feição pura de moralidade e de criterio.

Segue assim a forma racional de proceder e evitará que os chamados *más linguas* e os falsos enciclopedicos, alimentem largos fóros de importancia, a que, evidentemente, não podem nem devem ter jus.

Concorramos todos para o aperfeiçoamento da humanidade, embora cada um só disponha duma infima parçela para ver se regularisamos as condições de existencia, que a miseria de sentimentos nobres tem depauperado extraordinariamente.

J. A. Gomes.

Carta aberta ao Sr. Bispo de Vizeu

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

Pagando honradamente muitos fieis para terem missa, á vontade, nas povoações de Tourigo e Valle, d'esta freguezia do Barreiro, quasi todos se queixam de que ouvem, contrafeitos, a referida missa, em razão d'um malsonante e enfadonho berreiro que *determinado mulheiro*, cantarolando, faz durante toda ella!

Chega a parecer que se está mais numa descamisada ou serão d'aldeia, do que num acto religioso de tanta seriedade!...

O reverendo capellão, Ignacio F. Viegas, comprehende muito bem que tal fastidiosa cantarola distrahe e faz perder a devoção dos fieis, motivo por que tinha a restricta obrigação de não dar causa ao abuso, deixando-se de cantigas num templo sagrado; mas tão nobre e arrojado gesto é, que o sr. Padre Mestre, não é capaz de fazer, visto que isto seria a mais profunda desconsolação que poderia dar ás suas caras Jaquinas!

Dizer missa sem estar rodeado de *frescotas* tricanas é que o nosso capellão nunca fará, não sendo superiormente obrigado.

E' por isso que um seu freguez e amigo, interpretando a vontade geral dos fieis, resolveu recorrer, por este meio, a V. Ex.^a Rev.^{ma} a fim de providenciar, da melhor forma que entender, para que nas referidas capellas se possa, de futuro, ouvir missa com mais attenção, respeito e ordem.

Assim o exige a maioria dos fieis que se julga, com razão, no direito de poder assistir, o mais devotamente possível, ao santo sacrificio da missa, não sendo por ninguem perturbada.

Parece tambem ser muito decente e catholico que as mulheres estejam, quanto possível, separadas dos homens, durante os actos religiosos, como muito bem se observa na igreja parochial; pois na capella do Tourigo, algumas mulheres, bem indelicadamente, se arrogam o direito de prioridade, ouvindo missa a tocarem na alva do celebrante!

Os homens teem de passar para a rectaguarda.

Tudo isto, além de ser baixo, ridiculo e nojento, é um intoleravel abuso e falta de respeito para com os demais assistentes.

Muito conveniente era, pois, que

taes *magdalenas* aprendessem a tomar os seus respectivos logares.

Isto ficava-lhes muito bem, mas a culpa tem-na o capellão que não póde dizer missa, sem ter os *corações* junto de si!...

Como V. Ex.^a superintende no referido padre, grande beneficio prestava á religião, dando os seus paternaes conselhos ao capellão alludido.

Póde mesmo fazel-o sciente de que nós já ha muito o conhecemos, pelo que escusado será tentar fingir o que não é, suppondo que todo o povo é ainda pateta. E' trabalhador, mas o seu ideal unico é amontoar centenas e centenas de communhões!...

Nós, que tambem somos catholicos, desde sempre, entendiamos que melhor faria, dividindo o tempo, que gasta com *superfluas* confissões, em ensinar a doutrina christã ás creanças, e outros deveres religiosos e civicos, como cuidadosamente o tem feito o parochio da freguezia que veio encontrar, segundo observei num dia de examina, — fíeis de vinte, trinta e quarenta annos, sem saberem o acto de contricção!

Isto é espantoso, mas verdadeiro.

Confiamos que V. Ex.^a terá na devida consideração o assumpto d'esta carta, corrigindo devidamente aquelle seu subordinado, que precisa de ter um pouco mais de tino, como teremos occasião de provar.

De V. Ex.^a Rev.^{ma}.
muito attento e obrigado
Um subdito fiel.

CARTA DO CONGO

Presado amigo

Pedes-me que te dê noticias minhas, lá vão pois, e ingrato me chamarias se o não fizesse.

A nossa amizade assim o exige. Desculpa-me a estrutura d'esta carta, sem merito algum litterario e despojada de vã rethorica, o que não obsta a que cada periodo de que se compõe seja uma consagração á nossa velha amizade, que a ausencia ainda mais radicará.

«Um amigo verdadeiro é um precioso thesouro», dizia alguém.

Mas agora me recordo, quero escrever-te e dizer-te coisas que não sejam frivolidades d'amigos, e francamente, escaceia-me o assumpto!

Ah! recordo-me, vou-te fallar d'estas terras, que tu não conheces e pelas quaes certamente ter interessarás, vibrando, como vibra em teu peito, o santo amor por tudo a que chamamos portuguez.

E de resto, sendo hoje o primeiro anniversario da neophita republica, o thema não é desarrazoado.

Sabes bem que não sou novo nestas paragens, conheço-as um pouquinho, com modestia o digo, e quando ha mezes deixara Lisboa, alanceado pela saudade e de olhar turvado pelas lagrimas te dava o ultimo abraço, a tí, que no caes me davas a honra da tua despedida, a que a nossa amizade tinha jus — e passados momentos já a meio do nosso lindo e para mim saudoso Tejo, o meu pensamento ia mais longe, pensando na modesta casa onde uma santa mãe choraria a separação d'um filho querido no meio de todos estes pensamentos, crise de dôr e de saudade, uma unica illusão me servia de linitivo.

Disse illusão e é o termo: prouvera a Deus que o não fosse, porquanto já te não tomaria tempo, tratando d'ella.

Nesse turbilhão de pensamentos, onde o meu espirito acabrunhado, de balde procurava reagir, livrando-se da possilaminidade, uma illusão pois, qual *crystalina* gotta d'orvalho em meio de agrestes cardos, me chamava á realidade, mostrando-me as limpidas e calmas aguas do Tejo, como caminho d'uma colonia que eu em outubro do anno passado havia deixado, estorcendo-se nas garras aduncas da governação monarchica e que óra, purificada e expurgada d'esses vermes corruptores, bafejada pelo sopro vivificante d'esse colosso de esforços, de boa vontade e sobretudo de probidade, se encontraria regenerada e em breve modelo de governamentação.

Mas *veni vidi e...* desiludi-me...

O Eden que á semilhança do primitivo de que nos falla a Biblia, eu esperava encontrar, onde as mais diversas classes, commungando no mesmo ideal, amando-se quasi, tivessem a **Egualdade e Fraternidade** como unico lemma, como um labaro, onde se vissem aquellas palavras: *In hoc signo vinces*, não passava de mera utopia, verdadeira chimera phantasiada pelo meu espirito obsecado de enthusiasmo, ou talvez, pouco acostumado a conhecer o quasi nimio patriotismo da mor parte dos nossos concidadãos.

Escaceia-me o espirito de observação, pouco desenvolvida pela nenhuma intelligencia e pouca pratica, todavia attende no que te vou dizer e terás mais ou menos, ainda que em miniatura, um *fac simile* do que é isto por cá.

Imagina, pois, uma grande fabrica, entregue á direcção d'um engenheiro, conscio do seu papel, intelligente e devotado á empreza que lhe confiara os seus haveres, quasi um bocado da sua alma, sim, porque a propriedade adquirida honestamente, faz quasi como que parte do nosso todo, mas cujo pessoal incompetente e sobretudo nutrido aversão á empreza proprietaria, se esforçava para a prejudicar, fazendo com que os esforços, boa vontade e intelligencia do seu director tecnico, esbarrassem sempre de encontro á maior das tibiezas e amor proprio, e não perdendo occasião de a prejudicarem porque ella substituindo a anterior lhe havia acabado com os abusos, acabando lhe por isso com uma necessidade já inventada nos seus organismos lassos e preventidos.

A' semelhança do infeliz director da imaginaria fabrica, que para mostrar comprehensão te fiz idealisar, ha por cá quem se esforce, procurando guiar o seu proceder e guiar os d'outrem, consoante a Republica o exige.

Mas, esses esforços, essa dedicacão, essa vontade de conservar incolume um passado de glorias, sofrimentos e perseguições, encontra sempre más vontades e tibieza.

Como vez, meu amigo, sou bem positivo, apresento-te as coisas taes quaes as comprehendo e satisfeito comigo mesmo, envio-te um saudoso abraço e suplico-te que te não demores com as tuas noticias, fallando-me da nossa querida Republica, fallando-me d'esse colosso inderrubavel por quaesquer iconolastas traidores.

Cabinda, 5 d'outubro de 1911.

Arnaldo Gomes Duarte,
1.^o sargento d'infanteria.

Suspendeu a sua publicação a *Voz de Tondella.*

LITTERATURA

MARIO!...

(Ao Ex.^{mo} Sr. Ped. o Lucio d'Assumpção e sua Ex.^{ma} esposa D. Isaura Ferreira d'Assumpção, este testemunho de saudade infinda que me deixou o seu estre-mecido Mario)

Anjo de graça, estrella desviada
Por tempo d'aureo ceu, repouso teu;
Tempo andas-te perdida, transviada,
Até que novamente fós-te ao ceu.

Chamou-te o Creador p'la voz da Morte,
— Essa vampira enorme e irresistivel
Que vem furtar ao turbilhão da softe
O bom, o mau, o duro e o sensivel.

Ainda dura em meu peito a saudade
Que deixas-te ao partir cá d'este mundo,
P'ra onde cuspirás, da eternidade,
Saliva eterna d'um desdem profundo.

Desdem, sim! porque a Morte, se é cruel,
Cumpre uma lei por todos esperada,
Ao passo que o mundo é de fel,
E o mortal é cinza, terra — nada!

Ri, anjo, ri do mundo, qu'elle é lama,
Cardos agrestes, espinhos dolorosos;
Não recordes na tua etherea cama
Este valle de martyrios horrorosos.

E vós, ó paes, a quem opprime a dôr,
Calae o pranto vosso tão ardente,
Se o mundo é assim, composto só d'horror,
Vale mais a Morte, — impia, mas clemente!

Coimbra, Novembro de 1911.

ACCACIO SERRA.

PLACARD

Aos nossos assignantes do Ultramar, que ainda estejam em debito, pedimos a finesa de mandar satisfazer, para regularidade da nossa escripturação.

Como temos recebido algumas queixas, pedimos aos nossos assignantes a fineza de nos participarem qualquer irregularidade na recepção d'*A Voz do Sargento* para, immediatamente, providenciarmos.

Como já terminou, com o nosso n.^o 39, o terceiro trimestre, vamos enviar á cobrança os recibos de assignatura, pedindo para elles a attenção dos nossos prezados assignantes.

Terminando em 11 do corrente a nossa licença disciplinar, só no proximo numero poderemos publicar o nosso balancete, referido aos mezes de setembro e outubro.

Tendo nos sido enviadas algumas importancias, em estampilhas, de Cabo Verde e outras provincias ultramarinas, pedimos aos nossos prezados assignantes a fineza de nos enviarem essas quantias em notas do Banco Ultramarino ou em vales do correio, para nos evitarem difficuldades no serviço da administração.

Recebemos e muito agradecemos, a importancia correspondente á assignatura por dois annos do sr. Feliciano Caetano de Sousa, em serviço no caminho de ferro de Mossamedes; de um semestre, dos srs. Manuel Rodrigues Simões, Coimbra; Cypriano Pereira, 1.^o sargento d'infanteria, José Daniel Clemente, Amaro Eulenterio Duarte, Anastacio D. Gago Junior e Joaquim Monteiro, 2.^{os} sargentos, todos de Lauteim; José Jorge Tertuliano, musico de 2.^a classe d'infanteria 23; a de cinco mezes do sr. Agostinho Pereira, capitão d'infanteria n.^o 35; e a de um trimestre dos srs. Braz Antunes, 1.^o sargento, e Antonio José Gonçalves Negreiros, 2.^o sargento, ambos da guarda fiscal, Porto; Carolino José, 1.^o cabo d'infanteria n.^o 23.

Está de lucto pela morte de uma filha, o nosso camarada d'infanteria n.^o 35, 2.^o sargento Francisco José de Figueiredo.

Acompanhando-o na dôr que o punge, aqui lhe apresentamos as nossas condulencias.

Defeza

Ha muito que não recebemos a visita d'este nosso collega local. Ignoramos o motivo.

Já chegaram a Coimbra algumas forças do regimento d'infanteria n.^o 35 e o grupo de metralhadoras n.^o 5.

Está tudo alojado no novo quartel d'infanteria n.^o 23.

Deve sair na proxima ordem do exercito as promoções a alferes do secretariado militar, dos nossos camaradas d'infanteria 23, José Augusto Gomes e Joaquim José Magro, 1.^{os} sargentos.

Antecipamos desde já o nosso abraço de felicitações.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

PENSIONATO ACADEMICO

Situado no Penedo da Saudade, o mais aprazivel, saudavel e higienico bairro de Coimbra.

Num edificio com muito ar e muita luz, a cinco minutos do Lyceu e do Collegio de S. Pedro, que recebe alumnos externos.

Trata-se gratuitamente da matricula dos pensionistas.

PREÇOS MODICOS

Tratamento em familia

Prospectos com mais esclarecimentos. — Pedil-os a José d'Albuquerque, Santa Clara, Coimbra.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Hemorragia

a) *Definição.* — É a extravasão de sangue dada em qualquer parte do corpo.

Tem nomes especiaes, conforme o lugar onde se dá. Assim: hemoptyse, se se dá pelos pulmões, juntamente com os escarros; hematemese, se se realiza pelo estomago; juntamente com vomitos; pelo nariz, diz-se epistaxis, etc., etc.

b) *Symptomas.* — Quando a saída do sangue através dos vasos é visível, basta a presença d'este liquido de côr vermelho, escarlate ou mais ou menos escura, para se poder affirmar a sua existencia.

Quando porém, a vista não pôde accusar a presença do sangue, então o caso é mais difficil, pôde o liquido extravasar-se n'uma cavidade interna (peritoral, vaginal, pleural, craneana, pericardica, dando lugar a symptomas variados que só um profissional poderá apreciar com exito.

A saída do sangue pôde ser consequencia de um traumatismo que feriu e rompeu um vaso (arteria ou veia.)

Tambem se pôde dar a rotura do vaso por um processo pathologico, isto é, devido a uma doença, como no caso da tuberculose, que dá hemoptyses ou da ulcera do estomago, que dá a hematemese ou do intestino que dá as enterorrhagias e a melena, quando o sangue sae pelo anus, alterado já, da côr do breu.

c) *Tratamento.* — De um modo geral sempre que haja uma hemorragia deve recommendar-se o maior socego, pois que os movimentos agravam-na.

Se fôr pelos pulmões, num individuo que tosse ha muito, vindo com a tosse, é o que se chama hemoptyse, que passará com a ipecacuanha (0,5 gr. de hora a hora ou de meia em meia hora até nauseas.)

Se foi uma veia, (caso das varizes das pernas, ou do recto, hemorrhoidas, etc., far-se-ha uma compressão, usando algodão de preferencia molhado em algum soluto desinfectante.) Agua borica normal: Agua commum a ferver 1000 grammas — Acido borico 40 grammas. — Dissolva. — Agua branca: Soluto de sub-acetato de chumbo, 2 grammas — Agua commum, 98 grammas — Agite bem. — Agua de creolina: Creolina, 20 grammas — Agua commum 1000 grammas — Misture em frasco de maior capacidade e agite bem. — Lenticulas de sublimado a 50 centigrammas. N.º 2 — Dissolva em 1 litro de agua. — Soluto de adrenalina: Solução ao millesimo de adrenalina 1 gramma. — Agua commum 1000 grammas — Misture, e uma atadura de forma a poder-se fazer uma ligadura compressiva.

Sendo rectorrhagia hemorrhoidal são muito para aconselhar os semicupios frios ou mesmo gelados ou então, se se preferir, muito quentes a 45° e 48° c.

Se fôr pelo nariz (epistaxis) far-se-ha a tapagem, se fôr preciso, por meio de bolinhas de algodão.

Tambem se pôde usar neste caso, e, em geral, com bom exito a adrenalina: Soluto de adrenalina — So-

lução ao millesimo de adrenalina 1 gramma — Agua commum 1000 grammas — Misture.)

Se fôr pela vagina, vindo da madre (na mulher), fôra da epocha menstrual, ou quando esta se torne muito anormal, o que então se chama metrorrhagia, usar se-ha o ergotino. (Lenticulas de ergotino a 10 centigrammas, 1 tubo), mas não quando não haja gravidez.

As injeções vaginaes a 45° c. dão bom resultado tambem.

De resto é necessario procurar a causa para a remover.

d) *Prophylaxia.* — Para prevenir as homorrhagias só ha um meio que é evitar a causa que as produz, quer curando-a, quer fugindo á sua acção.

CAPITULO IV

Molestias do aparelho respiratorio

Defluxo

a) *Definição.* — O defluxo, tambem chamado corysa ou rhinite, ou ainda constipação, é uma inflamação da mucosa ou membrana que continua a pelle do nariz e o vae forrar por dentro (fossas nasaes.)

b) *Symptomas.* — A corysa começa, em geral, por embaraço e formigueiro nas fossas nasaes, dando facilmente lugar a espirros muito frequentes.

A mucosa nasal, a principio seca, em breve começa a segregar um liquido claro e irritante que visca, como caustico, que é, as partes por onde corre (labios, bordo das narinas ou aberturas nasaes.)

O olfacto desaparece de todo ou quasi por completo e o gosto tambem. A voz nasaliza-se. A respiração faz se mal. A's vezes ha dôres de cabeça, sobre tudo forjtaes, ligeiro movimento febril e molleza geral do corpo.

Eis a que se exprime vulgarmente, dizendo que se está constipado ou endeflexado.

Esta inflamação das fossas nasaes pôde propagar-se á visinhança e assim estender-se aos canaes que communicam com os ouvidos (trompas de Eustachio), dando zumbidos dos ouvidos; cahir para a pharynge e amygdalas, dando angina, pharyngite, etc., descer até á larynge e dar laryngite (rouquidão); cahir no peito, affectando a tracheia e mesmo os bronchios, dizendo-se então que a constipação cahiu no peito; finalmente, tambem pôde subir aos olhos pelos canaes lacrimaes (que communicam as fossas nasaes com os olhos e por onde descem as lagrimas), dando conjunctivites, etc.; e aos seios frontaes, produzindo as já indicadas dôres de cabeça frontaes.

c) *Tratamento.* — Como facilmente se percebeu já, é da corysa aguda que se trata, e n'este caso, o primeiro cuidado será provocar a transpiração e para isso deve-se recommendar agasalho e lenticulas de nitrato de pilocarpina a 1^m/mg. (Lenticulas de nitrato de pilocarpina a 1 milligramma, 1 tubo), ou sudorificas (Lenticulas sudorificas — 5), e bebidas quentes aromaticas (chá de flores de laranjeira ou de flôres de sabugueiro, ou alcoolizadas ou mistura dos dois. (Poção sudorifica alcoolizada: Folhas de laranjeira, 10 grammas — Agua a ferver, 150 grammas. Faça chá quente e junte. Asucar 15 grammas. Cambrainha, 10 grammas.) Para moderar a secreção lenticulas de sulphato de atropina.

(Lenticulas de sulphato de atropina a meia milligramma, 4.)

Para evitar que esta secreção visque a pelle, usar vanzilina borica nos labios e narinas.

(Continua.)

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

O melhor enchido de Portalegre
Na casa Gaitto & Cannas
COIMBRA

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophia, Coimbra.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.
Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.
Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

DROGARIA VILLAÇA COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.
Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circularés, etc.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na

Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis

Ultramar, semestre - 600 "

Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

A nova organização da arma de infantaria, supprime os batalhões de caçadores, porque (diz o relatório que precede a lei) não ha nada, alem da tradição, que justifique actualmente os batalhões de caçadores.

Discordamos em absoluto com este modo de ver.

Affirma-se o desprezo pelo culto da tradição!

Se as nações fortes desenvolvem o culto da tradição e do patriotismo, mais necessitam d'esse desenvolvimento as nações fracas.

O nosso paiz vive sobretudo das suas gloriosas tradições.

Nação que se esquece das suas tradições, está condemnada!

Com a perda das tradições é que se foi obliterando entre nós, o sentimento patriótico.

E' necessario a todo o transe desenvolver o culto pelas tradições do passado, fazer reviver os feitos gloriosos das nossas tropas, para que Portugal veja quanta bravura e amor patrio, representam os oito seculos da sua existencia.

E' necessario fazer reviver as tradições esquecidas, que sejam compatíveis com o espirito moderno, taes como as tradições nos uniformes e as legendas e divisas nas bandeiras e estandartes.

Os nossos caçadores tem uma historia brilhante, que deveremos relembrar a todo o instante.

Os caçadores foram admirados na Guerra Peninsular, pelas tropas alliadas e pelas tropas napoleonicas que os designavam com o nome de infantaria negra.

Não é para desprezar a tradição e por isso discordamos da razão apontada pelo relatório para supprimir os batalhões de caçadores.

Mas não é sómente a tradição que deve justificar a conservação dos caçadores.

Hayemos de demonstrar que

nós, mais do que outra nação, precisamos d'esses pequenos corpos.

Será sómente a tradição que obrigue os exercitos estrangeiros a conservarem os seus batalhões de caçadores?

Evidentemente que não!

Os batalhões de caçadores tem missões importantes a cumprir em campanha, missões especiaes que difficilmente podem ser cumpridas pela infantaria sem prejuizo do plano geral de operações.

E' precisamente pela razão da tradição e pelas necessidades estrategicas, que os paizes cultos, dotados com exercitos modernos, precisam conservar os batalhões de caçadores.

Eis a razão porque a Hespanha possui 18 batalhões de caçadores (constituindo 3 brigadas); a França 35 batalhões; a Grecia 6; a Hollanda 2; a Noruega 1; a Romania 9; a Russia 153; a Turquia 24; o Brazil 12; a Allemanha 17; a Suecia 1 regimento; a Italia 12 regimentos de caçadores e 8 regimentos alpinos; a Austria 4 regimentos de caçadores tyrolezes e 26 batalhões de caçadores; a Belgica 3 regimentos de caçadores, 1 de carabineiros e 1 de granadeiros; a Inglaterra 8 batalhões; e até a Suissa possui 8 batalhões independentes, denominados carabineiros (caçadores a pé).

Na Belgica os tres regimentos de caçadores com 1 de granadeiros constituem uma divisão, mas fica ainda o regimento de carabineiros com 4 batalhões que constituem tropas independentes.

Cada um d'estes batalhões é attribuido a cada uma das 4 divisões que compõem o exercito no caso de mobilisação.

Não obedece a um motivo decorativo ou simplesmente á razão da tradição a conservação dos batalhões de caçadores.

Nota-se que em quasi todos os exercitos estrangeiros, os cor-

pos de exercito e mais geralmente as divisões, dispõem, além das suas brigadas de infantaria de linha, de um pequeno corpo independente (batalhão de caçadores ou carabineiros) que fica subordinado sómente ao commando do corpo de exercito ou da divisão.

O batalhão de caçadores e as metralhadoras, constituem o principal elemento de que dispõe o commandante da divisão para fazer exercer efficazmente a sua acção directriz e opportuna nos momentos decisivos de um combate.

Este elemento é para o commando da divisão o mesmo que a artilheria de corpo é para o commando do corpo de exercito.

E' desnecessario encarecer a importancia d'este elemento de combate que garante ao commando o meio por excellencia para exercer a sua acção.

De resto aos batalhões de caçadores incumbem-lhes outras missões importantes e especiaes que aqui havemos de expôr.

(Continua.)

Breves considerações

A pequena permanencia das autoridades no desempenho dos seus cargos, ou seja a sua efemera passagem por esses cargos, se não é um mal de que possam resultar gravissimos inconvenientes, tambem não é um bem que se faça recomendar pela sua acção.

Creio, ser de boa tatica administrativa e que só serviria para conceituar o regimen e fazer prosperar a vida nacional, o facto das diferentes autoridades e outros funcionarios publicos, se conservarem o maior tempo possivel á frente dos cargos para que foram nomeados.

As substituições continuadas e pouco duradoiras, parece se um tanto com a leviandade dos inconscientes, e dá necessariamente margem a haver uma confiança timida pelo regimen, da parte daqueles que não figuravam nos listas republicanas até 5 de outubro.

E se levarmos ainda em via de conta a desvantagem que este caso representa para o bom andamento dos negocios publicos, defrontar-nos-hemos ainda com outras desvantagens não só grandes, como numerosas.

Parece pois que seria de extrema necessidade, que os individuos a quem caiba a nomeação dum logar de certa representação social, se compenstrassem antes de o ocupar, de que não basta aceitar logares, mas ter força precisa para neles saber estar e saber proceder. O contrario disto, é errar.

J. A. Gomes.

Instrução e promoções das praças de pret no Ultramar

A instrução é o elemento mais preciso no exercito, e no entanto é o que menos attenção tem merecido até hoje e nomeadamente no Ultramar, onde ha poucas escolas, e essas mesmas poucos resultados tem dado desde que veiu o decreto de 14 de novembro de 1901, que organisou as forças ultramarinas.

Esse decreto nunca devia ter tido execução, pois a elle se deve em parte a causa do augmento de tantas despezas; e todayia vão decorridos dez annos e ainda se não revogou essa lei, por outra que melhor satisfizesse ao fim a que se destina.

O decreto de 14 de novembro de 1901 foi elaborado por homens muito illustres, não ha duvida, e dos quaes conheço alguns, tendo por todos elles o maximo respeito e consideração; no entanto não posso deixar de dizer que é imperfeito, sendo uma das imperfeições a falta da instrução para as praças de pret.

Esta falta não havia razão para se dar, pois que, quem lêr bem aquella lei, vê logo que, se os officiaes para o Ultramar devem ser quasi todos provenientes do exercito da Metropole; ou, é para attender a afilhados que já estão servidos, ou por na occasião o numero de sargentos ajudantes e 1.º sargentos do Ultramar a promover para os respectivos quadros era insufficiente; e então se assim foi julgo que só se deve attribuir essa insufficiencia á falta de escolas regimentaes nas colonias.

Ora, se esta falta fosse atendida, como devia ser, e se fossem aproveitados para professo-

res parte dos officiaes theoricos que teem vindo do Ultramar nestes dez annos, teriamos hoje os 2.^{os} e 1.^{os} sargentos habilitados a serem os 1.^{os} sargentos e officiaes dos quadros do exercito ultramarino e a desempenharem cabalmente as funcções do seu posto.

As promoções no ultramar, até 1.^o sargento, devem ser feitas nas respectivas provincias, ou por concurso annual em todo o Ultramar os que forem para este posto pelos mesmos regulamentos adoptados no exercito metropolitano, podendo os 1.^{os} sargentos serem chamados a fazer o curso da Escola Central em Mafra ou outro equivalente, creado em qualquer colonia, abolindo-se o carcúnda do regulamento geral para o serviço dos corpos do exercito de 1886, por onde ainda são feitas essas promoções.

Espero, pois, que s. ex.^a o ministro das colonias não deixe de attender a estas necessidades creando em todas as provincias escolas regimentaes onde se professem as mesmas disciplinas que se dão nas da Metropole e que os quadros do Ultramar sejam ampliados para que nós no Ultramar possamos gosar as mesmas vantagens que teem os nossos camaradas na Metropole, por quanto todos somos irmãos, filhos da mesma Patria e trabalhando todos para o mesmo fim não deve haver distincções.

Macau, 27-10-911.

ACTUALIDADES

Oh! meu amigo! Perguntas-me como pensa este Povo a respeito da Republica!?

Mas um delirio, meu velho! Calcula que, como bem sabes, não havia regosijo nos dias de gala da monarchia, e este anno, pelo anniversario da Republica, — pasma, meu amigo, pasma! — chegaram a agitar pelas ruas, a bandeira republicana, esse symbolo augusto duma Patria Nova!

Assim se exprime um amigo meu, natural e residente na terra natal de meus paes, e onde também tenho passado grande parte da minha existencia.

Isto, que á primeira vista se afigurará aos leitores uma insignificancia, tem para mim um valor inexplicavel.

A terra de onde me escreve o meu amigo é uma pequenina aldeia do concelho de Poiares.

Quem, ha dez annos, ali fallasse em Republica, cahia lhe o Carmo e a Trindade em cima, e no cerebro d'aquella gente ignorante passava uma nuvem infinita de diabos e montões horrosos de brazas incandescentes e inapagaveis, com que, diziam elles, no outro mundo Satanaz os havia de mimosear; depois de que o venerando S. Pedro, chaveiro e thesoureiro do Paraizo eterno, se recusava apresentar a alma do peccador aos pés de Jeovah.

Mas agora já assim não pensam, porque a instrução já penetrou no

cerebro d'alguns e a ficção vae desapparecendo, para dar lugar á luz purissima da Verdade.

Os phantasmas que vojavam, de noite, em torno do logar, desappareceram, desde que uma escola, pequenina, mas activa, se ergue, sorridente e clara, entre as casinhas pardacentas dos habitantes da aldeia.

A predica do padre prior já não vale tanto, para os novos, como a do professor, e o livro das orações foi atirado para o canto escuro das inutilidades, substituindo-o os livros da instrução, de cujos fructos se vão vangloriando, aprendendo por elles a melhor doutrina, a melhor religião — que é a do Dever.

Caciaco.

POR ESSE MUNDO

Pobre religião!

O bispo do Algarve vae pedindo aos bemfeitores uma esmola para a sua diocese.

Ora vejam os leitores ao que havia de chegar a religião catholica, que até aos fieis é necessario implorar o cumprimento dos seus deveres para com ella!

Não que os tempos estão bicudos, e cada tostão vale nada menos de cinco vintens...

E afinal vão lá acreditar na crença de certos commendadores barriquistas, que passam a vida pelas egrejas e a quem não faria grande falta uns miseros vintens com que aliviassem a pobreza em que na terra andam os apóstolos e mandatarios do Padre Eterno!...

Egreja será bom, mas dinheiro é melhor — porque é sangue... Não acham, excellentissimos?...

Coitado!

D. José de Serpa diz que D. Manuel, em logar de empregar o seu tempo na reconquista, caça, passcia, fuma bons charutos e vae ao theatro.

E está desgostoso, o homemsinho!

Deixe-o lá, amigo Serpa, que elle é que a sabe toda!...

Ou você convence-se que elle tornará a pisar o solo de Portugal?!

Arreda p'ra lá o batel!...

Mal empregado o seu tempo e as suas lagrimas, coitado!

Vaidades...

O deputado socialista Manuel da Silva fez parede com o bloco na proposta apresentada pelo mesmo para demorar a discussão d'um projecto relativo aos accidentes do trabalho.

Calculem os leitores que até um socialista!

Onde leva a vaidade!...

COMO TUDO SE FAZ

Centenares de vezes se tem fallado na reorganisação do nosso exercito sem que possamos ser ouvidos, ou por falta de razão que nos assiste sobre tal materia, ou por não ligarem importancia a quem falla e a quem tem razão, porque este mal-fadado paiz está condemnado a viver de subterfugios.

Quem tem razão não póde fallar, porque se falla é esmagado. E's pequeno, portanto has de viver toda a vida na mansarda em que nasceste, se não... és condemnado a gosar alguns dias de delicias no fundo d'um casebre que se chama «prisão».

Ah! quanto pobre não somos até no fallar. Ah! quão grande é a cegueira d'alguns homens em não saberem escolher gente firme e justiceira para que se não caia no lamaçal d'onde nunca mais se torna a sahir.

Ah! quanto não valle o homem que se não deixa illudir pelos seus adeptos e por quem o rodeia e ter-se a energia necessaria para repellir todos os abutres que desejam só o seu bem estar e d'alguns seus amigos por fazerem parte da «panelinha», não se importando que se faça escandalo desde que elle seja beneficiado.

Não seria logico, quando se faz um projecto de lei, observar se algum ficaria prejudicado com tal publicação, se seria ou não bem recebido, se todas as classes ficavam na mesma proporcionalidade de promoção, se todas ellas auferiam d'ahi para o futuro as mesmas vantagens que estavam auferindo em relação com as outras armas, etc... mas não; faz-se um projecto de lei sem se ver os prejuizos que póde causar, é legislar á chocha mocha, que é o mesmo que dizer á laia de preto, para quem é bacalhau basta.

Então a infantaria que se acha prejudicada em toda a linha não dá signal de si?

Dirão talvez que esperam que o projecto seja discutido no parlamento, mas para as outras armas não foi preciso discutir-se, deram-lhe a voz d'avançar e avançou, e agora que lhe hão de fazer?! Dar a voz de retirar a todos aquellos que avançaram? Não, porque então «era peor a emenda do que o soneto.»

Ah! pobre infantaria, que te deixas humilhar perante todo o exercito... Será possível?

Não creio.

Ah! que grande numero de escandalos se teem passado dentro do exercito; e querem ter o atrevimento de chamar a tudo isto democracia. Bem se vê que é tudo á por tugueza.

Quantas vezes me não tenho lembrado da Republica franceza! Quantas vezes me não tem passado pela mente a celebre convenção que houve na França?!

Quão sublime não seria aquelle tempo que os constitucionaes de aquelle paiz davam ordens e as mesmas se cumpriam.

Só assim se poderá fazer alguma cousa.

A moda da França, á moda da França, que o tempo vae passado.

Tudo isto está a pedir laranjas com miolo de dynamite dentro.

Muitos dizem que para beneficiar alguém que devia ser recompensado e não sendo por esta forma, o não podiam ser. Não creio, mas se é verdade, então vamos a meças.

Coimbra, 15 de novembro de 1911.

A. CRUZ.

Foram collocados respectivamente na 5.^a divisão do exercito e 4.^a repartição da secretaria da guerra, os nossos amigos José Augusto Gomes e Joaquim José Magro, promovidos a alferes para o secretariado militar, pelo que novamente os abraçamos.

AVISO

Ao aviso da Obra Tutelar social do exercito de Terra e Mar, que em tempo competente publicamos, foram feitas as seguintes alterações, ficando assim redigidos os dois primeiros periodos:

«Está aberto o concurso até 30 do corrente para 60 vagas de alumnos do Instituto profissional dos pupilos do exercito.

1.^a secção

Podem concorrer os filhos das praças, sargentos e officiaes do quadro permanente e reformados do exercito metropolitano e da Armada, dos 9 aos 13 annos de idade.»

Fica sem effeito o primeiro periodo, que segue á alinea h).

No 3.^o e 4.^o grupos ficam também sem effeito as palavras:

filhas dos officiaes e sargentos

Da tabella de pensões annuaes, só é aproveitavel a seguinte:

«Instituto Profissional dos Pupilos do exercito — 1.^a secção: Ensino complementar 144\$000 réis.»

Nos documentos a apresentar é dispensada a certidão do exame do 2.^o grau.

A declaração de que a educação da menor candidata no Instituto Feminino de Educação e Trabalho está segura, por ser o inquerito subscriptor, fica sem effeito.

A inspecção medica dos candidatos será na séde da respectiva delegação tutelar nos ultimos traz dias do concurso.

Esclarecimentos

1) — A abertura do estabelecimento effectuar-se-ha na 2.^a quinzena de dezembro.

2) — A despeza com o enxoval é computada em 25\$000 réis.

3) — A despeza com o fardamento em 13\$000 réis.

4) — A despeza mensal ordinaria em 1\$8000 réis.

A REACÇÃO

Nenhum momento é tão grave para a sociedade, como aquelle em que entra, depois da victoria d'uma lucta, que a impulsionou.

As ambições, os odios e interesses vencidos levantam-se fatalmente depois da derrota e procuram viver, ter força e desenvolver-se no meio em que de novo se encontram.

A Republica não attingiu ainda a conclusão magna, porque aspirava o povo ao levantar as barricadas.

Esse desideratum tem que realisar-se com energia e tenacidade depois do seu triumpho.

Foi rasgadamente liberal o movimento que trouxe ao nosso paiz a primeira constituição politica. Mas os vencedores, julgaram em seguida que a lucta terminara e não viram a reacção teimosa e traiçoeiramente conquistar o paço que a venceu; alastrar-se pelos que a governavam; e eis por que ella já estava prestes a levantar-se de novo, com o seu odio e a sua tyrannia, quando Portugal despertou de novo.

Nos nossos dias, já se varreram as teis, onde a aranha apanhava os incautos; já se expulsaram os para-

sitas, mas infelizmente, elles voltam; e, de calção verde e jaleca encarnada, passeiam garridamente como velhos democratas, quasi com a mesma desfaçatez e hypocrisia, como nos tempos já passados.

A verdadeira lucta, que há de consolidar, para o futuro, o nosso ideal não acabou.

Começa de novo e devemos lançar-nos a ella, com toda a coragem e tenacidade, que nos dê o vigor das nossas forças.

O principal inimigo de toda a sociedade, o inimigo da luz e do progresso, é sem duvida alguma, a Religião Catholica!

Não é um inimigo, que nos appareça de frente erguida, impulsionado por uma ideia santa ou sublime.

E' a cobardia que se esconde no antro negro d'um confessorio immoral.

Não nos ataca, com o peso d'um argumento solido, ou com a logica da verdade.

Morde-nos, indispõe connosco nossas mães e nossas filhas e, sabe Deus, quantas vezes não deshonra o nosso lar, com as suas perfidias criminosas!

Não se levanta altivo, com a cruz gloriosa do Revolucionario da Palestina, porque essa cruz, esse Verbo, seguimos-o nós!

Mas levanta-nos a cruz que encima o Vaticano e essa é outra.

E' a Cruz de Catharina de Medicis, na noite de S. Barthelemy, é a cruz do frade fazendo soffrer nos antros da santa inquisição, é a cruz do jesuita conspirando contra a Liberdade.

E essa cruz odeiamos-la e desprezamos-la, como se despreza o escarro d'um tuberculoso.

Esse inimigo já pretende assenhorear-se das gerações futuras, resignando-se á derrota do presente.

A lucta deve pois recommençar, viva e tenaz, para que os louros, que o povo conquistou, não se transformem na ignominia vergonhosa da derrota.

No campo do nosso trabalho, encontraremos os simples, que nos dirão na sinceridade da sua voz rude e franca:

«Herdamos a creença na Religião Catholica, de nossos avós. Acostumamo-nos, de pequeninos, a amar as egrejas enfeitadas de flores e sentimo-nos elevados ao ideal, quando vemos nossos filhos, de joelhos, num altar ou ouvimos o órgão que acompanha os canticos do mez de Maria.»

Não devemos porém desistir. Com boa vontade e persistencia, devemos dizer-lhes que essas flores, esses canticos, que os embriagam, não são mais, que as artimanhas d'um saltimbanco, que os procura explorar.

Digamos-lhes que o Deus Omnipotente não transformou as carnes, que dizem ter, e o sangue que pretendem correr-lhe nas veias, num pedaço de pão simples, amassado muitas vezes por uma prostituta e consagrado, quasi sempre por um devasso e um dissoluto.

Digamos-lhes que não devem aviltar assim a imagem d'um Deus Supremo e Omnipotente, se o acreditam e se o respeitam.

Digamos-lhes que a religião foi, em tempos idos, uma rica mina, d'onde o Vaticano extrahia preciosos metaes, que lhe sustentavam a côrte de rei dos reis, na apparencia

santa e na realidade hypocrita e mesquinha.

Digamos-lhes que os preconceitos religiosos atravancaram sempre o caminho da Luz, da Liberdade e do Progresso, porque se plantaram nas almas simples, fazendo-lhes amar a miseria e a pobreza, dando-lhes em troca uma esperança vaga numa felicidade d'além tumulo.

E não é na miseria, embora reportada com sorrisos, que a sociedade progride, prospera e é perfeita.

Digamos-lhe, enfim, que, emquanto o povo sorri, ao sentir que tem fome e se consola com a esperança de uma recompensa celeste, os falsos emissarios de Deus banqueteam-se e pensam na terra.

Guerra pois a todos os exploradores da humanidade, que mercadejam as consciencias!

Guerra aos vendilhões do Templo, que Jesus chicoteou!

Guerra sem treguas á noute das

trevas, que pretende apagar a luz!

E vós, livres pensadores, que ainda ha pouco ereis perseguidos e odiados, vós que segu a verdadeira creença, que a verdade e a luz ha-de impor a toda a humanidade, ten-lhes á vossa frente um campo fertil e propicio, para sementeira do verdadeiro ideal e espera-se do vosso trabalho o difinitivo triumpho da nossa democracia.

Trabalhai pois. Não deixeis levantar o inimigo que já se mostra victima resignada.

Lança pela instrucção, nas povoações incultas, a semente da luz.

Desmascarae os authenticos antichristos, que assolam a terra, perante os simples e os ingenuos; e cusinae a estes a verdadeira creença a verdadeira fé.

Dae-lhe a esperança no futuro ridente da Igualdade e vereis surgir com vida e vigor a familia portugueza.

Montemor o-Velho, 23-11-911.

CARLOS VICTOR

LITTERATURA

MORTA

No seu caixão de crêpes moldurado
Como uma noite pallida d'outomno
Repouza, dormente... do eterno somno
Aquella flor da noite, anjo sagrado!...

No seu leito funéreo onde encerrada...
Tem a pallidez estranha d'um luar,
Nem um riso brilhante á despontar:
E' uma algente e fria madrugada!...

Nem risonha e magestosa esperança,
A fronte immaculada quiz beijar
D'aquella graciosa e gentil creança!...

Ah! desventurosa morte sem par!...
Nem uma vaga e despersa lembrança
Se viu junto aquelle anjo a soluçar!...

Setembro—911
Villa Verde

EDUARDO F. TUDELLA DE CASTILHO.

O inicio d'uma obra grandiosa

Deixemos agora essas paixões pessoais e esses combates mesquinhos que nada deixam fazer, e vamos todos tratar de levantar este nobre Povo ao nivel moral a que tem jus.

Uma grande parte da nossa imprensa tem o inveterado costume de andar sempre a exteriorisar sentimentos rancorosos e insinuações torpes, qual mulher de soalheiro que, sentada nos degraus da porta da vizinha, critica cavilosamente este ou aquelle, sem reparar nos seus defeitos, ás vezes, e quasi sempre, maiores de que os dos criticados.

O Povo, sempre creança, sempre visionario e sonhador, tudo acredita, tudo avuluma e d'ahi um terrivel mal estar em que se reflecte uma descreença que é mister a todo o transe evitar.

Sabemos que ha uma maioria de deputados que se julgam com o direito e a força em suas mãos, fazendo do parlamento um manequim movido ao sabor das suas embóias inconscientes, sem respeitarem os direitos dos que os elegeram.

Isto não é proprio do regimen de democracia — não, mas...

Compulsemos a historia, essa inflexivel justiceira, craveira por onde se medem os homens de prestigio e os desprestigiados, e essa simples compulsão nos trará a ideia, aliás evidente, de que a origem dos descalabros fataes dos povos e até muitas vezes das nacionalidades são essas luctas execrandas entre os apóstolos do mesmo credo.

Isto não quer dizer de maneira alguma que não se debatam principios e ideias, mas com serenidade e boa fé, e nunca recorrendo aos extremos a que a toda a hora estamos assistindo.

Para que uma semente produza exuberantemente, é mister que a terra onde ella se plantou esteja cultivada; assim tambem para que um Povo chegue á compenetração clara do seu Dever, necessario se torna que o seu estado espirital esteja convenientemente preparado para receber conscientemente as noções de que esse mesmo dever se compõe.

Infelizmente, ainda nesta nossa terra abundam assombrosamente os analfabetos, a quem a instrucção, essa mãe protectora e sublime, não

estendeu ainda as suas azas esplendorosas.

Esta falta de instrucção no Povo é o peor inimigo que pode ter uma sociedade que se quer regenerar, avida e sequiosa de luz espirital e desafio e enganada a todo o transe por um regimen que naufragou no mar encapelado dos seus crimes e vergonhas.

Pois o tempo que se tem gasto nessas banalidades torpes do personalismo, bem podera ser aproveitado nesta necessidade social, para bem de todos e para não darmos o triste espetaculo que temos dado, mais proprio dos regimens decadentes de que dos regeneradores e novos.

Parece que temos começado por onde se acaba, mas ainda é tempo de reconsiderar.

Reconsideremos então, e que a instrucção seja o escalpelo, o bisturi das nossas eternas frivolidades.

Accacio Serra.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia da sua assignatura correspondente a dois annos do sr. Manuel Ferreira Doria, sargento ajudante, Loanda; a de um anno do sr. Gervasio A. Baptista de Sousa, 1.º sargento da 2.ª companhia disciplinar, Loanda; a de um semestre dos srs. Manuel Rodrigues Simões, Coimbra; Carlos L. Antunes Cabrita, alferes da guarda republicana, Mertola; e a de um trimestre dos srs. Antonio Soares de Paulo, 2.º sargento da guarda fiscal, Alcantara; Eduardo Augusto de Sousa, musico de 3.ª classe d'infanteria n.º 23; e Eduardo Simões de Faria Couto, Coimbra.

Para Loanda

No proximo dia 1 embarca para Loanda, onde vae assumir o seu cargo de 1.º sargento da companhia disciplinar, o nosso amigo Gervasio Albano Baptista de Sousa.

Uma feliz viagem é o que lhe apeteçemos.

Os srs. capitão Lage e alferes Correia, do regimento de infanteria 35, acompanhados pelo sr. alferes Andrade, do Grupo de Metralhadoras, foram sexta-feira ás 9 horas da noite ao Centro Republicano Dr. Fernandes Costa agradecer á commissão administrativa do mesmo centro a parte activa que esta tomou na manifestação feita no dia 17 do corrente ao primeiro nucleo do mesmo regimento, aqui collocado pela nova reorganisação do exercito.

O sr. capitão Lage, em breves mas sinceras palavras, demonstrou o seu espirito altamente liberal, declarando que acima de quaesquer interesses, a sua espada estará sempre prompta para defender a Patria e a Republica.

O sr. Augusto Fonseca, um dos membros da commissão administrativa do Centro, agradeceu a honrosa visita, fazendo calorosos elogios ao exercito.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

GUIA MEDICO

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Como topico usar-se-ha do pó (Pitida contra o defluxo: choloreto de cocaína, 5 decigrammas — Menthol, 25 centigrammas — Salol em pó — Acido borico em pó, aã, 15 grammas — Misture bem. Uma pitada de hora a hora. Guarde em vidro de rolha esmerilada.)

Para completar a cura, lenticulas anti-catarraes (Lenticulas anti-catarraes, 8) e lenticulas de heleine a 0,5 grammas — (Lenticulas de heleine a 5 centigrammas, 1 tubo.)

N. B. — Ha muita gente que tem o habito de não fazer caso dos defluxos, de não os tratar, o que é um erro grave que expõe aos perigos da propagação da doença aos orgãos visinhos (como acima fica dito) e as de as deixar tornar chronicas.

d) *Prophylaxia*. — Sendo esta doença geralmente produzida pelos resfriamentos bruscos, o melhor meio de a evitar é não se expôr a elles.

Rouquidão

a) *Definição*. — E' a consequencia da inflammação da mucosa da larynge e d'ahi o nome de laryngite. Apresenta varias formas.

A *aguda*, que é a que vai decrescendo; a *chronica*, que pôde succeder á aguda ou ser de diferentes naturezas (syphiliticas, tuberculosas, etc.)

Esta inflammação produz a rouquidão ou voz rouca ou vellada e por vezes quasi extincta e tambem a voz de falsete.

Pôde ser independente e apparecer isoladamente ou ser a consequencia de outras inflammações, corysa, bronchite, etc.

b) *Symptomas*. — Além dos já indicados na definição, notar-se-ha o formigueiro, a tosse secca e ligueira, superficial.

O ar que se respira sente-se muito mais frio e irrita.

A inflammação, sendo um pouco forte, apparece dyspnea e por vezes a suffocação.

c) *Tratamento*. — As bebidas quentes e aromaticas: chás de laranjeiras, (folhas), de sabugueiro (flores), etc., dão muito bom resultado, favorecendo a transpiração e produzindo uma acção emolliente.

As inalações de vapores de um soluto, ao millesimo, de choloreto de cocaína, dez minutos de manhã e dez minutos de tarde, são um excellento emolliente.

Os revulsivos, como tintura de iodo no pescoço, tambem são de aconselhar e as compressas de agua quente.

O doente deve fallar pouco ou nada e conservar-se no quarto, numa atmosfera de temperatura agradável, mas renovada e boa.

Havendo tosse violenta tomar-se-ha (Lenticulas de heleine a 5 centigrammas, 1 tubo) uma de duas em duas horas.

Tambem se pôde usar as de benzoato de sodio de 0,1 grammas, uma de duas em duas horas. Finalmente bem energica é a acontina crystallada a 1/10mmg., uma de duas em duas horas.

Contra a suffocação e a dyspnea usar-se-ha o vomitorio (Lenticulas de emetico a 1 centigramma, meio tubo — ou Lenticulas de emertina pura a 1 milligramma, 10.)

d) *Prophylaxia*. — Para prevenir esta doença convém evitar o ar frio e humido, todas as poeiras, as bebidas, os alimentos ou cheiros irritantes, as atmosferas confinadas, onde haja accumulção de gente e má ventillação, as mudanças rapidas de temperatura, emfim, o uso demasiado da falla.

Bronchite

a) *Definição*. — E' uma inflammação dos grossos e medios bronchios.

Pôde existir isoladamente ou ser a propagação de inflammações visinhas ou acompanhar diversas doenças de que faz parte ordinariamente. E' dupla e de duração usual de 15 dias, bastante variavel no emtanto. Trata-se da forma aguda.

b) *Symptomas*. — Pôde ser ligeira, uma constipação cahida no peito, sem febre, com pouca tosse secca.

Pôde ser mais intensa, bem aguda, acompanhada de febre, quebrantamento geral, dôres de cabeça, do peito, sem comtudo serem pontadas, fastio, tosse secca ao principio, frequente, impertinente e muito incommoda. E' o periodo de crueza, isto é, emquanto não está cosida. Isto dura trez a cinco dias. Depois a tosse torna-se mais rara, menos impertinente, acompanhada de escarros que expelle, tosse humida.

A febre cahe, a respiração é mais livre, emfim está cosida. Este periodo dura, em geral, oito dias.

Pouco a pouco tudo vai cedendo e a resolução dá se completa. Ou tras vezes passa ao estado chronico.

Nos velhos, pôde transformar-se facilmente em catarrho suffocante e arrelatar o individuo.

Pôde estender se aos bronchios capillares e dar a bronchite capillar.

c) *Tratamento*. — N'este tratamento ha que attender em primeiro lugar á natureza da bronchite, depois ao periodo em que se acha.

Se a doença fôr ou fizer parte de outra, como por exemplo, a bronchite dos cardiacos, das brighticos, dos syphiliticos ou de doentes com infracções diversas, deve visar-se no tratamento a doença principal.

Assim a dos cardiacos será melhorada pelo repouso, pela digitalina, acontina, purgantes e regimen lacteo, etc.; a dos brighticos pelo leite, purgantes, diureticos, revulsivos, etc.; a dos syphiliticos pelo tratamento especifico, etc., etc.

Supposta doença independente e aguda, será no primeiro periodo (crueza), tratada pelas bebidas quentes e aromaticas (como na rouquidão), e pela acontina para suar (ainda como foi dito na rouquidão.)

Os quintos da tosse ou accessos que no principio são seccos, impertinentes e irritantes, dando dôres no peito, serão calmadas com *Poção calmante*: Agua de flores de laranjeira, 80 grammas — Xarope de chloral — Xarope de morphina, aã, 25 grammas — Agua de louro cerejo, 10 grammas — Misture — 1 colher de sopa de hora a hora.)

Além d'isto, usar-se-hão os revulsivos no peito — Tintura d'iodo, emplastico de thapsia, etc.

Havendo falta d'ar, poderá ser util um vomitorio — (Lenticulas de emetico a 1 centigramma, meio tubo, ou Lenticulas de emetina pura a 1 milligramma, 10.)

No periodo em que está cosida e

ha expectoração mais ou menos abundante, usar-se-hão os balsamicos (Xarope balsamico, 100 grammas. — 1 colher de sopa de 4 em 4 horas), que poderão ser empregadas com vantagem.

Finalmente, havendo febre, a quinina, a phenacetina, (Lenticulas de chlorhydro-sulphato de quinina a 25 centigrammas. — N.º 4 — ou Lenticulas de phenacetina a 10 centigrammas, meio tubo), prestarão serviços.

d) *Prophylaxia*. — Os meios de evitar as bronchites são tratar os defluxos e rouquidões desde o principio com cuidado para não se propagarem aos bronchios, evitar os resfriamentos bruscos, as correntes que os produzem e tudo o que possa constipar um individuo.

(Continua.)

O melhor enchido de Portalegre Na casa Gaitto & Cannas

COIMBRA

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo António, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25000 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O Mestre POPULAN, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Guidado com as falsificações.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os moldes, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc. Execução rapida.

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

TYPOGRAPHIA

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR

ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na

Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS

Continente, trimestre - 300 reis

Ultramar, semestre - 600

Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Entre as variedades missões que podem ser attribuidas aos batalhões de caçadores, destaca-se sobretudo a missão especial de fazerem a pequena guerra.

A pequena guerra tem por objectivo conseguir resultados secundarios, de importancia variavel, conforme os fins a atingir e a importancia das tropas que se empregam.

Estas operações secundarias tem por fim auxiliar de uma maneira mais ou menos importante as operações geraes do exercito em campanha.

Segundo o nosso regulamento de campanha as operações secundarias abrangem um grande numero de missões ou fins, taes como: atacar as linhas de operações e destacamentos inimigos; apoiar columnas de cavallaria; proteger a mobilisação e concentração; fazer requisições ou forrageamentos; fazer destruições ou reparações nas vias de comunicação; occupar posições estrategicas, pontes e desfiladeiros; escoltar e atacar comboios; fazer demonstrações; constituir columnas moveis; procurar inquietar o inimigo pelos flancos e retaguarda; colher informações e noticias que interessem; espalhar longe a inquietação e o terror, por meio de numerosas surpresas, que constituem o elemento mais essencial da pequena guerra.

Estas operações tem de ser executadas, na sua maior parte, por tropas regulares embora efficazmente secundadas por tropas irregulares ou de guerrilhas.

As tropas irregulares por si só não poderão empenhar uma acção de viva força contra um inimigo convenientemente preparado e superior em numero.

E' preciso portanto destinar para estas operações tropas regulares que não enfraqueçam o exercito em campanha.

Dahi a necessidade de pequenos corpos, com um recrutamento especial e adquado, de extrema mobilidade, com uma certa in-

dependencia, especialmente instruido para este fim e dotado com todos os serviços accessorios reduzidos ao estrictamente indispensavel para não ser prejudicada a sua mobilidade.

E como estas tropas tem de supprir até certo ponto a força, pela mobilidade, astucia e audacia, exige dos officiaes e praças qualidades muito especiaes.

Isto bastaria para justificar a necessidade de se conservar os batalhões de caçadores.

Dada a ordem de mobilisação do exercito, esta operação difficilmente se executará sem a protecção de destacamentos de cobertura na fronteira, que se opponham ás incursões da cavallaria inimiga, que ha-de necessariamente procurar obstar que a mobilisação se faça sem embaraços.

Todas as nossas forças de cavallaria marcharão para a fronteira vigiando as linhas principaes de invasão e procurarão impedir as incursões de cavallaria inimiga.

A nossa cavallaria inferior em numero, e espalhada pela nossa extensa fronteira terrestre, precisa de apoio que lhe augmente o seu valor, e esse apoio só lhe pode ser dado por pequenas unidades de infantaria e algumas metralhadoras.

Pela sua extrema mobilidade garar tem a ligação constante de dois exercitos operando em regiões diferentes.

São tantos e tão variados os serviços a exigir aos batalhões de caçadores, que a suppressão d'elles, é a nosso ver um grande erro, sobretudo num paiz que tanto deve ao systema de guerrilhas.

O systema de guerrilhas, forma de combater caracteristica da peninsula, deve-se não só conservar mas aperfeicoar e desenvolver pelos resultados que advem d'essa forma de combate.

As guerras do passado provam bem quanto ha a esperar

da sua acção cooperadora com o exercito de campanha.

Prevê o nosso regulamento de mobilisação a organização das baterias de metralhadoras de montanha.

Porque se não organizaram agora essas baterias?

Não serão ellas necessarias?

Evidentemente que são, principalmente ao nosso paiz que é accentuadamente montanhoso e que ainda dispõe de poucas vias de comunicação.

Nas operações das Beiras e do Norte, cabia-lhes uma importante missão.

Em vista do que fica exposto, deve-se conservar os batalhões de caçadores, ficando-lhe adjuntas duas baterias de metralhadoras de montanha.

Parece-nos que se deveria crear 9 batalhões de caçadores, um por cada divisão, com excepção da 1.ª divisão que ficaria com 2 batalhões.

Entendemos que deveriam ser em numero de 9 e não de 8, para se reorganisar o batalhão de caçadores n.º 9 que teria a sede no Porto, por ter sido este corpo o primeiro que se bateu pela Republica, o que em 1891 denodadamente luctou pela liberdade.

Era ainda uma questão de tradição, que nós não desprezamos.

Os batalhões seriam constituídos por 4 companhias e 2 baterias de metralhadoras de montanha.

O recrutamento deveria ser feito nos regimentos de infantaria, depois de ahi terem a instrução geral da arma, escolhendo-se as praças com aptidões e qualidades especiaes.

A agilidade, a intelligencia, vigor physico e a aptidão especial de bom atirador, eram qualidades que deveriam prevalecer nessa selecção.

Os batalhões além de terem um quadro permanente mais numeroso, deveriam ser dotados desde o tempo de paz com todo o material necessario para se mobilisar rapidamente, o que era natural, visto serem os primeiros

a marchar para constituirem os destacamentos de cobertura.

O effectivo de cada companhia mobilisada não deya ser superior a 160 homens para não prejudicar a sua mobilidade.

(Continua.)

PATRIOTISMO?

Publicamente, segundo referem jornaes, declarou o sr. dr. Magalhães Lima, existir uma carta, provando que D. Manuel se dispunha a ceder Angola a troco do emprestimo de tres couraçados para defender a sua corôa vacillante.

Que formidavel impudor!
Que extraordinaria inconsciencia!

Como se é predulario, quando o Acaso nos colloca na posse de um thesouro que não custou a conquistar!

Com que então de todo o esforço, de todos os heroismos, de todo o patriotismo, da obra extraordinaria de uma pleiade de gigantes, a mão tremula de um pequeno covarde amimado e mulherengo, num gesto de fidalga imbecilidade faz um presente, a quem lhe fizer um pequeno emprestimo de 3 navios! Quanto valia a corôa!...

E quanto, na opinião do pequeno pateta, valia o sagrado patrimonio da Patria.

«Anda povo. Moireja, sua para ahi de sol a sol, sacrifica-te, ainda quando vires os filhos a morrer de fome, resigna-te a todas as abnegações meu bravo, deixa-te conduzir d'olhos vendados pelo primeiro louco que sonhe aventuras heroicas contra a Razão, a Justiça, a Fé e a Liberdade!

Estende os braços ás algemas, offerece os teus olhos de sonhador á venda da ignorancia, arranca do peito o coração e põe-no sangrento e palpitante aos pés de um homem que te quer por escravo.»

Eis o pensamento do imbecil que com a simples supposição de um gesto teu, fugiu espavorido resando atabalhoadamente mau ladainha de pavores.

Na verdade, meu amigo e meu irmão, tu, desherdado como eu, cheio de familia e de cuidados, precisas bem de edificar a tua felicidade.

E tens de o fazer meu velho. E' absolutamente necessario que o faças e para isso, sobre os corpos lacerados dos martyres edificaram teus irmãos a Republica.

Lembra-te dos que tombaram, a sorrir por entre lagrimas de dôr para te assegurarem o direito á felicidade, quando deixavam no lucto os filhos e a viúva.

Lembra-te d'isso e abençoa a obra dos que se sacrificaram, sacrificando-te pelos teus filhos.

Educa-os. Manda-os para a escola e enquanto elles vão nutriendo o espirito na abençoada sementeira da luz, curva tu o teu tronco viril para a terra e canta, porque é das entranhas d'ella que ha de sahir a abençoada sementeira de pão.

GUSTAF ADOLF BERGSTRÖM.

CARTA

Com vista ao sr. ministro das colonias

Macau, 15-9-11.

Camarada redactor.

Peço-lhe a subida fineza de publicar no seu jornal, todas as vantagens ou regalias que teem sido concedidas aos nossos camaradas da metropole, e bem assim por intermedio do mesmo jornal pedir ao ex.^{mo} ministro das colonias a publicação no B. M. das C., d'essas regalias e a sua immediata execução no Ultramar, pois sendo nós todos irmãos e servindo a mesma causa, não ha razão plausivel para que uns gosem d'umas garantias que outros não auferem.

Seu amigo e camarada,
Joaquim Manuel Cortez,
1.^o sargento d'artilheria.

Fallecimento

Sepultou-se hontem o ex.^{mo} sr. Jorge Ameal, que já de ha muito vinha soffrendo de uma pertinaz doença que o victimou.

O seu funeral foi um dos mais concorridos que tem havido nesta cidade.

A sua ex.^{ma} familia as nossas condolencias.

Os soldados da Manutenção militar descontaram na ultima quinzena a importancia de 1200 réis para a grande subscrição nacional que se destina á compra de um cruzador que substitua o S. Rafael.

LITTERATURA

1.^o DE DEZEMBRO

Desperto neste dia festival
Ao som do entusiastico clamor
Do povo, que, risonho e matinal,
Commemora esta data com fervor.

Então como a corola d'uma flor
Abre aos raios da aurora divinal,
Desperta mais intenso o patrio amor,
Na minh'alma, valente Portugal!

Quizera engrinaldar esta nação
De simbolicos loiros e de flores,
Recordando a immortal Restauração

E todos os fieis Restauradores
Que livraram, alfim, da escravidão,
Este paiz de heroes e trovadores!

TAVIRA

LAURINDA SERYTRAM

Reorganisação do exercito colonial

Dae a Cezar o que é de Cezar.

Effectivamente, se dermos a cada um aquillo a que tem jus, aquillo que a nossa razão nos aconselha, a distribuímos equitativamente, na medida da producção e direitos de cada um, cumpriremos sem duvida, o mais sacrosanto dos deveres e ministraremos incentivos para novos labores, que a remuneração condigna e equitativa, estimulou.

Ao contrario, se afficionados a este ou aquelle antro, quer por inclinação do proprio espirito, quer constringendo-nos mesmo, mas por tendencia proteccionista ou partidaria, descarregamos mais a um lado ou a outro o gladio da justiça, a nossa obra longe de ser louvavel, antes será instrumento de mal dessimulados odios na mão d'aquelles que vendados pelo direito se julgavam nas Achilles, quando é certo que não passavam de irrisorias creaturas a quem são dados como recompensa, o desprezo e o esquecimento.

Nas poucas palavras que se seguem, aliás sem merecimento, sob o ponto de vista literario, mas que representam o sentir da classe a que me ufano de pertencer, ainda que um dos seus humildes representantes, proponho-me advogar uma causa, que sem duvida fará convergir sobre mim os risos escarninhos d'aquelles que manuseando listas e enforcendo-se da sua morosidade, dando emfim voltas ao bestunto procurando sempre uma rapida sahida que lhe traga o almejado galão e a ultima moda da pelica... veem na factura reorganisação do ultramar o desideratum das suas locubrções de todos os dias.

Mas não importa. Estou no meu papel.

E por isso declaro já que o *Mundo* de 3 de setembro me deixou boquiaberto — partindo do principio que as injustiças acabaram — quando nelle lia que os primeiros sargentos do exercito da metropole auferem grandes vantagens dando ingressos no quadro colonial como officiaes.

De forma que o primeiro sargento

do exercito da metropole, qual colosso de Rhodes, assenta um pé na metropole, outro no ultramar, sustem na dextra o secretariado militar, na esquerda a administração militar!?

E os olhos? Esses fita-os no horizonte e procura ver atravez as densas nuvens do futuro mostrando certo hesitação. E' o resultado de quem tem muito por onde escolher... E' inadmissivel, contraprodeciente e direi, quicá antidisciplinar que primeiros sargentos do exercito colonial que ha bastantes annos exhaurem a saude, reagindo contra toda a especie de perigos se vejam preteridos por individuos desconhecedores do ultramar e que tem passado a sua vida sem outra fadiga de maior que não seja a canceira d'um exercicio de quadros ou d'umas manobras nos arredores de Lisboa.

As habilitações não constituem razão que só por si baste, porquanto os do ultramar se as não teem é porque lhes não teem sido facultados os meios de as obter, e de resto, creio que não será grande o dispendio em crear escolas centraes de sargentos em cada uma das capitães das provincias ultramarinas. Só quem permanece no ultramar por espaço d'alguns annos e faz marchas de mezes atravez do inhospito sertão, ou permanece por espaço d'annos em localidades privadas de todo o convívio, a todo o ponto insalubres e falhas de todos os recursos ainda os mais comensinhos, saberá avaliar o quão penosa é a vida no ultramar!

Justiça, pois, a cada um aquillo que lhe é devido, porque só assim podemos exigir de cada um, o maximo da sua actividade e intelligencia.

Com vista á ex.^{ma} commissão encarregada da elaboração do projecto da reorganisação do exercito colonial, escrevemos o que deixamos dito, conscios de que aos seus caracteres probos, repugnará outra cousa que não seja a egualdade e a justiça, palavras estas que a acção heroica de 5 d'outubro deixou indeleveis numa das paginas mais brilhantes da nossa historia.

Em subsequentes artigos, se a benevolencia de v., sr. redactor, m'o permittir, proponho-me a de-

monstrar o que deverá ser a reorganisação do exercito colonial sob o ponto de vista da promoção aos postos inferiores e recrutamento de officiaes, na opinião de individuos assás conhecedores do assumpto.

Cabinda, 28 de outubro de 1911.

Arnaldo Janes Duarte,

1.^o sargento do quadro das colonias.

POR ESSE MUNDO

Ractificação

O nosso colega local a *Voz do Caixeiro*, referindo-se a duas passagens d'um artigo publicado no nosso numero de 14 de novembro, do nosso collaborador Accacio Serra, em que este senhor diz que o latrocinio e a tyrania nunca mais voltarão a imperar neste torrão e que o Povo é omnipotente e republicano, sem côr de partidos que extemporaneamente se projectam formar ou se formam, faz este commentario:

«E' extraordinario; isto com certeza é escripto de sargento e para sargentos, e neste caso são assumptos onde não devemos metter o nariz, no emtanto sempre diremos que o articulista escreveu aquelle artigo da China ou da Lua».

Em primeiro, devemos dizer ao colega que Accacio Serra não é sargento.

Agora voltando ao assumpto, se o colega pretende fazer ver que o nosso colaborador, ao fazer aquellas affirmativas, estava tão longe da verdade como da terra á lua ou de Portugal á China, devemos dizer o seguinte:

Quanto á primeira affirmativa, de que a tyrania e o latrocinio jámais voltarão a imperar em Portugal, a divisa do novo regimen será o penhor mais solido das palavras do nosso colaborador; quanto á segunda parece-nos que um povo que num congresso republicano pede, pela bôcca dos seus representantes, a união e solidariedade de todos os membros do mesmo partido, não manifesta grande vontade da subdivisão em partidos ou facções.

Trovoada que espalha

Realizou-se, finalmente, o accordo franco alemão.

Ainda bem que se afastam os nossos receios d'uma guerra que, fatalmente, daria um cheque-mate a todo o mundo.

Balancete de 1 a 30 de Novembro de 1911

DESPEZA

Composição e impressão dos n. ^{os} 41 a 44	240400
Repartição do sello	520
Papel para cintas	560
Expediente gasto com os mesmos numeros	120275
Cobrança postal	40650
Somma	420405
Saldo positivo	210470
Somma	630875

RECEITA

Saldo do antecedente	390975
Recebido como consta do n. ^o 42	100200
Idem do n. ^o 43	80000
Idem do n. ^o 44	50700
Somma	630875

O vigário do Barreiro e a política dos seus collegas

E' do jornal *O Mundo* (tão odiado pelo padre Ignacio, do Tourigo) que transcrevemos o seguinte:

A «Verdade» de S. Pedro do Sul

Era a 20 de agosto, dia sereno e limpido, acompanhado de um calor sufocante, como costumam ser aqui todos os dias daquela estação. Dei-me, esauisto pela fadiga de uma festa deslumbrante que terminou cerca de 2 horas da tarde.

Ainda mal tinha saboreado o delicioso sono, quando sinto a incômodante companhia: tlim... tlim... tlim... E de repente a descer as escadas, um barulho ensurdecedor. Era a creada que ia apressadamente, como costuma, ver quem chamava. Momentos depois, vem ella, meio atrapalhada, dar-me esta novidade: sr. F. I. sr. F. I. está ali uma senhora que deseja fallar-lhe; digo-lhe que entre?

Uma senhora, em minha casa, a esta hora!... E' boa! Quem é ella? E' «A Verdade» de S. Pedro do Sul, me respondeu. Oh! a Verdade! Diga-lhe que tenha a bondade de subir, e mande-a esperar um pouquinho na sala de visitas, dizendo-lhe que vou já.

Entretanto, cuidei de me preparar devidamente, a fim de poder aparecer á illustre hospeda.

Dirigi-me em seguida á sala, onde logo encarei com o vulto de uma senhora, de apparencia gentil, delicada, respeitadora, e ao mesmo tempo modesta, prudente e atenciosa.

Parecia, realmente, a Verdade personificada.

A primeira saudação que delicadamente me fez, foi esta: «Por Deus e pela Patria». Isto penhorou-me tanto, que soltei espontaneamente estas expressões: — Bemvinda sejas, minha cara amiga, bemvinda sejas! E' por ti que eu desde ha muito me tenho sacrificado; é por ti que eu tenho sustentado uma luta titanica contra o erro, a hipocrisia, intransigencia e despotismo; é, finalmente, por ti que eu me hei de sacrificar sempre, sempre, enquanto Deus me trazer neste mundo sublunar. Bemvinda sejas!

Findo este improvisado discurso, sentei-me respeitosamente á espera do que me dizia a illustre matrona.

Fito a de novo, e qual é o meu espanto, quando a vejo dirigir censuras ao governo, classificando de esteril e imoral a sua obra! «Estarei iludido? dizia eu de mim para mim. «Estarei em presença de alguma conspirateira?» Dito isto, responde com ar zombeteiro, proprio de uma marafona: «Olé! Olé! Você é o tal heroi que tinha coragem de agarrar no seu bengalorio e ir por ahi fóra até á fronteira exterminar os traidores.....»

E, passa a insultar-me e aos collegas republicanos, chamando-nos padres *barriguistas*, do *penso*, das *lentilhas* e da *cevada*, etc. Fala tanto nesta sua última comida, que parece que ella é o seu manjar predilecto!...

Eu... em vista do palavriado baixo e calumnioso com que me veio provocar a casa uma intrujona com ares de senhora honesta, lembrei-me de lhe responder no mesmo tom, chamando-a impostora, indelicada, reaccionaria e anti-patriotica; porém, reflectindo que, como cristão, que me prezo de ser, me não ficava bem dirigir estes epitetos,

embora merecidos, a uma pessoa em minha casa, e vendo que o meu colega Ignacio já me tinha brindado, ao jantar, com tais doestos, em presença de amigos dedicados, como o tem feito dezenas de vezes, perante as *suas Jaquinas e Jobs*, contive-me sem dizer palavra, limitando-me apenas a chamar a criada para a levar ao tal sitio.

Pensei que o meu silencio era lição sufficiente para a megera se calar, mas não succedeu assim: tomando a minha prudencia á conta de fraqueza, começa, segundo narra a beatissima revista catolica, a espalhar a infame calumnia de que o meu querido bengalão «vai ter a honra do museu.»

Que ingenuidade! Então eu consentia em tal, sem que primeiro elle fosse estreado nas costas do conspirador que mo viesse pedir? Mas como o meu bengalão meteu sustos á D. Verdade!... Se ella não receasse que eu fosse com a referida arma escorraçar os seus aliados da fronteira, certamente não lançava mão das armas do insulto, da mentira e da calumnia, talvez para me demover do meu patriotico proposito; nem concebia a ideia extravagante de fazer passar á inactividade um objecto que tão bons serviços pôde ainda prestar.

A D. Verdade é, pois, conspirateira e... não digo, porque, sendo christão, fica-me mal imitar aquella que «por Deus» insulta, mente e calumnia e «pela Patria» se mostra solidaria com aquelles que, deshumanamente, a pretendem mergulhar no sangue de uma contra-revolução.

Tal senhora não volta mais a minha casa, bem como a D. Revista, aliás perguntar-lhes-iria:

Quem atraição mais a sua consciencia e o seu dever?

Quem é mais traidor? Quem observa mais a ordem e a doutrina christã que manda respeitar os poderes constituídos?

Ah! senhora D. Verdade, senhora D. Verdade...

Barreiro de Tondella, 12-10-911.

O vigário,

F. Tavares.

ACTUALIDADES

Diz-se que as hostes do traidor Couceiro estão preparando se para uma nova incursão.

Francamente, depois da fuga cobarde dos maltrapilhos, não posso sequer conceber que novamente elles venham tentar o irrealisavel.

Se elles, na verdade, se estão preparando, devo convir que se apoderou d'elles uma demencia, que nem por ser epica deixa de ser ridicula e lamentavel.

Atravez da minha imaginação, talvez pessimista, tenho visto esse punhado de cretinos degenerados arrastando uma vida de vagabundos, de saltimbancos miseraveis, rostos macerados, onde se reflecte sinistramente o crime de lesa-patria, e onde a traição gravou indelevelmente o seu estygma nefando.

Quanto ao Couceiro, esse, enquanto junto d'elle não retinir sinistramente a gargalhada satanica de um vingador, por lá vae arrastando a espada, que foi gloriosa e agora suja o caminho trilhado por os maiores criminosos — porque o crime d'elle é o supremo, attinge as raias do imaginavel, do inconcebivel.

Caciaco.

A' MINHA TERRA

Viva a Republica Portugueza!

Causaram-me profunda indignação as noticias que acabei de ler respeitantes a conspiradores na cidade de Guimarães!

Li no jornal *O Mundo*, e apreciei todo o conteúdo que me deixou verdadeiramente abysmado!...

Guimarães! Guimarães!

Tu que és um dos optimos canteiros do mais elegante jardim de Portugal: o Minho! sempre concorrida de forasteiros nacionaes e estrangeiros que admiram as tuas lindas mulheres invejando os ultimos o teu panorama, emfim, todos os teus bellos costumes que tem causado admiração agradável em toda a Europa, consentes que em teu seio se acoitam sevandijas (não tem outro nome os individuos que ahi foram presos), traidores á nossa querida Patria?!

Corre com elles, e quanto mais depressa melhor, para evitar que a força armada, para bem da humanidade, chegue a empregar meios violentos.

Sou militar; fui recruta, soldado prompto, cabo e sargento (ainda sou sargento com muita honra) nesse para mim sempre saudoso regimento de infantaria n.º 20, que te guarnece, e tenho paixão de ahi não poder estar na occasião d'esses tumultos nojentos, para defender a Republica Portugueza e não a deixar desvirtuar.

Talvez que o borborinho fosse promovido pela fidalguia e motivado pelo elixir do dr. Videira, no pescocinho, no successor do *Zé da Réde* e noutras pharmacies... de Infusa de Camada que transtorna os cerebros a varios cidadãos!...

Com certeza que ahi anda manobra jesuitica.

Os jesuitas é verdade que foram expulsos mas ainda ficaram padres seus delegados.

Eu não ligo a minima importancia aos padres.

Podem me dizer tudo em abono dos padres que é o mesmo que pré-garem no deserto.

Temos muitas escolas para instruir o povo (sem o auxilio de padres) que, não tardará muito tempo, bem saberá apreciar o que é a nossa querida Republica e o que foi noutros tempos a monarchia que, por vezes imbecil, se transtornou porcaamente e por ultimo as realezas vaquearam deixando, portanto, de existir para sempre a monarchia ladra e vergonhosa que terminou com a revolução justissima do bom povo portuguez, nessa redemptora madrugada de 5 d'outubro de 1910, que estava sendo roubado e vexado por uma grande malta de bandidos (que se tinham por boas pessoas...) dando ás de villa Diogo: Manel, Amelia, Maria e Affonso (as taes realezas...) que estavam fanatisados por padres paes de filhos, etc., etc., como por ahi ha, e até padres paes de padres e amantes de... Adeante!!!

Por isso, Guimarães, corre com toda a cambada de reaccionarios para as profundas da Oceania... e diz ás auctoridades que cumpram com zelo os seus deveres.

Por cá tambem ha muito thalassa a reagir na sombra, espreitando por detraz das cortinas, e se não se encristam como ahi muitos dos teus filhos, que entrarão todos na ordem,

é porque temem as «ameixas da Fortaleza.»

Guimarães! sou teu filho, defendo-te e de ti jámais me esquecerei, mas faz o que supplico, sim?

Manda tambem distribuir pelos pobres as esmolinhas... do môno S. Thorquato e o producto da cêra dos Santos Passos, etc.

Adeus Guimarães, até á primeira, e diz aos meus patriotas... que aprendam o que é patriotismo, ainda que lhes custe...

Sempre pela Patria e pela Republica, eis a minha divisa.

Viva a Republica Portugueza!
Mossamedes, 15 de outubro de 1911.

João Ribeiro Guimarães,

2.º sargento d'infanteria.

AVISO

Para a Obra Tutelar e Social do Exercito de Terra e Mar, é dispensada, nos documentos a apresentar, a certidão do exame do 1.º grau e não a do 2.º como por engano dissemos.

Patriotismo?

E' do no collega *Jornal de Coimbra* o artigo *Patriotismo?* que noutro lugar publicamos.

1.º de Dezembro

O dia 1.º de Dezembro foi festejado com grande estrondo nesta cidade.

E' que o amor patrio cada vez se apodera mais do coração do povo portuguez.

Lições de mãe

O que é aquillo, minha mãe?
— Meu filho, é a calhandra. Apenas a manhã desponta, sorrindo sobre a montanha, ella parte apressada, e deixa o musgo do seu ninho. Parte, e do seu peito, solta o hymno de alegria, hymno amoroso com que celebra o Creador. Assim, meu filho, os teus cantos da manhã sejam sempre um hymno ao Deus de bondade.

O que é aquillo, minhã mãe?
— Meu filho, é a pomba. Ouve como a sua voz é terna, surda e queixosa como os prantos da viuva! Ella espera a volta do seu amado; o seu gemido é continuo como o sussurro da onda que se vae escoando. Sê sempre como ella, meu filho, leal nas tuas amizades e constante no teu amor.

O que é aquillo minha mãe?
— Meu filho, é a aguia. Orgulhosa e alegre, sobe até ao céu. Certa da sua força, a filha das montanhas fende a nuvem tempestuosa, e affronta o relampago incendiado. Suas azas vigorosas luctam com o vento; seus olhos de fogo, fixam o sol. Caminha sempre; o seu vôo é direito e rapido. Queira Deus que a tua vida, meu filho, imite em todos os tempos o vôo da aguia: rapido, atrevido, vigoroso e infatigavel.

M. DAON

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a *Ta bacaria União*, Rua da Sophia, Coimbra.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Pneumonia

a) *Definição*. — É a inflamação d'um dos lóbulos do pulmão dando febre elevada, que em geral começa bruscamente por um arrepio ou calafrio, que é o unico, que é semelhante ao das febres intermitentes, acompanhado de pontada d'um dos lados do peito, de tosse, falta de ar, e escarros com sangue mais ou menos alterado, semelhando em geral, pela cor a tijolo ou summo de cajú ou de ameixas.

É o quadro a traços largos da pneumonia franca, aguda, fibrinosa ou lobar.

b) *Symptomas*. — Além dos já indicados na definição ha, na quarta parte dos casos, symptomas precusores ou prodromos: fadiga, molleza geral, epitaxis, tracheita, insomnia — que podem durar um ou dois dias.

Em geral, porém, é brusco o aparecimento, que estala pelo calafrio unico, semelhante ao das febres palustres.

Ao fim do primeiro dia, ou principio do segundo installa-se a dôr (pontada), a tosse e a falta de ar.

Os abalos de tosse exasperam a pontada e as inflamações profundas tambem.

A tosse a principio é muito penosa e secca, e ao 3.º dia começa a expellir escarros amarelados a principio, que depois se vem carregando em cor até parecerem summo de ameixas e são muito viscosas.

A febre incendeia-se com o calafrio a 39º e 40º c., e fica continua com pequenas oscillações até á queda ou desfervencia que, em geral, é rápida e brusca, com o seu principio e dá-se dos 6 aos 7 dias; comtudo, este numero de dias pôde baixar a 5 ou subir a 10; raras vezes haverá oscillação maior, excepto nos casos complicados ou demasiada ou demasiadamente simples.

Em geral affecta, como se disse, um lóbulo pulmonar, mas pôde estender-se a um pulmão todo, ou mesmo a lóbulos dos dois pulmões e então chama-se dupla.

O aspecto do pneumonico é caracteristico: faces coradas, rosto afoqueado, olhos injectados, olhar brilhante, palavras curtas, voz breve, entrecortada pela rapidez da respiração que junta á dilatação das narinas vem trahir a falta de ar ou dyspnéa.

Ha delirio algumas vezes, sobretudo nas alccolicas.

As urinas são raras e carregadas em cor, parecendo chá preto.

A's vezes no principio ha vomitos e fastio intenso.

Por vezes tambem se nota diarrhéa.

c) *Tratamento*. — A pneumonia não tem um tratamento especifico, isto é, sempre o mesmo e dando bom resultado, mas sim um tratamento symptomatico, isto é, adequado e regulado pelo symptomas que apresenta e que predominam.

Se fôr pneumonia franca e o enfermo forte, deve dar-se um vomitorio (Lenticulas de emetico a um centigramma meio tubo), sobretudo havendo vomitos.

Na dôr ou pontada applicar tintura acetica etherica de cantaridas ou

um vesicatorio ou uma bexiga de gelo ou ainda uma injectão subcutanea de morphina.

(Tintura acetica etherica de cantaridas, 10 grammas. Uso externo. — Escudete de emplastro de cantaridas (vesicatorio systema Alvespeyres) um decimetro quadrado. — Empollas de chloroto de morphina a 1 centigramma, n.º 1).

Pode ainda applicar-se na dôr a pomada (pomada de salicylato de methyl: — Vazelina, 9 grammas. Salicylato de methyl, 1 gramma. — Misture. — Guarde em vidro ou couca bem fechada).

Ou finalmente ventosas exarificadas, sanguesugas ou pontas de fogo.

Para descongestionar o pulmão, deve usar-se ainda (lenticulas de emetina pura a 1 milligramma—10), nos dias seguintes, só ou associada á aconitina (Lenticulas de aconitina crystallizada a um decimo da milligramma um tubo) e á digitalina crystallizada (Lenticulas de digitalina crystallizada a 1,10 de milligramma, meio tubo.)

Para calmar a tosse impertinente e secca, do principio, a morphina, a codeina, satisfazem.

Se ha delirio, usa-se uma colher de sopa de hora a hora da seguinte (Poção calmante antispasmodica: Agua de flores de laranjeira, 100 grammas — Agua de louro-cerejo, 10 grammas — Xarope de ether, 40 grammas — Brometo de potassio, 5 grammas — Misture. — Dissolva) ou lenticulas de brometo de potassio a 0,25 grammas. (Lenticulas de brometo de potassio a 25 centigrammas, 1 tubo.)

Se se trata de um doente do coração com irregularidades de pulso, a digitalina não deve faltar e o citrato de cafeina. (Lenticulas de citrato de cafeina a 10 centigrammas, meio tubo e (Lenticulas de digitalina crystallizada a 1,10 de milligramma, meio tubo) ou as injectões de cafeina (Empollas de cafeina a 2 decigrammas. — N.º 1.)

Se fôr um alccolico dar-se-ha uma poção alccolisada (Poção sudorifica alccolisada — Folhas de laranjeira, 10 grammas — Agua a ferver, 150 grammas — Faça já e junte — Assucar, 15 grammas — Cambraína, 10 grammas) — Ou lenticulas de estrychnina ou de hypophosphito de estrychnina — (Lenticulas de pypophosphito de estrychnina a 1 milligramma, meio tubo ou Lenticulas de sulphato de estrychnina a 1 milligramma, 1 tubo.)

Se o doente fôr fraco e debilitado dar-se-ha a acantina e a digitalina crystallizada. — (Lenticulas de acantina crystallizada, a 1,10 de milligramma, 1 tubo. — Lenticulas de digitalina crystallizada, a 1,10 de milligramma, meio tubo, a estrychnina (sulfato) ou o hypophosphito de estrychnina — (Lenticulas de hypophosphito de estrychnina a 1 milligramma, meio tubo ou Lenticulas de sulfato de estrychnina, a 1 milligramma, 1 tubo.)

Neste caso não se dará o emetico nem a emetina.

(Continua.)

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inegualavel. Simples ou com wisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Allandega — PORTO — PORTUGAL

Depositorio em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial do Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

COIMBRA

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58—RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'A veiro

Uniformes para militares.

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

TRESPASSE

Trespasa-se, livre de compromissos, situado num dos logares mais concorridos de Coimbra, um estabelecimento de fazendas brancas, por não poder administrar o seu proprietario.

É bem sfreguezado.

Trata-se com a agencia A Portugal, na rua Bordallo Pinheiro, 82 a 84 — COIMBRA.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES
Composto e impresso na
Typographia do Jornal de Coimbra

PUBLICAÇÃO SEMANAL
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 186

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultram. semestre - 600
Numero avulso, 30 reis
ANNUNCIOS — Praços convencionaes
Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

A guerra moderna exige operações rápidas e decisivas.

O primeiro acto da campanha é a mobilisação seguida da concentração, isto é a reunião das tropas sobre a fronteira ameaçada.

E' necessario que estas operações se effectuem em boas condições, para ser vantajosa a nossa situação no inicio da campanha.

A correlação intima que existe entre as operações e os combates é um dos traços característicos da guerra moderna.

A superioridade estrategica de um dos partidos é já uma garantia da superioridade tactica.

A protecção das provincias ameaçadas é um problema a resolver na concentração do exercito.

Mas não podemos aproveitar a concentração de tão importantes forças para em seguida as espalhar por uma fronteira tão extensa como a nossa.

E' necessario cobrir as fronteiras conciliando este fim com a necessidade de reunir n'um dado momento a totalidade das forças, na hypothese de grandes acções decisivas.

E' necessario portanto que além das tropas que hão-de constituir as grandes unidades, o nosso exercito disponha de pequenos corpos de infantaria, de grande mobilidade, destinados a cobrir a nossa extensa fronteira e a apoiar a nossa cavallaria na sua missão de vigilancia.

E' por isso que insistimos pela conservação dos batalhões de caçadores.

Se a existencia d'estes pequenos corpos é necessaria nos exercitos estrangeiros, para nós é indispensavel.

Considerando agora as recursos em pessoal vemos que os batalhões de caçadores em vez de prejudicar os effectivos dos regimentos de infantaria, antes concorreriam para aliviar esses effe-

ctivos que por demasiadamente elevados necessariamente prejudicarão a organização dos regimentos de infantaria.

Pela nova lei de recrutamento, os regimentos de infantaria podem ser constituídos por dez contingentes annuaes.

Não é demasiado suppormos que cada regimento de infantaria receberá annualmente cerca de 800 recrutas divididos pelos dois contingentes de janeiro e maio.

No fim de dez annos dispunham os regimentos de 8:000 homens.

Calculando as perdas em 20% teriamos ainda no fim dos dez annos 6:400 homens.

Na hypothese de serem licenciadas as praças no fim de sete annos, ainda os regimentos de infantaria ficavam a dispôr de um elevado numero de praças, muito superior ao necessario para a sua mobilisação.

Neste caso, um effectivo exageradamente elevado difficultaria extraordinariamente a mobilisação em vez de a facilitar.

Concluimos portanto que a criação dos batalhões de caçadores vinham attenuar um pouco este excesso de praças nos regimentos de infantaria.

Não nos faltam por isso os recursos em pessoal para a criação d'esses pequenos corpos.

Parece-nos vantajosa a organização das baterias de metralhadoras de montanha, que o nosso regulamento de mobilisação já previa e que na nova reorganisação do exercito não foram consideradas como elementos necessarios.

Hoje que já foi posto á prova o material dos nossos grupos de metralhadoras em regiões essencialmente montanhosas, verificou-se que esse material conduzido em viatura, não pode ser levado ás posições com tal sistema de atrelagem.

Nas serras do Gerez e de Trazos-Montes, reconheceu-se bem a impossibilidade de metter em ba-

teria as nossas metralhadoras em posições de difficil accesso.

Segundo a opinião de um official commandante de uma secção de metralhadoras, aquellas posições só poderia ser levado o material a dorso.

Estamos, pois, hoje completamente convencidos de que é necessario crear-se as baterias de metralhadoras de montanha para poderem manobrar facilmente nas regiões montanhosas do nosso paiz.

Não é uma questão de luxo, mas uma questão de necessidade.

Devem, pois, ficar adjunctas duas baterias de metralhadoras de montanha, aos batalhões de caçadores.

(Continua.)

Fraternidade militar

Por D. do governo provisorio foi creada no Exertito Portuguez uma grande associação denominada *Fraternidade Militar*.

Esta prestimosa instituição que pretende exercer a mutualidade nos seus diversos aspectos e contribuir efficazmente para dar, não só a todo o exercito mas a toda a mocidade de qualquer classe, uma solida educação civica e uma desenvolvida cultura phisica hade necessariamente levantar o nivel moral do nosso povo, e tornar-se o principal elemento para a regeneração da nossa raça.

Em todas as localidades, onde existem unidades militares, haverá nucleos d'essa associação e por isso foi nomeada uma comissão para installar um nucleo n'esta cidade, que no regimento d'infanteria n.º 23 é composta dos Snrs. major Joaquim Maria Ferreira, capitão Luiz Augusto dos Santos Guerra, tenente Luiz José da Motta, 1.º sargento Antonio Soares e 2.º sargento Julio Lopes Custodio.

A comissão que já iniciou os seus trabalhos, officiou á Camara Municipal de Coimbra, afim de obter umas salas de que precisa para a sua installação, e ter-

renos para construcção de campos de jogos athleticos.

A mesma commissão está já procedendo á matricula dos socios obrigatorios, que são todas as praças do exercito em serviço n'esta cidade e brevemente vae ser aberta a inscripção como socios, de todos os mancebos dos 15 aos 20 annos de idade que desejem inscrever-se n'esta associação.

E' já muito elevado o numero de mancebos que desejam inscrever-se, attendendo ás vantagens que esta associação offerece e á insignificante quota que é exigida.

A joia é de 500 reis e a quota mensal é apenas de 30 reis.

E' desnecessario encarecer a importancia d'esta Associação que em 1 de fevereiro deve contar no paiz cerca de 60:000 associados.

A Commissão dá os esclarecimentos precisos a todas as pessoas que o desejem.

ULTRAMAR

Quando vi em 1909, publicada no B. M. U. n.º 23 uma relação por ordem de antiguidades dos 1.º sargentos do Ultramar com direito ao accesso para o quadro privativo das forças Ultramarinas, julguei que ficaria em moda e no fim de cada anno se continuava a publicar essa relação, com todas as alterações havidas durante o anno, em semelhança como se procede com os Snrs. officiaes, publicando-se uma lista d'antiguidades; mas assim não succedeu.

Em virtude da publicação de essa relação ou lista ser de absoluta necessidade, porque só assim os interessados poderão saber o numero em que estão para o posto de alferes, e como a referida lista só poderá ser organizada no Ministerio das Colonias, pois é ali que se encontram todos os dados necessarios para a sua elaboração, venho por este meio pedir a Sua Ex.ª o Ministro das Colonias se digne ordenar que seja formulada e publicada no respectivo Boletim

uma relação por antiguidades de todos os 1.º sargentos que se acham ao serviço do Ultramar, com designação das datas em que foram promovidos.

Macau, 10 de Novembro de 1911.

Um interessado.

ACTUALIDADES

A cerca do imminente conflicto entre a Russia e a Persia, diz o *Saturday Review*, jornal unionista inglez:

«*Finis Persiae!* E' o fim de todo e qualquer simulacro de independencia persa. Era fatal que a situação até agora existente não podia durar.

«Dentro em pouco teremos de nos assenhorear do sul, como os russos do norte, e então os nossos imperios terão uma fronteira comum.»

Estas breves palavras resumem em si nada menos do que o desaparecimento da Persia como nação autonoma.

E o que é mais interessante é que o jornal inglez prevê como causa segura este acontecimento.

Estará na logica?

No meu entender, dadas as enormes differenças entre os dois colossos interessados: — a Russia e a Inglaterra — e o pequeno paiz que se chama Persia, convenio que sim.

Mas nem por o referido jornal estar na logica devo dizer que não é revoltante, iniquo, monstruoso mesmo este procedimento.

Como condemno o adulto que bate numa creança de tenra idade, condemno tambem o procedimento de qualquer nação poderosa que pela força se queira apoderar de outra a quem o acaso collocou em condições de não se poder, sequer, defrontar com ella.

Porque estas nações grandes, como a Russia, não tem a certeza da victoria por os moverem qualquer causa justa e patriótica; tão pouco no valor e heroismo dos seus homens de armas.

A certeza, a convicção profunda vão busca-la na força dos seus exercitos e esquadras e muitas vezes do seu dinheiro.

Tens um vintem? vales um vintem; tens um tostão? vales um tostão; não tens nada? nada vales!

Concluindo: — O paiz, grande ou pequeno, que hoje quizer viver livre e independente, não se deve illudir com as prédicas actuaes em favor da paz, porque as nações que maior propaganda fazem nesse sentido, são as que mais depressa pretendem lançar o extermínio das outras.

Caciaco.

No vapor *Loanda* seguiu viagem no dia 7 do corrente, acompanhado de sua ex.ª esposa, o nosso illustre camarada Gervasio Albano Baptista de Sousa, que vac assumir o cargo de 1.º sargento da 2.ª companhia disciplinar de Angola.

Feliz viagem é o que desejamos ao nosso amigo.

“O cinco d'outubro,”

Com este titulo incetou a sua publicação em Villa Nova de Gaia, um novo semanario que se apresenta superiormente redigido.

D'aqui damos as boas vindas ao novo collega e que um futuro sorridente lhe surja.

LITTERATURA

ELEGANTE

A MEU SOBRINHO

No seu berço de rosas, pequenino
Onde repousa terna e innocente
A mãe ao vel-o lindo, gentilmente...
Da-lhe um beijo, purpuro e cristallino...

Do seu labio rosado e purpurino,
Como uma aurora alegre, ridente,
Como uma estrella d'oiro e transluzente,
Desponto um riso santo e divino!

Escapa... do bando a meiga pombinha
Largando, sentimental, p'la noitinha...
O seu gorgeio triste e emballador;

Suavemente, junto d'aquella mãe
N'um canto esquecido... em vago desdém...
Faz um quadro bello e encantador!...

Villa Verde—Setembro-911

Eduardo F. Tudella de Castilho

QUESTÕES MILITARES

Qual deve ser a missão do grupo de Telegraphistas de Campanha em tempo de paz?

CAPITULO I

INTRODUÇÃO

O grupo de telegraphistas de campanha tem, como é sabido, um serviço proprio e muito especial a desempenhar.

Este serviço é bastante complexo; e a sua aprendizagem demanda muito tempo e o seu bom desempenho requer, sobre tudo, muita e assidua pratica.

Ora se isto assim é, como ocioso seria demonstrar, evidente se torna que o grupo de telegraphistas de campanha não poderá satisfazer o seu fim, continuando a distribuição e organização do serviço tal como actualmente se acha.

De facto, as praças que entram para este grupo, depois de promptas da instrução de infantaria e geral da arma, passam, é certo, officialmente á instrução especial, mas tal instrução não poderá ser ministrada de modo que se approxime, sequer do que seria conveniente.

Durante este periodo de instrução as praças são chamadas a fazer serviço, e assim só muito irregular se pôde desde logo ensinar a parte pequena e elementar do serviço especial do grupo, unica que se pôde ensinar individualmente.

D'esta forma restam apenas como tempo util de instrução ou quando muito dois mezes e meio, que em cada anno as praças do grupo d'ella tem exercicios.

Este periodo de tempo se chega, embora escassamente para fazer conhecer ás mesmas praças as diversas especialidades do seu serviço, não basta por certo para exercital as nelle devidamente.

E ainda que para isto bastasse, os nove mezes e meio de cada anno seriam mais que sufficientes para

que as mesmas praças se esquecessem do pouco que aprenderam, e se desageitassem por falta de pratica, a não ser que para esta unidade só sejam recrutadas praças com a profissão de telegraphistas, o que é impossivel porque é uma especialidade que abunda muito pouco no nosso paiz e de futuro muito menos ha de haver, isto é, até á idade de serem sorteados visto as exigencias de materias que fazem a qualquer individuo que do futuro se deseje matricular no curso de telegraphia civil, em vista do decreto publicado ultimamente, e que de certo só o farão esses que se acharem nas condições de poder ser admitidos ás matriculas, depois de terem cumprido o dever sagrado que todos os cidadãos são obrigados a cumprir pela ultima lei do recrutamento que assim o determina.

Nestas condições não se sabe como as praças do citado grupo possam habilitar-se convenientemente para se desempenharem do serviço que lhe incumbem e a que possam ser chamados de um momento para o outro.

E todavia nenhuma outra unidade, a meu vêr, poderia mais facilmente ter uma instrução regular, por isso que tendo no grupo material proprio para todos os trabalhos da sua especialidade, de nada mais careceria senão de uma verba annual de cento e vinte mil réis, que poderia em parte ser abatida á dotação da Inspeção dos Telegraphos Militares, no caso de passarem as estações telegraphicas do Campo Entrincheirado de Lisboa para cargo d'este grupo, e fazer regressar á séde do mesmo grupo, excepto os sargentos supranumerarios pela sua situação, todas as mais praças pertencentes ao mesmo grupo que se acham em diligencia em differentes localidades em serviço estranho ao da sua especialidade.

Tudo dependeria pois de se destinar ao serviço proprio do grupo o seu effectivo, dispensando-o do serviço regimental e do de guarnição, e das mais que não são compatíveis com a missão do mesmo grupo.

Isto tinha por fim aperfeiçoar a instrução, estabelecendo uma rede telegraphica e heliographica nas mar-

gens direita e esquerda do Tejo, com um grupo de telegraphistas e heliographistas e dando no quartel ás restantes praças menos habilitadas a instrução de que carecessem, afim de poderem mais tarde desempenhar tambem identico serviço.

Para o pessoal analphabeto a instrução a ministrar seria a da organização das esquadras de trabalho para construção de linhas permanentes e de campanha, e nomenclatura do material nellas empregado.

Tambem seria de grande vantagem que os sargentos supranumerarios em geral, tivessem todos os annos dois mezes de instrução, preferindo a epocha em que é dada a instrução especial.

Nos annos em que houvesse maoubras militares, deveriam ser incorporadas nas secções de telegraphistas que tomassem parte nas mesmas manobras afim de não deixarem perder ou esquecer as suas habilitações que adquiriram em devido tempo, e bem assim que os impedidos de srs. officiaes do grupo fossem tirados de uma das companhias de equipagem ou de qualquer outra unidade de infantaria onde a instrução é mais facil e não exige certos conhecimentos especiaes, como succede aos telegraphistas, ficando aquellas praças addidas ao grupo só para este fim, evitando assim de o grupo ter todos os annos quinze a vinte praças que passem á reserva, recebendo apenas a instrução de infantaria geral da arma, visto que os mesmos impedidos são sempre dispensados de toda a instrução de sua especialidade logo que passem áquella situação.

Mas se isto, que a meu vêr seria tão proveitoso como simples, nunca se poderá conseguir attentas as condições que actualmente se dão provenientes de taes excepções, que entrariam logo em discussão, poder-se-ia talvez obter que as restantes praças que saibam lêr e escrever, incluindo mesmo os conductores, podessem dedicarem-se só ao serviço que lhe é especial.

Tenderia isto a não deixar perder a instrução que parte d'ellas receberiam em Tancos e seria escola para aquellas que não tenham concorrido áquelles periodos de instrução.

(Continua.)

CASIMIRO RODRIGUES,
2.º sargento de engenharia.

Apontamentos para a revisão da reorganização do exercito

Só o fim de demonstrar pelos numeros a situação em que ficam os sargentos de infantaria em relação aos nossos camaradas das outras armas e serviços, pela reorganização do exercito publicada na O. E. n.º 11 (1.ª serie), do corrente anno, me leva a escrever estas linhas, cujos commentarios me absterei de fazer, tanto quanto me seja possivel.

Tratamos da arma de cavallaria: Pelos quadros insertos na referida O. E., vemos que o quadro definitivo dos 1.º sargentos é de 57, incluindo 5 destinados á Guarda Nacional Republicana, e o dos sargentos ajudantes de 23, incluindo tambem 1 destinado á mesma guarda.

O quadro definitivo de officiaes subalternos é de 171, do qual pertencem aos sargentos ajudantes 57 vagas.

Façamos o confronto com a arma de infantaria:

O quadro de 1.º é de 325 na arma, e de 26 na Guarda Nacional Republicana, o que dá um total de 351.

O quadro de sargentos ajudantes é de 70 na arma, e 6 na aludida Guarda, o que dá um total de 76.

O quadro definitivo de subalternos é de 635, do qual 211 vagas são destinadas aos sargentos ajudantes.

Analisando estes numeros vemos que a percentagem na cavallaria é respectivamente de 38,5 e 100, em relação dos postos de sargento ajudante e de subalterno, e na infantaria de 21,6 e 60,1 em relação aos mesmos postos.

E' edificante!

Relativamente as armas de artilharia e engenharia e serviços de saúde não carecemos de numeros para a demonstração: basta dizermos que estão sendo promovidos a alferes individuos que alcançaram o posto de 1.º sargento em 1904, emquanto que na infantaria o estão sendo com o posto desde 1890.

O resultado disto será: quando os 1.ºs sargentos de infantaria promovidos em 1904 sejam promovidos a alferes, os seus camaradas que alcançaram o posto de 1.º sargento no mesmo anno, terão um ou dois annos de tenente.

Nós, com alguma cousa que temos lido, sabemos algo de valor e das funcções que as diversas armas têm no combate; sabemos que o nosso paiz, pequeno como é, e com a população que tem, só poderá arriscar-se a uma guerra dispendiosa de fortes e numerosas tropas de artilharia, mas, também, sabemos que, até hoje, quem tem decidido da sorte das batalhas é a grande massa de infantaria, desalojando das suas posições o inimigo, com o tiro ou com a bayoneta.

Lewal ensina-nos que « a artilharia facilita, prepara e secunda a acção da infantaria e que a infantaria conta com a acção da cavallaria a protegê-la, descobrindo e preparando os contra-ataques e carregando também por fim. »

Mas, além d'este grande mestre, todos os outros nos dizem que é a infantaria que decide a crise final e que é ella que sempre paga cara a victoria ou a derrota, consoante demonstram todas as estatísticas e nomeadamente a da guerra Russo-Japonesa.

Logo, se o engenheiro, o artilheiro e o cavalleiro carecem de uma boa preparação e proficiente ensino, não menos o carece o infante.

Se as habilitações pedidas aos nossos camaradas de outras armas fossem diferentes d'aquellas que nós infantes possuímos, forçoso era reconhecer a justiça do seu aceleramento, como succede entre os officiaes; mas nós todos somos filhos da mesma mãe (a Escola Central.)

Obvie-se, pois, a este mal estar, a esta situação humilhante em que ficamos os sargentos, de infantaria, para o que será, apenas, necessario augmentar um capitão e um sargento ajudante por cada batalhão de infantaria, dando ao sargento ajudante funcções diferentes das que hoje tem; isto é, desempenhando o serviço de subalterno, visto que tão necesarios são, não só para equilibrar as promoções como para se instruir essa grande quantidade de recrutas, que nos está á porta.

E' na paz que os exercitos se preparam para a guerra; e, nós, se tivermos de mobilisar mesmo d'aqui a dez annos, teremos de promover a officiaes todos os sargentos ajudantes e primeiros sargentos, e mesmo alguns segundos, que, nessa

ocasião, sejam promovidos a primeiros.

A desigualdade na promoção que acima aponto não affecta só os primeiros sargentos, vae também reflectir-se, como é obvio, nos nossos camaradas segundos sargentos, que vêem o seu futuro paralisado e cortado.

Elvas, 4 de dezembro de 1911.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do grupo de metralhadoras 4

Breves considerações

Que um acontecimento de significação importante, produza na sociedade que o recebe um movimento forte de simpatia ou protesto, explica-se; que um acontecimento reconhecidamente banal, e até para mais exótico, arraste essa mesma sociedade a um desses movimentos, é extrajunariamente espantoso e faz com que apodemos o caso de imbecilidade.

Mas como se isso não bastasse, notamos ainda essa mesma sociedade (ou seja aquélla parte que mais se evidencia em questões de ordem publica) gritar a plenos pulmões para que a lei seja cumprida tão integralmente como se acha escrita.

Mas a lei cumpre-se e essa sociedade revolta-se. E' fantastico! No entanto compreende-se. Esses imbecis da humanidade querem de facto o cumprimento da lei, mas só na parte que lhes interessa, só quando ella possa alvejar os seus fins.

De resto, pede-se pelo vicio de pedir e pelo habito de reagir, mas sempre pronto a arremeter.

Vêm estes pequenos considerandos a respeito do que se passou em Lisboa, devido á expulsão de territorio português de duas mysticas japonezas, que por artes empiricas se propunham pôr a humanidade a ver com olhos de ver.

Talvez que o governo procedesse mal em expulsá-las, pois que o maior sofrimento de que ainda enferma uma grande parte da humanidade, é ver tudo do avesso; e pode muito bem ser que essa anomalia oftálmica seja produzida pelos celebres bichos que as japonezas extraíam dos olhos dos seus clientes.

Bichos nos olhos e poeira na cabeça, é talvez a unica causa dos desvarios das multidões, que, como disse Max-Müller, são sempre desarrasoadas; e a que eu acrescentaria: e por vezes criminosas nas suas loucas pretensões.

J. A. Gomes.

A' comissão encarregada de rever a organização do exercito

Ao vosso criterio fica talvez a causa mais sagrada e justa que até hoje tem ficado olvidada desde que veiu a Republica.

O criterio que a mesma comissão seguirá será o da justiça, da verdade. Olhae para esse grande numero que faz parte do exercito e que tão de perto vos ajuda nas horas de trabalho, para que não continue tão desprotegida da sorte, porque neste malfadado paiz é necessario andar-se de chapéu na mão para se obter um pequeno obulo, e é necessario isto acabar de vez; faça-se justiça a todos, pois na revisão que ides fazer tereis a occasião de apreciáes quanto desgra-

çada não era a organização do exercito na parte respeitante a infantaria, perdendo por completo a esperança d'um dia mais tarde garantir um futuro prospero á familia que tem a sustentar.

Vós a ides rever e não deixareis de apresentar ao ministro todos os alvitres que se vos offerecer sobre tal materia.

A classe a que me quero referir é a dos sargentos, porque é absurdo ser necessario estar 12 annos, como acontece actualmente, para se obter a promoção ao posto de alferes, contados desde a promoção de 1.º sargento!!!

A organização em questão veiu tirar-lhe um certo numero de vagas que se davam no quadro da administração militar, as quaes eram preenchidas por todos os sargentos do exercito que estivessem nas condições de poder concorrer, sem razões plausiveis, fazendo d'um quadro onde só ha alguns caras velhas, como se fosse uma arma superior (engenharia ou artilheria!), quando é certo que todos os que para alli tinham sahida tinham as habilitações necessarias para tal fim.

Julgo que a comissão não falará o criterio necessario para ver que o terço das vagas que se derem neste quadro podem ser preenchidas como antigamente, podendo concorrer para tal fim até completarem 45 annos de idade.

Porque se não cria um quadro especial para a infantaria como tem a engenharia e artilheria? Podendo ser promovidos ao fim de 4 annos como a lei estabelece, para que é preciso um sacrificio de 12 annos, quando muitos outros são promovidos sem que tenham vagas?

A comissão alvitrará como fôr de justiça no relatório que apresentar, para que seja promovido o terço correspondente ao numero de officiaes supranumerarios que ha, para darem cumprimento á lei na parte que diz respeito ao numero de annos que se deve permanecer no posto de subalterno como alguém tinha vontade de fazer, mas que não chegou a realizar.

Para que todos os annos seja promovido o terço correspondente quando são aspirantes, porque é racional que se faça, attendendo a que também são portuguezes e da mesma massa que são feitos os beneficiaes da sorte.

Não haverá alguém dentro das secretarias do estado que faça gosto em contrariar o exercito?

Se estamos em época democratica faça-se justiça, assentando de vez no caminho a seguir, para que possamos bem dizer do mal ou do bem que nos assiste sob materia democratica, tanta vez apregoada ao Zé Povinho.

Coimbra, 4 12-911.

J. A. Cruz.

POR ESSE MUNDO

Republicano?

Segundo nos informa o nosso intrepido collega lisbonense o *Mundo*, o padre Casimiro Rodrigues de Sá, deputado, nega-se a aceitar a pensão estabelecida pela lei da separação aos padres portuguezes.

E o collega diz que julgava que este reverendissimo senhor era republicano!...

Será, será, collega; no entanto fique sabendo que não damos 5 réis pelo republicanismo d'um pandego de tal ordem.

Alfredo de Magalhães

Foi nomeado governador da provincia de Moçambique, este glorioso caudilho da democracia.

Character integro e firme, dotado d'uma honradez immaculada e d'um talento raro, esta gloriosa victima das dentadas furiosas de tantos zoiolos e admiração justa dos bons republicanos, vae, com certeza, fazer uma politica bem republicana naquella nossa provincia ultramarina.

Nós, que mantemos pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães a maior admiração, felicitamo-lo pela prova que acaba de ter de quanto é conhecida a sua individualidade, ao ser nomeado para um cargo de tantas responsabilidades, ao mesmo tempo que ficamos pesarosos de ver afastar da mãe-patria a sua elevada personalidade.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia de sua assignatura um anno, do sr. João Henriques d'Almeida, alferes d'infantaria; e de um semestre dos srs. Luiz Rodrigues Jacob, 2.º sargento d'infantaria 23; Evaristo José Cerveira, Coimbra; Carlos de Jesus, 2.º sargento d'infantaria, Macau; Hypolito Antonio Ferreira, 1.º sargento d'infantaria 9; José Manuel dos Reis, alferes da administração militar; Antonio Rodrigues da Silva Braga, 1.º sargento d'infantaria 8; Manuel Gabriel, 1.º sargento d'infantaria 15; Manuel José, 2.º sargento d'artilheria, S. Vicente; Ignacio Chumbo, 1.º sargento d'infantaria 20; Manuel Mestre, José Antonio Simões Neves, José Nobre da Veiga, 1.º sargentos d'infantaria 17; Silvestre José Barreiros 1.º sargento d'infantaria 20.

A de um trimestre dos srs. Manuel da Silva Piedade, tenente de infantaria 23; Augusto Emiliano Gonçalves Bravo, 2.º sargento d'artilheria, Elvas; Manuel Coelho Pereira, 1.º sargento d'artilheria, Penafiel; Raul Benjamim Roseira, 2.º sargento d'infantaria 9; Leandro Augusto Pires, 2.º sargento de cavallaria 3; Candido Henrique da Silva, carpinteiro, Antonio Baptista de Pina e Silva, Joaquim José Fradique, 2.º sargentos, Henrique Maria Beicinha, espingardeiro, Antonio Rodrigues d'Almeida, 1.º sargento, todos de cavallaria 10, Felix Carneiro da Silva, 2.º sargento da succursal da manutenção militar, Coimbra; Alvaro Roby, 2.º sargento de cavallaria 6; Antonio d'Oliveira, Manuel Ferreira da Costa, Antonio Coelho de Araujo Malheiro, Luiz Ferreira, Jeronymo Xavier de Moraes Sarmiento, 2.º sargentos, José Gonçalves Loza, João Baptista Pinto, 1.º sargentos, todos d'infantaria 8; Antonio Gerardo Bastos dos Reis, José Joaquim de Jesus, 1.º sargentos de infantaria 15; José Joaquim de Carvalho, musico de 1.ª classe, José d'Oliveira Netto, 1.º cabo, Abilio Leurenço, Francisco Pereira de Barros, J. M. Marques da Cruz, José Augusto d'Oliveira Dias, 1.º sargentos, José Paes d'Almeida Mamede, José Ribeiro da Silva, 2.º sargentos, José da Costa Cameira, alferes, todos d'infantaria 7; sargentos do D. R. R. 7.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

Serão também applicados alguns purgantes de sedlitz ou outros que haja a mão e não sejam violentos (sodás purgativa):

N.º 1 — Acido tartarico em pó, 2 grammas. — Guarde num papel em frasco de rolha esmerilhada.

N.º 2 — Tartaro de potassa e soda, 8 grammas — Bi-carbonato de sodio, 2 grammas.

Misture estes saes bem seccos e guarde em um papel num frasco de rolha esmerilhada.

Modo de usar: — Tomar o papel n.º 1 e deitar num copo com um pouco de agua, que póde ser assucarada e com summo de limão ou de laranja ou de tangerina, etc.

Lançar o papel n.º 2 noutro copo com um pouco d'agua também.

Dissolvidos os saes dos dois papeis, cada um em seu copo, juntem-se a agua de um á do outro, de forma a ter os dois solutos num só copo e beba-se immediatamente emquanto ha effervescencia.

d) *Prophylaxia.* — Sendo a pneumonia lobar causada por um microbio, deve evitar-se a disseminação d'este pelos escarros e por isso destrua estes, quer com solutos fortemente antisépticos. (*Agua de creolina*): — Creolina, 20 grammas — Agua commum, 1:000 grammas. — Misture em frasco de maior capacidade e agite bem. — *Agua phenica* a 2 p. c. — Agua, 1:000 grammas — Acido phenico, 20 grammas. — Misture. — Lenticulas de sublimado a 50 centigrammas. — N.º 2 — Dissolva em 1 litro de agua quente pelo fogo.)

A causa propria é o microbio, mas as causas proximas ou determinadas são todos os enfraquecimentos do organismo, devidos a esgotamentos ou esalfamentos de qualquer natureza, e na metade dos casos proximalmente é um resfriamento brusco que por muito tempo fez appellidar a pneumonia, como a doença á forigose por excellencia.

E' portanto evidente que os resfriamentos bruscos são para evitar a todo o custo.

E' uma doença bastante commum em Angola, e a raça negra, e a variedade mestiça são muito atreitas a ellas.

Asthma

a) *Definição.* — E' uma doença constituída por accessos de falta de ar, repetidos com intervallos maiores ou menores e que apresentam um caracter especial: parece que ha ar de mais nos pulmões (expiração ruidosa e prolongada) que não póde sair facilmente por dilatação d'elles e consequentemente não póde entrar de novo e renovar-se (inspiração incompleta.)

b) *Symptomas.* — Um individuo sujeito a esta doença, deita-se bem e ainda nas primeiras horas do somno, acorda bruscamente tomado d'uma oppressão, d'uma angustia, de uma falta de ar, que o leva a correr á janella, que abre de par em par, a tomar com ancia o ar fresco, a tomar posições extraordinarias para alliviar a sua angustia e

cada vez mais lhe falta o ar que inspira incompletamente e aspira com medo, sibilando e lentamente.

O rosto transforma-se, os olhos projectam-se numa anciedade evidente, os labios tornam se violaceos, o suor invade a fronte e as faces e o quadro da asphixia desenha-se cada vez mais sombrio.

Depois de algumas horas d'esta lucta penosa e afflictiva, a inspiração começa a fazer-se melhor, o ar começa a penetrar melhor e a expiração é mais facil, menos convulsiva, até que tudo entra na ordem.

Eis o quadro d'um accesso asthmatico typico.

Uma serie de accessos d'esta ordem, ou mais ou menos parecidos, quando não é um unico, constitue um ataque de asthma.

Os accessos em geral, são separados por algumas horas.

Os ataques são intervallados de dias, mezes e ás vezes de annos.

Ha tosse mais ou menos intensas, que expelle escarros glutineos, espessos e que sahem com custo.

O pulso é mais lento do que apressado.

c) *Tratamento.* — Deve-se attender ao tratamento dos ataques e ao tratamento da doença, feito no intervallo dos ataques, que também se póde chamar preventivo ou prophylaxia.

O tratamento dos ataques ou dos accessos, pois que, um ataque póde ser constituído por um unico accesso, consiste no uso das lenticulas anti-asthmaticas — (Lenticulas anti-asthmaticas, meio tubo) uma de hora a hora, de quarto em quarto de hora, ou de meia em meia hora, conforme a violencia do ataque.

Póde usar-se também as lenticulas de saturina, de lobelina, nevezphina, de atropina — (Lenticulas de daturina, a meio milligramma, 4 — Lenticulas de lobelina, a meio milligramma, meio tubo. — Lenticulas de chlorhydrato de morphina, a 1 centigramma. — N.º 1 a 3.

Podem dissolver-se em agua com assucar para fazer uma poção calmanete. — Lenticulas de sulfato de atropina, a meio milligramma, 4.

Póde andar-se mais rapidamente, usando uma injeção hypodermica de morphina alternada com outra de atropina. (Empollas de choletto de morphina, a 1 centigramma. N.º 1 — Empollas de sulfato de atropina, a 1 milligramma. N.º 2.)

d) *Prophylaxia.* — Como acima se disse, o tratamento d'esta doença no intervallo dos ataques é a maneira de a evitar e por isso a prophylaxia.

Para isso devem evitar-se os resfriamentos e a humidade, não sahir de noite, evitar as poeiras irritantes, ou vapores ou cheiros que encommodem, procurando ar puro.

Como medicamentos, usará dez dias iodeto de potassio, lenticulas de 0,25 grammas; (Lenticulas de iodeto de potassio, a 25 centigrammas, 8), outros dez dias lenticulas anti-asthmaticas. — (Lenticulas anti-asthmaticas, meio tubo) e nos dez dias restantes do mez, brometo de potassio (9 a 10 lenticulas de 0,25 grammas), e assim nos mezes seguintes, durante muito tempo.

(Continua.)

O melhor enchido de Portalegre Na casa Gaitto & Cannas

Rua de Ferreira Borges
COIMBRA

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de toda as aguas

Apiciada por toda a parte.
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.
Para uso diario e constante. Refrigerante inegalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.ª

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçalves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.ª e Ferregial de Baixo, 31, 2.ª — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionais e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

IMPRENSA ACADEMICA

153 — Rua da Sophia — 165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc.

Nova Alquilaria de Trens d'Aluguer

DE MANUEL D'OLIVEIRA MONTEIRO

OFFICINA SOARES

RUA DA SOPHIA

COIMBRA

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 163

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 reis
Ultrammar, semestre - 600
Numero avulso, 30 reis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offercidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

As tropas activas da arma de infantaria, foram distribuidas por trinta e tres regimentos a tres batalhões e dois regimentos a dois batalhões.

Foi prudente organizar-se por enquanto, os regimentos de infantaria a tres batalhões, ficando nos no entanto a esperança de que mais tarde, esses regimentos sejam organizados a 4 batalhões.

Todavia lastimamos, que no relatório que precede a lei, não venha expresso esse proposito, como se fez para algumas outras armas.

E' natural que fosse por esquecimento, pois decerto a comissão não ignora, que os exercitos estrangeiros melhor organizados, estão copiando a Alemanha dotando os seus regimentos de infantaria com 4 batalhões.

Até a Belgica na sua ultima organização que começou a vigorar no preterito mez de outubro dotou os seus regimentos de infantaria com quatro batalhões.

Os nossos dez contingentes annuaes de recrutas satisfazem ainda perfeitamente aos effectivos exigidos para os quatro batalhões.

Esta moderna organização dos regimentos de infantaria, tem a vantagem de elevar o effectivo de um grupo de divisões a 40:000 homens, maximo effectivo este, que podem ainda marchar em columna por uma só estrada e desenvolver-se sobre a testa da columna n'um só dia.

Considerações tacticas aconselham ainda esta divisão dos regimentos de infantaria, simplificando extraordinariamente as manobras d'esta arma.

Pela adopção do systema quaternario teriamos a divisão composta de 4 regimentos de infantaria; o regimento dividido em 4 batalhões, o batalhão em 4 companhias; a companhia em 4 pelotões; o pelotão em duas secções e estas em duas esquadras, ou seja o pelotão dividido em 4 esquadras.

No entanto somos obrigados a

concordar que a divisão dos regimentos a tres batalhões foi no momento actual uma medida de prudencia, que evitou uma transformação brusca que poderia acarretar graves inconvenientes.

De resto ainda não temos quartéis para tres batalhões e por isso muito menos para quatro.

O artigo 123: no seu § 4.º determina que em cada regimento de infantaria haja um pelotão de sapadores e outro de telegraphia optica.

Este artigo não faz referencia aos velocipedistas nem aos maqueiros.

No capitulo XXI que trata da instrução militar refere-se ás escolas de velocipedistas, mas com respeito aos maqueiros de infantaria não se encontra ahi a mais pequena referencia.

Evidentemente que se esqueceram d'elles, ou teriamos então que admitir que os maqueiros, já não são precisos, o que seria um enorme disparate!!...

Deve-se portanto substituir o § 4.º de artigo 123 pelo seguinte.

§ 4.º Em cada regimento haverá um pelotão de sapadores, um de telegraphia optica e um de velocipedistas.

Em cada batalhão haverá uma esquadra de maqueiros.

A instrução d'estas especialidades deve realizar-se nos ultimos trinta dias das escolas de recrutas, para o que seriam nomeados em cada escola de recrutas dois soldados por companhia.

O regulamento de mobilização prevê a organização de uma companhia de deposito nos regimentos de infantaria no acto da mobilização.

Por isso era razoavel acrescentar-se o seguinte paragrapho ao artigo 123:

§ 6.º Em cada regimento activo haverá uma companhia de deposito.

Esta companhia era destinada a instruir e preparar as praças

que deveriam preencher as baixas do regimento, a receber os feridos e doentes, a reunir os licenceados que se não apresentarem no prazo marcado na ordem de mobilização, a guardar, reparar e conservar os artigos á carga do regimento.

Em tempo de paz teriam passagem a esta companhia todas as praças licenceadas do activo a quem fosse concedida licença para se auzentarem para o estrangeiro ou colonias.

E' desnecessario encarecer esta medida, porque é sabido que os regimentos quando attingirem os effectivos de pé de guerra, um quinto ou até mesmo um quarto d'esses effectivos é constituído por praças ausentes no estrangeiro (principalmente no Brazil) e que por isso não podem reunir aos regimentos nos prazos marcados para a mobilização.

Assim se evitariam as enormes perturbações que se hão de dar no acto da mobilização pelo facto das companhias escripturarem praças que é humanamente impossivel reunir com rapidez para se poderem mobilisar.

Não nos admiramos que na organização da arma de infantaria haja tanta lacuna, o que mostra bem evidentemente o desprezo com que a comissão tratou d'esta infeliz arma.

Parece até que a organização da arma de infantaria foi feita por algum official estranho a esta arma, como mostra claramente alguns enormes disparates que nessa organização apparecem e que havemos de discutir na devida altura.

(Continua.)

A promoção a 1.º sargento

Apesar de estar nomeada uma comissão para elaborar um novo regulamento de promoção aos postos inferiores do exercito, não resistimos a apresentar o nosso modesto alvitre ácerca da promoção a 1.º sargento.

A nossa opinião é de que os concursos devem terminar, visto não terem satisfeito cabalmente aos seus fins, devendo, comtudo, realizar-se no proximo anno um

concurso geral, realizado até fins de agosto de 1913.

Os 1.º sargentos devem ser feitos na Escola Central, havendo uma para cada arma, sendo admittidos á matricula o numero de 2.º sargentos que sejam necessarios para o preenchimento das vagas que ocorrerem em cada anno.

E' claro que seriam admittidos os 2.º sargentos mais antigos que requeressem, sem que o comportamento e classificação no curso de habilitação para 1.º sargentos influenciassem de forma alguma, como se pratica com os 1.º sargentos.

Evidentemente o nosso alvitre acarreta despezas, mas entre essas despezas e o garantir o futuro aos nossos camaradas 2.º sargentos, que em nada têm contribuido para que a maneira de alcançar as divisões de 1.º sargento não seja em tudo igual áquella como se alcança o posto de sargento ajudante, a comissão não deve tergiversar.

Não ha duvida que alguns officiaes serão afastados do serviço para o professorado; porém, todos o sabemos e é axiomático «que os bons quadros fazem os bons exercitos» e o nosso bastante se engrandeceria com a nossa proposição.

Uma maneira hibrida como essa, da promoção a 1.º sargento que entre nós tem existido e que não póde e não deve subsistir.

O curso de habilitação para 1.º sargentos deve continuar, soffrendo o respectivo programma algumas alterações.

A proposito diremos que o não terem funcionado este anno as escolas do curso de sargentos, tem prejudicado alguns camaradas que desejavam frequental-as.

E' verdade que o art. 413.º da O. E. n.º 11 (1.ª serie) do corrente anno nos falla em escolas de sargentos, mas, segundo se deprehende dos artigos 455.º e 456.º da referida O. E., supponmos que ellas só habilitam para 2.º sargentos milicianos.

Elvas, 15-11-911.

Manuel Antonio Vieira,

1.º sargento do grupo de metralhadoras 4

JUSTIÇA!

É o que reclama o caso que se está passando com a preterição na promoção a sargento ajudante do nosso camarada d'infanteria 23, Antonio Gomes Santiago.

A resposta á sua reclamação não é clara, porque não se pode admitir que um tirocinado passe para a retaguarda de quem por conveniencia deixou de fazer tirocinio em tempo conveniente; *Honra e proveito não cabe no sacco*, lá diz o ditado.

Ao illustre Ministro da Guerra, recommendamos o assumpto, conscientes de que S. Ex.^a não deixará de fazer justiça, não só promovendo o prejudicado, como ordenando a sua collocação na respectiva escala, destruindo assim a má impressão causada em toda a classe.

Reorganisação do Exercito

Temos em cima da nossa banca de trabalho, um bem redigido apelo aos senhores deputados da Nação Portuguesa, em que se pede a attenção de S. Ex.^{as} para as grandes lacunas que ornamentam a tão decantada Reorganisação do Exercito, e que tem dado occasião a tantas injustiças na arma de infanteria — a mais lezada.

Oxalá S. Ex.^{as} a ella dispensem toda a sua intelligencia, afim de que as palavras *Igualdade e Fraternidade*, se tornem um facto.

É do mesmo apelo, o seguinte trexo:

«Senhores Deputados

Escreveu um dia Garrett a alguém — «os portuguezes são naturalmente soffredores e pacientes; muito arrojada hade ser a corda com que de mãos e pés os atem os seus opressores, antes que rompam em um só gemido os desgraçados. Um murmuro, uma queixa... nem talvez no cadafalso a soltarão!»

Não resta duvida alguma. Os portuguezes são soffredores e pacientes, mas no meio d'essa resignação soffredora está infiltrado o vinculo profundo da indomavel revolta da sua alma.

Sim, são soffredores, pacientes e morosos no levantar altivo da sua cabeça, mas chegada a occasião quando a paciencia já trahorda e corre febril por todas as fibras do seu musculoso corpo, não ha barreiras, defezas inexpugnaveis que sejam, que se oponham ao desemcadear da sua colera. Mostram assim que tão vigorosos são para soffrer como para se revoltar.

Kermesse

Esteve muito concorrida a kermesse da Associação dos Artistas, sendo abrilhantada no domingo pela banda do regimento d'infanteria 35, que sob a regencia do seu chefe executou um excellente repertorio, valendo-lhe algumas manifestações de apreço pela numerosa assistencia.

«Noticias do Norte»

Entrou no 5.^o anno da sua publicação, este nosso collega que se publica em Braga.

Com o nosso abraço de felicitações vae o desejo de que não abandone a carreira brilhante que até hoje tão bem tem seguido.

LITTERATURA

A' TERRA DELLA

O' doce terr'amada de paz e harmonia,
Patria que és do meu amor!
A luz do sol que ahí brilha faz mais claro o dia,
Faz mais alegre a vida e mais viçosa a flôr!

Que magua, que saudade, ó terra, e que paixão
Eu sinto enternecido!
Se ás vezes penso em ti, meu pobre coração,
Palpita, se palpita, mais terno e mais sentido.

Que doce quietação, que amor, que soledade
Em tudo resumbra ahí
Desde o pinheiral captivo que suspira á tarde
Até ao valle florido que murmura e ri!

O' quem me dera um dia expirar ingenuamente
Na paz d'um lar dos teus,
Onde a minh'alma após uma oração fervente,
Como a de Jesus fosse arrebatada aos ceus...

Mas eu ando sobre a terra a medo e com receio,
Assim como quem vae
Perdida e deslocado á força do seu meio,
Sem patria, sem amor, sem lar, sem Deus, sem pao!

Sinto que se me vae a vida aos poucos esvaindo
Longe d'um lar dos teus...
Eu sinto que escurece, é noite... e vou partindo;
Terra do meu amor — adeus!

Braga, 10 de dezembro de 1911

Ramalho de Barros

QUESTÕES MILITARES

(CONTINUAÇÃO)

Um dos maiores inconvenientes para a instrucção d'este grupo, além de não ter verba estipulada para custear as despesas a fazer com os materiaes de consumo que seriam precisos adquirir, taes como artigos de expediente para as estações telegraphicas, telephonicas e opticas e bastante material para trabalhos de construcção de linhas permanentes, taes como; postes, isoladores e fio telegraphico, e da dispensa permanente do serviço regimental, terá o grupo de telegraphistas de campanha continuar a receber todos os annos quasi um terço do seu effectivo de recrutas analphabetos, como succedia com os effectivos da extincta companhia de telegraphistas de campanha, ser sempre, muito grande o numero de analphabetos, que, muitas vezes, se não fosse o grande numero de voluntarios não haveria praças nas condições de serem promovidas a cabos para completar o seu effectivo.

Como vêem, o grupo não poderá por forma alguma ministrar ás praças naquellas condições, a verdadeira instrucção da sua especialidade, quando muito, as poderá habilitar em trabalhos de construcção de linhas permanentes e de campanha, quando é certo que sabendo lêr e escrever, se poderá mais facilmente ministrar todos os ramos de instrucção da sua especialidade, de modo a ficarem habilitadas quasi por assim dizer, em todo o serviço.

Uma praça pelo facto de ser um bom guarda-fio, um bom assentador de linhas de campanha, poderá também ser um regular telegraphista,

heliographistas ou signaleiros de 1.^a classe, e tudo dependerá de, o grupo não receber praça alguma analphabeta, incluindo mesmo os solda dos conductores, porque, estas mesmas, podem prestar relevantes serviços nos postos opticos, como succedeu numas manobras de outomno que se realisaram em 1904 nas proximidades de Cacem, Cintra e Pero Pinheiro, em que varias praças se distinguiram não só na instrucção de preparação que receberam, como também pelos relevantes serviços que prestaram no mesmo serviço optico estabelecido entre os diferentes commandantes dos postos avançados e estes com os quartéis generaes principalmente durante a noite em que este serviço foi por varias vezes bastante violento.

Ultimamente reconheceu-se que a extincta companhia de telegraphistas de campanha não tinha vantagem alguma em se estar a preoccupar com a instrucção bastante desenvolvida de linhas permanentes, porque não as tinha a seu cargo, dando simplesmente ás suas praças uma ideia muito summaria, por, as mesmas praças nunca serem empregadas neste serviço; isto proveniente, talvez, de não ser cumprido o artigo 8.^o da ordem do exercito n.^o 15, de julho de 1887, que facultava ou facultava os commandantes d'esta unidade, proporem algumas praças com a profissão de guarda fio, para praticarem neste serviço nas linhas telegraphicas da Direcção Geral dos Correios e Telegraphos Civis e quando passassem á reserva ou licenciadas, podessem ou possam de futuro ser empregadas nas mesmas estações como guarda-fio, conseguindo por esta fórma um meio de vida garantido.

Tambem seria de grande vanta-

gem para o grupo ter a seu cargo além da rede telegraphica e heliographica do Campo Entrincheirado de Lisboa, para o pessoal da sua 1.^a companhia, ter também toda a rede militar da 3.^a divisão do exercito, destinada á 2.^a companhia para melhor e mais proveitoso poder empregar todo o seu pessoal, evitando assim, ter que, quasi que permanentemente sargentos e algumas praças mais em diligencia em diferentes localidades desempenhando serviços quando não se relacionam com a missão que no futuro venham a desempenhar por serviços da sua especialidade, a não ser o de amanuense que neste caso pouco será preciso quando tiverem de entrar em operações, mas sim do seu especial serviço.

CAPITULO I

Instrucção

Em face do que tenho apresentado, parece ser de toda a vantagem que o grupo de telegraphistas de campanha seja um estabelecimento de ensino permanente, não só para o seu pessoal como também para as mais praças d'estas unidades que desejem receber esta instrucção, principalmente as praças dos corpos do Norte que continuariam assim a ter o seu estabelecimento de ensino no Porto, mas sob a direcção do pessoal da 2.^a companhia de telegraphistas de campanha no caso de ser allí installada a sua sede, evitando assim, de, algumas d'estas praças que não desejem continuar no effectivo por dois annos, poderem mais facilmente, depois de promptas de toda a instrucção, serem licenciadas.

Se assim o entenderem e mais adiante farei referencia, não deverá ir além de dez mezes que se conservarão em instrucção, visto que as praças destinadas á companhia de telegraphistas de praça tem de servir dois annos nas fileiras por assim ser necessario e por o seu serviço especial assim o exigir.

Nesta ordem de ideias a instrucção a ministrar ao mesmo pessoal no caso que não possa ser dada toda ella no edificio da Inspecção dos Telegraphos Militares, seria dividida em duas partes:

Na Inspecção seria ministrada ao toda a instrucção que diz respeito ensino telegraphico, telephonico, acustico e aviação de pombos correios, ás praças da 1.^a companhia de telegraphistas de campanha e companhia de telegraphistas de praça; suppondo que a mesma instrucção a ministrar ao pessoal da 2.^a companhia de telegraphistas de campanha era dada no Porto.

No grupo de telegraphistas de campanha seria ministrada toda a instrucção que diz respeito ao serviço optico, nomenclatura do material de parque, organização e composição das esquadras de trabalho para construcções de linhas permanentes e de campanha e sua execução.

O pessoal iria sendo substituido por outro nos diferentes serviços á medida que os directores da instrucção assim o julgassem conveniente, de maneira que todo o pessoal passasse por todas as especialidades de uma e de outra unidade.

Isto é, dada a epothese de que a companhia de telegraphistas de praça e de telegraphia sem fio passassem a constituir uma só unidade que se designaria por batalhão de telegraphistas, composto de quatro companhias e as duas de que acima me

refiro, tenham o seu quartel no extincto regimento de engenharia (do que adeante me referirei quando tratar da organização de uma só unidade de telegraphistas) e que o edificio da mesma inspecção passaria a ser simplesmente destinado á escola preparatoria e cursos technicos de officiaes de telegraphistas, curso de habilitação para o serviço telegraphico e cursos de electro-technica para o restante pessoal; adequando-se para aulas de manipulação e de montagem de mezas telegraphicas permanentes para instrucção, as duas casernas occupa das pelas praças da companhia de telegraphistas de praça.

A instrucção a ministrar com os apparatus Morses de campanha, seria dada tambem na sede do grupo visto ser difficil o seu transporte e a sua conservação demandar unidades mais especiaes pelo conjunto de apparatus que contém cada meza d'esta ordem.

No caso de ficar a organização do grupo tal como actualmente se acha, toda a instrucção deverá ser dada diariamente, excepto aos domingos e dias de festa nacional com a duração de quatro horas por dia no que respeita á instrucção especial, e será dirigida por dois subalternos no que respeita ao serviço optico e os sargentos necessarios para os auxiliarem; no que respeita ao serviço telegraphico e telephonico tambem por dois subalternos e os sargentos precisos para os coadjuvar; um outro subalterno terá a seu cargo a instrucção de organização das esquadras de trabalho para construcção de linhas permanentes e de campanha e sua execução, carregamento e descarregamento dos carros de uma secção e nomenclatura do material nelle empregado; um outro subalterno seria encarregado de dar theorias sobre materia de electricidade e qual a missão que é incumbida á mesma secção em campanha e suas attribuições no que respeita ás estações civis que estejam comprehendidas na esphera de acção, aos sargentos, cabos e soldados duas vezes por semana a cada classe.

Aos sabbados a theorias aos sargentos versaria sobre installações electricas e nomenclatura dos respectivos apparatus nellas empregado, medidas de resistencia dos apparatus e dos conductores.

A's quintas feiras seria conveniente visitar alguns estabelecimentos fabricis e installações electricas do Estado e da Companhia Carris de Ferro, afim de que os mesmos alumnos possam fazer mais claramente uma ideia das suas lições theoricas.

De quatro em quatro mezes seria nomeado um jury sob proposta de um dos capitães que neste caso seria o director de toda a instrucção a que seriam submettidas a provas praticas, as praças que se achassem habilitadas em todo o serviço da sua especialidade, fazendo se menção na sua folha de matricula a observação de: *habilitado para o serviço telegraphico*, no caso de as mesmas praças, depois de examinadas, satisfazam as condições estabelecidas num programma que previamente deveria ser elaborado para aquelle fim.

(Continua.)

CASIMIRO RAMIRES,
2.º sargento de telegraphistas.

Foram promovidos a tenentes os srs. alferes d'infanteria 23, Carlos

Augusto Mascarenhas Gomes e Mario Gomes da Silva, pelo que lhe apresentamos as nossas felicitações.

DR. AFFONSO COSTA

Vae deixar-nos por alguns mezes o grande estadista sr. dr. Affonso Costa, verdadeiro ornamento da velha democracia portugueza.

D'annos a esta data que a saude de s. ex.ª não tem tomado a estabilidade que era para desejar, e que bastante se faz sentir no meio politico a falta d'este eminente vulto, ainda que a sua ausencia seja temporariamente; e tanto mais ainda quanto é certo estar para breve ser discutido no Congresso Nacional a lei libertadora do jugo da sotaina.

Hoje, em Portugal, já não passa desaperecebido desde o mais alto funcionario ao mais humilde cidadão da Patria de Camões, este intrepido symbolo da politica portugueza, que se chama dr. Affonso Costa.

Foi elle um dos membros do Governo Provisorio que empunhou com inagualavel energia o camarello demolidor das velhas tempestades que pairavam sobre a liberdade de consciencia dos portuguezes.

Essa grande obra de saneamento foi um primoroso trabalho de s. ex.ª, que é e ha de ser de futuro o solido alicerce das instituições republicanas.

Esse trabalho produzido por este grande obreiro da civilização portugueza, calou fundo no coração de todos os bons republicanos amigos da sua patria.

Aquelles a quem por arreigado egoismo e anti-patriotas, aqui tinham hospitalidade, a lei historica atravessou a ganancia, conspiram hoje de balde contra a sancção da soberania portugueza de 5 d'outubro de 1910.

Ha mezes disse eu aqui que a lei da separação tinha unica e exclusivamente por fim fazer apenas o balanço individual dos amigos e inimigos com que a republica podia contar no futuro. Effectivamente assim foi. Não me enganei.

Finalmente, o auctor da lei da separação vae deixar-nos por alguns mezes, bem contra a sua vontade, cremos nós, para tratar da sua saude.

Dissemos contra a sua vontade, porque s. ex.ª só se encontra bem no seu paiz junto dos seus concidadãos, lutando sem treguas pelo seu bem estar social.

A *Voz do Sargento* deseja a s. ex.ª uma feliz viagem de ida e regresso, e prompto restabelecimento da saude do Venerando Mestre da Democracia portugueza.

Vizeu, 16-12-911.

Carlos da Costa Figueiredo,
2.º sargento d'infanteria 14.

PADRES PENSIONISTAS

E' um facto, por todos bem sabido, que os padres pensionistas e respeitadores do novo regimen são agora alvo dos maiores vituperios, censuras e maldições de muitos que indelicadamente recusaram a pensão que o Estado lhes garantiu.

Compreende-se bem o motivo de tão odienta e escanda-

losa animadversão; porque realmente, um impulso febril d'amor patrio e de liberdade, collocou os arrojados padres republicanos no extremo opposto ao dos conspiciosos reaccionarios.

Estes, aneando por continuarem a usufruir *górdos* beneficios que a lei da separação lhes cerceou em proveito do Estado e de muitos parochos pobres, tentaram suffocar a joven Republica; porém, como os padres liberaes, tão crentes como elles, lhes não fizessem o jogo, eis o motivo principal do odio que lhes deitam.

Outros simples padres lhes têm feito comentarios estupidos, excitando mesmo o povo a odial-os, como o tem feito o celebre padre mestre do Tourigo; mas isto tambem se comprehende: como nada tinham a perder com a separação, aproveitaram agora o momento azado para conseguirem um beneficio, se os padres liberaes forem inutilizados.

Mas inutilizados porque? Será um crime ser-se patriota e catholico? Não! Se os padres pensionistas forem privados dos seus beneficios, é por odio, inveja e vingança, e não por motivos de religião.

Como é digna de lamentar-se esta escandalosa desunião do clero!

Como causa dó ver-se muitos bons sacerdotes num estado miserando, sem que os seus patronos, famigerados instigadores da contra revolução, se compadeçam d'elles!

Como tudo isto é improprio d'uma religião de paz, d'amor e de liberdade!

Um catholico.

CARTAS D'ALÉM MAR

Questão eterna

Desde que os nossos arrojados marinheiros deixaram Sagres e metidos em verdadeiras cascas de nozes foram «Por mares nunca d'antes navegados, e, passaram ainda alem da Taprobana», que a nossa administração colonial tem sido uma boa e optima escola... para outros, que não nós, se corrigirem na serie ininterrupta de asneiras que temos feito e que sem duvida, e á parte rarrissimas excepções, continuamos e continuaremos a fazer, se os homens da Republica não tratarem de pôr á testa das nossas colonias homens de reconhecida competencia nestes assumptos, em vez de afilhados, como nos tempos da ominosa monarchia succedia.

Em todos os tempos tenho ouvido dizer que o futuro de Portugal está no das colonias, mas até hoje, exceptuando commissões d'estudo e relatorios pomposos, não tenho visto nada, talvez seja por ter pouca idade, porque se fosse do tempo em que estas foram descobertas... já era um pouquinho mais velho.

Timôr, 10 X-911.

ALBINO Nardoel.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia de suas assignaturas, por um anno, dos srs. Antonio Ribeiro Alves, chefe de musica, Coimbra; Carlos Ludgero Cabrita, alferes da guarda republicana, Mertola.

Por um semestre, dos srs. Antonio Joaquim Cabrita, 1.º sargento d'infanteria 17; Bernardino Correia, 1.º sargento do D. R. R. n.º 18; José Teixeira Jacintho e Manuel Gonçalves da Costa Pacheco, 1.º sargentos d'infanteria n.º 18; Porphirio Tavares Gonçalves, 2.º sargento d'infanteria, Mollondo; João Antunes Salvador, 2.º sargento, Augusto de Sousa Parente, artifice, José Sallas, sargento ajudante, todos de engenharia; José Rodrigues dos Santos, 1.º sargento e José Êmygdio Adanta de Figueiredo Mendonça, alferes d'infanteria 16; José Dias Bargão, 1.º sargento na Escola de Guerra; Antonio Henriques, 2.º sargento d'artilheria, Oeiras; Antonio Carlos Gomes, 2.º sargento da guarda fiscal, Porto; Fernando Ribeiro dos Reis, musico de 2.ª classe d'infanteria 23; João Baptista Leite, 1.º sargento d'infanteria n.º 16; Arminho João Pereira, 1.º sargento d'infanteria n.º 30.

Por um trimestre, dos srs. Antonio Jorge, 1.º sargento d'infanteria n.º 12; José Luiz, Carlos Manuel Pires, 1.º sargentos e Maximino Marques, Manuel Mendes da Rocha, 2.º sargentos, todos de artilheria 2; Joaquim Viegas Baptista, Joaquim Abrantes, 1.º sargentos e Manuel Francisco Vidal Lopes, Antonio Dionysio Soares, Antonio Mil-Homens Correia, 2.º sargentos, todos d'infanteria n.º 4; Luiz C. dos Santos Vaquinhas, 1.º sargento d'artilheria n.º 1; José Alves, selleiro, Duarte Caetano, espingardeiro, ambos de cavallaria n.º 7; Julio Pereira Machado, 1.º sargento d'infanteria 20; Alfredo José Barroso, Manuel Caetano de Sousa, David de Jesus, Francisco Dias Furtado e João Garcia Barros Junior, 2.º sargentos d'infanteria n.º 33; João da Silva, 2.º sargento do D. R. R. n.º 17; Alberto Joaquim Correia e Anselmo da Motta Lobo, 1.º sargentos d'artilheria, Amarante; Herculano Pereira Osorio, alferes e Oscar d'Almeida Barros da Silva Ramos, 1.º sargentos d'infanteria n.º 20; Manuel de Sousa Neves, 2.º sargento d'infanteria 34.

INTERNATO ESCOLAR

R. VENANCIO RODRIGUES

COIMBRA

Nesta antiga casa de educação e ensino, recebe o professor da Escola annexa á Normal, alumnos que frequentem o Lyceu, Escola Normal ou collegios, por preços rasoaveis.

Recebe tambem alumnas da Escola Normal, para o que ha casa separada e em boas condições.

Todos os alumnos darão referencias do seu bom comportamento.

Ha rigorosa vigilancia no estudo e comportamento dos alumnos.

O edificio, recentemente construido para este fim, possui excellentes condições hygienicas, e está situado no novo Bairro de Santa Cruz, quasi ao fundo das Escadas do Lyceu, e a pequena distancia do conceituado Collegio de S. Pedro.

Ha aulas de *Instrucção primaria*, e de habilitação para *exame de admissão á Escola Normal*.

Prestam-se os esclarecimentos na Rua de Venancio Rodrigues.

João Pires da Silva

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

CAPITULO V

Molestias do aparelho digestivo

Estomatite

a) *Definição.* — É a inflamação da mucosa da bocca. Ha diversas formas de estomatites cujas principaes são seis:

1.^a — Estomatite erythematosá ou inflammatoria simples.

2.^a — Estomatite aphtosa o aphtas ou febre aphtosa ou ainda estomatite felliculosa.

3.^a — Estomatite cremosa ou farfaleo e nas creanças é chamada vulgarmente sapinhos.

4.^a — Estomatite ulcero membranosa.

5.^a — Estomatite mercurial.

6.^a — Estomatite gangrenosa ou norma ou gangrena da bocca.

b) *Symptomas.* — Na estomatite erythmatose a inflamação pôde ser geral e attingir as gengivas (gengivite), a lingua (glosite), o veu do paladar (palatite) e toda a face interna das bochechas ou uma ou outra d'estas partes mais especialmente.

Nestes casos o goto embota se.

A mucosa é vermelha, mais ou menos dolorosa ao contacto dos alimentos ou bebidas frias ou quentes. A bocca secca-se muito e fica pastosa. A's vezes ha erosões superficiaes e tendencia ás ulcerações.

Na estomatite aphtosa, as aphtas é que são a principal doença e a causa da estomatite. A's vezes são tão abundantes, dando logar a alguns prodromos, ligeiro mau estar e febre mais ou menos intensa, que bem pôde constituir o que se chamou febre aphtosa.

As aphtas principiam por um ponto vermelho onde se eleva uma popula, como a cabeça de um alfinete, que se resolve em uma vesicula, cuja ruptura deixou uma pequenina ulcera redonda, cercada de uma aureola de tecido edemado, de fundo cinzento.

São muito dolorosos. Evoluçionam em 1, 2 ou 3 dias e ás vezes mais. A dôr é forte e viva quando a aphta está ulcerada, o halito é mais ou menos fétido, os alimentos causam dôr e ha salivação grande. As creanças recusam os seios e os adultos ficam reduzidos aos alimentos liquidos que não doem tanto.

Além da febre mais ou menos ligeira e mal estar de pouca monta, ha por vezes perturbações dyspepticas.

Na estomatose cremosa ou farfalleo, notam-se pontos brancos, como pequenos pingos de creme. Antes, a mucosa buccal torna-se secca, luzidia, vermelha, descama-se e só então apparecem os pontos brancos da estomatite cremosa que reunidos uns aos outros formam placas esbranquiçadas maiores ou menores.

Na estomatite ulcero membranosa além da inflamação vulgar de toda a estomatite ha a ulceração da mucosa ou formação de ulceras.

Estas ulceras evoluçionam assim: no principio ha uma placa saliente e violacea que em breve se amolece, a superficie é púlposa, ama-

rellada ou cinzenta, que se destaca, ficando constituida a ulcera de bordos irregulares e fundo cinzento.

O destacar d'esta polpa é lento e dá o aspecto de membranas que se destacam pouco a pouco.

Estas ulceras sangram facilmente, sendo preciso não confundir esta estomatite com o escorbuto (veja-se esta doença.)

Além d'estes symptomas ha a notar as dôres muito vivas, a mastigação impossivel, a deglutição difficil, o halito muito fétido, a salivação abundante e com sangue a mesma febre e perturbação gastro intestinal, principalmente na creança.

A duração é variavel, sendo de 8 a 10 dias, quando bem tratada; mal tratada pôde prolongar-se semanas e mezes.

A cura completa é de regras.

Na estomatite mercurial notam-se os symptomas vulgares de qualquer estomatite no principio e ha uma tal abundancia de salivação que pôde chegar durante o dia e a noite a 3 e 4 litros.

Ha tambem a absorção de compostos mercuriaes, especialmente dos colomelanos ou de protoiodeto, etc. Isto junto á carie de alguns dentes e á falta de limpeza de outros.

No nôma, que a parece surdamente e quasi sem dôres, fórma-se uma bolha sanguinea, violacea na face interna da bochecha; esta bolha (phlyctena), cheia de uma sonosidade avermelhada, rompe-se e deixa no seu lugar uma ulcera cinzenta que se alastra em profundidade e em superficie, adquire um cheiro horrivelmente fétido e que, uma vez sentido, não escapa mais, deixa escorrer um liquido acinzentado, putrido, chega a perfurar as bochechas, a corroer os tecidos, incluindo o osseo, matando geralmente dos 5 aos 15 dias.

c) *Tratamento.* — Nas estomatites mais simples o uso de bochechos (*Soluto de borax* (bochecho e gargarejo): Borax, 10 grammas. — Agua commum, 400 grammas. — Dissolva. — *Soluto de chlorato de potassa*, (bochecho e gargarejo): Chlorato de potassa, 10 grammas — Agua commum, 400 grammas — Dissolva. — *Soluto de thymol*, (bochecho e gargarejo) — Thymol, 5 decigrammas — Glycerina, 30 grammas — Alcool, 10 grammas — Agua, 460 grammas — Dissolva o thymol nos alcooes e misture. — *Poção de hydrato de chloral*: Hydrato de chloral, 3 grammas — Agua commum, 100 grammas — Xarope commum, 10 grammas — Misture — Dissolva; são em geral sufficientes para a cura.)

Deve no emtanto e em todos os casos debellar-se a causa, que pôde ser uma carie dentaria que se tratará; o uso de mercurio que se suspenderá; a existencia do tartaro dentario que será extrahido, limpando-se os dentes.

As aphtas serão tocadas com o lapis de pedra infernal ou com o de pedra lipes, além dos bochechos referidos, sendo preferiveis os de chloral boratado, feitos com uma ou duas lenticulas em 100 grammas de agua que calam bastantes dôres, além de antisepticos.

(Continua.)

O melhor enchido de Portalegre

Na casa Gaitto & Cannas

Rua de Ferreira Borges

COIMBRA

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

IMPRENSA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 2500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O MESTRE POPULAR, de Gonçaves Pereira (pae), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte. Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA. Para uso diario e constante. Refrigerante inigualavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 RUA DA SOPHIA—61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophia, Coimbra.

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memuranduns, circulares, etc.

Preços modicos

A VOZ DO SARGENTO

DEFENSOR DOS INTERESSES DOS SARGENTOS E EQUIPARADOS DO EXERCITO E DA ARMADA

Pela PATRIA e pela REPUBLICA

PROPRIETARIO DIRECTOR E EDITOR
ANTONIO RODRIGUES

Composto e impresso na
Typographia do *Jornal de Coimbra*

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA SOPHIA, 168

ASSIGNATURAS Continente, trimestre - 300 rei
Ultrammar, semestre - 600
Numero avulso, 30 réis

ANNUNCIOS — Preços convencionaes

Annunciam-se todas as obras offerecidas á redacção

A REORGANISAÇÃO DO EXERCITO

Os exercitos permanentes estão hoje dando o logar aos exercitos nacionaes, pela necessidade imposta pela guerra moderna, que no momento da lucta exige a nação em armas, isto é, a intervenção na guerra de todo o homem valido.

Estes exercitos nacionaes só offerecem solida garantia da sua efficacia, quando bem instruidos, bem adextrados nos exercicios da guerra, dotados de um elevado sentimento patriotico e espirito guerreiro e quando pela sua cultura civica traduzam bem o sentir da nação.

Procuram pois as nações que desejam adoptar taes exercitos, desenvolver o interesse pelas instituições militares, despertar o sentimento patriotico e educar por diversas formas a massa popular.

Um dos elementos mais ponderantes e de mais proficuos resultados para educação de um povo é sem duvida a musica.

Sobretudo para os povos latinos esse elemento sobreleva a todos.

Ninguem desconhece que a musica traduz nitidamente os sentimentos da alma ora quebrando e apaziguando o desencadear de violentas paixões pelas suaves e doces harmonias, ora despertando o amor patrio elevando-o ao rubro entusiasmo, quando vibram os clarins nas marchas guerreiras, nos hymnos patrioticos e nas canções nacionaes.

Quem não viu ainda o nosso povo quedar-se recolhido e attento durante a exucução de uma peça de harmonia pelas bandas militares? quem o não viu delirante de entusiasmo, desfigurado pela commoção, vibrante d'amor patrio, acompanhando a marcha de um regimento quando á sua frente leva a banda a executar a *Portuguesa* ou o hymno da *Maria da Fonte*?

Pois o elemento mais importante para a educação do nosso povo, foi destruido pela com-

missão que organisou o nosso exercito, com a determinação do artigo 128.º

Venha a commissão ao seio d'este nosso generoso e bom povo estudar os sentimentos que lhe despertam as nossas bandas militares, e convencer-se-ha que commetteu um enorme attentado, destruindo quasi por completo um poderoso elemento de educação civica, que pela sua importante missão não é evidentemente para desprezar.

Diz o artigo 128.º:—Cada regimento activo terá uma banda de musica, composta pelos militares que d'ella desejarem fazer parte e tenham a necessaria aptidão e por aquelles que, tendo as condições de aptidão indispensaveis, tenham de completar o seu quadro.

Para discutirmos este assumpto tivemos que recorrer aos competentes, isto é, aos profissionaes, o que não fez a commissão, pois se tivesse consultado ao menos um aprendiz de musica, este lhe mostraria que eram irrealisaveis taes bandas, que nós designaremos por milicianas.

Nem é facultativa nem é obrigatoria a matricula nestas bandas.

Ora faculta aos militares que o desejem, mas com a restricção de que tenham a necessaria aptidão, ora se impõe aos mesmos quando tambem possuam as condições de aptidão indispensaveis.

E quando é que a commissão quer que se avalie essas aptidões? Durante a escola de recrutas? Evidentemente que não, pois para isso falta o tempo.

Alem d'isso os que tiverem alguma aptidão, não-de necessariamente encobril-a, porque nada lucram em envidenciar essa qualidade.

A commissão quiz copiar do estrangeiro estas bandas milicianas, mas não reparou que o meio

e a educação era bem diferente do que o que existe entre nós.

A França tem boas bandas n'este genero, composta de umas 70 figuras, mas é preciso notar que a França nas suas escolas primarias ensina a musica, cultiva-a por meio do canto coral, e procura por todas as formas crear o gosto pela musica.

E é d'esta forma que ella preparar os futuros musicos, que hão-de compôr as suas bandas.

As bandas constituídas pelo pessoal permanente continuam ainda a ser compostas de 16 musicos classificados e 8 aprendizes.

E atrevem-se a chamar a isto uma banda?

Uma miseria? Uma fanfarra, uma charanga, uma reles philarmónica d'aldeia é mais completa que estas bandas!

Como podem estas bandas executar a musica moderna! Que pelintrice! Se é uma questão de economia, se não respeita a arte, arranje-se uma musica de tres figuras, em vez de um arremedo de banda.

Se queriam attender a uma questão de economia, supprimissem bandas, (ao que somos contrarios) mas organisassem razoavelmente as que ficavam!

Não o fizeram e entenderam que era mais commodo o nosso exercito ter bandas a fingir.

(Continua.)

PROMESSAS

Nem um só ceutil será transviado dos cofres do thesouro. O povo será a sentinella vigilante e permanente aos actos do governo e só o povo será competente para condemnar ou aplaudir.

Depois d'estas affirmações mil vezes repetidas, entre promessas que talvez nunca se cumpram, a Republica implantou-se um dia em Portugal. Veiu grande e bella como ninguem imaginava. Grande porque todo o povo portuguez a saudou num arranco de entusiasmo, bella porque nasceu numa manhã de sol doirado e quente.

As primeiras leis provisórias do governo deixaram antever uma moralidade absoluta e um tacto administrativo de que ainda não havia exemplo. O povo estava satisfeito, tudo lhe indicava que não havia de ser esquecido. Os glutões regorgitavam nos ministerios. Distribuíram-se empregos.

Estabeleceu-se a Constituição. Vieram governos. Fizeram-se reformas. Apareceram mais glutões de maior cathogoria. O Estado é que devia dar emprego a todos. Os quadros excediam. Crearam-se logares. Augmentaram-se vencimentos. O deficit elevou-se. Os glutões arrumaram-se. Vieram os tubarões. O parlamento discutiu-os. Veiu o personalismo. Nasceram os odios. Aggrediram ministros. Descobriu-se o caso Batalha Reis, depois o caso Montes Martins. Commodos, honrarias e muito dinheiro, tudo illegal.

O povo esquecido e ignorado.

Ha de alguém affirmar-me que o povo está satisfeito, porque ignora o povo de quem fallo. E' o que cava a terra desde o ser da madrugada até ao escurecer, é o que moureja nas officinas de sol a sol, é o que rompe estradas, levanta edificios, é o povo que trabalha, aquelle que tão incondicionalmente batalhou e deu o seu sangue pela Republica e que tão sinceramente lhe deu depois o seu applauso, sem regatear o preço do seu gesto, sem pedir a mais pequena parcella de partilha e sem mesmo procurar o menor conforto na Republica que elle ajudou a implantar com o seu braço vigoroso e destemido.

Povo patriota são todos estes homens, os bons trabalhadores, os que honestamente formam a grande familia portugueza, que é ainda hoje o melhor fundamento da nossa nacionalidade pelo fundo de resistencia que offerece. Trabalham e trabalhando concorrem para o bem da Patria.

Não haja, pois, engano em envolver nesta admiração justa, honrada e independente, quem não tem modo de vida e não o

quer ter, quem nunca conheceu a primazia do trabalho sobre todas as ambições, quem nunca teve a consciencia de um dever cumprido. Aquelles passam a vida nas officinas. Estes passam a vida nas praças publicas. Os primeiros callejam as mãos no trabalho á hora a que os ultimos andam nas ruas adulando os homens eminentes da Republica para depois promover a desordem nas praças publicas e nos cafés.

Vejamos então com independencia d'animo qual a impressão que o povo honrado e trabalhador colheria dos casos Batalha Reis e Montes Martins. E' simples advinhal-a porque temos a certeza de que esta triste questão não lhe offereceu neste momento o mais pequeno ensejo de sympathia. Seria uma illusão? Talvez não. Mas foi uma descrença.

Dos cofres do Estado sahiram illegalmente algumas centenas de mil réis. O dinheiro foi pouco. O exemplo foi muito. Ainda não se apagou da memoria do povo a affirmacão, mil vezes repetida nos comícios, de que neste regimen nem um só centil seria transviado dos cofres do thesouro.

Este compromisso, aliás tão facil de satisfazer, não foi cumprido e veiu ao conhecimento do povo quando elle vive mal pelas circumstancias em que o collocaram os monopolios, os açambarcadores dos generos alimentícios, das carnes, os senhores gananciosos e vingativos, as habitações sem luz e sem ar.

Encaremos bem o lado moral da questão. D'um lado a triste enxada e a officina, o pobre trabalhador cavando a terra, o operario trabalhando desde o nascer d'alva e todos emfim na esperanza de que o dia d'amanhã venha melhor que o de hoje. D'outro lado offerece-se o mais desolador contraste. Num regimen democratico, ordenados principescos, commodos e honorarias com o cunho da illegalidade, que dispensam a quem os recebe o cuidado de saber se o dia d'amanhã será mais compensador.

Terminemos. Foi grande o erro commetido. O regimen não oscilou, mas desmereceu no conceito de quem nunca perdôa.

Para reparar uma grande falta ha sempre um grande sacrificio. A rehabilitação pôde nascer de um trabalho productivo de todos os homens que governam e da honestidade de todos os seus actos como dirigentes do paiz.

O echo que estes casos produziram no espirito do povo pôde desaparecer e não mais lembrar se houver de futuro uma imparcialidade de governo allia-da á mais cuidada economia de que tanto carece Portugal. Os

rancores politicos abrandados, o personalismo esquecido para sempre, as futilidades discutidas fóra das camaras onde devem ter preferencia todos os assumptos de utilidade para o povo, moralidade absoluta em todas as leis e nomeações, apoio moral a todo o trabalho nacional, e, sobre tudo, trabalhar para o bem do povo, que é o lemma principal da Republica.

E' assim que se reabilita um paiz.

S. FERNANDES.

Breves considerações

N'um carpido de imprecações e lamentos se propaga *au jour le jour* o facto da vida estar cara. E' uma verdade. Bem entendido que essa carestia não tem outra coisa que não seja o proveniente das exigencias do Progresso e da Civilisação do aumento sempre crescente das populações é ainda das crises na produção de certos generos de consumo. Mas a circumstancia da vida estar cara não seria o maior dos motivos para desesperar, se ao lado dela não caminhasse com um desassombro espantoso a exploração gananciosa duma boa parte do commercio e da industria. E' o que se vê seja qual fôr o lado para que nos voltemos e a especie de negocio de que se trate. E assim numa lamuria que penalisa os espiritos mais petrificados, ouvimos chorar a pouca sorte da humanidade ao mesmo tempo que a vemos espoliar sem o mais pequeno rebuço de consideração. E' fantastico? Mas é certo. Poderá replicar-se que é no intuito de equilibrar a vida que essa exploração se baseia; ou que é uma consequencia da carestia da vida. Qualquer porem que seja o argumento que oponha, nenhum deles pode ser deduzido como conclusente e logico. E' que temos de atender a que com a perseverança do trabalho e com a austeridade de carater, não ha vida por muito pesada que seja, que o homem não possa suportar. E até ôje ainda alguém morreu de fome por a vida estar cara, mas pode ter succumbido a esse flagelo por ter sido roubado.

Era pois de todo necessario que os Governos (emquanto o moral dos homens não tomar a latitude que tanto é para desejar) adotassem medidas, ainda mesmo que draconianas elas fossem no sentido de evitar um grande numero de fraudes, e de pôr um dique ás arbitrariedades constantes e de toda a parte dum grande numero de dêsses cafes que encapotados no manto da Virtude, escondem contudo a garra da perversidade, roubando pela usurpação e pela falsificação.

Para isso bastará crear em todas as cidades e vilas uma policia de fiscalisação, á imitação do que em Lisboa ha uma pequena amostra; e logo que multas onerosas fustigassem desalmadamente os traficantes, eles entrariam até certo ponto no caminho da honra e já não cantariam tão lugubrememente a vida estar cara, mas tratariam antes de trabalhar muito para viver com honestidade, que é isso de que se precisa.

J. A. Gomes.

A RESPOSTA DE MONIZ

O sol poente de 31 de janeiro de 1580 coava-se fracamente através dos densos cirros que vestiam o espaço. A chuva caia a intervallos curtos com a impetuosidade de bagas grossas sobre a superficie vermêlha, revoltante das águas do Tejo, colleando rápido, e galgando na outra margem á Ribeira, numa áncia crescente de pavôr, miséria, e... morte; e a realenga villa de Almeirim involvida na potência da tempestade, perdia tôda a bellêza das suas habitações caídas, neste crepúsculo vespertino cheio de inolvidáveis recordações na história de Portugal.

Henrique, o cardeal rei, para o mau destino da terra portuguesa, aconselhado pela câmara de Lisboa, convocara as côrtes de 1579, nas quais á recusa do seu casamento, acrescentara a nomeação de Jorge d'Almeida, João Mascarenhas, Francisco de Sá, João Tello de Menêzes e Diôgo Lopes de Sousa para governadores do reino após a sua morte.

Esta tibiêza de proceder foi o primeiro symptoma popular na descrença e na infidelidade do rei; e, esquecido o pranto á morte dos que o capricho de Sebastião I levava aos areais africanos, subiu ao espirito a angústia do futuro sob a forma sacrosanta da liberdade pessoal, da independência nacional.

E, assim como á tranquillidade da bonança marítima, succede insensivelmente a agitação pavorosa da vaga, assim também, a pouco e pouco, á corrupção, á villania, e á mercancia da pátria portuguesa, se seguiu aquella inquietação tão própria das gentes ludibriadas para serem vendidas.

O povo começou a agitar-se; era natural. Elle conhecia o poder do oiro de Hispanha distribuido prodigamente entre os nobres arruinados, pelo duque de Ossuna e pelo renegado Christóvam de Maura, educado desde criança na côrte de Philippe II de Hispanha, sabia da interessante amizade que Mascarenhas, Menêzes e Lopes de Sousa, nutriam pelo *Demonio do meio dia*, e estava certo do preço estipulado pelo príor do Crato á venda de Portugal a Philippe II mediante a posse dum titulo que a tôdo o momento o fazia escravo na sua própria terra.

Esta agitação cresceu; tornou-se num protesto geral que se avizinhou da revolução. O cardeal-rei contêve-a, e no principio de 1580 o vamos encontrar na realenga villa de Almeirim num aposento contiguo áquêlle onde estavam reunidas as novas côrtes.

— Depressa, depressa, dizia o rei áquelles que vindos das côrtes, lhe relatavam a marcha das negociações. E acrescentava impia, duramente: — Depois de mim, aprouve a Deus ser dum Philippe o legítimo rei, por sua mãe dona Isabel.

Nas côrtes a vendição á Hispanha tornava propositada a froixidão do negócio. O clero e os nobres propunham, feito o exame de consciência, o rei de Hispanha; e o povo, pela voz singella e franca dos seus procuradores, dividia se entre a escôlha do timorato duque de Bragança e o trêdo António, príor do

Crato. Porem numa coisa elle as sentava: queria rei portugues.

Foi nesta disposição de pensamento que, postas de parte as eti-quetas ceremoniosas dos paços, a commissão dos procuradores do povo, foi perante o rei enfraquecido pela idade, gasto pela doença, pedir primeiro, reclamar depois, o voto único do povo para a escôlha de rei.

Henrique, rei e inquisidôr-môr, não allegou razões, invocou direitos de força.

Então numa descortezia gloriosa, como aureolado na luz bemdita da Justiça, Phebus Moniz numa rigidêz de palavras a desmentir a sua honrada velhice, em frente do rei, face a face, tornou lhe bem alto a ser ouvido:

« — Oíça vossa alteza o povo, e, se tiver direito d'eleger, eleja rei portugues, porque, sendo castelhano não será recebido nem obedecido. »

O cardeal rei morreu ás 11 horas; e entre a confusão dos que estavam e dos que iam chegando, alguém houve que, bem aparelhado o seu ginete de guerra, se meteu aquella noite a caminho em direcção á côrte de Philippe II de Hispanha.

Plinio Ventura.

O proximo contingente

E' sabido que a base principal para a boa função d'um exercito, é a disciplina, e que essa disciplina é o respeito que existe entre individuos de diversas cathogorias.

O contingente do ultimo anno, tendo succedido após o periodo revolucionario que implantou a Republica, a instrucção ministrada nesse tempo, não podia obstar a que o soldado actualmente se apresente com pouca compostura.

E' que, sendo a maior percentagem dos recrutados composta de analfabetos, estes julgavam (e ainda o julgam) que dentro do novo regimen não é necessaria a disciplina e que a liberdade é não haver respeito!

Neste sentido, eu venho lembrar aos meus camaradas, áquelles a quem couber a missão de instruir o recruta do proximo contingente, a necessidade que assiste em fazer comprehender ao soldado o bom caminho a seguir.

Que não é desprezo cumprir com os deveres que os regulamentos impõem; desprezado merece ser aquelle que não fôr respeitador. Quando vejo um soldado que ao encontrar-se com um superior, finge não o vêr, parecendo ir distraido, simplesmente para não levantar o braço a fim de cumprir com um dever, (porque não é favor), eu chego a ter dó d'esse individuo, porque elle nem ao menos a educação militar possui.

Um militar limpo e bem uniformizado, possuindo um certo aprumo e apresentando-se com o senso devido, decerto é admirado por quem o observa. Este facto enobrece o soldado.

Eu não venho prégar moral, e mesmo a minha pouca illustração não permite fallar sem erros; no entanto anima-me a ideia de dizer que, se para ser bom soldado não é só preciso ser obediente e respeitador, tambem julgo que jámais o será aquelle que não possuir estas qualidades.

E' conveniente que o recruta com-

prehenda que a vida de militar é onde, em regra, melhor se recompensa quem trabalha e se premeia quem merece.

Evidentemente não é só no exercito que a disciplina é necessaria e onde encontramos superiores, porquanto, na classe civil, no escriptorio, na officina, nas fabricas e no campo, lá encontramos o patrão, o mestre, o encarregado, etc., etc. São entidades a quem os immediatamente inferiores teem por dever respeitar.

Já vê o soldado que em toda a parte ha superiores. O mundo é assim e são leis que devemos acatar.

Acostumado sempre a conviver com superiores (e a quem assim não succede?) eu nunca tive por desprezo cumprimental os sempre que a occasião assim se offereça.

A educação é necessaria em todos os actos e ella não occupa lugar.

Fallando assim, refiro-me propriamente ao soldado, porque ao marinheiro dispensado é prégar moral, porque elle, salvo raras excepções, já não possuie aquelle *porte grave e austero*, como disse um escriptor ao recordar o caracter disciplinar dos nossos antigos marinheiros.

Eu penso que, quando um individuo se julga heroe ou commette uma acção digna, esse individuo em vez de se fazer vaidoso, deve tornar-se modesto para mais se poder impôr ao respeito e admiração de todos.

Era o que devia fazer o marinheiro d'agora, a fim de mais realçarem os seus feitos e evitarem os fracos exemplos que a cada momento se observam por essas ruas.

A verdade é esta, embora me custe dizel-o.

Posto isto, devemos trabalhar todos para que o recruta do proximo contingente receba a necessaria educação militar e que seja dado o devido apoio para a boa manutenção da disciplina; e os recrutas illustrados que dêem bons exemplos aos seus camaradas analfabetos, para que nas horas d'ocio a caserna possa ser um centro de civilidade.

Que todos comprehendam o dever de um bom cidadão.

E' tempo.

Lisboa, 20 de dezembro de 1911.

J. Soares d'Almeida,
2.º sargento d'engenharia.

ACTUALIDADES

Dedicado ao dia 25 de dezembro de 1911.

Mais um anno passou depois que o Rabi da Galilêa viu pela primeira vez a luz do mundo.

Nasceu predestinado para arrancar as algemas aos escravos da Galia, que gemiam debaixo do ferreo jugo dos seus senhores.

Ah! meu bom martyr! pudesses tu reviver, desentulhar os teus restos, agregar as moléculas perdidos de teu ser, e vir admirar a Liberdade, banhar o teu corpo, lacerado pelas catanas impias dos que te mataram, na luz sagrada que caminha pelo mundo, de terra em terra, de paiz em paiz, deixando por onde passa a crença na felicidade, afastando do horizonte as nuvens negras do absurdo, vindo até nós, com a suavidade do beijo casto d'uma noiva, a deixar-nos na alma a esperança em tempos felizes que não de chegar.

Desce, martyr!...
Eu queria que tu viesses mais uma vez, para chorares de alegria ao contemplares a Fraternidade humana!

Queria que tu viesses o punhal dos grandes, adormecido, exausto, cansado, dentro dum canteiro de rosas, que riem ironicamente da sua grandeza decaída.

E elle, o misero punhal, ainda quer, de quando em quando, erguer-se para as cravar; e, num ultimo arranco, no estertor d'uma morte proxima e completa, ainda chega ás petalas a ponta ensanguenta.

Mas, coitado! novamente cae na letargia, no marasmo, esperando

que a Rasão o meta no tumulo e faça baixar, para sempre á terra fria!

Pudesses tu tambem advinhar a lenda corruptora que en volta do teu nome teceu uma cañila de chatins, aquelles mesmos que te pregaram á cruz, entre risos e sarcasmos!...

Mas o seu poder decae, morre, sucumbe ás suas proprias mãos, salpicadas de teu sangue; e então, em se afundando de todo no mar da mentira, que os tem sustentado, surgirão os tempos bellos por que tu combatestes, quasi só, e morreste.

Caciaco.

LITTERATURA

OS CEGUINHOS

D'uma creatura a mais cruel desgraça,
E' a noite da cegueira ter no olhar,
Noite essa sem estrelas nem luar,
Nem aurora que a escuridão desfaça!

Mas os ceguinhos, fortes da couraça
D'uma resignação, talvez sem par,
Vivem libando, sem desesperar,
O tão amargo fel da sua taça.

E a gente vê-os de face bem tranquila,
Lutando sem cessar com sua dôr
De terem para a luz morta a pupila:

Luz essa que é sómente a exterior,
Porque em sua Alma uma outra luz scintila;
Toda raios de virtude e paz e amor!

JOAQUIM GOMES.

CARTAS D'ALÉM MAR

Lubango, 18-11-911.

A classe dos sargentos do nosso exercito tem sempre querido mostrar á evidencia a sua qualidade moral dentro da esphera d'acção que lhe é facultada, d'ora ávante, a sua vontade na progressão da sua intelligencia e finalmente o seu patriotismo popular dentro do limite das leis.

Vê se a expansão mais correcta nuns que em outros; corporações ha que são tão dignas de elogio e respeito, junto a outras, quão ordinarias estas.

Vê se de factos a expansão mais correcta nuns que em outros e portanto tão dignos d'elogio são aquelles, quão criticado a maneira de ver d'estes em certos casos; e para me justificar apresento uma hypothese: Tendo visitado o districto de Huilla, onde chegou em 13 do corrente, o ex.º patriota e heroe de antigas revoluções republicanas, sr. major Coelho, actual governador geral da provincia d'Angola, não houve a mais leve acção digna de menção e elogio por parte da nossa classe, porquanto era um dever social e patriotico, apresentar lhe as nossas manifestações de sympathia, foi preciso andar como que a ensinar a muitos o que haviamos de fazer, e mesmo até coagil os a compenetrarem-se do fim digno que praticavamos.

Alguns ainda retorquiavam que era

graxa, mas estes, olhando-se bem para elles, são desculpaveis; agora não deixo de apresentar aqui as minhas condolencias e registrar tambem o seu procedimento a dois ou trez collegas, que vendo e conhecendo e ha muito, me parece, a regra civica e popular, deixassem de patentar a sua gratidão a s. ex.º o governador geral.

Sem jactancia, não deixo de asseverar a todos que sou um dos mais modernos 1.º sargentos e, como tal, o iniciador de lembrar este acto patriotico, de fazer e apresentar os cumprimentos de boas vindas, visto que os mais antigos d'isso não quizeram saber.

O meu grau d'intelligencia não pôde ir além dos rudimentares principios, mas, apesar d'isso, noto uma averção despotica em parte da classe que é para extranhar. Tenho lido com attenção todas as noticias do nosso defensor *A Voz do Sargento* e entre outros artigos, que é um regalo prestar attenção, li ha dias uma carta do nosso camarada A. Gomes, que não me passou desapercibida a sua leitura, notando, no seu modo de vêr e de se expressar, a mais obvia, logica e racional, maneira intelligente, como se desempenhou sobre uma pergunta que alguém lhe fez, e por este motivo, apresento-lhe os mais cordeaes cumprimentos.

Assim, resumo a causa, que tem sido combatida, a proposito da espada ter sido concedida aos primeiros sargentos.

Pela metropole teem pedido e feito uma grande campanha sobre garantias e peditorios — é facto, que não pede não ouve Deus — como se costuma dizer, e isso não me surprehende, pois encontro nesse modo de pensar uma regra progressiva.

Tanto não se faz cá pelo Ultramar, ou porque a acção perniciosa d'estes climas tropicaes os façam retrahir de tal, ou por que se não queiram encommodar, pouco ou nada teem pedido os sargentos, e por esse facto tem-se visto as garantias que nos teem confiado.

Na metropole melhoraram os vencimentos, além d'outras garantias; cá no Ultramar — quem é que é bruto!...

Augmentar qualquer coisa aos sargentos é um crime... pelo que vejo e que vêmos precisamos por cá de muitas escolas — que eu tambem preciso frequentar — por tanto, pedimos todos, que as escolas venham, mas que não se esqueçam, de vez, de nós, por isso que somos sargentos do *Exercito Republicano Portuguez*, e como tal, nos temos em parte, sacrificado tanto, senão mais, como os sargentos da metropole.

M. P. Rozendo.

PLACARD

Recebemos e muito agradecemos a importancia de sua assignatura, por um anno, do sr. Antonio Nazareth de Souza Salvador, 2.º sargento d'infanteria, Timor, Dily; Agostinho Leonardo Rodrigues, 2.º sargento d'infanteria, Timor, Dily.

Por um semestre, dos srs. Antonio José Martins, 1.º sargento d'infanteria 3; Vicente Antonio Lopes, 2.º sargento do grupo de metralhadoras 4; Joaquim da Fonseca, 1.º sargento d'artilheria 2.

Por um trimestre, dos srs. Dimas de Jesus Silva e Ignacio Palma da Silva, 1.º sargentos d'infanteria 17; José Correia, 2.º sargento, Joaquim Estevão Rodrigues e Antonio José Pires, 1.º sargentos, e Sala dos Sargentos d'Infanteria 6; Manuel M. Branco, sargento ajudante, José Joaquim Affonso e Francisco Bastos de Mattos, 1.º sargentos, Alvaro José Vaz, 2.º sargento, todos de infanteria 10; José Francisco Guerra, 1.º sargento, Antonio da Silva Neves, Francisco Assis Faré, José Soares d'Almeida, Casimiro Ramires, 2.º sargentos, Sala dos Sargentos de Engenharia; José d'Oliveira Bello, 1.º sargento d'infanteria 16; Manuel Pinto da Fonseca, 1.º sargento d'infanteria 1; Manuel Joaquim Magro, 1.º sargento d'infanteria 2; Antonio Bernardo de Figueiredo e Isidoro Martins Correia, 1.º sargentos d'infanteria 14; Francisco José de Figueiredo, 2.º sargento d'infanteria 35; Manoel João Affonso, sargento ajudante, Raul Vieira da Fonseca e Silva, Seccundino Senna, 1.º sargentos, todos de infanteria 10; João Pedro Diegues, 2.º sargento de infanteria 30; Antonio Joaquim Gomes Maximo; 1.º sargento de infanteria 23; Emygdio da Silva, Celestino Pestana, Joaquim Antonio Rella, Joaquim Ferreira, 2.º sargentos, Bernardino Lopes Pereira, 1.º sargento, todos reformados, Penafiel.

Sarau

Foi addiado *sine die* o sarau promovido pelos sargentos da guarnição de Coimbra, cujo producto reverte para o fundo de defeza naval.

GUIA MEDICO

PARA O

COLONO DE ANGOLA

(CONTINUAÇÃO)

No farfalho e sendo em creanças é necessario haver o maior cuidado na alimentação, no uso do leite, que, sendo ao biberão, necessita cuidados especiaes — fervura, lavagem com agua fervida e uso de agua de cal com o leite, além dos collutorios de boreto de sodio — (Collutorio de borax — Borax, 2 grammas — Glycerina, 20 grammas — Dissolva para evitar a bocca.)

Na estomatite ulcerosa-membranosa é necessario tambem o uso dos toques com pedra infernal ou lipes.

No noma é indispensavel o uso do thermocauterio diariamente.

d) Prophylaxia. — As estomatites podem e devem ser evitadas pelo uso de uma limpeza de bocca feita diariamente, com muito cuidado.

Esta limpeza deve consistir em lavagens antisepticas da bocca, por meio de bochechos feito de agua tepida com um elixir dentario de base de thymol, devendo preferir-se, dos que se encontram á venda nas pharmacias o recommendado por algum medico.

Os simples bochechos não bastam, e portanto é necessario o uso da escova de dentes que seria applicada depois dos bochechos e com um pó, tal como o de siba e lactose de pharmacoepia portugueza que é, um dos melhores.

Nada mais é preciso, não se devendo evitar a pratica de alguns gentios que na provincia de Angola usam raspar a lingua, o que não deve fazer-se, salvo casos de doencas em que a lingua se acha coberta de espessos indutos.

Esta limpeza da bocca deve ser feita ao levantar e ao deitar, e se possivel, depois das refeições, sobretudo os bochechos que não seriam de mais até antes e depois das refeições.

Carie dentaria

a) Definição. — É uma alteração do tecido do dente, de natureza infectuosa, de marcha progressiva de periphéria para o centro e produzindo a destruição lenta do dente que vai caindo aos pedaços, corroido.

b) Symptomas. — A carie principia por uma mancha mais ou menos escura, que de ordinario apparece na corôa do dente ou nas faces lateraes. Tem uma marcha lenta e insidiosa, pois a principio não provoca dôr.

O tecido dentario, compõe-se de tres partes bem distinctas: a camada externa, dura, insensivel, de cor branca brilhante — o esmalte; a media, de cor branca, baça sem brilho, sensivel mais molle, mas bem de consistencia ossea — a dentina e finalmente a parte central, molle, carnosa, onde existem os vasos e os nervos dentarios, essencialmente sensivel — a polpa.

Se o processo morbido, que constitue a carie, que segue da periphéria, para o centrô, ainda se acha limitado ao esmalte, que destruiu — trata-se de carie do 1.º grau.

Não ha dôr ainda.

Se esse processo morbido invadiu já a dentina ou marfim do dente, mas não pôz a polpa á vista,

vae então no 2.º grau, a carie, — já pôde haver dôr e sensibilidade exquisita para o quente e para o frio. Assim como nos graus seguintes.

Se o processo tiver posto a nu a polpa, mas sem ainda a ter destruido, está no 3.º grau a carie.

Está finalmente no 4.º grau a carie que tiver destruido o dente até á polpa inclusivè, podendo restar só as raizes.

Do segundo grau por deante o dente torna-se um foco de putrefacção, de mau cheiro e de perigo que constantemente infecta a comida que por ali passa.

Embora muitas vezes não cause dôr, casos ha em que a dôr é forte, insupportavel e por vezes se formam abcessos ras raizes, que ainda peor tornam as dôres e compromettem os dentes.

c) Tratamento. — Este varia, conforme o grau da carie e ainda pôde ser palliativo, radical e de prothese.

O primeiro visa sobre tudo a dôr e é o unico de que se tratará aqui, porque os outros exigem um technico.

A dôr será combatida pela applicação, na cavidade cavada, de bolinhas de algodão embebidas em creosota cocaimada — (Creosota cocaimada: Creosota de faia, 20 grammas — Chloro de cocaina — Lenticulas, a 1 centigramma, 1 tubo — Dissolva), e mudadas de 10 em 10 minutos até que deixe de doer.

Deve-se procurar, quanto antes, um technico para proceder ao tratamento radical — restauração das partes perdidas (obturação), prothese parcial, ou quando esta impossivel, prothese total ou collocação de dentes artificiaes.

d) Prophylaxia. — Para evitar a carie dentaria é necessario ter uma limpeza irreprehensivel da bocca, como foi indicado na prophylaxia das estomatites e exercer uma vigilancia grande sobre as superficies dentarias, tirando com os palitos os detritos da comida depois das refeições e procurando um technico annualmente, pelo menos, para lhe inspeccionar a bocca e remediar promptamente qualquer carie inicial.

Embaraço gastrico

a) Definição. — É um estado inflammatorio da mucosa do estomago, que traz como consequencia a falta de appetite, a lingua pastosa, espessa e saburrosa, o aborrecimento pelos alimentos, uma tal ou qual sensação de enchimento do estomago, dôres de cabeça, por vezes vomitos e febre.

Pôde apparecer como doença independente, e é este então o caso, ou acompanhar diversas outras como succede muitas vezes.

b) Symptomas. — Em seguida a desvios de regimen ou ao uso de alimentos indigestos, apparecem más digestões, com empastamento e estado saburral da lingua, secura, falta de appetite, nauseas e até vomitos, com dôres de cabeça e aborrecimento por tudo, molleza e quebrantamento geral.

Eis o embaraço gastrico sem febre e de origem local.

(Continua.)

Na casa Gaitto & Cannas

O melhor enchido de Portalegre

Rua de Ferreira Borges

COIMBRA

AGUA DE PIZÕES — MOURA

A melhor de todas as aguas

Apreciada por toda a parte.
Isenta de substancias organicas, bacteriologicamente PURA.
Para uso diario e constante. Refrigerante inequalavel. Simples ou com whisky, leite, vinho, etc.

EXPERIMENTAR É USAR

Unicos representantes para o Brazil, Africa e Norte de Portugal

FONSECA NUNES & C.^a

Rua da Nova Alfandega — PORTO — PORTUGAL

Depositario em COIMBRA

GAITTO & CANNAS

IMPRESA ACADEMICA

153—Rua da Sophia—165

COIMBRA

Grande deposito de todos os modelos, nitidamente impressos, para o serviço dos corpos do exercito, districtos de recrutamento e reserva, hospitaes militares, etc.

Execução rapida.

O FRANCEZ

Inglez, allemão e italiano, sem mestre. Descoberta inapreciavel para o estudo das linguas. Novas edições melhoradas. Cada lingua, 25500 réis; cada fasc. (em Lisboa) 100 réis. O Mestre POPULAR, de Gonçalves Pereira (paê), rua de S. Paulo 12, 4.º e Ferregial de Baixo, 31, 2.º — Lisboa. Cuidado com as falsificações.

DROGARIA VILLAÇA

COIMBRA

Completo sortido de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e artigos de boracha.

Tintas, oleo de linhaça, vernizes, brochas e todos os artigos concernentes á pintura.

Deposito de aguas medicinaes.

Queijo fino da serra na

Mercearia Lusitana

NOVA CASA DE BONETS

ARTIGOS MILITARES

H. SANTOS CALLEYA

Bandoleiras, Bandas, Charlateiras, Penachos, Fiadores em seda, algodão e cabedal, Fitas e Travincas para medalhas, Cordões, Correntes e emblemas em todos os generos.

Botões dourados para todas as armas.

Executam-se pedidos para a provincia e colonias.

H. Santos Calleya

Rua de Santo Antão, 82

Proximo ao Colyseu — LISBOA

Methodo João de Deus

Ensina-se a ler e escrever pelo referido methodo.

Lições nos domicilios dos interessados.

Trata-se na rua Joaquim Antonio de Aguiar, n.º 76.

UM OFFICIAL DO EXERCITO

Presunto de Melgaço (qualidade garantida), chegou a primeira remessa á

MERCEARIA LUSITANA

POSTAES ILLUSTRADOS—O que ha de melhor e mais bonito, só tem a Tabacaria União, Rua da Sophia, Coimbra

ALFAIATE

Antonio Ribeiro das Neves Machado

Fornecedor da Companhia dos Caminhos de Ferro

58 — RUA DA SOPHIA — 61

COIMBRA

Grande sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras.

Colletes de phantasia o que ha de maior novidade.

Gravatas, suspensorios, collarinhos e outros artigos.

Especialidade em varinos d'Aveiro

Uniformes para militares.

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE COIMBRA

Rua do Pateo da Inquisição

Execução rapida de todos os trabalhos typographicos. Bilhetes de visita, memoranduns, circulares, etc.

Preços modicos